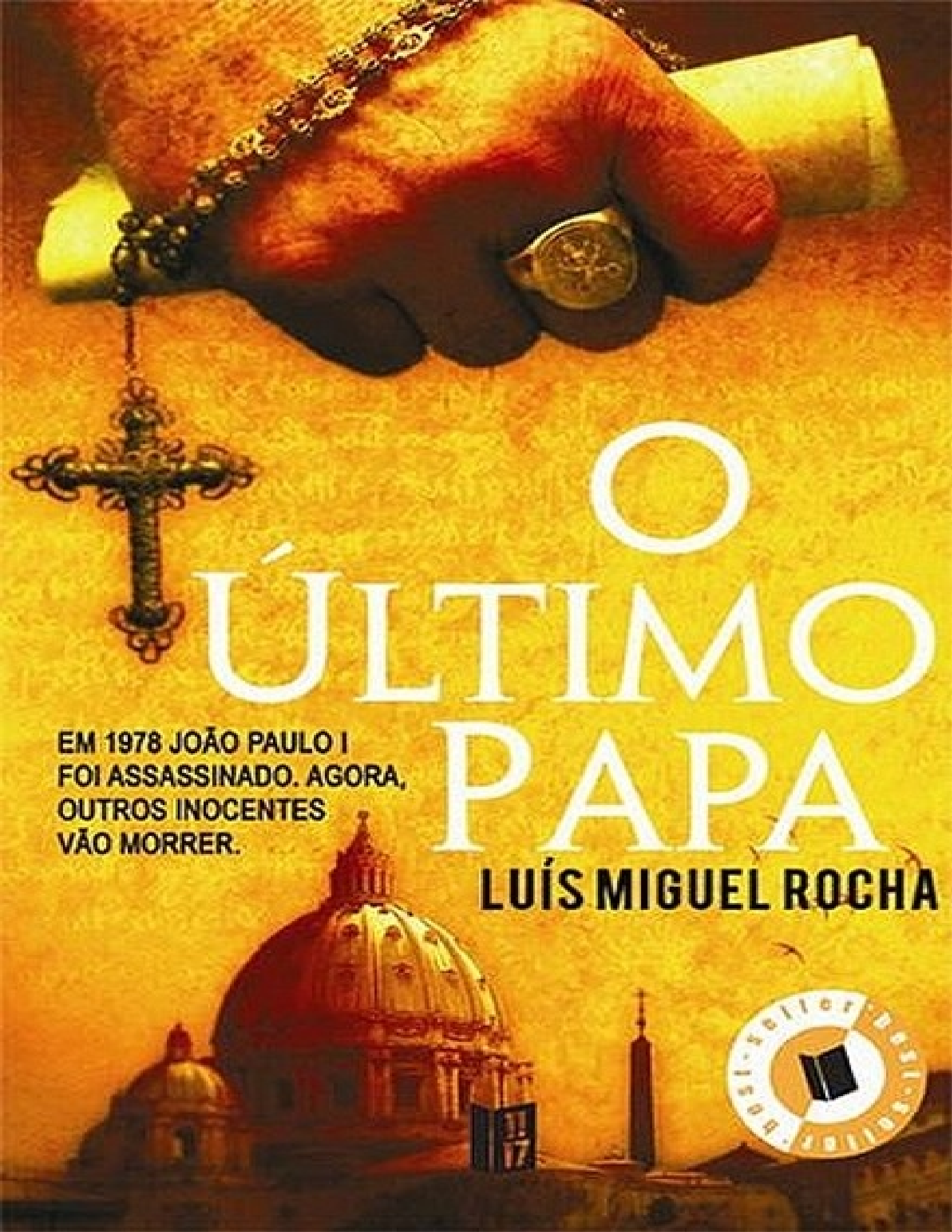

O
ÚLTIMO
PAPA
EM 1978 JOÃO PAULO I
FOI ASSASSINADO. AGORA,
OUTROS INOCENTES
VÃO MORRER.
LUÍS MIGUEL ROCHA

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com



TITULO: O Último Papa
Autor: Luis Miguel Rocha
© 2011, Luís Miguel Rocha
Editor: Luis Miguel Rocha
ISBN: 978-1456519766
readers@gmail.com

“Fascinante…” USA Today

“Tem de ser lido.” Carmilla

“O fascínio do thriller com o ritmo electrificante de um filme.” Repubblica

Este livro é dedicado a

Ioannes Paulus PP. I
Albino Luciani

17.X.1912

-

29.IX.1978

E quanto a si Senhor Patriarca, a Coroa de Cristo e os dias de Cristo.
Irmã Lúcia a Albino Luciani, Coimbra, 11 de Julho de 1977

Que Deus vos perdoe pelo que fizeram comigo.
Albino Luciani para os cardeais que o elegeram Papa no dia 26 de Agosto de 1978



CAPÍTULO UM

ANNO DOMINI MMVI

Por que corre um homem? Sendo este homem de que se fala a generalidade de toda a espécie, aquele que todos representa, o todo, todos, sem excepção, porquanto não existe neste caso, a excepção, bem entendido. Mas a pergunta mantém-se, o que o faz correr? No sentido literal da expressão, uma perna à frente da outra, o pé direito a seguir ao pé esquerdo e vice-versa, não há primeiros lugares nestas coisas do corpo humano. Será pelo prazer do sofrimento em si, todas aquelas centenas de músculos a trabalhar em prol de um bem-estar físico e psicológico a ser usufruído na posteridade do exercício? A uns é a glória que os move, os segundos e os minutos com que palmilham o terreno dão vitórias, dinheiro e notoriedade ou desilusão, desconsolo e carpidura. A outros nada mais os motiva do que a extracção de alguns quilos descomedidos com o desígnio final e único de agradar ao outro género ou, ao mesmo, dependendo dos gostos de cada um e de cada qual. Seja como for, a soma dos fundamentos têm base num só, todos correm pela vida, nada mais os move.

Nem a este que galga as enormes escadarias interiores dos Arquivos Secretos do Vaticano a tão alta hora nocturna. A sotaina preta confunde-se na fraca iluminação do nada secreto local que alberga documentos manifestamente secretos. Na mão, alguns papéis amarelecidos pelo tempo, provavelmente a razão de tanta azáfama corredia. Um ruído descoincidente dos seus próprios passos alarma-o, foi de cima, foi de baixo, donde foi? é a pergunta que lhe atravessa a expressão facial. Pára, olha, escuta, nada mais se ouve além da sua respiração alterada, o suor escorre-lhe pelo rosto como torrente de mar salso. Ala que se faz tarde a regressar aos aposentos destinados à sua pessoa na Cidade do Vaticano, ou devemos dizer país, porque é o que o é na realidade, com as suas regras, leis, credo e sistema político.

Monsenhor Firenzi é o nome do homem. Sabêmo-lo porque é o que rabisca à luz minguada do candeeiro da escrivaninha, uns gatafunhos escritos à pressa num envelope grande, já selado, onde coloca os papéis que trazia na mão. Ele é o remetente, bem certo, o destinatário não se consegue discernir, devido às razões de iluminação anteriormente proferidas e também porque o Monsenhor Firenzi quase encosta a cabeça à superfície escrita, talvez porque o suor lhe tenha embaciado os óculos e não consiga enxergar a própria letra adequadamente. Finda esta operação fecha o dito invólucro e sai do quarto.

Onde irá a esta hora da noite o Monsenhor Firenzi, pois se o sino da Basílica de São Pedro já bate a uma da manhã? O silêncio espraia-se novamente depois da batida. Está frio, mas isso não parece apoquentar este servo de Deus que continua a avançar e depressa alcança o exterior, os passeios que levam à Praça de São Pedro, a maravilha elíptica de Bernini, com toda a simbologia cristã e pagã, porque os artistas não são gente de se render a uma só arte ou fé e a eles podem juntar-se o resto das outras pessoas. Um ruído perpassa nos ouvidos do Monsenhor. Pára, suores frios desta vez a percorrerem o corpo, a respiração arquejante, não há dúvida, são passos, porventura um guarda suíço na ronda nocturna, porventura o melhor será não ficar à espera. Apressa o andar o Monsenhor, a caminho sabe-se lá donde, com um envelope na mão há uma da antemanhã, hora de estar a dormir com os anjos, se isto fora uma noite costumeira, não o é ao que parece, não pelo olhar patente no rosto do Monsenhor. Mãos coladas ao corpo a ampararem o envelope. A praça já vai a meio, arrisca um olhar para trás. Um vulto escuro, ao fundo, não é um guarda suíço, pelo menos não está vestido como tal, talvez não esteja em serviço, não acelerou o passo, como o Monsenhor Firenzi que agora vai em passo de corrida. O vulto negro continua na mesma passada consistente e cadenciada, nem depressa nem devagar, mas não corre, quem o faz é o Monsenhor Firenzi que arrisca outro olhar para trás, quem o veja pensará que é maluco, mas ninguém anda por aquelas bandas naquela hora, apenas ele e o vulto negro, um a andar, outro a correr, não parece haver relação entre eles, mas quem sabe o quê de alguma coisa.

Deixou a praça o Monsenhor e prossegue pela Via della Conciliazone. Roma dorme o sono dos justos, dos injustos, das pessoas de bem, de mal, dos pobres, ricos e remediados, dos pecadores e dos santos, todos se lembraram de não andar na rua nesta noite, pelo menos ali, naquela rua, das outras não se dá conta neste momento. O Monsenhor afrouxa a corrida, opta pelo passo rápido, quase a correr, mas sem ser correr, bem entendido, o vulto cursa o mesmo caminho e

parece conquistar alguma distância, embora não corra. Um relampejo brilhante transparece de uma das mãos. Corre a toda a velocidade que a idade e os fluidos dos nervos consentem a um Monsenhor. Corra pela vida Monsenhor Firenzi, da corrida depende a vida e a morte. Um baque abafado assalta-lhe os ouvidos e segura-se à primeira coisa que vê. Foi rápido, já passou, um som estranho, desmaiado, e depois nada, mais nada. O vulto aproxima-se ainda longe, mas aquele baque transforma-se agora numa dor acutilante que lhe percorre as costas. Leva a mão onde dói, é próximo do ombro, sangue, o sangue da nova e eterna aliança entre a vida e a morte, o equilíbrio ou não dos membros e dos órgãos. Os passos tornam-se a ouvir, o vulto negro está perto, a dor entranha-se cada vez mais no corpo.

"*Monsenhor Firenzi, per favore."*

"*Che cosa voi desiderano da me?"* pergunta quase a desfalecer.

"*Io voglio a te."* Pega no telemóvel e fala numa língua não italiana, talvez do leste. Monsenhor Firenzi repara na tatuagem de uma serpente que lhe aparece junto ao pulso. Segundos depois uma carrinha negra afigura-se ao lado dos dois homens, os vidros também escuros não deixam ver se há mais alguém no interior para além do condutor. O homem pega no Monsenhor dorido e coloca-o dentro da carrinha, sem feridade, mas como se fora um saco leve. *"Non si preoccupi. Non state andando morire."*

Antes de entrar no carro o homem limpa a superfície onde o Monsenhor se segurara depois de ter levado o tiro certeiro no ombro. O Monsenhor Firenzi fita-o, a dor a trespassar-lhe o corpo, é isto que se sente quando se leva um tiro, pensa. O homem a limpar as provas do que aconteceu segundos antes, a ironia, a limpar as provas, a ironia, depois ao olhar o objecto onde se amparara há poucos segundos, um minuto, se tanto, pouco importa, a compunção a acossar-lhe o corpo e o português fluente a assomar-lhe à boca. É em casa que se pensa nestas horas.

"Que Deus me perdoe."

Tudo pronto, o homem entra na carrinha, avançam, nem muito depressa nem muito devagar para não levantarem suspeitas, são profissionais, sabem o que fazem e como, mas não são infalíveis, porque isso só Deus e quando quer. A rua volta à quietude original, nada de irregular, a limpeza foi bem-feita, nenhum vestígio de sangue no marco do correio onde o Monsenhor se agarrou.



CAPÍTULO DOIS
ALBINO

A vida e a morte de cada um de nós tem influência nos outros.
Romanos, 14:7

29 de Setembro de 1978

Se para uns a rotina é uma roda que mói e mata, destrói e desgraça, toda aquela actuação sempre igual, segundos, minutos, semanas, dias e está dado a entender o cenário repetitivo pelo qual se vai passar novamente como uma roda que mói e mata, destrói e desgraça, toda aquela actuação sempre igual, segundos, minutos, semanas, dias e está dado a entender o cenário…

Para outros é uma necessidade abalada apenas pela diferença, pela mudança súbita ou moderada, pelo factor não habitual do que possa surgir como algo novo num plano que não deve ser modificado nunca sob pretexto algum. A vida não deixa de ser mesquinha para uns e outros, mudando o que agrada a alguns e perseverando o que não compraz a outros.

Mas sobre isso não se queixa a irmã Vincenza, há quase vinte anos ao serviço do mesmo Albino Luciani, são os desígnios do Senhor, quem somos nós para questioná-los, e quis que ao fim destes anos todos mudassem de residência. Seiscentos quilómetros a separar uma da outra, a sua terra desta, mas ainda assim não se queixa a anafada irmã Vincenza pelas razões alegadas, e que já está a pé a esta hora da madrugada, quatro e vinte e cinco para sermos precisos. Faz parte da rotina, da ditosa rotina, a que já se habituou neste novo lar. Na mão uma bandeja de prata, com um bule de café, uma chávena e um pires. Deixá-la-á à porta dos aposentos de Albino Luciani. Uma operação a uma sinusite há muitos anos deixa-o com um gosto amargo na boca ao despertar, que colmata com o

café que vai dentro deste bule, em cima da bandeja de prata que Vincenza leva na mão por este corredor que faz, há um mês, parte da sua rotina. A esses ainda não se afez a irmã Vincenza, aos corredores, são compridos e largos, fracamente iluminados durante a noite, há-de queixar-se disso ao seu senhor Albino. A história dos séculos em cada pedra, em cada estátua, pintura e tapeçarias ricamente debruadas a penderem das paredes gigantescas, mas tudo isto assusta a irmã Vincenza. Quase dava um grito ao passar por aquele querubim ali atrás que lhe parecera mesmo uma criança agachada a fazer uma cachopice. *Mas que tonta,* pensa a irmã, se crianças são coisas que nunca pisaram estes corredores, pelo menos que se saiba. Certo é que a estoicidade daquilo não deixa ninguém apático, nem esta irmã Vincenza que se não fora por Albino Luciani não estaria ali de certeza, àquela hora da matina, num corredor que parece bem mais diferente durante o dia, quando o local ganha uma vida intensa e inebriante.

Mas à bonacheirona irmã Vincenza compete tudo o que diz respeito à vida alimentar e médica de Albino Luciani, significando a parte médica a mera administração de medicamentos e injecções e não o diagnóstico efectivo de doenças, isso cabe aos senhores doutores que vêm assiduamente saber da saúde de Albino, que nunca foi nem é homem para descurar essas coisas do corpo. Neste momento ainda é o médico que o assistia na residência anterior quem o faz agora, o Doutor Giusseppe de Rós, que de duas em duas semanas faz seiscentos quilómetros para ver o seu paciente predilecto que com a idade fica mais rijo. Tudo isto Vincenza realiza com gosto, como uma esposa dedicada ao seu marido, mas não é este o caso, apenas um exemplo da relação entre ela e ele. Albino Luciani é um bom homem que sempre a trata com polidez e benquerença e que a considera mais uma amiga do que uma serviçal, longe dele ter tal coisa à sua volta, por isso a chamou para ao pé de si quando assentou o pé naquela nova residência, bem maior do que a anterior, bem mais faustosa, coisa que a ele o deixa contrafeito já que não é homem de luxos terrenos, antes espirituais, mas com tempo tratará de livrar-se dos luxos e colocar a casa a seu gosto, porque é melhor não a chamar de palácio.

Um ataque cardíaco há menos de um ano atirara a irmã Vincenza para a cama de um hospital, mas apesar dos conselhos médicos que apelavam para que não voltasse a trabalhar, apenas supervisionasse o trabalho dos outros, de preferência sentada, fez ouvidos de mercador e continuou a tratar de Albino Luciani pessoalmente, como se pode confirmar pelo tabuleiro que leva na mão e pelo corredor que atravessa a esta hora da madrugada, sujeita a ser atacada por um

maltrapilho, por um assaltante de residências, ou por um colega de trabalho. Mesmo assim juntou-se à Congregação de Maria Bambina, que cuida da residência, e foi acolhida pela Madre Superiora Elena e pelas irmãs Margherita, Assunta, Gabriella e Clorinda. Seja como for, nenhuma delas prepara nada que tenha a ver com Albino, apenas Vincenza o faz, com mãos de mestre e delicado enternecimento.

Agora que chega à porta dos aposentos de Albino, pousa a bandeja numa mesinha lá colocada para esse efeito e bate à porta duas vezes. Uma, duas.

"Bom dia." saúda em voz alta.

Aguarda pela saudação recíproca que se manifesta através de silêncio. Estranho. Encosta o ouvido na porta a irmã Vincenza, mas não consegue ouvir nada do outro lado. Pondera bater novamente, mas acaba por decidir não o fazer, *é a primeira vez que Dom Luciani se deixa dormir*, pensa, *vou deixá-lo descansar mais um pouco*.

Afasta-se silenciosamente em direcção ao seu quarto onde vai realizar a primeira oração matinal.

São quatro e meia da manhã.

*

Atente-se neste homem que dá voltas e voltas na cama de colchão mole, rabuja e volta a rabujar pelas voltas que dá na cama por não conseguir dormir, coisa comum a muitos de nós, todos alguma vez passamos pelo mesmo drama de não conseguir arranjar uma posição confortável para dormir, facto que se deve à falta de sono e não à relevância da posição em questão. Mas o que separa este homem do comum dos mortais é que costuma dormir a qualquer hora do dia ou da noite, seja em que circunstâncias for. Assim é o sargento Hans Roggan, regrado, metódico, moderado, contido. Hoje a mãe veio a Roma vê-lo. Jantou com ela, provavelmente foi o café que tomou que agora não o deixa dormir, mas não lhe parece, já que, normalmente, o café não exerce qualquer efeito em si.

Decide levantar-se, *não vens, não venhas,* diz para consigo, *não vou ficar aqui à tua espera.* Abre a porta do armário e veste a farda desenhada pelo comandante Jules Repond em mil e novecentos e catorze. Se décadas mais tarde soubesse que iam imputar a sua autoria a Miguel Ângelo, quem sabe se ficaria feliz pela honradez ou amargurado pela deslembrança, facto é que foi ele quem a

desenhou, Jules Repond, não o sargento Hans Roggan e muito menos Miguel Ângelo, por muito que fosse uma ideia que pudesse passar pela cabeça de várias pessoas, se ponderarmos que estamos a falar dos uniformes da Guarda Suíça, da qual o dito sargento faz parte e chefia nesta fresca noite em que não consegue dormir desde a meia-noite, hora a que se deitou.

Todas aquelas cores protuberantes do uniforme baseadas, isso sim, nos frescos de Rafael, contrastam com o humor do sargento. Sente uma inquietação profunda, uma ansiedade sem fundamento, vinda do nada, como se algo de mal lhe tivesse acontecido, o que, manifestamente, não é verdade, podemos confirmá-lo.

O sargento Hans Roggan tem o trabalho que sempre almejou desde criança. Ingressar na Guarda Suíça, servir o Papa. Para tal teve que passar por testes muito difíceis, como o levar uma vida disciplinada e dentro dos ensinamentos do Senhor, mas convém não esquecer os preceitos basilares com os quais foi abençoado, ser suíço, solteiro, ter bons princípios morais e éticos, ter mais de um metro e setenta cinco, mais de dezanove e menos de trinta anos, e, ponto essencial, ser católico.

Não seria por ele que a imagem dos valerosos soldados do Papa Júlio II sairia manchada. Protegeria o seu Papa até à morte, fosse ele quem fosse, como os cento e oitenta e nove helvéticos, fundadores da Guarda, que protegeram Clemente VII contra mil soldados, espanhóis e germânicos, no saque de Roma de 6 de Maio de 1527. Só quarenta e dois sobreviveram, os que, sob o comando de Hércules Göldli, colocaram o Papa a salvo no castelo de São Ângelo, através do *Passetto*, uma passagem secreta construída no tempo do Papa Alexandre VI, que liga o Vaticano ao Castelo. Os remanescentes morreram heroicamente, ceifando a vida a cerca de oitocentos inimigos. É essa herança que Hans carrega e contempla todos os dias, ao vestir a farda. Um orgulho que lhe trespassa a alma todos os dias, menos hoje, pois está indisposto por não conseguir dormir devido a razões incongruentes e inconclusivas, se é que há incongruências e inconclusões no mundo.

Hans é o responsável pela segurança da Cidade do Vaticano nesta noite. O plano de protecção da cidade resume-se a algumas rondas em locais chave intramuros e sentinelas colocadas à porta dos locais mais emblemáticos e relevantes. O Papa João XXIII aboliu a prática de colocar duas sentinelas em vigília, durante a noite inteira, à porta dos seus aposentos, por isso, o guarda mais próximo está no alto da escadaria da *Terceira Loggia*, numa posição

meramente simbólica, um local pouco utilizado, mesmo de dia. Qualquer perito, como os muitos que se espargem por aí, versados nas mais diversas matérias, diria que qualquer pessoa com más intenções entraria facilmente na Cidade do Vaticano, e é verdade.

Hans entra no seu escritório e senta-se à secretária. Abre um dossier e folheia-o, são contas pendentes que tem de entregar ao seu superior logo pela manhã, mas ao fim de alguns momentos a passar as folhas de um lado para o outro fecha-o. Não há maneira de se conseguir concentrar, são os inexplicáveis da vida, coisas que nos dizem que por vezes a rotina é para ser quebrada, se não por nós, por algo invisível, uma mão que nos sacode, uma voz que nos ordena que não façamos o costume.

"Mas que raio…" rezinga para si. "É melhor ir apanhar ar.

Deixa o escritório, sem sequer se preocupar em fechar a porta e sai do edifício da Guarda Suiça, deambula pelos jardins interiores, próximos do edifício, e decide deambular pela praça. Passa por dois guardas sentados numas escadas, cada um a dormir para seu lado.

Parece que só eu não consigo. Pensa. Acorda-os com uma pancada no ombro de cada um e os homens levantam-se num ápice, atemorizados.

"Peço desculpa, sargento."

"Que não volte a acontecer." Pronuncia Hans num tom intimidatório. Sabe que os seus homens vêm de um mês de trabalho muito intenso. Giovanni Battista Montini, conhecido como Paulo VI, finou-se há pouco mais de um mês, a 6 de Agosto de 1978, na residência Papal de Verão, em Castel Gandolfo. As exéquias fúnebres de um Papa prolongam-se por vários dias, a Guarda nunca deixa o seu Papa morto sozinho, estão quatro homens nas extremidades do catafalco ininterruptamente. E depois são as extensíssimas personalidades mundiais e chefes de Estado que comparecem para prestar a última homenagem.

E a seguir ao funeral começam os preparatórios para o Conclave que tem de ser plenamente hermético. As folgas são derrogadas e o trabalho duplica. O Conclave fora marcado para 25 de Agosto, precisamente vinte dias depois do passamento do Papa, mesmo no limite do período máximo permitido que era de vinte e um dias e, apesar do Conclave ter sido curto e terminado no dia seguinte, principia sempre todo o frenesi em redor do novo Papa e só há pouco tempo as coisas haviam voltado ao normal.

Hans retoma o passeio pela sua cidade deixando para trás os guardas

ensonados. *Só eu não tenho sono.*

Não consegue deixar de ter um sentimento de posse em relação a tudo o que o rodeia. Ao fundo, já se eleva o obelisco de Calígula, bem no meio da praça elíptica projectada por Bernini. É irónico a história do mundo, por vezes, a obra de um doido frenopata mesmo no centro do lugar mais santo do mundo católico. Prossegue calmamente sentindo a aragem fria a passar-lhe pelo rosto, quando algo lhe chama a atenção. À sua esquerda ergue-se o Palácio Apostólico e no terceiro andar as luzes do quarto do Papa estão acesas, olha para o relógio, são quatro e quarenta da manhã.

Este Papa acorda cedo. Lembra-se que quando regressava do jantar com a mãe, ainda não eram onze horas, as luzes estavam na mesma. Zeloso, como um Guarda Suíço que se preze, decide voltar atrás aos guardas que apanhara a dormir. Encontram-se agora a conversar, o sargento espantara o sono deles de vez.

“Meu sargento.” Saudaram os dois.

“Digam-me uma coisa, Sua Santidade chegou a apagar as luzes do quarto durante a noite?”

Enquanto um encolhe os ombros em jeito de desconhecimento, o outro é peremptório.

“Durante o meu turno aquelas luzes nunca se apagaram.”

Hans sabe que apesar de os ter apanhado a dormir ferrados, não podiam ter adormecido mais do que alguns minutos.

“Estranho.” Profere o sargento.

“Sua Santidade costuma acender as luzes, mais ou menos, a esta hora. Mas esta noite não as desligou.” Completa o guarda. “Deve estar a trabalhar nas tais mudanças que vão acontecer por aqui.”

“Isso não nos diz respeito.” Muda de assunto. “Tudo normal?”

“Tudo normal, sargento.”

“Muito bem. Até logo. Olhos bem abertos.”

Retorna ao edifício da Guarda, sente finalmente as pálpebras a pesarem-lhe, ainda pode dormir algumas horas. Olha de novo para as luzes acesas nos aposentos do Papa.

As coisas mudaram mesmo por aqui. Cogita o sargento esboçando um sorriso.

Agora dormirá, tudo é como tem de ser.

*

Já se passaram quinze minutos desde que a irmã Vincenza deixou a bandeja de prata em cima da mesinha, ao lado da porta dos aposentos de Albino Luciani, se bem lembrados estamos do medo que ela tem de passar no infausto corredor que volta a percorrer novamente. Está na hora de ministrar a Albino os medicamentos para a tensão baixa. A medicamentação dele não consiste em nada por aí além, Vincenza tem apenas que afiançar que Albino tome as suas vitaminas, no final de todas as refeições e, ao deitar, aplica-lhe uma injecção para estimular a glândula supra-renal. Assim que lhe ministre os medicamentos da tensão, todos os dias, religiosamente, entre as quatro e meia e as quatro e quarenta e cinco da manhã, Albino tomará o seu banho matinal, acurará o seu inglês através de um curso de cassetes de áudio, isto das cinco às cinco e meia, não voltaremos a empregar o termo religiosamente, mas é como se fosse, já que a rotina matinal é imutável, pelo menos para já. Posteriormente, Albino vai rezar na sua capela privada até às sete, são os mimos na nova residência que também os tinha na anterior, embora em escala bem mais modesta.

Assim que chega à porta dos aposentos de Albino, Vincenza depara-se com uma situação estranha, a bandeja de prata com o bule de café, a chávena e o pires estão no mesmo sítio onde os deixou há minutos atrás. Retira a tampa a confirmar que o bule ainda está cheio, intocado. Em quase vinte anos a acompanhar Albino Luciani nunca tal havia acontecido, nem nunca deixara de responder à sua saudação de *Bom Dia* com outro alegre *Bom Dia, Vincenza*.

Na verdade, não era bem assim, antes de mudarem de residência, Vincenza batia à porta e entrava com a bandeja de café e ia ela própria servi-la a Albino em mãos. Hábito que os novos assistentes e conselheiros reprovavam veementemente, considerando-o uma violação do protocolo, pelo que, para agradar a gregos e a troianos, decidiram-se pelo meio-termo: Vincenza continuaria a levar o café todas as manhãs, mas deixá-lo-ia à porta dos aposentos de Albino, como a vimos fazer diligentemente esta madrugada. Volta a encostar o ouvido à porta, nenhum ruído ou movimento é audível, fica na dúvida se bater ou não à porta, começa a fazê-lo muito timidamente.

“Bom dia.” Sussurra receosamente. Afasta-se a magicar no que há-de fazer.

“Na nossa terra entrava e não estava com estas coisas.” Olha para a porta. Da frincha por baixo dela vê-se luz. Albino está acordado. Volta a bater à porta, agora com mais ímpeto e sem vergonha, é assim mesmo, mulher.

“Dom Luciani.” Chama.

Nenhuma resposta. Volta a bater à porta, a mesma resposta. Não lhe resta outra alternativa se não entrar nos aposentos de Albino contra todos os ditames da lei do lar em questão. Coloca a mão na maçaneta dourada e gira-a.

“Que se danem os conselheiros e o protocolo.”

Entra, pé ante pé, e depara-se com Albino sentado na cama, encostado à cabeceira, com os óculos na cara, uns papéis na mão e a cabeça inclinada para o lado direito. A expressão alegre e o sorriso encantador com que Albino habituou Vincenza e todos os que o rodeavam fora substituída por um esgar agonizante. Vincenza aproxima-se de Albino com o coração a latejar estrondosamente. Não é uma visão ajustada a uma doente cardíaca, mesmo assim, e com os olhos lacrimejantes, Vincenza, a valente Vincenza, pega na mão de Albino e toma-lhe o pulso. Um, dois, três, quatro, cinco segundos, fecha os olhos numa litania interior e as lágrimas a vazarem pelo rosto.

“Oh, meu Deus.”

Puxa o cordão que pende em cima da cama de Albino e ouve-se uma sineta a alastrar-se pelas outras divisões.

Tenho de ir chamar as irmãs. Pensa com o corpo a palpitar de adrenalina e nervos. *Não, primeiro vou chamar o padre Magee. Não. Ele dorme lá em cima no sótão. O melhor é chamar o padre Lorenzi.*

A campainha pára de tocar mas, por estranho que pareça, ninguém acorre para ajudar Vincenza, como se todos soubessem que hoje não importa quem puxe o cordão, quem quiser que se levante, ou Albino que se desembarace sozinho. Corre para fora do quarto e, sem pensar, abre a porta dos aposentos do padre Lorenzi que dorme perto do quarto de Albino, esquecendo todas as regras de etiqueta e protocolo, que se danem, o secretário de Albino, o padre John Magee, dorme no sótão até que o seu quarto, também ao lado do de Albino, seja reformado.

“Padre Lorenzi. Padre Lorenzi.” Grita ela.

Lorenzi acorda estremunhado. “O quê? Que se passa?” Quando dá acordo de si, vê uma irmã Vincenza agarrada ao seu pijama, num pranto. “Que foi Vincenza? Aconteceu alguma coisa?”

“Padre Lorenzi, foi Dom Albino. Padre Lorenzi, o Papa está morto.”

O dia vinte e oito de Setembro de 1978 ficaria na história como o dia da morte de Albino Luciani, o Papa João Paulo I.



CAPÍTULO TRÊS

Para Sarah Monteiro nada se equipara à metropolitana cidade de Londres, que agora sobrevoa de regresso à sua casa em Belgrave Road. O avião provém de Portugal, de Lisboa, e está a fazer-se à pista nas infindáveis manobras de vira para um lado e para o outro há cerca de meia hora. Mas para Sarah Monteiro tudo aquilo é um prazer. Depois de quinze dias de férias em casa dos pais, um capitão do exército e uma professora inglesa, daí o h que acompanha o belo nome Sara, influência da costela britânica materna, bem como do gosto por tudo o que é britânico. Não que não goste de Portugal, longe disso, é um país catita e quimérico, mas com um longo caminho a calcorrear em termos de personalidade. Apesar da idade avançada das suas fronteiras, as revoluções foram muitas e as renovações poucas. Aparte de tudo isso, para Sarah Portugal é paragem obrigatória, duas a três vezes por ano, mais os natais, pois os pais haviam assentado residência no Alentejo, numa herdade perto de Beja, e respirar aquele ar do campo, muito diferente do da capital britânica, é algo sem o qual já não consegue viver.

O avião aterra, naquilo que se pode chamar de uma forma suave, embora a mais suave das aterragens carregue sempre uma dose de puxões e esticões. Apesar do longo caminho até à manga de desembarque, uns bons vinte minutos, já todos se levantam e acotovelam para serem os primeiros a pegar nas bagagens de mão e a saírem do avião.

“Acabamos de aterrar no aeroporto de Heathrow, são seis e meia da tarde, a mesma hora que em Lisboa. Na capital britânica estão vinte e um graus centígrados, permaneçam sentados e com os cintos apertados até o avião parar completamente. Obrigado por voarem na nossa Companhia.” Verbaliza a hospedeira de bordo, mas quem lhe presta atenção? Apenas duas ou três pessoas, Sarah incluída, que está acostumada ao entra e sai de aviões, se não para ir a Portugal ver os pais, para outros destinos, outras capitais e cidades, ossos do

ofício de uma correspondente de vários jornais e televisões da Europa, em Londres. Facto interessante, profissão interessante, os estrangeiros pagarem-lhe para dar notícias da sua cidade. Tem mais dois dias de férias, antes de tornar às redacções, ao corre-corre da notícia, à busca incessante por algo de bombástico, de sangrento, de anómalo.

Agora sim, o avião parou e os passageiros apressam-se a sair pela porta da frente. É hora de pegar no seu portátil e na sua mala de mão e sair. Pelo caminho liga para os pais a dizer que chegou bem, mais tarde falarão pela Internet, quando chegar a casa. Percorre os longos corredores alcatifados a verde e preto e coloca-se na fila para os postos de fiscalização de entradas no país. São os procedimentos legais que cada soberana terra inventa para si mesma, porém todos acabam por se entender, ou não seriam as viagens possíveis para lado nenhum, por fecharem as portas uns aos outros, o que por vezes acontece. Cidadãos na União Europeia, Suíça e Estados Unidos da América para um lado, cidadãos de outras nacionalidades para outro, todos com o passaporte ou documento análogo na mão. Sarah é a próxima, aguarda junto à linha amarela, para não invadir o espaço do senhor de óculos que está à frente ou para não confundir o funcionário sentado atrás de um balcão.

“*Next, please.”* O próximo por favor, a cara do homem é de poucos amigos, bem podia ter escolhido outro guichet, a funcionária ao lado parece bem mais simpática, o sorriso não engana, mas o que está feito, feito está, estende-lhe o passaporte e oferece-lhe o seu melhor sorriso.

“É bom estar de volta. Como é que tem estado o tempo?” Pergunta circunstancial, apenas para fazer conversa.

“Não consigo vê-lo daqui.” Redargue o homem. Não acordou bem com certeza ou a desavença com a patroa, se é que existe, foi feia, caso contrário o problema é a falta de patroa, pelo que, o mau humor deve ser constante.

“Há alguma coisa errada com o seu passaporte.”

“Desculpe? Como assim?”

Um problema com o passaporte, podia mostrar o bilhete de identidade, mas sempre funcionara, porque razão não há-de funcionar agora?

“Porcaria dos computadores.”

O telefone do guichet toca e o funcionário mal-encarado atende. Horatio, o nome do funcionário, a julgar pela placa identificativa cravada no casaco, ouve o interlocutor. “Sim, mas o passaporte não está a passar.” Volta a ser ouvinte e

depois pousa o telefone.

“Afinal está tudo bem. Pode passar.”

“Obrigada.”

Estranho, o raio do homem mexeu-lhe mesmo com os nervos, agora só falta encontrar um taxista do mesmo calibre para acabar a noite em beleza. Ainda falta ir buscar a mala ao tapete, mais uma hora, isto se não houver extravios.

*

Na sala de comando central, algures dentro do aeroporto, um computador dá um alarme. O funcionário, um jovem na casa dos vinte, para sermos precisos teríamos de lhe perguntar, coisa que não parece de bom-tom, visto encontrar-se a responder a um alarme que começou a piscar no computador. O pão-nosso de cada dia, neste caso o pão dele, são coisas que estão sempre a acontecer, o jovem está vestido com uma camisa branca e calças pretas, os galões nos ombros denunciam-no como um agente da polícia, que está neste momento a descortinar a origem do alarme que ainda pisca a vermelho. Foi um passaporte quem o despoletou, possivelmente adulterado ou inválido ou caducado. Observa a câmara de segurança, uma mulher bonita, na casa dos trinta, está em frente ao guichet número onze, o do Horatio, um viúvo chato, mas escrupuloso, nada passará por ele se não estiver bem, portanto, o que o jovem tem a fazer é anular o alarme e deixar o funcionário fazer o resto. Mas o procedimento de cassação do aviso não está a funcionar, nunca tal lhe havia acontecido, o melhor é chamar o seu superior.

“Senhor.”

Um homem de cabelo grisalho, bem entrado nos cinquenta anos aproxima-se dele e inclina-se sobre o ecrã do computador.

“Sim, John”.

Chama-se John o nosso jovem. Nunca teríamos adivinhado tal nome corriqueiro.

“Não consigo desligar este alarme e não percebo porquê.”

“Deixa-me ver.”

O homem vê os dados que aparecem no computador, tecla algo no mesmo o que faz aparecer algumas informações, mormente, o nome de Sarah Monteiro e

alguns dados que passam muito depressa.

“Não te preocupes, John. Eu trato disto.” O homem dirige-se para o telefone e levanta o auscultador. “Olá Horatio, é o Steve. Deixa-a entrar. Sim, não te preocupes, deixa-a entrar, está tudo sob controlo.” Coloca o dedo no botão que cessa a chamada e, sem pousar o auscultador, faz outra. “Ela acaba de chegar.”

*

Nem correu muito mal, só passou meia hora e já está dentro do táxi, no exterior do Terminal Dois, pronta para ir para casa.

“Belgrave Road, please” seguido do número que não propalaremos por razões de privacidade que são tão boas como outra qualquer. Mais meia hora ou quarenta minutos, dependendo do trânsito, e poderá tomar o tão desejado banho de espuma com a banheira a transbordar, sais balsâmicos para adoçar o ambiente, morango e baunilha, uma mistura efervescente que relaxa os músculos e desembravece o espírito, se é que ele alguma vez se inquieta.

Contorna a Vitoria Station, sempre cheia de gente, e entra mais à frente na Belgrave Road, cheia de hotéis baratos, de um lado e do outro, e com muita gente com malas em ambos os passeios. Uma rua tipicamente londrina, quase todas as casas com duas colunas a sustentarem o pórtico fronteiro, uma de cada lado, algumas trabalhadas, a imitar o coríntio, e outras lisas, dependendo do gosto do construtor ou do proprietário, casas centenárias, vitorianas, sem dúvida, mas sem mácula nas pinturas recentes, naquelas cuja fachada não é de ladrilho acastanhado.

O táxi vai quase até ao fim da rua. Perto da sua porta o motorista vê-se coagido a colocar o pé ao travão, bruscamente, fazendo com que Sarah quase embata nas protecções em vidro do veículo, destinadas a separar o taxista de clientes perniciosos. Um carro negro, de vidros fumados, colocara-se subitamente à frente deles e permanece parado, pouco se importando com quem está atrás. O homem do emblemático carro de aluguer londrino aperta a buzina, enrubescido pela fúria.

“*Move on”* grita ele para o da frente que continua imóvel. *“Get the fuck out of the way.”*

A fila de carros fica cada vez maior. Ouvem-se mais buzinas e exprobrações de condutores mais apressados.

O condutor do carro da frente baixa o vidro e coloca a cabeça de fora na direcção do taxista inglês, profere um *"Sorry, mate"* e segue viagem.

Segundos depois o táxi pára em frente à porta de Sarah Monteiro e o taxista tem a amabilidade suficiente para lhe tirar a mala. Depois de recebidas as libras devidas parte em direcção a outros clientes, outros desejos, outras libras esterlinas. Ao entrar em casa depara logo com um monte de correspondência espalhada no chão. Postais de colegas, contas para pagar, claro, propaganda de todos os tamanhos e feitios e mais coisas para as quais não tem pachorra neste momento. Leva a mala até ao quarto, no primeiro andar, vai à casa de banho encher a banheira e põe-se à vontade, afinal de contas, é a sua casa. Carece de umas coisas da mala e abre-a, estranhamente sem a chave. Apercebe-se desse facto, as fechaduras estão todas abertas e ela lembra-se de as ter fechado, até se recorda onde, a que horas, o que mais estava a fazer, com quem estava a falar e o que estava a dizer quando a fechou. Dentro, a roupa está revolteada, alguém lhe abriu a mala entre o Aeroporto da Portela e o de Heathrow. O melhor é lá ir, fá-lo-á amanhã de manhã, só lhe faltava mais esta. Tenta ver se falta alguma coisa, mas para além de estar remexida, nada lhe parece a menos, tão-pouco a mais.

Dois minutos depois está na banheira a desfrutar da dita espuma e dos ditos sais, mel em vez da baunilha, que se acabara, mas o efeito é o mesmo, relaxante, repousante, calmante, já nem se lembra da mala, nem do mal-humorado funcionário do aeroporto.

Cá em baixo, no meio de toda aquela pilha de correspondência, consegue-se descortinar a ponta de um envelope e o nome no remetente, Valdemar Firenzi.



CAPÍTULO QUATRO

Muito se poderia dizer deste quadro para onde este homem olha. A infanta Margarita, ao meio, e Isabel Velasco e Agustina Sarmiento, de ambos os lados, dois anões, do lado direito de quem vê, bem certo, María Barbola e Nicolas Pertusato, estando este último com um pé em cima de um mastim que dormitava. Atrás, nas sombras, Duenna Marcela de Ulloa com um homem não identificado, coisa difícil de acreditar, pois não são os pintores homens capazes de colocar objectos não identificáveis no interior das telas. Tudo tem o seu significado e se não se sabe quem é assim quis o artista, também ele auto-retratado na própria pintura, à esquerda, a exercer o seu mester para a perpetuidade, pintar, as magnânimas figuras de Dom Filipe IV e de Dona Mariana, reflectidas num espelho por trás dele, pois doutra forma não conseguiríamos ver o reflexo do seu trabalho, já que a tela está de costas para nós. Para terminar, o contramestre da Rainha, Dom José Nieto de Velázquez que está à porta, de saída. Belíssimo quadro, sem dúvida, mas não é ele quem nos interessa e sim o homem que para ele olha. Convém clarificar o local onde este homem olha para o quadro: é a sala número três do Museo Nacional del Prado, em Madrid. São quase horas de fecho, mas ele não se aperreia e continua a contemplar, quase sem pestanear, a obra de Diego Velázquez, *Las Meninas*, a pérola do museu.

"*Señor*, está na hora de fechar. Por favor, encaminhe-se para a saída." Adverte um jovem segurança educadamente, porque há que respeitar os homens de idade, como este que olha para o quadro que bem sabemos. O segurança é zeloso e quer certificar-se que a sua ordem, proferida em forma de pedido, é cumprida. Conhece-o de vista, dali, daquele mesmo local, onde o vê quase todos os dias a olhar interminavelmente para o quadro, durante horas e horas, os turistas a passar e ele ali, como um quadro a olhar para outro.

"Alguma vez admirou esta pintura?" pergunta o homem.

O segurança olha em redor, não está ali mais ninguém, pelo que, a pergunta deve ser para ele.

“Está a falar comigo?”

O homem ignora-o e continua a fitar o quadro. “Alguma vez admirou esta pintura?” repetiu.

“Mas é claro. Este quadro é como a *Mona Lisa* no Louvre.”

“Tolice. Diga-me o que vê.”

O segurança acanha-se. O homem aparenta uma cultura acima da média, se é que essas coisas se vêem assim a olho nu, falar de mais só provocará embaraço. Todos os dias passa por aquele quadro, sabe da sua importância, mas não o porquê dela, é como a rua onde se mora, pensamos que já nasceu assim com aquele nome, desde o início dos tempos. Mas não, tem tudo mão humana e algum significado histórico, religioso ou outro. Seja como for, são horas de fechar o museu e o que importa é tirar o homem dali, fazer a última ronda e ir para casa. Os colegas ficarão a cuidar do local, ele ainda leva meia hora até Três Cantos onde a mulher o espera em casa com um *cocido* divinal, embora ele não o saiba.

“Tem mesmo de sair” disse com mais firmeza, mas com a mesma educação, o homem não representa qualquer ameaça, bem pelo contrário, apenas parece estar magnetizado pelo quadro de Velázquez que é bonito, no seu entender, mas mais não lhe perguntem. Olha mais atentamente para o velho, o *viejo*, e repara na tremura da mão esquerda e na lágrima que desce pela parte direita do rosto, o melhor é fazer-lhe a vontade e dizer qualquer coisa.

“É um quadro bonito. O *Las Meninas*, de Velázquez.”

“Sabe quem são *Las Meninas*?”

“São essas garotas que estão no quadro.”

“Tolice. *Las Meninas* são aquelas duas ao lado da infanta Margarita, Isabel Velasco e Agustina Sarmiento. *Meninas* é uma palavra portuguesa com que a família real cognominava as aias da infanta.”

“Ah, uma pessoa está sempre a aprender.”

“Aquele pintor é o próprio autor do quadro que aguarda que as aias convençam a infanta a posar para a pintura. Como pode ver pelo reflexo no

espelho, a parte do Rei Dom Filipe IV e da Rainha Dona Mariana já está pintada. Trouxeram os anões e o cão para a convencer, mas ela não cedeu e o quadro nunca chegou a ser feito."

"Desculpe, mas o quadro foi feito. Está aqui à nossa frente."

"O quadro reflectido no espelho, ora."

"Ah. Mas isso poderá ser verdade ou não, agora o quadro em si é real."

"O que quero dizer é que o quadro dentro do quadro nunca o foi."

"Bom, se coloca as coisas nesse ponto, terá a sua razão."

"Repare como uma simples birra de criança altera o curso da história não permitindo a execução de um retrato de família."

"Mas possibilitou a execução de um que porventura é sempre maior do que esse."

"Quiçá. O que quero dizer é que uma decisão, num determinado momento, afecta toda uma vida, todo um percurso pessoal, todo..."

O homem começa a tossir e quase cai se não é a prontidão reflexa do segurança que o ampara. Deita-o no chão da sala, à falta de melhor.

"Tenho a boca seca" diz o velho roufenhamente.

"Vou buscar um copo de água. Só um momento, *señor*."

O segurança sai a correr da sala número três do Museo Nacional del Prado. O velho, ainda deitado, tira um papel do bolso do casaco, uma carta amarrotada, escrita à mão, se por ele ou por outro não o sabemos, mas sabemos que não a tirou para ler. Pousa-a no chão ao seu lado. Juntamente com a carta vem um retrato de Bento XVI e logo procura por algo noutro bolso, um pequeno embrulho de veludo preto que começa a abrir.

Água não é um bem de primeira necessidade num museu, por essa razão, o segurança não regressa à sala onde o homem o aguarda com a presteza que desejava, mas regressa e é isso que importa. Traz um copo de água na mão, em cima de um pires, não vá esparramar água no chão. Pelo rádio informou um colega para que se dirigisse ao local a ver o *viejo*, mas quando pisa a sala novamente não está lá mais ninguém a não ser o velho na posição em que o deixara. Agacha-se e repara prontamente que, afinal, não está como o deixara, o velho está imóvel, de olhos arregalados, inertes, morto. É isso, o *viejo* está morto. Levanta-se de rompante e quase deixa cair o pires e o copo. Pede ajuda

pelo rádio e ganha afoiteza para mirar o homem novamente. Os olhos estão fixados no quadro que contemplara durante horas e horas em vida e, no chão, junto ao corpo, está uma carta amarrotada e uma seringa vazia. Não resiste a pegar na carta que está escrita em espanhol e, depois de lida, levanta os olhos com a tensão de quem carrega um enorme peso nos ombros.

“Por Santiago. Deus nos livre e guarde.”



CAPÍTULO CINCO

A Plaza de Mayo é o símbolo das manifestações históricas do povo argentino. Ao seu redor está a Casa Rosada, sede do governo nacional, e a Catedral Metropolitana. Ora é esta Catedral que prende a nossa atenção e este jovem que corre a atravessar as suas colunas a toda a velocidade e irrompe pela ampla nave adentro, sem quaisquer contemplações. O suor talvez seja reflexo do calor da noite ou talvez não, e a respiração ofegante deve-se, evidentemente, ao passo de corrida que traz desde a residência do pároco, a quem nomearemos Pablo, nome simples como o deve ser tudo num padre, que não quer ou queria ser reconhecido pela denominação verdadeira. A catedral está vazia de pessoas porque está cerrada ao público, mas o padre encontra-se junto à escadaria do altar, genuflectido, com as mãos juntas, a ciciar as suas orações, pedidos e confissões, como o fazem todos os crentes de todas as religiões... ou não.

O jovem coloca uma mão em cima do ombro do sacerdote a fazer saber da sua presença. Numa situação normal retrocederia alguns passos e aguardaria pelo final da consagração paroquial ao Senhor, mas não há tempo, pelo menos assim parece, pois o jovem volta a colocar a mão em cima do ombro de Pablo.

Depois de um sinal da cruz, o homem levanta-se e vira-se para o adolescente que recomeça a arfar.

“Que foi meu filho? Vieste à minha procura? Aconteceu alguma coisa na comunidade?”

“Não, *señor* padre. Um homem... Foi a sua casa... Perguntou por si.”

Repara na transpiração do jovem. “Credo, Manoel, estás a escorrer água. Não está assim tanto calor. Vieste a correr?”

“Vim, *señor*.”

Coloca a mão no ombro do jovem. “Vá, anda sentar-te comigo. Acalma-te e conta-me. Quem era esse homem? E o que fez para te deixar neste estado?”

“Não conheço, parecia europeu, mas não italiano.”

O padre fica plúmbeo, como se de repente se tivesse rememorado de alguma coisa, e começa a exsudar como o ajudante. “O que pretendia de mim?”

“Vê-lo ainda hoje. Eu disse que isso não seria possível. E aí ele disse que tudo é possível aos olhos do Senhor. Mas o pior...”

“O pior? Fez-te algum mal?”

“Não senhor, mas deu para ver que ele não tinha boas intenções,” baixa a voz. “Tinha uma arma.”

Pablo pega num lenço para limpar o suor da testa, é perceptível a onda nervosa que lhe percorre o corpo mas, ao fim de algum tempo, fecha os olhos, permanece alguns minutos nesse estado sem pronunciar palavra. Quando os abre, já não exsuda e a respiração regulariza-se. Não há como apelar à calma e aos guias para ver a luz ao fundo do túnel, que nos separa de qualquer problema, por mais grave que possa ser.

“O que lhe disseste?”

“Que o senhor padre tinha ido ver um amigo ao hospital.”

“Mentiste, Manoel?”

“Perdoe-me, padre Pablo, mas não sabia o que fazer. O homem tinha mau íntimo e uma tatuagem no braço esquerdo.”

“Uma tatuagem? De quê?”

“De uma serpente.”

“Quis entrar em casa?”

O rapaz hesita antes de responder, é dos nervos, não é todos os dias que se vê uma arma, especialmente na posse de uma pessoa que não se conhece de lado nenhum e que nos está a dirigir a palavra. “Não, *señor*.”

“Está bom, Manoel. Vai à tua vida descansado.”

O jovem levanta-se mais afoito, beija a mão a Pablo e caminha até ao centro da nave onde faz o sinal da cruz, antes de sair...

“Manoel...”

“Sim, padre Pablo?”

“Voltaste a ver esse homem no caminho para cá?”

“Não. Não. Mas eu estava tão nervoso que assim que ele foi embora vim logo a correr avisá-lo.”

“Está bem, Manoel. Podes ir. Fica com Deus e confia sempre Nele.”

Ainda o rapaz não saiu e já Pablo está ajoelhado a rezar novamente no mesmo lugar em que o encontrámos da primeira vez. A mesma entrega e destemor, os caminhos de Deus são intangíveis, mas pela fé que este homem emprega na oração é bem certo que Ele existe e que as linhas tortas com que tece o mundo e a história dos homens darão certo no final, sendo essa tortuosidade criada por nós, meios travessos para atingir um fim, mas uma diversidade perfeita, pois não seria Deus capaz de criar nada defeituoso, por muito que o pareça.

Os passos que se ouvem não são do rapaz que sai, não, são de alguém que entra, firmes e resolutos, nem depressa nem devagar, tudo é o que tem de ser e o padre não vai a lado nenhum. Algo toca no ombro de Pablo, mas não é uma mão, nem tão-pouco algo humano, um cano frio.

“Estava à tua espera.” anuncia o cura.

“Não me surpreende. Existem homens com percepções extra-sensoriais muito fortes. Espera mais alguma coisa?”

Pablo faz o sinal da cruz e levanta-se fitando os olhos negros do homem sem pejo ou assim parece. “O meu futuro a Deus pertence, assim como o teu e o de todos. O que é meu está guardado, não te preocupes, não me vieste dar nada que não fosse meu por direito.”

“Ou tirar.”

“Isso depende do ponto de vista de cada um.”

“Onde estão?”

“O Felipe não te disse onde estavam?”

“Infelizmente, não o encontrei com vida. Teve a impudência de não esperar que eu a tirasse por ele.”

“Deixa lá, perdem-se uns, ganham-se outros.”

“Vou perguntar uma segunda vez. Onde estão?”

“Buenos Aires, Nova Iorque, Paris, Madrid, Varsóvia, Genebra, há tantos locais por esse mundo fora.”

Ouve-se um baque surdo e o padre cai em cima dos bancos, arrojando alguns e fazendo tombar outros. O homem com sotaque de leste que víramos em Roma

aproxima-se de Pablo, que tem o lado direito da barriga molhado de sangue, nota-se pela mão vermelha do padre que ampara a ferida.

"Deus não está aqui para o salvar, caro *señor*. É melhor dizer onde estão."

"Deus já me salvou. Nunca os encontrarás."

O homem aninha-se sobre Pablo e começa a falar-lhe ao ouvido em voz baixa como um namorado a contar confidências.

"Sabe, padre, os ajudantes servem exactamente para isso, para nos ajudar nos afazeres e a encontrar coisas. Especialmente os mais nervosos e sem experiência. Nem imagina a quantidade de informação que eles arrecadam. Não os encontrei e sei que não me vai dizer onde estão, mas uma pista aqui e outra ali, uma carta, um bilhete, um correio electrónico, um retrato..."

Pablo está arroxeado, pelo tiro e pelas palavras. Os dados estão lançados ou as cartas do baralho distribuídas, mas delas não fará parte este padre que sai de jogo bem cedo, é pena, mas há sempre a esperança que o homem com a serpente tatuada no pulso saiba bastante menos do que diz, acaba-se com isto e cada um que siga à sua vida, dependendo do ponto de vista.

"Estou certo de que o Marius Ferris será mais cooperante. Dar-lhe-ei cumprimentos seus." Diz o homem, exibindo as costas de um retrato para o clérigo.

E dispara um segundo tiro, desta feita na cabeça. Em seguida, caminha calmamente até ao centro da nave, faz o sinal da cruz e sai por uma porta lateral.



CAPÍTULO SEIS

É sempre motivo de exultação voltar à terra natal nem que seja por dias ou horas, cheirar o odor marítimo do Báltico que inunda a cidade onde Deus quis que nascesse, como uma predição, uma mensagem nítida da missão que lhe fora confiada por um homem maior.

Caminha pelas ruas familiares de Gdansk, o pulmão económico da Polónia, o berço da *Solidariedade* para o mundo, a voz da luta pelos direitos dos trabalhadores e dos cidadãos. Já há muito sabia que uma obra de monta o esperava e assim foi, um telefonema a meio da noite, para a rua Chmielna, seis ano atráss, mas podia ser um telegrama, uma palavra ou onda telepática, a semente estava dentro do seu corpo e sentia-a. Agora, ao passar pelo pequeno apartamento onde passou a infância e início da idade adulta, recorda a mãe e o pai que faleceram na juventude e o deixaram sozinho, por vontade divina, para completar o círculo de perfeição que ele via tão admiravelmente. O telefonema não aconteceu por acaso, como nada acontece, mas estava preparado para ele. É a primeira vez em seis anos que retorna a Gdansk, que revê o rio Motlawa. O Mestre ordenara que esperasse pela próxima fase do plano ali e o Mestre sabe sempre o que faz. É um iluminado, um santo que protege na terra os interesses maiores da Trindade Divina. É quase meio-dia e percorre a rua Miesczańska em direcção à Chlebnicka, vira à direita e depois à esquerda para a Długie Pobrzeże, na Ducha vai almoçar ao Gdanska Restaurant. Nunca pisara aquele restaurante antes, mas era como se o conhecesse desde sempre. A sumptuosidade da decoração a fazer lembrar mais a sala de jantar de um salão real do que a de um restaurante.

“*Na zdrowie*.” cumprimenta o empregado de mesa, impecavelmente fardado.

“*Dzień dobry*.” responde ele educadamente. Há muito que não cumprimentava as pessoas na língua materna, como também não era

cumprimentado, sabe bem. Pede a especialidade da casa, para dois, e se têm vinho tinto.

"*Tak*." responde o empregado, sim em polaco.

E está feito o pedido do almoço. Veio tudo muito depressa e eficientemente, entenda-se por tal, bem servido. O criado afasta-se com um *smacznego* franco, algo que todos dizem quando pousam as travessas de comida. Fica a mesa ataviada com dois pratos, uma garrafa de água e vinho tinto.

"Como estás?" ouve-se uma voz dizer por trás do homem vestido de negro, sentado à mesa, mas sem ainda ter debicado ou sorvido o que quer que seja.

"Muito bem, senhor." levanta-se servilmente o homem. Quem o vira há pouco não diria que é o mesmo, a segurança que inspirava transformou-se num preito pelo sujeito que apareceu e se senta à sua frente, explicando o segundo prato pedido pelo primeiro. Veste um fato *Armani* acetinado, sobre o negro também, pois este tipo de gente tem sempre predilecção pelo negro, vá se lá saber porquê. Pela forma que o outro o olha, não há dúvidas, é o chefe.

"Fizeste um bom trabalho."

"Obrigado. É uma honra servir-vos."

Falam em italiano, um melhor do que outro, tratando-se esse outro do polaco, bem entendido.

"O Mestre saberá recompensar, como sempre, o teu empenho. Em breve, convocar-te-á para que te dirijas à presença dele."

"Fico muito grato pelo privilégio."

"Bem podes ficar. Essa honra não é dada a muitos. E ainda menos ficam vivos depois de o verem. Só os mais íntimos e que o servem condignamente como tu."

O polaco baixa a cabeça como que numa vénia de reconhecimento e tira um envelope do bolso do casaco, passando-o por cima da mesa. "Foi isto que encontrei em Buenos Aires. O retrato dual de que lhe falei. Graças a ele chegamos ao tal Marius Ferris que o Mestre mandou investigar."

O outro examina o retrato que tirou de dentro do envelope. "Curioso. O que estes tipos inventam." Profere sem tirar os olhos dele. "De facto o Mestre mandou-o investigar e já temos alguns dados." É a vez do chefe passar um envelope, sem encobrimentos, por cima da mesa. "Tens ordem para avançar. Tudo o que precisas está aí dentro." Aproveita para lhe passar o retrato

novamente. “Guarda-o contigo. O Grande Plano está em marcha. Cuidado com os olhos aleivosos. Anda muita gente em cima disso. Sem falhas e sem levantar suspeitas. Até à próxima.”

Sai sem mais uma palavra e sem sequer tocar no prato, e o que fica também não olha para trás. Pega no envelope e guarda-o no bolso interior do casaco negro. Atira-se à especialidade da casa e, depois de bem cheio e regado, paga e deixa uma gratificação gorda ao empregado. O dia pede comemoração e quem o serve bem será recompensado.

“*Dziękuje*” agradece o serviçal, contente pela nota verde americana que o homem bem vestido lhe depositou na pequena salva de prata em que levou a conta. “*Do jutra*” ainda disse ao calmeirão, que é o mesmo que dizer, até amanhã.

“*Na razie*” disse o outro e saiu para a rua.

Lá fora, junto ao Motlawa, abre o envelope e comprova o seu conteúdo. Um bilhete de identidade espanhol com a sua fotografia, um bilhete de avião com partida de Frankfurt e o destino conhecido, alguns papéis e a fotografia que trouxera de Buenos Aires.

“Então és tu a seguir” atesta numa entoação paternal, mas não para com a personagem da fotografia, entoação paternal para com o ofício que o espera e que será finalizado como todos os outros, exemplarmente. Decide dar um salto à Feira Dominicana para uma última lembrança da cidade que não voltará a ver. Tira o casaco, deixando divisar no braço esquerdo a tatuagem de uma serpente que lhe desce até ao pulso. Volta a guardar as coisas no envelope, mas não sem antes olhar uma última vez para o retrato que obtivera em Buenos Aires, naquela que fora a residência paroquial do padre Pablo, que há poucos dias adoptara uma outra, permanente, debaixo da terra. Tudo é o que tem de ser, no tempo certo, nem antes, nem depois, no retrato, o rosto de Bento XVI.



CAPÍTULO SETE

CONCLAVE

Fiquem tranquilos, fiquem tranquilos, porque não fiz absolutamente nada para chegar aqui.
Albino Luciani à família, quando foi eleito Papa

26 de Agosto de 1978

"*Annuncio vobis gaudium magnum. Habemus Papam*" proclamou o Cardeal Pericle Felici, da varanda da Basílica de São Pedro, no dia vinte e seis de Agosto de 1978. Mas para se chegar ao homem apurado pelo Espírito Santo e mais cento e onze cardeais, muita água correu, muitas reuniões disfarçadas de lanches, muita campanha eleitoral, na verdadeira significação da expressão, disfarçada de desafectação, como a tarde em que o Cardeal Pignedoli, rodeado de outros pares do colégio cardinalício, declarou não estar habilitado para assumir o cargo para o qual o incentivavam e que o melhor era votarem no Cardeal Gantin, um negro de Benin. A verdade é que muitos faziam o mesmo, mas o que queriam na realidade dizer era, *olhem que humilde que sou, votem em mim.*

Tudo isso passou ao lado de Albino Luciani que até mandou consertar o Lancia 2000, que andava com problemas de motor. Informou o padre Diego Lorenzi, seu assistente, que queria a viatura pronta o mais tardar no dia vinte e nove para partirem de manhã cedo para Veneza, onde era Cardeal.

Mas quis o Espírito Santo e mais os cento e onze cardeais que as coisas decorressem de outra maneira, de novo as tortuosas linhas de Deus a indiciarem a pouca influência dos homens e a colocaram o Cardeal Albino Luciani a rezar

ajoelhado na sela número sessenta, no final das votações da manhã. Não tinham sido concludentes, mas continham surpresas impensáveis como os trinta votos que recebera no segundo escrutínio e o faziam apelar ao Senhor que o dispensasse daquele fardo enorme. Não fora o que recebera mais votos, esse fora o Cardeal Siri, mas a diferença era de cinco votos, contudo, o terceiro, o despretensioso Cardeal Pignedoli apenas tivera quinze, seguido do Brasileiro Lorscheider com doze.

Não se encare isto como uma competição, mas um meio para chegar a um fim, o procedimento criado pelos homens para selectar o mais santo, o interlocutor de Cristo com os fiéis na terra. Por muito que pareça um acto político, trata-se de algo espiritual feito de forma política, desde Pedro, apóstolo de Cristo, sepultado algures debaixo deste país sacratíssimo. Os restantes dezanove votos foram dispersos, alguns para os italianos Bertoli e Felici, para o Polaco Karol Wojtyla, o argentino Pirónio, o paquistanês Cordeiro e o austríaco Franz Koenig.

A luta, se assim se pode dizer sem ferir susceptibilidades, entenda-se como o significado mais puro do termo, ocorreu entre Siri e Luciani, um com vontade de exercer, outro com vontade de fugir antes do término do Conclave, e que dissera, antes de entrar, aos assistentes, familiares e amigos, que se fosse escolhido, probabilidade muito remota para ele e todos – basta consultar os livros de apostas para ver que ninguém sabia da existência de um tal Cardeal Albino Luciani de Veneza – diria *"Peço desculpa, mas recuso"*. Aquele a quem Paulo VI, de visita à Rainha do Adriático ofertara uma estola e a colocara nos seus ombros, à frente de todos, coisa pouco usual em Sua Santidade, nessa, bem entendido, e que tinha interpretações mais profundas como o reconhecimento da lealdade do Cardeal veneziano, nomeadamente na sua defesa, mais por obrigação do que por aprazimento, à Encíclica *Humanae Vitae*, uma das mais infelizes da história. Coisas antigas que não interessam para aqui, ou interessam já que Paulo VI é um dos principais responsáveis por Albino Luciani se ter ajoelhado a rezar com medo de ser eleito pelos seus pares e pelo Espírito Santo. Uma coisa é falar quando essa mesma coisa é uma mera suposição, outra é quando se pode tornar em realidade, como era o caso, "Votem em Siri," pedia ele ao Criador, "Tenho tanto para fazer em Veneza."

Se não fosse por Paulo VI ele não estaria ali, foi quem o fez Cardeal, mas a pensar assim, se João XXIII não o tivesse nomeado Bispo também não estaria, como também se a mãe, Bortola, não tivesse dado à luz em Canale d'Agordo, no dia dezassete de Outubro de mil e novecentos e doze. Eram pensamentos que

mais vale afastar, tudo é o que tem de ser, o talento estava dentro dele, pois de outra forma o cura da aldeia, Filippo Carli, não o teria incitado a entrar no seminário de Feltre.

A primeira votação fora a prenunciação de que as coisas não seriam tão fáceis como esperaria. O despercebimento pelo qual estava habituado a passar saíra gorado de uma forma incompreensível, pois como explicar que tivesse vinte e três votos logo à partida, menos dois que Siri e mais cinco que Pignedoli? São os desígnios do além que interferem cá e lá. No final, juntaram os votos dos dois escrutínios e colocaram-nos no queimador. Paulo VI previra todo o Conclave, nada lhe passara ao lado em termos de segurança externa e interna, pois é o Papa anterior que dita as regras para a escolha do seu sucessor, tudo porque, pela primeira vez, proibira os cardeais com mais de oitenta anos de participar no Conclave e todo o cuidado era pouco, nenhum se podia infiltrar. Caso estranho pelo facto de estarmos a falar de homens espirituais, cristãos, crentes em Deus Pai Todo-Poderoso, mas, acima de tudo, homens, com as limitações corporais que isso acarreta. Contudo, não previra a possibilidade dos seus cardeais morrerem asfixiados, quase acontecia, pois ninguém se lembrou de limpar a chaminé, o resultado foi que pouco fumo negro saiu para o exterior da Capela Sistina, a maior parte inundou o interior e se não fossem alguns valentes que se expuseram à excomunhão abrindo as janelas seladas, o Conclave teria terminado mesmo ali.

Depois da suplicação, Luciani levantou-se e saiu da sela. Joseph Malula, Cardeal do Zaire, cumprimentou-o efusivamente assim que o viu e deu-lhe os parabéns, mas Luciani abanou a cabeça entristecido, enquanto se dirigiam para a capela para proceder à terceira votação.

“Estou a ser mortificado por uma grande tempestade” afirmou para o outro.

Sabemos que Deus ouve todas as preces à sua maneira, atende a tudo e a todos com o seu amor irrestrito que, como a expressão indica, se realça sempre, seja qual for a nossa forma de agir, acreditemos ou não Nele, e assim, ao fim da terceira votação, Luciani despegou do seu rival, entre aspas, embora não as tenha, nem precisa, sabemos bem a vontade que o outro tinha de vencer aquela corrida. Arrecadou sessenta e oito votos, contra quinze de Siri. Luciani estava a meros oito votos do Pontificado.

“Não, por favor, não...”

Alguns cardeais, sentados ao seu lado ouviram o desabafo do amigo. Willebrands tentou acalmá-lo.

“Coragem. O Senhor dá o fardo, mas também concede a força para o carregar.”

Felici aproximou-se do nervoso Luciani e entregou-lhe um envelope.

“Uma mensagem para o novo Papa” disse, uma frase curiosa para quem estivera sempre a votar em Siri.

O papel no seu interior tinha escrito as palavras *Via Crucis*, um símbolo do Caminho da Cruz. Todos estavam acalorados dentro do Conclave, o Espírito Santo havia descido, pelo menos assim pensava a maioria, era a vontade de Deus, seria naquele momento, sabiam-no com toda a certeza. Um Papa escolhido por todos e por Um, por Todos e por um, num todo que daria origem a um novo Pontificado, um novo Santo Padre, o novo líder dos católicos.

E assim foi, sendo Luciani contemplado com noventa e nove votos, o Cardeal Siri com onze e o Brasileiro Lorscheider com um, o de Luciani, em quem ele tinha votado sempre. Destino traçado, destino percorrido, aplausos fervorosos, pouco mais de um dia para escolher um entre cento e onze, só mesmo inspiração divina. Tudo resolvido às seis e cinco da tarde, bem a tempo da hora de jantar.

As portas da Capela Sistina abriram-se e entraram os mestres de cerimónia que seguiram o Cardeal Carmelengo Villot, secretário de estado do Vaticano do Papa anterior e guardador das chaves de São Pedro até ao final da eleição, ao lugar onde estava sentado Albino Luciani.

“Aceita a sua eleição canónica para Sumo Pontífice?” perguntou o cardeal francês.

Toda a capela se fixava em Luciani, paredes, tectos, pinturas, as figuras de Miguel Ângelo e o colégio cardinalício. Riberio e Willebrands encorajavam-no com o olhar e Villot voltou a formular a pergunta.

“Que Deus vos perdoe pelo que fizeram comigo” respondeu por fim. “Aceito.”

Tudo dentro do protocolo estabelecido há séculos, um cerimonial que iria prosseguir até ao final da sua vida, uma vida acabada de perder, para alguns, a luz de Cristo na terra, para outros, fosse como fosse, o Lancia 2000 iria permanecer estacionado por muito tempo e, tão cedo, Luciani não veria a sua dilecta Veneza.

“Por que nome deseja ser chamado?”

Luciani titubeou novamente e ao fim de alguns momentos pronunciou-o, sorrindo pela primeira vez, “João Paulo I.”

O nome escolhido por um novo Papa indicia o seu rumo. A mensagem que ele deixava com aquele nome era a de que nada voltaria a ser o mesmo. Muitos ficaram satisfeitos, começavam com uma inovação, nenhum outro Papa tivera dois nomes em quase dois mil anos de história. Luciani era de facto único, uma homenagem ao homem que o nomeara Bispo e ao que o fizera Cardeal, João e Paulo, um e outro, pessoas diferentes, unidos agora num só homem com intentos próprios.

"Muitos parabéns, Santo Padre." Era Karol Wojtila quem falava.

A grande barafunda imperava na Capela. Luciani fora levado para a sacristia, os cardeais queimavam os boletins de voto, juntamente com os compostos químicos que faziam embranquecer o fumo, mas, ao fim de algumas baforadas brancas começaram a sair negras, talvez da sujidade da chaminé e as pessoas na Praça de São Pedro pressupuseram que ainda não havia Papa. Os irmãos Gammarelli, alfaiates do Vaticano, andavam às turras à procura de uma batina branca que servisse. Por norma tinham sempre três prontas antes de cada Conclave, uma pequena, outra média e ainda uma grande, mas daquela vez haviam aprontado mais uma, maior ainda que a grande, tendo em conta a lista dos doze papáveis. Luciani era muito estreito de corpo e não fora contemplado nessa lista. Acabaram finalmente por se amanhar e lá conseguiram vesti-lo pela primeira vez como Santo Padre do povo católico.

Suenens chegou-se a ele e cumprimentou-o.

"Santo Padre, obrigado por ter aceite."

Luciani sorriu, "Talvez fosse melhor se eu tivesse declinado."

E porque não o fez? Porque se sentira desarmado pela rapidez do desenrolar dos acontecimentos, pela maioria expressiva, pela sua humildade verdadeira e também porque, no fundo, se sentia capaz de executar a árdua tarefa, de outra forma, não a teria aceite.

Os cardeais começaram a entoar o *Te Deum*, as pessoas lá fora dispersavam por pensarem que ainda não havia Papa. O próprio comandante da Guarda Suiça, obrigado a receber o novo Papa com uma saudação de lealdade de todos os homens, não tinha o séquito pronto para o acompanhar, a Rádio Vaticano dizia que o fumo era branco e negro, os irmãos Gammarelli discutiam na sacristia imputando culpas a uns e outros.

No meio de tudo isso, a enorme porta da varanda da Basílica de São Pedro abriu-se e a voz do Cardeal Felici troou pelos altifalantes.

"*Attenzione*."

As pessoas acorreram todas para a praça novamente e ficaram em silêncio.

“*Annuncio Vobis gaudium magnum! Habemus Papam!*”

Diego Lorenzi era secretário de Luciani havia dois anos, acompanhara-o a Roma desde Veneza e era um dos milhares que estavam na Praça de São Pedro à espera. O fumo que saía da chaminé desde as seis e vinte e cinco não era preto nem branco, era cinza e estava naquilo há praticamente uma hora. Ao seu lado, uma família de suecos olhava para a batina negra que trajava. A mais pequena das duas crianças loiras, arraigada pelo espírito religioso do momento, perguntou onde dava missas.

Lorenzi, sorridente, disse carinhosamente que estava em Roma apenas por alguns dias e que trabalhava em Veneza. Encontro de estranhos, normais no meio de tanta gente, tudo a aguardar pelo mesmo, a escolha de um líder por um grupo de homens tocados por Deus, tão simples, tão complexo e tão profundo, um espírito que salta para a praça, para Roma e para o mundo que assiste em suspenso pelos directos das televisões ou das rádios. Para Diego Lorenzi era toda uma experiência pungente que em breve terminaria. No dia seguinte, de manhã cedo, conduziria o Lancia em direcção a Veneza, seiscentos quilómetros de separação entre cidades e mundos. Nisto ouviu um “*Attenzione*” e viu o Cardeal Pericle Felici aparecer na sacada da Basílica de São Pedro.

“*Annuncio vobis gaudium magnum. Habemus Papam. Cardinalem Albinum Luciani*.”

Ao ouvir o nome, Lorenzi começou a carpir copiosamente, de alegria, bem certo, a menina sueca e os pais olhavam para ele, um padre tocado pela emoção do momento como eles.

“Sou o secretário do novo Papa.”

A multidão manifestou-se alegremente e ainda mais quando Felici anunciou que o nome escolhido era o de João Paulo I. Quase ninguém havia alguma vez ouvido falar em Luciani, tudo o que importava era que tinham um novo Papa, nada mais, até verem a figura de Albino Luciani a aparecer na sacada, vestido de branco, a sorrir. Um sorriso que penetrava no interior das pessoas, que despertava a alma para um estado letárgico de júbilo caloroso, uma efervescência de humanidade, benquerença e paz. Depois de Giovanni Battista Montini, o lúgubre Paulo VI, aparecia na varanda aquele homem, a sorrir como uma criança cheia de sonhos, depois de entoar a bênção *Urbi et Orbi*, o sol

voltou a resplender na noite.



CAPÍTULO OITO

Desconhecem-se as razões ou os precedentes que levam grande parte dos directores-gerais das inúmeras agências secretas estatais espalhadas por esse mundo fora a temerem e acatarem qualquer directriz traçada por este idoso de tez enrugada que firma o andar através do uso de uma bengala cumeada por uma cabeça de leão dourada.

Todas as especulações são aceitáveis, porém, podem não passar de ficção perto da verdade. E essa, embora não esteja ao dispor de ninguém, excepto do próprio, é suportada por um factor inabalável e inquestionável: a CIA apoia e cobre todas as suas decisões, chegando mesmo a emprestar efectivos e divisões inteiras para patrocinar a organização liderada por aquele frágil idoso de expressão dura. Claro que tudo isso funciona por arrasto. Se a grande e mais ou menos prestigiada Central Inteligence Agency faz continência a um homem destes, dispondo-se a ajudá-lo e a colocar os seus agentes à disposição dele, mais perguntas não são necessárias fazer sobre o sujeito.

A assisti-lo de perto tem sempre um homem impecavelmente vestido num fato negro *Armani* e cujo nome também se desconhece, gozando da mesma incógnita nominal do velho. Onde um estiver está com certeza o outro, salvo raras excepções em que o assistente tenha de ir pessoalmente encaminhar alguns assuntos ou eliminar outros, quando é imperativo que mais ninguém o faça por eles.

Quanto ao velho, é costume vê-lo deambular pelos extensos jardins da sua *villa* ou pela cidade, não se especifica que *villa* nem que cidade por motivos que se subentendem, é gente demasiado influente esta de quem se fala para que provoquemos a sua ira. Há muito que não sai do solo italiano e não visita outras fronteiras. Tempos houve em que permanecia mais tempo fora da pátria do que desejava, hoje em dia isso acabou-se pois pode dar-se a esse luxo. As novas

tecnologias também ajudam a que isso seja possível, embora não dispense mão-de-obra de confiança, nos locais em que tem interesses. Tanto melhor porque nada se assemelha aos ares da sua terra, da sua amada Itália em geral, da sua cidade e *villa* em particular, por muito que tenha já viajado por esse mundo fora.

Neste dia em concreto encontramos o velho sentado na esplanada exterior da sua *villa* com os olhos colocados no *Corriera della Sera* e no horizonte longínquo. Dali pode contemplar um mar de terra verde a perder de vista, que vai muito além das terras da sua propriedade, até desaparecer por trás de uma colina onde o sol mergulha, conferindo um tom alaranjado crepuscular que tenta combater, em vão, a penumbra que ganha terreno a cada segundo que passa.

Podia ter sido uma empregada zelosa, mas não, as luzes do jardim acenderam-se devido à presteza dos vários sensores fotoeléctricos espalhados pelo local e que fizeram todo o tipo de cálculos para os quais estão programados e chegaram à conclusão que a iluminação não era suficiente para quem quer que esteja ali. A princípio activam as lâmpadas lentamente, em harmonia com o pôr-do-sol, uma transição contínua e amistosa, o sol a esconder-se por trás da colina, ao fundo, e as lâmpadas a fortalecerem cada vez mais os seus filamentos até ao máximo. O mais absorto nem reparará que a noite se espraiou e tomou conta do céu, uma vez que a luz que ilumina o jornal permanece favorável à sua leitura. Mas o velho reparou. Não que não consiga ler o jornal, isso não está em causa, mas o mar de terra verde transformou-se numa profundeza escura, polvilhada de pirilampos pequenos, alguns móveis outros fixos. Nenhuma luz artificial tem poder para iluminar o mundo. Talvez só a da fé o faça, mas de uma forma espiritual. Sorri com este pensamento. Ultimamente a sua linha de raciocínio descamba muito para o lado da espiritualidade. Pode começar com algo bem material, contudo, mais volta menos volta, acaba por roçar o espiritual, vá-se lá entender porquê. É a idade a pedir clemência pelos pecados da vida. Mas ele não é homem de se vergar a pedir piedade, tão pouco é clemente para com os outros. A vida humana tem somente o valor da conveniência. Assim que essa acaba deixa de ter utilidade, não importando a raça, o credo ou a idade. E o mesmo toca a ele, apesar da sua longevidade. Quis Deus que vivesse tantos anos e enfrentasse tantos perigos, dúvidas e frustrações. Foi tudo obra Dele, todo o sofrimento que passou e ainda passa. A diferença é a indiferença com que agora olha para certas provocações que Ele nunca hesita em enviar-lhe. Seja num pequeno sinal, ou numa grande revelação, este velho que aqui se senta sozinho na companhia do jornal entende-os bem. Ao contrário do comum dos mortais ele

não teme a Deus. Muitas almas pereceram às mãos ou às ordens deste velhinho de bengala, que tenta fazer parecer que a dita está presente apenas por uma questão de imagem, quando a verdade é que já não consegue dar um passo sem ela. O tempo é implacável para todos e não deixa ninguém de fora.

O assistente não se encontra nas redondezas, o que permite especular sobre o seu paradeiro. Decerto a resolver assuntos do interesse do idoso algures dentro ou fora do país, quaisquer que sejam as localizações das matérias em questão, dos assuntos em cima da mesa. Apesar de denominarmos o homem em falta como assistente, ele é aquilo a que vulgarmente se chama de secretário pessoal. Todos os poderosos os têm, incluindo o Papa, e bem podemos dizer que este homem sentado na cadeira de ferro da esplanada da *villa* tem tanto poder ou mais do que o Papa.

Há alguns anos atrás poder-se-ia dar ao luxo de acender um charuto e deliciar-se com ele até à consumição total, lendo o jornal e lançando longas baforadas para o ar. Hoje contenta-se apenas com a leitura do diário, já que os pulmões não mais permitem veleidades tabagistas. Deus, aos poucos, vai-lhe tirando todos os prazeres terrenos. Uma tosse roufenha e súbita invade a calmia da noite quente e abafa o desejo tentador. Pode muito bem resistir a essas tentações da carne e da mente. Outras matérias o apoquentam e não é homem para se preocupar com miudezas, no entanto, um lema o acompanha desde sempre, tudo tem solução.

Perdido num turbilhão de pensamentos, não dá pela presença sorrateira da empregada interna que traz um telefone na mão.

“Senhor?”

Repete o chamamento à falta de resposta.

“Sim, Francesca. Diga.” parece saído de um sono acordado.

“Telefone para si.”

A serviçal retira-se assim que entrega o aparelho ao patrão deixando-o à vontade para decidir os seus cuidados, quaisquer que eles sejam, pois ela não ousa meter-se na vida dele.

“*Pronto.*” Anuncia o velho com voz forte, denominador comum do controlo, não há dúvidas quando se ouve o seu timbre duro, é ele quem manda.

Reconhece do outro lado a voz serena do assistente que transmite os dados relativos à missão. Ao contrário do patrão a voz dele é monotonamente monocórdica, relatando a ladainha com sintetismo e competência, valores herdados do velho que escuta, sabe como ele gosta de tudo bem explicado e com

sucinta celeridade, não há necessidade de usar dez palavras quando três bastam, como fazem certos escritores.

“Muito bem. Podes regressar. Monitorizaremos tudo daqui” mais alguns segundos de silêncio entrecortados pelos zunidos reproduzidos pelo auscultador. “Ele fará um bom trabalho. Não será difícil localizar o Marius Ferris, conquanto aja exactamente como ordenei, na retaguarda… Fico à tua espera.”

Um clique no botão e a chamada internacional é desligada, cortando a união virtual entre dois países distintos, uma linha invisível que permite a passagem das vozes e dos dados. Pousa o aparelho em cima da mesa para logo voltar a pegar nele. Agora também lhe dá estes repentes, esquecer, momentaneamente, o que é suposto fazer a seguir. Uma espécie de branca que passa pela cabeça, toldando o raciocínio lógico e frio a que está apegado. Por enquanto não se revelou prejudicial, manifestando-se apenas no cómodo lar, umas escassas vezes por mês. Mas sabe que é uma questão de tempo até que o manto branco se demore, se instale e se apodere. Quando? Não saberá dizer. Meses, anos, é uma incógnita. É a vingança da vida sobre nós. Guarda sempre o conhecimento para si, não o repartindo nunca com ninguém.

Efectua uma nova ligação que é rapidamente completada. Sabe quem é o interlocutor que atende, só ele está autorizado a fazê-lo.

“Geoffrey Barnes. Pode efectivar a neutralização do alvo. Aguardo confirmação.”

E desliga sem mais palavras. Agora sim, pousa o aparelho em cima da mesa e regressa ao jornal que o aguarda. “Sarah Monteiro, chegou a sua hora.”



CAPÍTULO NOVE

“Ninguém atende?” questiona-se Sarah enquanto o auscultador, acostado ao ouvido, não lhe oferece a paz de espírito de reproduzir a voz humana pretendida. “Estranho.”

Desliga a chamada e faz outra. Aguarda uns segundos. Uma voz feminina, humana mas automática, informa que o visado não está disponível naquele momento, no entanto, se assim o desejar, pode deixar mensagem.

“Pai... É a Sarah...” Leva a mão à cabeça. “Que estúpida. Se disse pai só posso ser a Sarah.” Volta a falar para o bocal. “Huh.... Liguei para casa, mas ninguém atendeu... huh... assim que puderes liga-me. Preciso de falar contigo urgentemente... huh... *okay*... até já então.”

Regressa ao teclado do computador. O *MSN* está ligado. O ícone que corresponde à palavra Pai aparece numa cor avermelhada seguido pelas palavras *Offline*. “Aqui também não estás. Gostava de saber onde andas.”

Pega num dos papéis amarelecidos que vinham no envelope de um tal Valdemar Firenzi, que encontrou no meio de toda a correspondência. São três e estão todos escritos em italiano. Dois deles são uma mera lista de nomes e apelidos digitados numa máquina de escrever, cada um deles precedido por um número e iniciais que não compreende. Duas colunas que enchem a totalidade da primeira folha e que recheiam metade da segunda. Alguns apontamentos margeiam as colunas numa caligrafia escorada e bonita. Certos nomes estão sublinhados com o mesmo traço firme que garatujou os comentários laterais, sem tremuras ou achaques de caneta, sendo que alguns desses destacados desembocam numa seta com um qualquer dizer em Italiano. Mas porquê em italiano? O seu impulso inicial foi deitar tudo ao lixo. O remetente não tem morada, pelo que a devolução está fora de questão. Vira o envelope para baixo de forma a colocar a boca deste em desequilíbrio. Uma pequena chave cai-lhe no

colo. Muito pequena. Talvez do aluquete de alguma mala. Da fechadura de uma porta não é com certeza. Mas, entrementes, algo lhe chamou a atenção. A princípio passa despercebido no meio de tantos nomes acabados em *ov* e *enkos* e nos outros de estirpe italiana, anglo-saxónica, hispânica, mas a verdade é que está ali, chapado, sem deixar margem para dúvidas, sem sublinhado ou qualquer apontamento lateral, mas um círculo a contorná-lo, tinta recente, como para chamar a atenção, como a dizer olha para aqui. Raul Brandão Monteiro. Escrito pela mesma máquina que digitou os outros, oficial do exército português, pai desta Sarah Monteiro, intrigada por ver aquele nome naquela lista, cento e doze ao todo, dizemos nós, porque ela não os contou.

"O que faz aqui o nome do meu pai?"

Analisa a folha subsequente. Uns gatafunhos, aparentemente escritos à pressa, assim o indica a letra estouvada, reconhecida rapidamente por Sarah que também a usa nas conferências de imprensa. A jornalista a identificar um colega de profissão? Talvez sim, talvez não. A verdade é que o nome Valdemar Firenzi não é totalmente estranho, porém não recorda se é jornalista ou fonte, nem nunca comunicou na língua italiana que não domina e cuja ascendência o nome sugere. Não. Isto é outra coisa qualquer. A primeira coisa a fazer é aguardar o telefonema do pai e a segunda é encontrar alguém que saiba ler e falar italiano.

18, 15 - 34, H, 2, 23, V, 11
Dio bisogno e IO fare lo. Suo augurio Ÿ mio comando
GCT (15) - 9, 30 – 31, 15, 16, 2, 21, 6 – 14, 11, 18, 18, 2, 20

"Preciso de encontrar alguém que perceba italiano. Raios partam."

Assusta-se com o toque do telefone e dá um salto na cadeira.

"Até que enfim." Desabafa aliviada. Só pode ser o pai a responder ao telefonema. "Pai?"

Mutismo do outro lado da linha. Mas não um daqueles silêncios sepulcrais. O som ambiente que lhe chega acusa o ruído da rua, da cidade, carros a passar, passos, vozes desconexas, conversas desunidas. Um telefone público ou um telemóvel.

"Pai?"

Nada. Talvez uma ligação enganada, alguém que digitou erradamente os

números, um telemóvel dentro de uma bolsa a quem os encontrões do quotidiano fizeram carregar aleatoriamente aquele endereço telefónico. Algum admirador? Nenhum ex em matérias de amor, e falamos de namorados, tem antecedentes perseguidores a beirar o maníaco. Não. O único capaz disso talvez seja o Greg, companheiro de redacção, mas numa base galhofeira, contudo, entre a correspondência que recebera encontrava-se um postal dele enviado do Congo. Nele explanava muito bem como fora, por si só, uma aventura o envio daquele postal com uma foto do Rio Lulua**.** Embrenhara-se na selva profunda, de máquina fotográfica em punho. Conseguiu encontrar numa aldeia uma camioneta que fazia a ligação semanal a Kananga, antiga Luluabourg. Foi a única forma de manter contacto com a amiga da civilização.

"Greg? És tu? Isto é alguma brincadeira?" Não resistiu a perquirir, pelo sim, pelo não.

Mas o ruído metropolitano que irradia do auscultador não confere com o tom congolês do postal, com a pacatez que, na sua imaginação, compactua mais apropriadamente com a inóspita localidade africana. Nada disso. É a mente fervilhante a cogitar coisas, tudo por causa de um envelope provindo de Itália, com um remetente desconhecido de alguém italiano e de uma lista que se pressupõe antiga e onde figura o nome do pai no meio de tantos outros. Não é razão suficiente para tanta paranóia, mas desde que o polícia do aeroporto lhe disse que havia um problema com o passaporte, ao qual se pode agregar o facto da mala ter sido aberta algures entre o aeroporto da Portela em Lisboa, e Heathrow – caso para resolver no dia seguinte, embora possamos afirmar que tempo não será algo que Sarah Monteiro vá ter de sobra nos próximos tempos – mais a carta, fez com que o alarme fantasioso de uma conjuração disparasse na sua mente. A carta é que a desinquieta, mais do que tudo o resto... A carta...

Seja como for, os segundos contam, a chamada ainda está no ar e nem um Olá ou outra coisa qualquer. Também não se ouve a respiração do interlocutor oposto, apenas o fragor de uma sirene da polícia. O típico lamento sonoro de emergência ou de "Saiam da frente" muito habitual em todos os países de primeiro e segundo mundo. Dos terceiros não reza a história, ou é preferível que assim seja, longe da vista, longe do coração. O som irrompe do auscultador do telefone e não da rua, pelo menos assim parece à primeira vista, ou ouvido, e confirma-se com uma segunda mais atenta. Um carro da polícia está a passar junto ao local de procedência da chamada. Um dado importante a quem isso importe. A chamada desliga-se abruptamente, nem um Adeus ou um Até à vista.

Apenas um clique súbito a apartar dois locais diferentes ou nem por isso. O lamento sonoro do carro da polícia continua a fazer-se ouvir, agora no mundo real, lá fora, na Belgrave Road. Os pirilampos azuis periódicos a invadirem as cortinas vermelhas fechadas e a encherem o piso inferior da casa de Sarah com tons psicadélicos arroxeados.

Curiosa coincidência a dos carros da polícia a passarem ao mesmo tempo nos dois locais, a origem e o destino da chamada. É de facto curioso... Ou será...?

Demasiada coincidência?

Apaga todas as luzes do piso, mergulhando o apartamento na penumbra profusa dos espíritos inquietos. Arrasta criteriosamente o sofá creme de três lugares que está na sala, para o arredar da janela e, finda essa tarefa, posiciona-se junto a esta. Respira fundo antes de abrir um folho da cortina, nada muito vincado, apenas uma pequena brecha que dê para ver sem ser vista. Na rua, o ambiente normal de Belgrave Road durante a noite. Dezenas de pessoas a passarem para cima e para baixo. Mapas nas mãos, malas, sacos, cada uma na sua vida e indiferentes à de Sarah Monteiro. O incessante circular do tráfego, apesar de não ser das ruas mais concorridas de Londres. Automóveis de todos os géneros e feitios, táxis londrinos, o 24 estacionado na paragem do outro lado da rua, na direcção de Pimlico/Grosvenor Road, a largar passageiros antigos e a deixar entrar renovados.

Nenhum ser ou movimento suspeito. Também não o saberia distinguir no meio de tanta azáfama humana, a não ser que fosse demasiado óbvio. Se alguém a estivesse a vigiar não estaria com certeza vestido de negro da cabeça aos pés como ela imaginava, um sobretudo a tapar-lhe as formas e a fazer de conta que lia um jornal encostado a um poste de luz. Segundo os filmes de espionagem importados do outro lado do Atlântico, qualquer pessoa podia ser um espião. Até o homem da limpeza que neste momento recolhe os sacos do lixo da rua. Ou a mulher que fala ao telemóvel no quarto do segundo andar do hotel *Hollyday Express* em frente à sua casa. Ou podiam não passar de cidadãos comuns entregues às suas vidas do quotidiano, um a recolher os sacos do lixo da rua e a outra a fazer uma chamada para algum familiar distante.

“Estás a delirar” diz para si mesma, aplacando instantaneamente a tensão a que estivera submetida nos últimos minutos. “Que estupidez. Iam mesmo estar a vigiar-te. És tão importante.”

No entanto, algo lhe desperta a atenção quando o 24 arranca a levar os passageiros aos seus afazeres. Um carro negro de vidros fumados. É sempre

suspeito. Assim são em todos os filmes, veículos escuros que não dão para ver os agentes ocultos no interior, pejados de aparelhos de última geração que esquadrinham todos os movimentos, pensamentos e vontades. Pode ser alguém que veio buscar um hóspede ao hotel. Será que está ali há muito tempo? Agora o lento homem da equipa de limpeza já não lhe parece tão inocente, assim como a mulher no segundo andar do hotel que nunca mais tira os olhos da rua, nem desliga a merda do telefone. Serão agentes secretos todos eles?

O carro...

O carro negro de vidros fumados... não lhe parece nada inocente, muito pelo contrário. E há qualquer coisa nele que a apoquenta. O que será?

"Já vi este carro" discorre para si própria em voz alta, "já vi este carro" repete. Sem dúvida que sim, Sarah Monteiro que agora vê desfiar diante de si os ficheiros cerebrais que guardam a imagem daquele veículo escuro altamente suspeito. Se fora um homem nem a marca e modelo o ajudariam a identificar o local e hora onde o vira pela primeira vez, mas a memória feminina de Sarah Monteiro, fotográfica e assincronamente organizada logo lhe mostra o quando e onde vira aquele carro estacionado do outro lado da rua, algumas horas antes, dentro do táxi londrino que a trazia do aeroporto de Heathrow. O carro que travou bruscamente à frente deles e assim permaneceu durante alguns instantes sem dar sinais de vida. Depois o condutor a abrir o vidro e a lançar o *"sorry, mate"* e a seguir à sua vida. Era aquele carro. Sem dúvida. O que significa que pode estar estacionado do outro lado da rua há mais de três horas. O que significa que também pode não significar nada e tudo não passar de um filme de espionagem que a carta despoletou dentro da sua cabeça. E essa segunda hipótese, no seu entender, é a mais acertada.

O toque do telemóvel assusta-a de tal maneira que num momento está junto à janela e no outro está sentada no sofá, quase sem saber como. O pulo de adrenalina fizera-a esbarrar nas costas do sofá e, por sorte, ao tropeçar caiu sentada no lado almofadado. Noutro dia, com outra sorte, podia ter batido com a cara no chão. É melhor não chamar a si esse tipo de pensamentos masoquistas. Assim sendo, mais não tem de fazer do que atender confortavelmente o telemóvel que, afortunadamente, permanece na sua mão.

"*Yes?*"

"Olá Sarah."

"Pai. Até que enfim. Onde estavas?"

Finalmente o progenitor responde à mensagem. O alívio de ouvir a voz serena e aturada do Capitão Raul Brandão Monteiro, seu pai antes de qualquer filiação militar ou profissional, actua nela como uma chamada de regresso à terra. Neste instante já tudo passou e se tornou irrisório. Tudo por uma carta com o nome do pai lá escrito. Levanta-se e dirige-se novamente à janela. Espiões, agentes secretos, a sua vida vigiada e em perigo, o homem da equipa de limpeza a recolher os sacos do lixo que já não se vê lá fora. A cortina fechada do segundo andar do *Hollyday Express* onde a hóspede falava ao telefone sem tirar os olhos da rua. Tudo passou. Apenas o carro é permanece. Mas nem ele a alvoroça mais. É o carro de alguém normal, o chamado civil, que teve a sorte de encontrar aquele lugar de estacionamento. O facto de ser escuro e ter os vidros fumados é uma opção pessoal do comprador, gostos não se discutem, e maus gostos também não. Tudo passou, a calma volta a tomar posse do seu lugar destacado na vida de Sarah.

“Fui levar a tua mãe...”

“Onde? Foste levar a mãe onde?”

“Sarah...”

Mau. A voz do pai não está tão serena quanto isso. Em abono da verdade, nunca o ouvira tão agitado. O súbito alívio que sentira há segundos volta a dar lugar ao peso da dúvida, ao nervosismo apoiado pela voz gutural, normalmente acolhedora e melodiosa, mas hoje não é um dia normal. O pai não está bem o que faz com que ela siga os passos dele nessa matéria de humores e receios.

“Recebi um envelope de um tal...”

“Eu sei. Não precisas de dizer nomes. Sarah, lembra-te, a partir de agora não dizes mais nomes, nem a tua localização. A ninguém, estás a perceber? A não ser que eu diga que é de confiança.”

“Pai, estás a assustar-me. Sabes da carta?”

Silêncio é a resposta primeira. Mas não é hora de mais omissões. Se há segredos, se há mentiras escondidas, agora é tempo de lhes dar vida, de lhes mostrar a luz novamente. E de as corrigir.

“Pai, não me escondas nada, por favor. O teu nome vem numa lista...”

“Raios, Sarah. Já te disse para não falares mais sobre isso. Eu sei o que recebeste...” a voz elevada contém o rancor de algo mantido na penumbra, fechado a sete chaves, bem no fundo do local para onde vão as coisas das quais

não queremos voltar a rememorar. É isso que reflecte o tom de Raul, o de alguém que perdeu o controlo de algo que, mal ou bem, estava domado. “Eu sei o que recebeste...” afiança de um modo esforçadamente mais calmo, “mas eles não sabem e estão com certeza a ouvir.”

“Eles quem, pai?” um pequeno indício de pânico assoma nas palavras dela, provocando uma tremura inconsciente, quase lacrimejante.

“Agora não é tempo de falar. É tempo de agir, filha. Lembras-te da casa da avó?

“O quê? O que interessa isso agora?”

“Lembras-te ou não?”

“Da casa? Claro que sim. Como posso esquecer?”

“Óptimo.”

Um vulto. O pequeno sintoma de pânico transformara-se num ataque sério. Sorte a de Sarah que tal não se exprima vocalmente na forma de grito, mas antes num arrepio frio que desvela os elos da espinha e os comprime de tal maneira que as costas se endireitam qual soldado em sentido numa qualquer formatura de quartel.

“Sarah” chama a voz do pai no outro lado da linha imaginária. Mas Sarah continua na sua letargia temerosa, recta como um fuso a olhar a janela e o vulto que nela acabou de passar sem se dar conta que alguém o espreitava. Alguém que rodeia a casa e se dirige para a porta.

“Sarah” a voz do pai a clamar a atenção urgente da filha. Ouve os passos do lado de fora da casa. Seguros, firmes, pesados, cadenciados, sem pressa, o tempo do lado deles. Parece hipnotizada pelo seu som a percorrerem o resto do espaço entre a janela e a porta. Um monstro, um gigante de homem, pois nenhuma mulher seria capaz daquele efeito tenebroso para os sentidos de Sarah. Um assassino profissional? Um torturador qualificado?

“Sarah” a voz do pai a puxá-la para terra.

“Estou a ouvir.”

“Lembras-te do medo que sentias por causa de dormirmos com os animais por baixo da casa?

“Sim. Lembro-me perfeitamente. Ela ficava danada por eu ter medo deles.”

“E com razão...”

Ding. Dong.

A campainha da porta.

“Estão a tocar à porta. Tenho de ir...”

“Nem penses em abrir essa porta” interrompe o pai de rompante. Uma ordem e não um pedido.

“Pai não sou mais um dos teus soldados.”

“Eu sei. Desculpa, Sarah. Tenho muito para te contar. Coisas que devia ter falado há muito tempo, mas... isso vai ter de esperar até que estejas a são e salvo.”

Ding. Dong.

“Não te posso dizer o que fazer. Apenas que, aconteça o que acontecer, não abras essa porta. Mantém os papéis sempre contigo. Lembras-te do que a avó te costumava dizer por não quereres sair pela porta dos animais?”

“Pela porta da casa, que por acaso também era a dos animais, queres tu dizer.”

“Recorda o que ela te costumava dizer. Volta-me a ligar mais tarde. Usa outros meios.”

A chamada desliga-se sem um adeus ou até já.

Três pancadas fortes na porta despertam-na para as palavras do pai. Para o que a avó dizia quando ela chorava por não querer passar pelas enormes vacas que barravam a entrada da porta comum. A mãe, inglesa de gema, nada habituada àquelas andanças, achava graça ao modo de vida dos habitantes de Escariz, na profundidade transmontana de Chaves. Casas de pedra, mal isoladas, escuras, sem electricidade, sem água canalizada, sem gás canalizado, sem gás de qualquer espécie já que disso se fala. As origens do pai às quais ele tanto gostava de regressar todos os anos. Talvez já não conseguisse passar mais do que uma semana naqueles costumes perdidos no tempo, mas em cinquenta e duas, uma tinha que ser em Escariz a visitar a família e os amigos de tempos idos. Lembra-se de como odiava passar por aqueles animais enormes com o rabo a zurzir o ar, rente aos seus cabelos, e com os enormes focinhos ruminantes que davam a sensação de terem sempre alguma coisa na boca. A avó tinha de os afastar para a menina passar. Às vezes era o pai, quando a avó estava ocupada a fazer pão ou bolas de carne ou fora no campo a cultivar ou a colher os legumes da época. Ou vindimar quando era tempo disso. O pai também os afastava com jeito. Não

demonstrava qualquer medo deles. A partir de uma certa idade a avó deixou de apartar os animais. “Afasta-os tu” dizia. “Já é hora de deixares de ter medo deles” completava. “Se não me fazem mal a mim, que sou velha, também não te vão fazer a ti.” E franzia o sobrolho para a menina como que a apontar o óbvio.

“Mas eu tenho medo que me pisem.”

“Olha, tu fazes como quiseres. Mas acredita que por muito medo que tenhas, elas têm muito mais de ti.”

E levantava-se do banco de madeira onde acabara de tirar leite puro para um balde de lata. Dirigia-se à porta e antes de a fechar fitava a menina. “Vou buscar erva para os animais. Se quiseres ir ter comigo é só fazeres como eu faço. Passas e andas. Fazes de conta que não está aí animal nenhum, cachopa.” E fechava a porta deixando Sarah entregue à imensidão animalesca. Seis vacas que aqueciam a casa durante todo o Inverno. No início Sarah ficava imóvel, sem coragem para enfrentar o espaço que a separava da porta comum. Nesses dias a avó voltava a abrir a porta como o anjo zelador do bem-estar da menina. “Ou podes sair pela janela lá de cima. Há sempre solução para tudo. Só não há para a morte.” E a menina corria, subia os degraus em pedra grosseira e saía pela janela de um dos quartos. Mais tarde, começou a arriscar e palmilhava o chão de terra entre o final das escadas e a porta comum, olhando para o lado oposto ao dos animais. Ignorando-os como dizia a avó. E acabou por conseguir fazê-lo mais vezes até se tornar num acto sem importância. Graças à avó que...

Há sempre solução para tudo. Foram essas as palavras da avó. E era isso que o pai lhe estava a tentar transmitir numa espécie de mensagem cifrada. Não podes sair pela porta, arranja saída.

Larga o telemóvel no sofá e pega nos papéis enviados pelo tal Valdemar Firenzi. Na bolsa, pousada ao lado do computador, retira a carteira e desta, os cartões de crédito, mulher prevenida vale por duas, e pousa tudo à sorte no chão. Avança para as escadas, olhando para trás, na direcção da porta. Quem quer que esteja do lado de fora mexe agora na maçaneta. O seu coração dispara. Descalça apressadamente os ténis que tinha posto depois do banho. Ainda bem que optara por vestir roupa fresca. Leve, mas prática, umas calças de fato de treino e uma camisola com capuz, muito melhor do que se tivesse optado pelo roupão. O desportivismo básico em detrimento do consolo prazenteiro do roupão. Com os ténis na mão sobe ao primeiro andar. A madeira dos degraus range e denuncia-a, mas o facto de serem meias e não solas a pisarem as escadas atapetadas fazem toda a diferença. Esforça-se também por controlar o peso que emprega em cada

perna, a cada passo, de modo a dar a ideia de um ranger natural de madeira velha, uma espécie de estalo que se ouve a toda a hora neste tipo de casas.

Assim que chega ao primeiro andar escuta as dobradiças da porta de baixo a darem de si. Um estrépito grave que incomoda os ouvidos, ainda mais no meio da escuridão da casa. Há muito que tinha o intuito de as mandar lubrificar, mas protelara sempre por uma ou por outra razão. Ficara-se pelas intenções, mas não pensa nisso Sarah Monteiro. O que a incomoda neste momento é a porta que se abriu e os passos intrusivos no interior da sua própria casa. Caminha em direcção ao quarto, sempre de ouvidos atentos, os sentidos da sobrevivência totalmente despertos, assim como o medo terrificante.

O intruso passeia-se pelo andar inferior, calmamente, não se incomoda a disfarçar a presença. O peso do calçado a estalar o soalho, muito devagar, Sarah imagina-o a passar o local a pente fino à cata de algo que nem mesmo ela sabe o quê. Uma sensação frustrante de impotência assenhoreia-se do seu corpo e lança-a num torpor de imagens desconexas do quarto onde acaba de entrar, o seu, mergulhado na escuridão. Uma cortina vermelha, igual às do piso inferior, filtra a luz externa arroxeando a divisão e emprestando-lhe um ar soturno arrepiante. Abre-a sem fazer barulho. O carro negro continua lá em baixo, no mesmo local onde o viu pela primeira vez. A impávida serenidade do veículo a destoar com o seu próprio estado de espírito. *Não, é necessário manter a lucidez. Não te deixes ir abaixo*, pensa para consigo. *Vá, coloca essa cabeça a funcionar. O que tens de fazer?*

Os passos em baixo continuam a fazer-se ouvir como um martelo a bater em madeira. Rudes, fortes, desregrados, como que a dizerem em voz alta “Estou aqui”.

O que fazer? Há sempre solução para tudo. Não podes sair por um lado, sai por outro, dizia a avó. Sai por outro... Sai por outro... Na casa da avó dava para sair pela janela do primeiro andar porque estava edificada na encosta do monte, literalmente. Mas adaptar as realidades àquela casa, àquela cidade inglesa, absolutamente plana, não é a mesma coisa. No entanto, há sempre que contar com a famosa circunspecção britânica. Tudo tem saídas de emergência, mesmo as casas. O perigo de incêndio em Londres é iminente, dadas as construções interiores em madeira e a idade dos edifícios. Para grande incêndio bastou o de 2 de Setembro de 1666. Até esta casa tem uma saída de emergência. Mas onde? Não existem portas neste andar. As janelas abrem muito pouco. A não ser... a da casa de banho. É isso. A janela da casa de banho abre totalmente. E ao lado,

fixada na parede, umas escadas de ferro para evacuação urgente.

A solução. Obrigada avó.

Uma solução, um plano, um intruso. Sarah Monteiro respira fundo, a casa de banho fica mesmo em frente. É só sair a porta, atravessar a largura do corredor e entrar. Segundos, meros segundos separam-na do exterior.

Um... dois... três...

Inicia a corrida para tropeçar e cair logo na carpete do corredor. O intruso, que ouviu os passos de Sarah, lança-se para as escadas. Esta ergue-se e apressa-se para a casa de banho. Pancadas fortes em cima dos degraus. Sarah, dentro da casa de banho, sobe para cima da banheira e tenta abrir a janela. A falta de uso emperrou o corrediço de tal maneira que nenhuma força a abrirá. Prova disso é o trejeito de esforço no rosto de Sarah que, não fosse a escuridão, mostraria o rubor esganado que lhe provoca o afogueamento da respiração. Os passos ultrapassaram as escadas e são audíveis no corredor. A pessoa em questão já não corre, caminha lentamente pelo corredor, espreitando para cada divisão por onde passa.

Sarah faz uma última tentativa para abrir a maldita janela... nada feito. Não é aquela a solução de hoje.

No corredor, um homem, envergando um sobretudo negro, enrosca o silenciador na *Beretta*.

Sarah esmaga-se contra a parede da casa de banho. Talvez ainda dê tempo de fazer alguma coisa. Se conseguisse partir o vidro todo de uma vez... Quantos segundos necessitará para parti-lo e sair? Cinco? Dez? Quantos segundos necessitará o assassino para percorrer os poucos metros que faltam assim que escute os estilhaços? Dois? Três? Talvez menos. Provavelmente morreria com um pé de fora da janela, se tivesse tempo para tanto. Provavelmente...

Mais um passo, outro... O ranger da madeira, o ranger dos dentes de Sarah, reflexos inconscientes do corpo alerta. O medo tolda-lhe os movimentos. Só consegue ouvir o soalho a dar de si a cada passo, a respiração muito calma do intruso bem dentro da sua cabeça. Está aclimatado àquilo com certeza. Um profissional. Para ele, Sarah não passa de mais uma vida descontinuada, consegue ainda pensar a jovem. Uma vida sem qualquer interesse ou relevância para quem aí vem tirá-la. Um corpo, em breve inerte, sem sonhos, sem projectos, sem nada. Um corpo não passa de um corpo. É então que a voz do pai e da avó substituem todos os outros pensamentos. Lembras-te do que dizia a avó? Há sempre solução para tudo. Só não há para a morte.

E de súbito, exacerbada por uma sensação de urgência, Sarah sai da banheira o

mais silenciosamente possível. As meias e o seu parco peso ajudam a esse efeito. Procura algo, os olhos há muito habituados à diminuta alumiação. O secador? Não. O spray? Também não. Toalhas, perfumes, cremes, toalheiro, piaçaba... não, não, não. Encosta-se na parede junto ao lavatório, impotente. Ao seu lado, mesmo à altura da cabeça, o extintor. Isso sim.

"Se julgas que não vais ter luta, estás muito enganado," balbucia em surdina com o extintor nas mãos, a sentir-lhe o peso.

Comprime-se contra a parede junto à abertura para o corredor. Segura o extintor com as duas mãos e mantém-se à escuta.

Três metros... uma passada... dois metros... uma passada... um metro...

Primeiro foi a nuvem de pó espumante com que Sarah pulverizou toda a entrada, aliando uma névoa densa à luz fraca. O intruso não deu sinais de vida durante alguns segundos, na tentativa de deixar pousar o produto libertado pelo extintor, mas logo Sarah voltou à carga esvaziando o conteúdo. A segunda utilidade seria o de arma de arremesso, mas o silêncio do desconhecido torna-se desesperante.

"Onde é que estás!" geme em voz baixa.

Mas o homem não estava para lhe fazer as vontades. Muito pelo contrário. A ideia era acabar com todas. E tudo terminou muito rapidamente. Viu a arma segura por um punho envolvido numa luva de couro atravessar a névoa. Assim que divisou o resto do corpo, agarrou o extintor com toda a força e impulsionou-o contra a cabeça do homem. Este esquivou-se aninhando-se e rebolando para a frente, rodando sobre si até acabar de frente para Sarah Monteiro de arma apontada. Nunca perdeu o equilíbrio. Movimentos precisos de quem conta com o imponderável. A sua massa corporal tapa quase toda a luz exterior que entra pela janela, não deixando que Sarah consiga ver o seu rosto. Apenas uma silhueta grande que lhe aponta uma arma. Uma peça letal que lhe dará uma morte rápida.

Dois disparos. Sarah dá um grito abafado e deixa-se cair ao longo da parede. É isto que se sente quando se leva dois tiros? Nada? Será que a morte foi tão rápida que passou instantaneamente para o sítio para onde se vai quando se morre? O estrondo do homem a cair pesadamente de barriga para baixo no soalho retira-a daqueles desvarios espirituais. A cabeça dele ficou mesmo em cima das suas pernas. Os olhos apáticos, vazios, esbugalhados na direcção dela numa qualquer manifestação derradeira de incompreensão do que sucedera.

A melhor palavra para caracterizar o que se passou nos últimos segundos a Sarah Monteiro é *milagre*. Não um daqueles reconhecidos pela Santa Madre

Igreja com todos os exames físicos, documentais, testemunhais e ficcionais, mas um providencial, personificado no engenho decisório de Sarah e combinado com a fortuna que o além lança sobre os humanos em certas ocasiões e que pode ser aproveitada ou não.

Nem Sarah compreendeu logo. Só instantes depois reparou em dois pequenos buracos no vidro da janela. A medo, coloca um dedo nas costas do homem e sente a humidade do sobretudo. Sangue. Alguém desempenhara o papel de seu anjo da guarda. Mas quem?

"Senhor Raul, tens muito que me explicar."

Agora é altura de fugir.



CAPÍTULO DEZ

Time Square. Um dos centros do mundo civilizado, a par com Trafalgar Square, os Champs Elisés, a Alexanderplatz, a praça de São Pedro e por aí fora. Na praça do tempo, onde o relógio digital marca as horas, minutos e segundos que faltam para o novo ano, o bulício nocturno é idêntico ao diurno. Nesta cidade de Nova Iorque e ainda mais nesta praça mítica do coração nova-iorquino, americano e também de alguns europeus, a publicidade luminosa enche os olhos dos viandantes turísticos, a luz ofuscante do apelo ao consumismo, estímulo primeiro do mundo capitalista. O volume de trânsito também é digno de nota, transportes públicos, automóveis, os táxis amarelos, camiões de carga, tudo a afluir entre a Broadway e a Sétima Avenida, onde estas se cruzam e se afastam para outros destinos no imenso emaranhado de ruas e avenidas, túneis e pontes de Manhattan.

Milhares de pessoas ocupam as ruas nesta parte da cidade, a que nos interessa, todo o quarteirão circundante a Time Square até à Rua 43ª. Não que o lugar importe mais do que o homem que nele anda, com passos muito seguros e resolutos, a gabardina aberta a esvoaçar para trás como uma capa ao vento, tal a velocidade que imprime ao seu andar. Donde vem não se dará aqui conta, já que a lista é extensa, muitos lugares por esse mundo fora, tudo para que se cumpra o objectivo, o Grande Plano traçado por uma mente mais brilhante do que a dele. Passa indiferente à indiferença das milhares de pessoas que com ele partilham o passeio largo. Na enorme bilheteira da TKTS enfiada na 47ª, mesmo entre a Broadway e a Sétima Avenida, o famoso cruzamento do mundo, coloca-se na fila e distende os ouvidos.

“Um para o *Chitty Chitty Bang Bang*, por favor. Para a sessão das sete” pede o idoso que está a ser atendido, duas pessoas à sua frente.

“*Chitty Chitty Bang Bang*” os lábios do homem da gabardina abrem-se num

sorriso. “Quão apropriado.”

Assim que chega a sua vez na fila, compra um bilhete para a mesma sessão da mesma peça, em cena no Hilton Theatre, na Rua 43ª.

Ciranda alguns minutos pelas lojas e toma um *cappuccino* no Charley Co's. Poder-se-á pensar que está apenas a fazer tempo para a peça, mas um olhar mais atento, algo impossível de pedir às pessoas que por ali andam, metidas nas suas vidas, revela que este homem não anda ao sabor da sua vontade. Segue os devaneios passeadores de um outro, o idoso que comprou apenas há minutos um bilhete no posto de venda da TKTS.

Continuam o caminho para sul, pela Sétima Avenida, o homem de gabardina sempre na esteira do outro, mais velho, a uma distância segura. Percebe do assunto, já que o movimento de trânsito e pessoas, ruídos e milhares de hipotéticos pontos de desconcentração não parecem afectar de forma alguma o labor do seguimento. De qualquer maneira, nem precisaria segui-lo, pois sabe perfeitamente qual o destino do idoso neste momento.

Um toque de telemóvel, auxiliado pelo efeito vibratório chama a atenção do homem. Alguém está a ligar-lhe.

“Sim” atende com uma voz firme e decidida, enquanto atravessa a passadeira do cruzamento da Sétima Avenida com a 42ª. A enormidade dos arranha-céus não o impressiona de maneira alguma, o que demonstra não ser aquela a primeira vez que visita a cidade. “Correu tudo bem?” um esgar de impaciência. “O quê? Limpem a porcaria que fizeram. Não deixem vestígios.”

Vira à direita na 43ª visivelmente irritado. “Se as coisas não correrem como planeado nem vale a pena dizer o que vos vai acontecer. Quero a mulher a fazer contas com São Pedro ainda hoje. Espero um telefonema vosso com essa notícia.”

Assim que desliga abruptamente o telemóvel, marca outro número controlando os passos do seu alvo. Apesar de idoso, bem entrado na casa dos setenta, caminha vigorosamente como um adolescente que vai a alguma festa onde sabe haver mulheres. Neste caso a mulher é personificada por um musical que está ávido por ver há algum tempo, embora, por razões pessoais, só hoje tal oportunidade se tenham propiciado. Não lhe passa pela cabeça que todos os seus movimentos estejam a ser seguidos a pouca distância por um homem de gabardina a falar ao telemóvel.

“*Hello.* Vamos ao teatro... Tudo calmo para já... Ainda não deu qualquer passo em falso...” aguarda uns instantes, inspira fundo e fecha os olhos. “Senhor, as

coisas não estão a correr bem em Londres... O alvo escapou e tivemos uma baixa... sim, eu sei... a baixa é o menos... já mandei limpar o local...” escuta atentamente as recomendações ordenadas pelo interlocutor, “não sei se eles vão conseguir dar conta do recado... talvez seja melhor o Mestre activar a Guarda...”

Pára no número 214, o Hilton Theatre, anteriormente o *Ford Center for the Performing Arts*. O teatro é recente, remodelado em 1997, mas a fachada faz lembrar os teatros de finais do século XIX, inícios do século XX. Talvez porque pertença mesmo a essa época. Na realidade, o Hilton Theatre, com entrada pela rua 42ª e também pela 43ª, era dois teatros até 1997, o Lyric e o Apollo. A remodelação juntou-os, transformando-o num dos maiores da Broadway. Contudo, quem estivesse à espera de um interior completamente adaptado aos tempos modernos sairia desiludido, pois o Hilton, apesar das exigências subtis de conforto com que foi beneficiado, mantém todo o peso da sua história de cem anos, nas peças aproveitadas dos dois teatros.

O homem, ainda com o telemóvel colado ao ouvido, entra no átrio e entrega o bilhete ao jovem que o rasga. Procedimentos rotineiros, habituais em todos os teatros do mundo. O jovem indica-lhe o seu lugar na plateia.

“Se desejar pode deixar a gabardina no bengaleiro, senhor.”

“Muito obrigado. Pode indicar-me a casa de banho?”

“Com certeza. Primeira à esquerda, senhor.”

O homem prossegue o caminho em direcção à casa de banho, pelo menos até sair da vista do jovem *rasga-bilhetes*.

“Confirme-me assim que a Guarda neutralize o alvo em Londres... eu sei que posso considerá-lo como neutralizado, mas... *Okay, senhor*... Quanto a este, mantenho as coisas como estão até que ele se revele. Muito bem. Adeus.”

Passa as casas de banho e sobe pelas escadas até ao primeiro balcão. A sala está praticamente esgotada, mas depois de uma vista de olhos atilada, descobre um lugar vazio na fila da frente do lado direito. Excelente lugar. Não que esteja interessado em assistir ao musical dirigido por Adrian Noble, baseado no livro do famigerado Ian Fleming, o sumo criador do célebre Bond, James Bond. Sorri só de pensar na ironia. Agentes secretos, actividades confidenciais como a dele, Ian Fleming, James Bond, sendo que *Chitty Chitty Bang Bang*, apesar do título balístico, nada tem de secreto ou confidencial. São duas horas e meia de puro entretenimento musical e humorístico, mas para este homem, como para os

actores da peça, é apenas um trabalho que se faz com satisfação.

As luzes da sala diminuem de intensidade até que se apagam. O instrumental providenciado pela orquestra instalada no fosso fronteiro ao palco entra em cena a preparar o público para o que aí vem. O homem tira um pequeno binóculo do bolso para melhor apreciar o que se passa no palco e na plateia. Um aparelho aparentemente e realmente anódino, mas equipado com um sistema de visão nocturna que percorre as filas escuras de cadeiras e cabeças a olharem atentamente em frente. Dois minutos bastam para que se fixe na pessoa que procura. O homem com alguma idade, sentado numa das cadeiras da ponta direita da ala central da sala.

Um sorriso invade a boca do homem que se recosta, confortavelmente, na cadeira do primeiro balcão. Aponta a mão como se fosse uma arma, indicador e polegar retesados, para o idoso lá em baixo.

“*Bang. Bang.”*



CAPÍTULO ONZE

A primeira coisa a fazer é sair de Belgrave Road, pensa Sarah Monteiro. E com isto na cabeça vira inconscientemente à esquerda para Charlwood Street. Com uma sensação de quem não está completamente sozinha, olha para todas as entradas e janelas, onde alguém aparente estar a controlar os seus movimentos, com uma expressão de impotência. O mundo é grande de mais para inspeccionar sozinha. E a verdade é que, seja por ela estar mais atenta, seja por qualquer outra razão menos axiomática, parece-lhe que as pessoas a fitam nos olhos como que a dizerem "Estás feita," ou "Eles estão atrás de ti" ou mesmo "Ela acaba de passar no número 19 de Charlwood Street."

"Pára com isso" obriga-se a dizer para si mesma. *Se alguém anda atrás de ti não vai mostrar que o está a fazer*. "Pára com isso" repete veementemente.

Mais ou menos a meio, vira novamente à esquerda e entra na Tachbrook Street. A ideia é encontrar um telefone público para ligar ao pai, mas prefere um local onde haja muita gente. E o único que lhe vem à ideia neste momento é Victoria Station. Por Belgrave Road seria mais directo, mas o bom de Londres é que todas as ruas vão dar ao mesmo sítio, conquanto as conheçamos, é claro. Assim, e para se certificar que não está a ser seguida, para além dos constantes olhares para trás, vira novamente à esquerda na Warwick Way e depois à direita para Wilton Road. Percorre-a até Neathouse Place, uma pequena viela onde vira à esquerda. Em Bridge Place, outra pequena rua, usa a entrada lateral que dá acesso a Victoria Station, mesmo em frente ao *Hollyday Inn* com o nome da estação.

Assim que alcança a gare central, sente-se logo mais aliviada. Apesar do grande relógio instalado no interior da fachada principal anunciar a meia-noite, o movimento é constante. Milhares de pessoas deambulam pela enorme gare cheia de lojas com todo o tipo de oferendas comerciais. Ao passar pelo *McDonald's* o

estômago lembra-a de que está há muitas horas sem comer. Não teve tempo de trazer a bolsa, afinal de contas invadiram-lhe a casa e tentaram matá-la, é natural que tal não lhe tivesse assomado à lembrança. No entanto, lembra-se agora, pegara nos cartões de crédito antes de subir as escadas. Mulher prevenida vale por duas. Pois bem, um *Double Cheeseburger* e uma *Coca-Cola* hão-de bastar para já.

Saciadas as carências físicas, procura uma cabine telefónica livre. Passa pelo meio das pessoas que se acotovelam a olhar para o enorme mostrador com os horários dos comboios. Avisos sonoros programados apelam para que os utentes nunca abandonem a bagagem sob pena dela ser destruída pelas autoridades. Passageiros saem dos comboios para seguirem outros destinos de autocarro, metro ou táxi.

Um dos pontos de venda de bilhetes limita-se apenas e só a viagens no lendário Expresso do Oriente, a julgar pelo painel publicitário que se pode ver em cima da entrada, de que esta estação é ponto de partida ou chegada, ou partida e chegada, conforme os casos. Agora com mais destinos do que o percurso original, Istambul, Constantinopla, Bucareste, Sinaia, Budapeste, Praga, Viena, Innsbruck, Veneza, Verona, Florença, Roma, a Gare de l'Est, em Paris e, finalmente, Victoria Station, em Londres. Todas elas, cidades históricas, cheias de segredos e mistérios, intrigas e conspirações, no entanto, a esta hora a bilheteira já está fechada e há segredos e mistérios mais prioritários para Sarah Monteiro.

“Sarah?” pergunta a voz masculina do pai, mal esta conclui a ligação internacional.

“Sim. Mas por pouco não estavas a receber um telefonema da morgue a dizer que a tua filha morreu com um tiro na cabeça” acusa ela abespinhada. “Que raio se passa? Entra um tipo na minha casa, aponta-me uma arma à cabeça, só não disparou porque alguém, que nem sequer sei quem, o matou antes disso...”

“Foi isso que aconteceu?” A voz do pai parecia ainda mais estranha do que da primeira vez que falara com ele.

“Foi. Quem é esta gente?”

“Filhota, não te posso dizer nada por telefone. Com certeza o meu está sob escuta e não posso dizer nada que me comprometa, nem a ti. Não sabes como me sinto por te ter metido nesta confusão.”

“Que merda. O que fazemos então? Não posso ir para casa, não posso dizer nada, não posso fazer nada. Puta que vos pariu.”

“Calma filha.”

“Não era para ti, pai. Era para quem quer que esteja a ouvir as conversas dos outros. Desculpa” respira fundo. “Cabrões. Diz-me só uma coisa: estamos a falar de quem? Do MI6? Da CIA? Do FBI? Do SIS? Da Mossad? Quem?”

“Só te posso dizer que esses são uns anjinhos à beira de quem se trata na realidade.”

“Estás a falar a sério?”

“Infelizmente, estou.”

“No que é que tu andas metido pai?”

“A seu tempo saberás, filha. Não são coisas em que esteja metido neste momento. São erros do passado dos quais me arrependo todos os dias, podes acreditar.”

“O que é que eu faço?”

“Antes de mais quero pedir-te para não me ligares mais, aconteça o que acontecer. Nem para casa. Ninguém vai lá estar. No entanto, não temas por mim nem pela tua mãe. Estaremos em segurança.”

“A mãe também está metida nisto?”

“Não. Era isso que te ia dizer agora. A tua mãe não sabia de nada. Aliás, tudo isto a apanhou desprevenida e foi difícil apelar à calma. Está tão zangada comigo como tu. Não posso tirar-vos a razão, mas peço que confiem em mim neste momento. É crucial para que tudo corra bem. Isto é responsabilidade minha e entenderei o que acharem por bem fazer, depois disto acabar.”

“Partindo do princípio que isto vai acabar bem para o meu lado.”

Alguns segundos de silêncio do outro lado da linha depois da anotação sarcástica.

“Isto tem de acabar bem para o teu lado. Disso dependem muitas vidas.”

“Folgo em sabê-lo. Fico muito mais aliviada.”

“Concentra-te no agora” o pai concede alguns instantes a Sarah para que esta se recomponha. “Estás a ouvir, Sarah?”

“Estou” replica ela de olhos fechados.

“Uma pessoa está à tua espera para te ajudar” continua o pai. “Podes confiar nele totalmente. Espera-te na Praça Rei Guilherme IV.”

“*Okay*. Como é que eu o reconheço?”

“Não te preocupes com isso. Ele reconhece-te. Outra coisa...”

“Como é que se chama a pessoa?”

“Rafael. O nome dele é Rafael. Outra coisa, nunca uses o teu nome em lado nenhum, nunca digas onde estás... ah, e paga tudo em dinheiro vivo.”

“O quê?”

“Paga tudo em dinheiro vivo.”

“Comprei comida há pouco com o cartão de crédito que, por acaso, estou a usar para te ligar” uma centelha de pânico inunda-lhe os olhos. Já não se sente segura. Olha a toda a volta.

“Desliga imediatamente e vai para onde te disse.”

“Não disseste que o teu telefone pode estar sob escuta? Como podes estar a mandar-me para um lugar...”

“Estou certo de que nunca na tua vida ouviste falar da Praça Rei Guilherme IV.”

E desliga.



CAPÍTULO DOZE

Jeronimo Staughton é analista em tempo real de dados confidenciais. Entenda-se a designação da profissão como alguém que recolhe informação privada sobre determinado assunto importante para uma missão e os fornece aos agentes no terreno. Mas a denominação completa é analista em tempo real o que significa que os dados ocorrem no momento da recolha, como exemplo, chamadas, movimentos bancários de qualquer ordem ou género, ou então, imagens em directo tiradas por um satélite ou vários. O grau de confidencialidade varia conforme a missão, mas enquadra-se sempre num de quatro níveis, sendo o quarto o mais alto e apenas acessível ao Presidente dos Estados Unidos da América. Sim, porque Jeronimo Staughton trabalha para a Central Intelligence Agency, comummente conhecida como CIA.

Vários outros elementos debruçam-se sobre aparelhos espalhados por toda a área. Ecrãs e uma parafernália de botões que mais fazem lembrar o cockpit de um avião. Com uns auscultadores com microfone agregado colocados na cabeça, Staughton preme alguns botões e observa o efeito causado com a mestria de quem sabe o que está a fazer.

Onde te meteste? Pensa para consigo, *Vá lá, só um sinal.*

“Então? Nada?” um grito masculino irrompe pela sala.

Qualquer novato saltaria de susto com estas entradas inesperadas do chefe da divisão londrina da CIA, situada nas instalações deste edifício do qual não se pode revelar a morada. Geoffrey Barnes com o seu vozeirão voraz que faz tremer as frias pedras graníticas, tem destes rompantes, um matulão de carne que, sabe-se lá como, consegue não fazer qualquer ruído ao andar. Inclina-se sobre Staughton para quem aquelas entradas são o pão-nosso de cada dia.

“Nada de nada.”

“É uma questão de tempo. Esperemos é que seja pouco.”

Seguimos Geoffrey Barnes até ao seu gabinete situado neste mesmo andar, uma divisória em alumínio e vidro transparente, símbolo da separação de poderes, a designação de quem manda e obedece, ainda que haja gente bem acima de Geoffrey Barnes, como o Director Geral da CIA, em Langley, nos Estados Unidos, e, já que disso se fala, o próprio Presidente dos Estados Unidos da América que, por norma, embora não seja essa a imagem que passa para o exterior, pouco sabe sobre a maioria destas operações. Desta então, nem sequer tem conhecimento, e, no que depender de Geoffrey Barnes, nunca terá.

Um dos telefones que se encontram em cima da secretária de mogno, totalmente descabida naquele cenatório futurista, toca com genica. Dos três telefones que figuram naquela secretária, só um, o de cor vermelha, é mais importante. Liga directamente à Sala Oval da Casa Branca ou ao Força Aérea Um, conforme a agenda do presidente. Onde quer que ele esteja há, com toda a certeza, um telefone vermelho para qualquer emergência que atente contra a segurança ou soberania nacionais, ou ambas. Seja como for, aquele que toca é o segundo mais importante e, por essa razão, Geoffrey Barnes hesita em atendê-lo.

"Merda." Fita o aparelho que não pára de tocar. "Já vai. O dono não está. Vou chamá-lo."

Uma das piores coisas que pode ocorrer a qualquer um dos serviços de inteligência espalhados por esse mundo fora é não ter informações. Para que servem senão para providenciá-las? O seu antecessor costumava dizer-lhe, *Quando o telefone toca é bom que tenhas tudo o que querem ouvir, caso contrário, é bom que tenhas uma imaginação fértil.*

Nesta situação concreta, a imaginação de nada serve. Não se pode inventar que se matou um alvo quando o facto não ocorreu. A morte não se inventa, ou é ou não é. Mesmo esta que está por pouco.

"Já vai." Grita para o telefone, a mão sobre o auscultador. Mais dois segundos e levanta-o."*Ciao*." O cumprimento italiano não é engano, é necessário, uma vez que o interlocutor só fala a língua de Dante e umas quantas outras mortas que não importam para Barnes.

Desenrola-se uma conversa de surdos em que Barnes tenta desculpar a falta de informação com elementos externos que causaram uma baixa na agência, mesmo quando o elemento em questão ia objectivar a missão. Tudo isso causou uma confusão momentânea que permitiu a fuga do alvo. O seu rosto fumega, a começar pelo ouvido onde encosta o auscultador estendendo-se ao resto.

"Temos movimento." Comunica Staughton à porta do gabinete.

Foda-se, mesmo a tempo. Pensa Barnes. “O que é?”

“Movimento de cartão de crédito em Victoria Station. No *MacDonald’s*.”

“Avisaste o pessoal?”

“Estão no terreno neste preciso momento.”

“*Okay*.” Seguidamente informa a pessoa do outro lado da linha do acontecido. Pouco tempo depois desliga. Está nervoso. “Staughton, manda os nossos permaneceram na retaguarda. *Eles* vão actuar com os deles.”

“O quê?” Staughton parece aparvoado. “Tem a certeza, senhor?”

O olhar fumegante de Barnes é resposta mais do que suficiente.

“É para já.”

“Ah, Staughton, aproveita e manda-me vir um hambúrguer.”



CAPÍTULO TREZE

O velho desliga o telefone, visivelmente irritado.

Raios partam os americanos. Malditos. Pensa para si mesmo, levantando-se do sofá com a ajuda da bengala e caminhando lentamente até ao pequeno móvel repleto de garrafas, copos e acessórios próprios para facultar a degustação do líquido divinal, seja vinho ou qualquer outro fluido espirituoso. Coloca duas pedras de gelo num copo com a mão e verte o líquido dourado em cima delas, afogando-as. Podia ter pedido a qualquer um dos empregados que lhe preparassem a bebida, mas prefere não ser incomodado. Esta não é uma noite qualquer. Poderia ser, mas a morte de um agente americano em plena conclusão de uma missão fácil, levanta um leque de questões de ordem logística e não só. A primeira é: quem mais tem conhecimento dos andamentos previa e secretamente planeados? E a segunda vem no seguimento da mesma linha de raciocínio: como pode estar tão em cima do acontecimento, a ponto de conseguir interceder a favor do alvo? Alguém não planeado entrou no jogo sem avisar. A partir daí um segundo leque de perguntas se interpõem, das quais enumeramos as mais importantes: quem tem interesse em interferir nos seus negócios ou objectivos? Como poderiam ter conhecimento do plano? Uma única resposta responde a estes dois quesitos: um infiltrado. Um infiltrado nas hordas da CIA que é, neste momento, a agência responsável pelo trabalho na velha Albion.

Não há dúvida, a melhor maneira de contornar essa situação é colocar a Guarda no activo. A Guarda é infalível e uma divisão pertencente à sua organização. Na presente condição não resta outra solução que não a chamada ao terreno desse grupo restrito e ordenar a Geoffrey Barnes que se mantenha atento na retaguarda, até que novas ordens sejam emitidas da sua v*illa*, o quartel-general da operação.

Este velho é um homem de acção e decisão, mas, de há algum tempo a esta parte, vê com bons olhos conferenciar com o seu assistente em momentos como

este. Sempre soube escolher bem os seus colaboradores, mas este foi um achado. Diligente, competente, obstinado e sempre pronto a servi-lo vinte e quatro horas por dia, todos os santos dias. Sem prole nem parentes colaterais de qualquer espécie, não que fizesse alguma diferença, encontrar alguém como o seu assistente deixa-o muito mais tranquilo em relação ao futuro. Alguém ficará para zelar pelos interesses da secular organização quando deixar este mundo. Alguém que partilha as mesmas ideias e planos no que toca à evolução do seu empreendimento nos anos vindouros. O seu sucessor natural. Uma hora separa-o daquela *villa*, enquanto o jacto que o transporta corta os ares. Ambos estão munidos com terminais de satélite para estarem sempre contactáveis, mesmo no ar, mas não há necessidade de consultá-lo neste caso. Para além de concordar com a sua decisão, era provável que o assistente percebesse um resquício de fraqueza ao ver o próprio velho a contactá-lo, como que em busca de conselho. Se estivessem os dois na *villa* seria diferente, encetaria uma pequena conversa com ele e saberia o que pensa da situação.

A idade é um fardo. Cogita. Durante tantos anos decidiu sozinho sobre matérias terrivelmente importantes, e agora vê-se perdido no meio de algo tão simples como eliminar uma mulher. Verdade seja dita que, em condições normais, a mulher já estaria morta. Mas um infiltrado é um problema muito grave. É por causa de gente como essa que se dão reviravoltas pavorosas na conjuntura internacional, fazendo-o perder tempo a mover as peças certas no momento mais oportuno. Porém, nunca nenhuma disputa política internacional lhe tirou o sono como aquela mulher. Uma hora é tempo mais do que suficiente para a Guarda resolver o problema. Quanto ao infiltrado, após a neutralização do alvo, logo tratará do assunto com Barnes. Até lá manterá o silêncio.

O copo já quase esvaziou o líquido dourado, pousa-o na mesa que ladeia o braço do sofá e pega no telefone. É hora de começar a mexer as peças.

“Jack, os ianques meteram água. Temos de ser nós a resolver a questão.” Volta a pegar no copo de whisky e leva-o à boca para humedecer os lábios. “Apanhem-na.”



CAPÍTULO CATORZE

Victoria Station é servida por três linhas de metro. A Circle e a District Line que andam juntas de Tower Hill – zona da famosa Torre de Londres e da Tower Bridge e que também alberga o coração financeiro de Londres – até Edgware Road ou vice-versa, separando-se depois para outros destinos mais longínquos, e a Victoria Line que percorre todo o traçado subterrâneo entre Brixton e Walthamstow Central. Para quem esteja interessado em fugir, a District e a Victoria poderão ser a opção mais acertada, uma vez que a Circle, como o próprio nome indica anda sempre em círculos acabando por regressar ao mesmo local de onde se partiu.

Contudo, para uma mente agitada como a de Sarah Monteiro estas conjecturas não se aplicam de forma tão lógica e racional. O melhor veículo de fuga é a composição que aparecer em primeiro lugar, nem que tenha como destino as portas do Inferno. Tudo é preferível a deixar-se apanhar por uma organização desconhecida, pior do que as piores organizações que conhece... partindo do princípio que está mesmo a ser perseguida.

Compra um *Day Travelcard* de Zona 1-6 nas máquinas automáticas. Uma aquisição premeditada, uma vez que teve de pagar novamente com o cartão de crédito.

No que toca a transportes públicos, a cidade de Londres está divida em seis zonas anelares. A zona 1 é a maior e abrange uma grande parte do centro histórico e turístico da cidade. Há medida que nos afastamos dele, vamos entrando nas zonas seguintes até à sexta. O *Day Travelcard* que Sarah comprou permite-lhe entrar e sair em qualquer uma das duzentas e setenta e quatro estações dos 408 quilómetros do mais antigo metro do mundo, durante todo o dia, pelo que requer um maior número de meios a quem quer que a esteja a seguir, e também muita sorte.

Mas mesmo assim, Sarah não está tranquila. Para todos os efeitos, eles saberão sempre o ponto de partida. E acabarão por saber o ponto de chegada quando ele ocorrer. O pai assustou-a ao caracterizar a organização que está no seu encalço. O facto de serem maus não quer dizer que sejam rápidos, pensa Sarah. Estaria o pai a exagerar? Quanto tempo levarão a identificá-la e a apanhá-la? Serão tantos que se possam espalhar por todas as estações? Pouco provável. A não ser que seja um organização governamental mais secreta do que as outras. Mas que espécie de papéis terá ela nas mãos?

Que o jogo comece.

Introduz o bilhete na ranhura. Assim que é expelido retira-o e a barreira abre-se para se voltar a fechar mal ela passa. Não há volta atrás. As felizes contempladas foram as linhas Circle e District, seja o que Deus quiser, se Ele tiver mão nisso. Desce as escadas até à plataforma escolhida aleatoriamente. A próxima composição dirige-se para Tower Hill e parará na estação dentro de dois minutos. Virá uma segunda destinada a Upminster daqui a 3 minutos. A District Line, uma das linhas mais antigas da cidade, aberta ao público ainda no século XIX, é das mais extensas da rede, embora esteja sempre em obras, pois o metro é uma criatura em permanente crescimento.

Nesta parte do percurso as linhas de ida e volta correm lado a lado, o que permite ver a plataforma do outro lado das linhas. Neste momento acaba de chegar, no sentido oposto, uma composição com destino a todas estações até Wimbledon. Os altifalantes começam a anunciar em uníssono «Please mind the gap between the train and the platform»

“Merda. Devia ter ido para aquele lado” murmura para si.

A plataforma onde Sarah se encontra não tem muita gente à espera. Apenas dois homens vestidos de fato e gravata com malas na mão e jornais debaixo do braço. Um grupo de jovens bem atestados de bebidas alcoólicas pelo coro de impropérios, e brincadeiras sem graça. Uma mulher gorda cheia de malas. Um velhote a ler o *The Times*. Duas jovens nas suas vidas, uma a ouvir música pelos auriculares, alheada da realidade que a rodeia, a outra a ler um qualquer romance de cordel sobre organizações secretas, enigmas, vidas em perigo, segredos escondidos e assassinatos de Papas.

O comboio que se detivera na plataforma em frente arranca a toda a velocidade soltando faíscas e deixando para trás um silêncio vazio de quem levou todas as formas de vida no seu interior. Do seu lado, Sarah ainda contempla as luzes vermelhas da composição que ruma a Wimbledon no meio do

negrume do túnel até que se fundem na escuridão.

Um minuto, diz-lhe o mostrador para onde olha novamente. Sessenta segundos para que o comboio redentor lhe abra as portas do... desconhecido. Um vento frio penetra-lhe nos ossos, vindo sabe-se lá donde e tornando ainda mais desconfortável a situação. Está cansada e tem sono, mas o estado alerta relega essas sensações para segundo plano, o que, para quem está habituada a dormir oito a nove horas por dia, numa rotina raramente incomodada por forças exteriores, mesmo informativas, significa uma factura bem alta a pagar posteriormente. Para não falar do humor, ou da falta dele, que os atentados à sua rotina provocam. Natalie, uma colega de redacção, experimentara várias vezes estas quebras de humor provocadas pela falta de descanso e, uma das vezes, fora mesmo sujeita a agressões físicas, apenas por ter levado o gravador de Sarah, para uma entrevistar. Contudo, neste caso concreto, não é sua intenção encontrar-se frente a frente com os responsáveis pelo seu estado de espírito. Eles que se deixem estar tranquilos dentro de uma qualquer carrinha, ou num qualquer espaço cheio de máquinas e aparelhos que emitem um alarme sempre que identificam qualquer passo em nome de Sarah Monteiro, como por exemplo, o pagamento de um *Double Cheeseburguer* e duma *Coca-Cola* no MacDonald's, uma chamada efectuada de uma cabine telefónica ou a compra com cartão de crédito de um *Day Travelcard*, tudo em Victoria Station.

Um zunido ecoa na sua mente despertando-a para a realidade. Vê umas luzes amarelas ao fundo do túnel, no mesmo lugar onde as luzes vermelhas do anterior se desvaneceram, que aumentam de intensidade a cada segundo e condizem com o ruído que ouve. O comboio vem aí. No mostrador já desapareceu o número um dos minutos. Apenas uma informação de segurança, *Stand back, train approaching*.

Já não é um zunido, é um troar de ferro contra ferro e pouco depois o comboio alcança a plataforma percorrendo-a até ao seu término, enquanto trava até se deter. As portas abrem deixando sair os passageiros. Sarah entra mal um homem com um turbante castanho desimpede a entrada e senta-se num dos vários bancos almofadados com um padrão em tons avermelhados absolutamente horrendo. A carruagem não tem muita gente, três pessoas espalhadas pelos vários lugares, um jovem todo esticado a dormitar, uma mulher árabe e outra negra cheia de sacos de compras.

À primeira vista são apenas dois executivos vestidos com fatos negros que acabam de pôr o pé na plataforma oposta, onde os comboios passam com destino

a Richmond ou Wimbledon como o de há um minuto atrás. Mas algo neles difere dos executivos londrinos normais, se é lícito falar em normalidade numa cidade como esta, onde nem andar nu deve ser visto como algo fora dos paradigmas da ordem. O alvoroço com que olham em todas as direcções à procura de algo. É isso que marca a diferença. Se tal não chegasse para fazer Sarah afundar-se no banco, o papel que têm na mão e que fitam constantemente como que para se certificarem se as pessoas à volta correspondem ou não ao retrato impresso, é argumento mais do que suficiente. A sorte é eles estarem do outro lado e não a terem visto.

"Fecha a merda das portas e arranca" sussurra num apelo telepático ao maquinista. *"Come on."*

Mas o comboio continua parado e não parece com ideias de iniciar a marcha tão depressa. A confusão de tráfego entre os que vêm e os que estão mais à frente, tudo numa combinação computorizada de sinais de permissão e proibição que tornam a circulação segura, mas por vezes originam alguns atrasos indesejáveis, como este. Uma vez ficou meia hora no meio de um túnel na Piccadilly Line em plena hora de ponta, no pico do Verão, numa carruagem completamente cheia, por causa de um incêndio numa estação mais à frente. Foi desesperante. Espera que não seja este o caso, embora um incêndio fosse muito mais bem-vindo do que aquelas circunstâncias.

Levanta a cabeça um pouco para espreitar os supostos agentes. Estão um pouco mais para o fundo, do mesmo lado. Um deles coloca a mão em concha e fala sozinho, o que indica contacto com alguém noutro local, uma central de apoio, ou outros confrades noutro sítio. Talvez um *All clear* ou *Nothing here*.

Uns bips intermitentes anunciam o fecho de portas. Poucos segundos depois o comboio acelera em direcção a Tower Hill. Sarah suspira de alívio e, assim que o comboio se enfia totalmente dentro do túnel, endireita-se no banco. Nunca pensou gostar tanto do som das rodas a cascarem nos carris naquele compasso ligeiro que faz lembrar ferro a bater em ferro.

O comboio começa a afrouxar até se imobilizar totalmente no meio do túnel. Será que a viram e mandaram parar a composição? Pode não passar de um mero sinal vermelho, embora a ela lhe soe mais como um sinal de alerta. Levanta-se e agarra-se a um dos varões olhando para trás e para diante. Através das janelas das portas nas extremidades da composição, Sarah tenta observar as pessoas nas outras carruagens. Na da frente consegue enxergar dois homens e uma mulher de leste numa conversa bastante animada pela forma como se riem. Um jovem

assiste a um filme num DVD portátil e duas adolescentes bem vestidas retocam a maquilhagem.

O comboio arranca novamente com um solavanco que a desequilibra, os reflexos rápidos fizeram com que fincasse com mais força a mão que segurava o varão. É então que o vê na carruagem de trás. Metido num fato negro igual ao dos outros dois que divisou em Victoria Station, de pé, mais ou menos a meio da carruagem dele, um papel a comparar o rosto real com um papel que tem na mão...

Bate certo. É Sarah Monteiro.

O homem coloca o dedo indicador em frente aos lábios como que a dizer-lhe para ficar calada e começa a andar para a carruagem dela. Sarah faz o mesmo mas no sentido contrário. Corre para a frente do comboio. Assim que alcança a extremidade abre a porta atabalhoadamente, em seguida abre a da carruagem seguinte, mesmo quando o perseguidor entra na carruagem onde ela estava.

Os restantes passageiros observam aquele abrir e fechar de portas, mas logo se desinteressam e retornam aos seus pensamentos e sonhos particulares.

O homem persiste no intento e corre até às portas sequentes. Abre-as... mas de Sarah nem sinal. Não pode estar longe. No máximo dos máximos só pode ter ido até à carruagem seguinte. No mínimo ainda está ali, escondida entre os bancos. O homem palmilha o terreno devagar, alheio aos russos que se riem às gargalhadas de qualquer coisa que algum deles disse. Mais alguns passos até às adolescentes que o olham e se riem entre si

O comboio abranda à entrada da estação de St. James Park. O homem pára concentrado em todos os denunciativos que desvendem a mulher que persegue. O comboio estaca completamente a todo o comprimento da plataforma e abre as portas. O movimento não é muito àquela hora da noite, pelo que é fácil perceber que Sarah não saiu da composição. Continua algures entre aquela carruagem e a que está à frente. Recomeça a caminhar nesse sentido mais depressa. Isto tem de acabar já.

É de rompante, um ímpeto de pura adrenalina movido pelo medo que faz duplicar ou triplicar as energias do corpo e impele os movimentos em direcção à segurança. Num momento, bem aninhada no soalho, encostada a um dos bancos em frente à porta, no outro, a saltar para a plataforma exterior e a correr a toda a velocidade para a primeira saída que lhe aparecer à frente.

Dois tiros silenciosos, delatados pelos buracos que trespassam o vidro e pelo estilhaçar dos azulejos mesmo por trás de Sarah, à medida que esta corre para a liberdade. Mas tão depressa o homem sacou da pistola como a voltou a guardar,

quase como um mágico a fazer desaparecer uma carta, um lenço, um papel... uma flor. O executivo sai velozmente para o exterior e vê Sarah a afastar-se da parte dianteira do comboio, correndo a todo comprimento da plataforma a três carruagens de distância. Não vale a pena cansar-se. Saca da arma e aponta com a perícia de um profissional. Um sorriso, que alvo tão fácil de acertar.

Alheado dos *bips* intermitentes que anunciam o fecho de portas, o homem prime o gatilho mesmo quando Sarah volta a saltar para o interior de uma das carruagens quase ficando entalada na porta. Mas não fica. O tiro perde-se no escuro do túnel. A primeira coisa a fazer é regressar rapidamente à composição, mas as portas já estão fechadas e o comboio iniciou a marcha. De arma em riste, aguarda que o vagão em que Sarah entrou passe por ele. Não o surpreende não conseguir avistá-la. Que queria? Que ela estivesse de pé a acenar-lhe? De qualquer maneira corre o mais possível junto à carruagem enquanto despeja o carregador da arma. Quem sabe alguma bala perdida não se aloja na cabeça dela ou num qualquer órgão vital. É visível o meio sorriso de desapontamento, ou não, que emana dos olhos do homem assim que o comboio entra no túnel e deixa St. James Park para trás. Segundos depois, coloca a mão em concha e murmura qualquer coisa para a central.

Ainda mal refeita do susto, Sarah sacode os fragmentos de vidro que caíram em cima de si. O vento frio que entra pelas janelas partidas fustiga-lhe os cabelos. As lágrimas escorrem-lhe pelo rosto. Mal consegue fitar os rostos dos restantes passageiros, um executivo verdadeiro, com mala no lugar da arma e um fato creme todo sujo por ter andado a saracotear no chão da carruagem, e a mulher gorda cheia de malas que vira na plataforma de Victoria Station, que tivera menos sorte e fora alvejada numa perna e se agarra a ela enquanto o sangue verte manchando tudo. O primeiro impulso é ajudar a senhora na sua dor, tentar estancar o sangue, o sentido do dever, mas depois refreia o ímpeto, há outras coisas a tratar, tem de actuar depressa. A senhora terá quem a assista mal chegue à próxima estação. O comboio abranda à entrada da plataforma da estação de Westminster até se imobilizar por completo. Assim que as portas se abrem, Sarah puxa o alarme da carruagem e sai a correr.



CAPÍTULO QUINZE

LÚCIA

11 de Julho, de 1977

Por trás destas portas verdes de madeira com atavios cinzelados na pedra da fachada que as acoita reinam segredos e devoções, mais as segundas do que os primeiros, ou não fosse um local de silêncio e amor a Deus com toda a carga espiritual que isso acarreta.

Desenhado por Frei Pedro da Encarnação, o Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, abriu as suas portas a 23 de Junho de 1744, quiçá estando tanto calor como neste mês de Julho de 1977, onde dois homens aguardam serenamente depois de o mais novo ter batido à porta.

A porta abre-se amostrando uma *Teresinha,* como o povo lhes chama, que os acolhe o mais efusivamente que a sua Ordem permite, manifestando conhecimento anterior desta visita que agora se efectua. O mesentério escuro esconde os cabelos sobre o hábito branco que completa a vestimenta, administrando, logo à partida, um ar benigno e maternal, próprio nestas santas mulheres que se entregaram de tenra idade às coisas de Deus.

“Senhor Patriarca, que felicidade vê-lo.”

“Muito obrigado. O prazer é todo meu, irmã. Este é o meu assistente, o padre Diego Lorenzi.”

“Como está? Façam favor de entrar. Venham, venham.”

Entram os dois, o Patriarca à frente e depois o jovem Lorenzi, e seguem a freira.

Irá celebrar missa na Igreja das Carmelitas, uma vez que a visita de um

homem da Igreja a um país estrangeiro não o impossibilita de continuar a exercer o ministério. Nesse momento, uma aprazida Madre Prioresa vem ao encontro deles.

“Senhor Patriarca, não imagina o quanto nos honra com a sua visita.” Cumprimenta a idosa senhora.

“O privilégio é todo meu, garanto-lhe.”

“Como sabe a irmã Lúcia faz parte da nossa comunidade carmelita. Ela gostaria de conversar consigo e pedir-lhe a bênção, no final da missa.”

“Com certeza. Será um prazer.”

E assim é que após o final da missa, encontramos o Patriarca e Diego Lorenzi guiados pela mesma irmã que lhes abriu a porta. Passam por uma enorme grade que vai do chão ao tecto, tal e qual as de uma prisão, com porta incluída e tudo, por onde as irmãs carmelitas recebem as visitas dos familiares ou outras. Contudo, o Patriarca de Veneza e o seu assistente, homens de Deus ao mais alto nível, credenciais do mais velho, evidentemente, não terão o seu encontro com grades a mediar a conversa. Não. Dom Albino Luciani falará com a irmã que o deseja ver sem essas intromissões de ferro que mal deixam ver os rostos dos interlocutores e que transmitem uma dimensão cavernal às prosas. Metem pelo claustro discreto do Carmelo, cujos arcos não protegem a investida do calor.

“Barroco, Dom Luciani.” Afirma Lorenzi em jeito de conversa.

“*Si*. Desenhado por um Padre Carmelita Descalço há mais de dois séculos.”

“É verdade” realça a irmã. “Apraz-me que Sua Eminência nos brinde com a sua erudição acerca do nosso modesto convento.”

“Ora essa, irmã. Nada de mais. Nada de mais.”

“Sua Eminência também é conhecido por cá pela sua extrema humildade” graceja a irmã com lisura.

“Não me faça corar irmã.”

“Longe de mim, Eminência. Mas confirma-se que este convento tem mais de duzentos e trinta anos. Infelizmente, para muitas de nós não funcionou continuamente até aos nossos dias.”

“A República.” Arremata Dom Luciani.

“Como?” Lorenzi sente-se um pouco perdido.

“O Senhor Patriarca refere-se à Instauração da República portuguesa em 1910. A 10 de Outubro entraram violentamente pelo convento adentro e expulsaram as irmãs que cá viviam” explica a irmã.

“Não me diga...” Lorenzi ouvira falar de violência em conventos aquando da ocorrência de algumas revoluções. Mas por causa da República é a primeira vez. “Republicanos?”

“Sim, mas já nos tempos da monarquia, quando as políticas liberas começaram a proliferar no país, se iniciava a abolição das Ordens Religiosas. E este Carmelo permaneceu aberto graças a uma licença especial emitida pela Rainha Dona Maria II que durou até 1910” completa Dom Luciani.

“Exactamente” confirma a irmã, maravilhada com o Patriarca. “As irmãs foram acolhidas por familiares e amigos e, mais tarde, começaram a ingressar em Carmelos espanhóis. Mas em 1933 Portugal já gozava de mais paz e, acima de tudo, de liberdade religiosa. Então, três das irmãs expulsas regressaram a Coimbra com o objectivo de restaurar a comunidade do Carmelo, primeiro numa casa alugada, com muitas dificuldades. Em 194, ouviu-se falar que os soldados iam abandonar o convento e as irmãs fizeram tudo o que estava ao seu alcance para o recuperar. E assim veio a acontecer em 1947. Apenas duas haviam sobrevivido do tempo da expulsão, entre as quais a Madre Prioresa, a quem foram entregues as chaves.”

“Uma história muito tocante irmã” afirma Dom Luciani.

“De facto. Mas com certeza Sua Eminência já a conhecia.”

“É verdade que sim, mas nunca a ouvira da boca de uma irmã do Carmelo de Coimbra. Muito obrigado por partilhá-la connosco.”

Prosseguem o caminho, já o claustro passado, no interior do convento, entre quatro paredes aonde o calor não consegue penetrar. Entram num aposento não muito grande, parcamente decorado, predicado das irmãs carmelitas, que não precisam de muito para viver, apenas o essencial para levarem uma vida condigna ao serviço do Senhor. Algumas cadeiras de idade avançada, mobília secular, madeira dos primórdios da comunidade naquelas paragens. Uma mesa simples de carvalho e uma estante com alguns livros, nada muito grande, mal enche a parede onde se encosta. Não esqueçamos, como já íamos fazê-lo, penitência, penitência, da cruz de madeira que domina uma das paredes e por consequência toda a sala. Apenas duas barras de madeira, cruzadas, a vertical

maior do que a horizontal, a cruz como o próprio nome indica, sem qualquer Cristo cravado, mas que se subentende.

“A irmã Lúcia virá dentro de momentos. Necessitam de alguma coisa? Um café, um refresco...”

“Para mim pode ser um café” pede Dom Luciani.

“Dois” completa Lorenzi.

“Estejam à vontade.”

Cordialidades sinceras de pessoas da Igreja Católica Romana, adepta de um bilião de pessoas, números redondos, mais ou menos estimados por alguém, o que deixa grande margem da população para as restantes religiões e também lugar para os não crentes que o não são poucos.

“A irmã Lúcia. Toda a minha vida ouvi falar dela” profere Lorenzi num tom meditabundo.

“Também eu, Lorenzi, também eu. É uma das personalidades históricas mais importantes para a Igreja, neste século. Previu reviravoltas importantes. E ainda guarda mais um segredo.”

“O Terceiro Segredo.”

“Sim. O Terceiro Segredo.”

“Será o mais importante?”

“Os outros também foram importantes. Este não ficará atrás.”

Curiosidade de padre novo aguçada por um espírito fantasioso, normal na abordagem a este tema. Afinal, quem não gostaria de ouvir revelado este Terceiro Segredo, ao qual já profetizam catástrofes e cataclismos, entre as quais o Apocalipse, o fim literal do planeta, a extinção da espécie humana e acaso das outras ibidem.

“Está neste convento há 30 anos.”

“Uma vida dedicada a Cristo.”

“Como nós. Como muitos.”

“Claro, Dom Luciani.”

“Lembra-te, não importa o pouco que recebes ou o mal que te fazem, somente interessa o bem que fazes, sem olhar a quem.”

“Sábias palavras, Sua Eminência.” Ouve-se uma voz feminina dizer. A velha Lúcia que ninguém deu pela entrada. Um hábito igual ao da irmã que os recebeu, a caminhar silenciosamente, na impassibilidade dos anos que por ela passam sem que disso se dê conta.

“Minha querida, irmã. Como está?”

“Na graça de Deus, Eminência.”

Ambos se dirigem um ao outro. Lúcia ajoelha-se para beijar a mão de Dom Albino.

“Deixe-se estar, irmã. Deixe-se estar. Se alguém aqui se deve ajoelhar somos nós.”

Tudo isto falado em português, a língua mãe da irmã vidente, embora o pudessem ter feito em italiano, inglês, francês ou espanhol, sabemos bem da fluida aptidão para línguas destas pessoas da Igreja, um exemplo a seguir pelos demais cristãos, ou não fosse a comunicação parte integrante das nossas vidas.

A irmã Lúcia revela uma genica abundante para a idade, mas cada um é como cada qual, e o que a ela lhe sobra em saúde, tiveram os seus amigos de infância a menos, ainda que tivessem todos sido informados de quando abandonariam o alvéolo corporal por Nossa Senhora. Francisco e Jacinta ainda infantes, vítimas de doença epidémica, a influenza, que muitos outros matou no ano do Senhor de 1919 e 1920. Lúcia perduraria, como é facto comprovado neste encontro, nesta manhã quente de Julho, com Albino Luciani, Patriarca de Veneza.

Relembremos a importância de Lúcia de Jesus no panorama cristão para que se entenda o porquê de um Patriarca de Veneza se dignar a visitá-la ou aquiescer ao seu pedido de audiência, e, como ele, muitos outros. Alguns que até se vieram a tornar Papas, e até Paulo VI a convidou a ir a Fátima para privar com ela por alturas da sua visita ao território português.

Os três pastorinhos, como posteriormente ficaram conhecidos, tinham por hábito levar os animais para um local chamado Cova da Iria onde hoje impera a Basílica de Fátima e a Capelinha das Aparições. O que é facto testificado pelas sumidades da época e por esta Lúcia aqui presente é que, no dia 13 de Maio de 1917, os três jovens viram Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo. Dos três pastores, apenas Lúcia falou com a Senhora. Jacinta também conseguia vê-la e ouvi-la, só Francisco a via sem conseguir ouvir o que era dito. Pediu-lhes que voltassem ao local no dia treze dos meses seguintes e que rezassem muito. E os miúdos assim o fizeram, à excepção de Agosto em que a aparição ocorreu noutro local e data, no dia dezanove, porque os pastorinhos se encontravam impedidos

corporalmente, por motivos de terem sido encarcerados pelo céptico Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém. Em Setembro, a Senhora promete um milagre que prove a todos, inclusive à Igreja ainda incrédula, o aparecimento aos três pastorinhos. A 13 de Outubro, data da última aparição, a entidade em questão apresenta-se como Senhora do Rosário e pede que ergam naquele lugar uma capela em sua honra, o que veio a acontecer. Afirma também que a guerra a decorrer, a Primeira Grande Guerra Mundial, acabaria em breve. E, conforme prometido, o milagre ocorreu, o Sol começou a rodar sobre si, de forma bem visível, parecendo precipitar-se sobre a terra, livrando de todas as dúvidas os descrentes que se achavam em números de cerca de setenta mil pessoas, o *Milagre do Sol*, irrefutável, inegável. E, meses depois, a guerra acabou efectivamente.

À medida que Fátima se abria para o mundo, tornando-se num fenómeno de culto internacional, Lúcia de Jesus precatava-se, como que a renegar a vida nova com que transformara a sua terra natal. Após ter ingressado no Colégio das Irmãs Doroteias, em 1921, no Porto, rumou a Espanha onde permaneceu alguns anos. Em 1946 entrou na Ordem das Carmelitas onde acabou por professar naquele mesmo convento de Santa Teresa em 1949. Durante todo esse trajecto voltou a falar com Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo.

Regressando à conversa que tem lugar nesta sala do Carmelo de Santa Teresa, que era para demorar apenas alguns minutos, mas já dura há cerca de duas horas. Albino está encantado com a vidente, assim como Lorenzi. Nem uma vez mencionaram as aparições, tão-pouco o Terceiro Segredo, mas a prosa tem fluído prazeirosamente acerca dos mais variados assuntos. Religiosos, políticos, nacionais e internacionais, se assim se pode dizer, pois a religião não é cativa de nenhum país, gera cidadãos para o mundo. Mas o que mais apoquenta a vidente é a falta de fé que as novas gerações parecem perfilhar e as antigas não contrariam.

Tomaram café, beberam água, até chá apareceu durante a conversa bem disposta em que se falou de tudo e de nada. Aprecia-se agora uma pausa, também ela serena e nada constrangedora, que faz lembrar aquelas amizades antigas onde os silêncios têm lugar e não há precisão de estar sempre a tagarelar para que o fogo amigo se mantenha, como se à mínima paragem prosaica tudo se extinga, irreversivelmente.

É o momento de digerir o que se falou, alimentar ideias, opiniões, recordar passagens, assimilar, aprender, respeitar, raciocinar, pois a catadupa de palavras que nos sai pela boca e nos entra nos ouvidos não permite essa acepção em

tempo útil. A melhor forma de darmos valor ao que dizemos e ao que nos é dito são estes silêncios, a altura em que tudo pára e pousa, lentamente, solidamente, no consciente e perdura.

É então que a voz se faz ouvir, dura, grossa, sobrenatural. *"E quanto a si, Senhor Patriarca, a coroa de Cristo e os dias de Cristo."*

O padre Lorenzi fita Lúcia pasmado, imbecilizado, estupidificado, pois aquelas palavras saíram da boca dela, tão certo como ele estar aqui em carne e osso, nesta sala.

Dom Luciani encaixa a mensagem de maneira mais serena, calma, o que não deixa de ser interessante se se tiver em conta que é ele o alvo das palavras.

"Dom Luciani..." Chama Lorenzi, mas o Patriarca ergue a mão como que a pedir silêncio. Nenhuma palavra mais para não interferir com o transe da vidente. Uma premonição, um aviso, um mero conjunto de palavras dito por alguém mais sensível às energias do cosmos? Uma certeza. Esta é Lúcia e o além fala através dela.

Quem a veja pensará que adormeceu e se entregou ao sono dos justos, sentada na cadeira com uma mão apoiada na mesa, mas eles sabem mais do que isso. Lorenzi na sua inexperiência nunca presenciara ninguém em transe, mas Dom Luciani não mostra qualquer agitação. Continua com a mão levantada a pedir silêncio.

"Um segredo não revelado. Que lhe diz respeito, mas será usado para outras conveniências." Continua a voz estranha a emanar da boca de Lúcia, num timbre completamente diferente, quase diabólico. "Deus perdoará e o senhor também."

Lorenzi permanece boquiaberto perante a cena. *Por Deus*.

Quase instantaneamente Lúcia abre os olhos, com a mesma expressão doce com que aparecera na sala. "Deseja mais chá, Eminência?"

"Aceito, irmã." Diz Dom Luciani fitando-a nos olhos sem o mínimo indício de abalo ou temor pelo que acabou de ouvir. "Aceito com todo o gosto."

*

Já cá fora, a caminho do carro que os transportará de regresso a Fátima, Lorenzi não contém a curiosidade. "Dom Luciani, que lhe pareceu tudo aquilo?"

Luciani coloca uma mão no ombro de Lorenzi e olha-o com a serenidade a

que o habituou desde que Lorenzi é seu assistente, há quase um ano. “Ora, Diego. Parece-me que Lúcia é uma senhora encantadora, não achas?”

E nunca mais falaram no assunto.



CAPÍTULO DEZESSEIS

O ar puro de Londres é diferente do da Amazónia, mas ainda que mal empregue, é a expressão correcta para definir a sensação de arejo que Sarah experimenta mal põe o pé em Bridge Street. A torre com o relógio mais famoso do mundo à sua frente, o Big Ben, anuncia-lhe a meia-noite e meia. Vira à esquerda para Westminster Bridge e corre. Há mais pessoas sobre o tabuleiro da ponte, àquela hora, mas não muitas. Sente-se mais calma, o mais difícil era sair da estação o que aconteceu sem problemas, mas Londres é a cidade no mundo com mais câmaras de televisão por metro quadrado, pelo que, pelo sim, pelo não, cobriu a cabeça com o capuz da camisola desportiva. Nunca se sabe que meios pode esta gente ter ao dispor. Resiste à tentação de mandar parar um táxi, ainda não é hora. Primeiro tem de fazer uma última tarefa. Ganha a metade do tabuleiro com a enorme roda gigante do London Eye em pano de fundo. Assusta-se com a sirene de um carro da polícia que passa a grande velocidade no sentido de Westminster Bridge Road. Olha para trás e vê uma quantidade enorme de sirenes e carros da polícia à entrada da estação de onde acabara de sair.

“Em último caso atiro-me ao Tamisa.” Diz para si, plenamente convencida disso. Antes as águas turvas do rio do que ser apanhada. Ainda que não veja o porquê do envolvimento da polícia. Não. Deve ser por causa da carruagem toda esburacada pelas balas e pelo tiro que a senhora sofreu. Claro, é isso. Ou será que a organização tem tanto poder que também coordena a polícia? Não. Disparate. Vá, concentra-te no que tens de fazer. Finda a ponte avança mais alguns metros na Westminster Bridge Road até virar à esquerda na Belvedere Road. Mais um carro da polícia que passa a toda a velocidade na rua que deixa para trás.

A ideia é parar na primeira cabine telefónica que encontrar. Enquanto esta não aparecer o plano é caminhar, caminhar, caminhar, caminhar... até que encontra uma numa zona comercial perto de Waterloo Bridge.

Pega no auscultador, mas desta vez não vai usar o cartão de crédito.

“Boa noite. Quero fazer uma chamada a pagar pelo destinatário... o meu nome? Ah... Greg Saunders...” o nome é pronunciado mais em jeito de pergunta do que afirmação. Do género, será que cola? Mas a operadora nem quer saber da voz feminina com nome de homem e pede-lhe que aguarde um momento.

Instantes depois a chamada completa-se e uma voz cumprimenta do outro lado da linha.

“Greg?”

“Natalie, não é o Greg. Sou eu, a Sarah. Desculpa ter mentido, mas não tive escolha.”

“Sarah?” a voz evidencia aflição.

“Sim, sou eu. Preciso que me faças um enorme favor.”

“Sarah? Porque é que me estás a ligar?”

“Preciso que me faças um favor.”

“Deves estar louca. Depois de tudo o que fizeste? Nem pensar.”

“Natalie, eu sei que não somos as melhores amigas, mas sempre nos safamos uma à outra.”

“Isto não tem nada a ver com amizade Sarah. O que tu fizeste é impensável.”

“Mas...”

“Vais de férias a Portugal e desatas a matar gente a torto e a direito? Sarah, já nem sei quem és. Não me voltes a ligar.”

Sarah está assombrada. Foi de férias a Portugal e quando chega o mundo cai-lhe em cima de forma literalmente incompreensível.

“Natalie não desligues ainda. Só tu me podes ajudar. Por favor, não desligues. Que queres dizer com isso de matar gente? Por favor, explica-me, a sério, preciso que me contes tudo.”

“Estás a fazer-te de parva?”

“Natalie, por favor.” Talvez as lágrimas que lhe escorrem pelo rosto tenham, de algum modo, passado pelo bocal, mas o certo é que algo faz com que Natalie mude o tom agreste com que a tratara desde o início da conversa.

“Muito bem, estás em todos os noticiários do país, minha querida.” Começa

com uma ponta de desapreço. “Primeiro mataste um velho num museu em Madrid, depois um padre na Argentina, e hoje deste cabo de um agente dos serviços secretos americanos. Ah, e mais interessante, na tua própria casa. Deixa cá ver mais...” Sarah não ignora o tom cáustico com que a amiga entoa a frase. “Ah, andaste aos tiros no metro e feriste uma mulher que está mais para lá do que para cá. És uma assassina profissional que trabalha para uma organização chamada *Último Papa*. Mas para que é que te estou a contar isto tudo? Como protagonista, já deves saber.”

Sarah fecha os olhos e pensa. Mas não há o que pensar. O mundo está de facto a abater-se literalmente em cima dela.

“Natalie, não sei como te convencer de que não fiz nada disso.” A sua voz indicia mágoa e confusão e mescla-se com uma suplica. Para Sarah é fundamental que Natalie creia nela, é capital. “Não sou nenhuma assassina profissional nem sei que organização é essa. Não sou uma assassina. Estive quinze dias em Portugal, só fui a Lisboa apanhar o avião, quanto mais ir a Madrid ou à Argentina. Hoje cheguei a casa e tudo se desmoronou. Recebi uma carta e alguém anda atrás de mim por causa dela. Morreu um homem na minha casa, eu vi, mas não fui eu que o matei. Alguém o fez, mas não eu. Não sei se é agente secreto, ou não. Só sei que me queria matar e por pouco não o fez. Preciso que acredites em mim.”

Um silêncio pesado reverbera pela linha, entre Belvedere Road e Pentonville Road onde fica o *studio* de Natalie.

“Sarah, já tiveste o teu momento de antena. Agora, por favor, deixa-me fora disso.”

“Natalie, espera. Preciso apenas de um favor. Nem precisas de sair de casa. Por favor, Natalie. Só tu me podes ajudar.”

Continuação do silêncio desconfortável enquanto Natalie pondera ajudar a colega de redacção. É verdade que se auxiliaram sempre uma à outra e, tirando o raro mau humor matinal com que por vezes a brindava, Sarah era boa pessoa. Mas quem vê caras não vê corações. Bem pode ser a assassina que falam na televisão, mas como jornalista e conhecedora do ramo sabe que também pode não ser.

“*Okay*. O que precisas?”

“Obrigada, Natalie.” O súbito alívio repercute-se num ténue sorriso.

“Não me agradeças. Despacha-te antes que me arrependa.”

“Ah, preciso apenas que me digas onde fica a Praça Rei Guilherme IV.”

“Só isso?”

“Só.”

“Isso é rápido. Queres que te ligue de volta ou esperas?”

“Tu é que estás a pagar. Faz como quiseres.”

“*Okay*. Então espera aí.” Sarah ouve um arrastar de cadeira no outro lado da linha. Natalie a sentar-se em frente ao ecrã do computador. “Ora, Praça Rei Guilherme IV.” Está mais a falar com os seus botões do que com Sarah.

“Isso.”

“Só um momento.” Um, dois, três, quatro segundos... “De certeza que não sabes porque andam atrás de ti?”

“Não faço ideia.”

“E que carta é essa?”

“Também não sei. Está tudo em italiano.”

“Estás feita.” Muda o tom de curiosidade jornalística para atendedora do número das informações. “Ora cá está. Quer dizer, não está. Rei Guilherme IV, só há os jardins com esse nome que ficam na zona de Crystal Palace. Espera mais um pouco... Ah. Também há a rua Guilherme IV... fica entre a Strand e Charing Cross Road. Deve ser isto. Não existe Praça Rei Guilherme IV.”

“Tens a certeza?”

“Tenho. Deves estar enganada.”

“Não estou nada. Quem me disse avisou-me que eu nunca na vida ouvira falar dela. Presumi que se devesse ao facto de ser bastante afastada do centro. Nunca que não existisse.”

“Mas não existe. Deixa-me fazer uma pesquisa. Tens tempo?”

“Que remédio.”

“Vê lá. Se quiseres podes sempre perguntar a um polícia.”

“És tão engraçada, Natalie.”

“Deixa lá ver. Guilherme IV. Nascido em 1765. Rei do Reino Unido e de Hanover entre 1830 e 37. Filho de George III, sucedeu ao seu irmão mais velho George IV. Foi o penúltimo rei da Casa de Hanover. Chamavam-lhe o rei navegador. Reformou o sistema eleitoral, aboliu a escravatura e o trabalho infantil no Império. Estou a gostar do homem.”

“Vá lá. Não quero uma lição de história. Não tem mais nada?”

“Não. Quem lhe sucedeu foi a rainha Victoria... Deixa-me ver no *Google*...”

Mais umas quantas batidas no teclado do computador e...

“Espera aí...”

“Encontraste?”

“Curioso.”

“Então?”

“Praça Rei Guilherme IV. Aqui está.”

“Desembucha depressa.” Sarah não aguenta a ansiedade.

“Era o nome original de Trafalgar Square.”

“A sério?”

“*Yap*. Não há dúvida. Trafalgar Square era a Praça Rei Guilherme IV.”

“Natalie, muito obrigada. Podes-me ter salvo a vida.”

“Ou não. Vai à tua vida.”

“Depois vemo-nos.”

“Ah... Sarah...” chama Natalie.

“Sim?”

“Se tiveres algum furo jornalístico grande, lembra-te de mim.”

Fim de chamada.



CAPÍTULO DEZESSETE

Trafalgar Square é a praça mais visitada de Londres. Ponto de encontro, de união, de comemoração, de júbilo, de nacionalismo, não tivesse a praça o nome de uma das maiores batalhas navais de sempre, ocorrida junto ao Cabo de Trafalgar, em Espanha, a 21 de Outubro de 1805, onde os ingleses arrumaram com a armada invencível e com a francesa por mais de cem anos. É mirada de cima, a norte, pelo pórtico faustoso da sobranceira National Gallery. A largueza do local, as duas fontes laterais, a enorme coluna coríntia de granito, de cinquenta e seis metros de altura, com uma estátua do Almirante Horatio Nelson – o herói maneta de Trafalgar, que tombou nessa mesma batalha – no topo, a contemplar o Palácio de Westminster, mais conhecido por House of Parliament, a velar pela segurança nacional, conferem ao cenário uma hospitalidade arrestada por residentes e turistas ao primeiro olhar. Quatro enormes leões de bronze, segundo se diz fabricados dos próprios canhões da desditosa frota francesa, flanqueiam a coluna transmitindo uma sensação de protecção cósmica. Quatro plintos ornamentam os cantos da praça, três deles com estátuas, a nordeste a do Rei George IV, a sudeste a do General Sir Charles James Napier, conquistador do Paquistão, a sudoeste a do General Henry Havelock. O quarto plinto acoita esculturas temporárias, uma vez que nunca chegaram a acordo sobre quem lá colocar. Originalmente iria acolher a estátua do Rei Guilherme IV, mas a falta de dinheiro inviabilizou o intento, pelo que, assim como o nome com que iria baptizar a praça, Guilherme IV ficou completamente desanexado do projecto que mandou edificar.

A esta hora da noite ainda se vê muita gente na praça, grupos de turistas, alguns casais espalhados. Ninguém suspeito, ou todos eles, pois quem vê caras não vê intenções. O movimento, esse é constante. Carros, limusinas, táxis, veículos de socorro, autocarros, motas, bicicletas, em constante circulação em volta da praça e ao sabor dos semáforos. Ao fundo, o Arco do Almirantado, em

honra da Rainha Victoria, abre caminho para a enorme avenida que leva a Buckingham Palace. A Este, a igreja de Saint Martin-in-the-Fields, a South Africa House e a Strand que liga Westminster à City. Mas a rua que nos interessa é a Charing Cross Road, mais especificamente na zona do Soho, a parte mais boémia da cidade de Londres e onde vemos um táxi parar no cruzamento com a Great Newport Street.

O táxi detém-se mais alguns instantes, contas entre passageiro e motorista que devem e têm de ser saldadas. Agora sim, vemos Sarah Monteiro saltar para fora dele e fechar a porta. Antes, dirigira-se à estação de Waterloo, arriscara mais uma vez o uso do cartão de crédito numa máquina automática e levantara trezentas libras com a finalidade de apanhar um táxi e pagar em dinheiro. Tudo correu bem como se pode demonstrar presencialmente, Sarah Monteiro na concorrida rua de Charing Cross a dirigir-se, por vias travessas, para a bendita ou maldita Praça Rei Guilherme IV.

A princípio dissera ao taxista que desejava ir para Trafalgar, mas, depois de aturado pensamento, lembrou-se que se tinha descoberto tão facilmente o nome da praça, quem a seguia podia fazê-lo com igual ou superior presteza. Assim, resolveu corrigir a direcção e dizer ao taxista que preferia sair a cerca de um quilómetro do local, em vez de se enfiar sem luta na toca do lobo.

Mete pela Newport Court e vira à esquerda, em seguida à direita em Lisle Street, berço de pubs de todas as índoles e géneros, e novamente à esquerda até desembocar na cosmopolita Leicester Square, a grande rival de Trafalgar Square, se assim se pode dizer, uma pequena praça para peões repleta de cinemas, cafés e restaurantes, berço das estreias dos grandes filmes americanos e ingleses. Um jardim vedado, aberto ao público durante o dia. Quatro entradas em cada canto com estátuas de figuras relevantes ao tempo da sua construção, Sir Isaac Newton, John Hunter, um pioneiro na área da cirurgia, Sir Joshua Reynolds, o primeiro presidente da Royal Academy, William Hogarth, um pintor de renome. E já que se fala de um dos centros mundiais do cinema, colocou-se recentemente a estátua de Charlie Chaplin, o grande ícone universal da sétima arte, que nasceu para o mundo nesta cidade de Londres. Bancos no interior, que costumam estar sempre cheios, alinham-se em forma de cruz, para quem queira contemplar a estátua de Shakespeare rodeado por golfinhos que alinda o centro da praça. No solo, placas com as distâncias em milhas dos países que compunham o antigo império britânico.

Contorna a praça para sul, ignorando o enorme poster publicitário que adorna um dos cinemas Odeon, brevemente *O Código Da Vinci* passará no grande ecrã

daquela sala. Códigos e enigmas tem ela que chegue, não precisa de sugestões, a vida em risco também, cada passo que dá encurta-a ainda mais, como todos, o problema está na falta de presciência que lhe permita enxergar o prazo de tal encurtamento, se já ali ao virar da esquina, ou mais tarde naquela noite, ou daqui a muitas esquinas, ruas, avenidas e anos, quando mostrar Trafalgar aos netos ou bisnetos.

Desce para Trafalgar pelo lado da Canada House, afrouxando para um ritmo cauteloso, entre olhares sub-reptícios a roçar a normalidade para que não se pense que está ali com medo de alguma coisa ou à procura de alguém. Torneia a fachada da National Gallery pelo lado esquerdo e progride mais alguns metros até à escadaria central que mergulha para a praça. Turistas estrangeiros e ingleses ocupam alguns degraus, sentados a admirar a iluminação nocturna e a serenidade do lugar. Sarah senta-se durante alguns instantes junto a um grupo de italianos para que quem olhe pense que faz parte da agremiação de jubilosos excursionistas. Aproveita para observar a praça, as fontes, uma à esquerda, outra à direita, a sul a coluna de Nelson, as pessoas... o mais importante de tudo, as pessoas, pois os divinos seres aquáticos que polvilham as fontes e o almirante lá no alto nada podem contra ela. Há quem esteja dentro das fontes a banhar-se e a molhar outros, numa diversão epidémica que compele os mirones à imitação. Esses também não representam qualquer perigo. E há todos os outros... os casais de namorados, os que estão sentados na borda da fonte ou no sopé da coluna, e os que não se conseguem tipificar mas que não aparentam qualquer sinal de pertencerem a uma organização secreta chamada *Último Papa*.

Espia as fachadas dos prédios visíveis, ainda que bastante afastados, em busca de olhos insidiosos, ou mesmo atiradores furtivos. Esta gente já provou ser capaz de matar em público e não se importar com possíveis danos colaterais. Tudo é passível de esconder alguém com uma arma silenciosa pronta a tirar-lhe a vida. E até mesmo no meio dos carros que passam. Dali tem uma visão privilegiada da praça, e não fossem os barulhentos italianos a roubarem-lhe a concentração, há muito que o teria visto.

Um simples homem da limpeza, um dos vários que matizam o local com os seus fatos verdes e amarelos fluorescentes, o carrinho e os acessórios necessários à captação dos detritos, muito parecido com aquele que viu da janela de casa há poucas horas, mas o mais certo é ser a mente a embusteá-la. O problema é ele olhar para ela de quando em quando e tentar disfarçar quando os seus olhos se cruzam. Este sujeito não usa a mão em forma de concha para comunicar, mas

antes um *walkie-talkie* dos normais. Um homem do lixo, que cata a merda dos outros, sem desprimor para a nobre profissão, a cada ofício sua sentença, não carece de *walkie-talkies* para executar a função. Não. Das duas uma, ou aquele homem é o tal Rafael que o pai indicou ou então... o melhor é não pensar.

Deixa-se estar sentada mais um pouco, mas o italiano ao seu lado começa a aproximar-se. Cervejas a mais disseminam através do sangue uma sensação de assédio em redor da mente que anuncia ao moço os propósitos lascivos da mulher ao seu lado. Porque outra razão se sentaria tão perto de si?

"*Eh, Bella... Como siete?"* cumprimenta ele no meio de um mar de perdigotos alcoolizados.

Sem mais conversa, Sarah levanta-se e desce o resto da escadaria, misturando-se com a multidão. Ninguém conseguia aturar aquele bafo mais do que um segundo. Com um virar súbito de cabeça Sarah volta a procurar o homem do lixo. Este desvia o olhar muito rapidamente, mas não com a celeridade suficiente para que Sarah não repare. Balbucia algo para o *walkie-talkie*, e empurra o carrinho do lixo para outro local até sair do ângulo de visão de Sarah.

Pondera os restantes membros da equipa de limpeza. Os que se exibem aos seus olhos não fazem por disfarçar a sua presença, mas, verdade seja dita, também não parecem estar minimamente interessados em Sarah Monteiro, ou em qualquer outro transeunte, já que nisso se fala, limitam-se a passar despercebidos e a limpar a área.

Espero que ninguém tenha visto as notícias na televisão, pensa para si mesma enquanto vagueia rumo a uma das fontes, atenta, alerta, vigilante, tensa.

"Quem és tu, Rafael? Mostra-te."

Entrementes, faz por andar junto aos grandes aglomerados de pessoas a fim de não se transformar num alvo fácil. O problema é não saber se também *eles* estão a fazer o mesmo. Sentir que a qualquer altura pode ser apanhada, agarrada, puxada por um braço, neutralizada, levar com um tiro certeiro, uma picada venenosa disfarçada de encontrão e um desculpe, no final. Tantos filmes, tantos cenários, tantas hipóteses a turbilhonarem a mente e a imaginação de Sarah, de modo que o transtorno se apossa de si e a deixa a baquear nos estreitos corredores da consciência. Gente, gente e mais gente, de todos os lados, uma fonte, caminha desordenada em direcção à outra, os gritos, os risos, as gargalhadas, os beijos, os abraços, as conversas, as discussões, as lágrimas, tudo

se pode encontrar neste espaço, nesta praça, nestes passos, neste caminhar nebuloso de quem entrega a vida à providência, ao Senhor, a Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, segundo os crentes dessa religião, como Sarah, que acredita não praticando, como muitos, incensuráveis.

"Sarah Monteiro?"

Ouve alguém chamá-la. O homem do lixo.

"Sarah Monteiro?" repete o homem acercando-se dela. "Venha comigo. É melhor para si."

Não espera pela anuência, agarra-lhe num braço e puxa-a pelo meio das pessoas. Em direcção ao exterior da praça.

"É melhor ir consigo para onde?"

Nenhuma resposta.

"É o Rafael?" questiona Sarah ainda mal esperta da dormência letárgica a que se tinha subjugado. O sujeito não responde e continua a puxá-la, agora junto à Coluna de Nelson.

Ouve um crepitar estático proveniente de um dos bolsos do casaco fluorescente do homem, vê-o tirar o *walkie-talkie* e dizer "*La porto alla centrale... si, l'obiettivo è con me... Negativo. Non posso rifinirla qui... benissimo*"

Reconhece prontamente o linguarejar italiano, mas não o conteúdo da conversa. A voz que adivinha do rádio era forte e cavernosa, a do líder. Será este o Rafael ou um dos maus? Parece um filme de bons e maus, se pelo menos ela soubesse de que lado está...

Por outro lado, o pai só lhe falou de um Rafael e não de um grupo de várias pessoas, mas este presumível Rafael pode estar simplesmente a preparar a saída. Ao fundo, repara num homem vestido de executivo, sem mala nem arma à primeira vista. O pior é a sensação frustrante de *deja-vu* com que os olhos dela alarmam o cérebro. A impressão certeira de que já o viu algures. E não é preciso ir muito longe para se lembrar... o homem que a perseguiu e disparou contra ela no *Tube*, que esburacou a carruagem e alvejou na perna a senhora gorda.

Tenta soltar o braço mas o homem do lixo tem-na bem presa.

Este pára bruscamente e olha-a nos olhos. "Não tente nada estúpido. Não há necessidade de apressar o inevitável. Mas se tiver de ser..." para bom entendedor, mais não é forçoso que se diga.

Falhou. Tentou não ser apanhada, saiu a um quarteirão de distância, mas que raio podia ela fazer? O pai também podia ter escolhido outro sítio. Mas com os telefones sob escuta, era impossível fazer melhor, uma charada complicada levaria uma eternidade a decifrar e, nesse entretanto, acabaria por ser apanhada. O mais certo é morrer sem sequer saber porquê. Assim seja.

Mas quem dá as cartas cá em baixo não é o homem, por muito que se pense o contrário, sendo este homem aludido o do h maiúsculo, o que todos representa, a generalidade e não o particular. E todo este preâmbulo para explicar o carro negro que galga o passeio adjacente da praça e irrompe por ali dentro, entre a estátua de Sir Henry Havelock e a Coluna de Nelson. Trava com grande chiadeira, antes de girar sobre si próprio e se deter totalmente.

“Eu trato dela.” Comunica o executivo a quem o homem do lixo entregou Sarah.

“*Va benne*.” Responde o outro.

Sem mais locuções, o executivo leva Sarah para o carro, instala-a no banco de trás e senta-se no banco do passageiro da frente. O veículo arranca a toda a velocidade, deixando a serenidade de Trafalgar para trás.

No carro, avançando em direcção a Parliament Street, Sarah Monteiro fita o executivo. Meia-idade, expressão calma, bem inversa à dela, a olhar para a frente. Dentro de Sarah, um turbilhão amotinado de sensações, dúvidas e angústias.

“Quem são vocês?” pergunta ela.

Silêncio. Nem um olhar pelo retrovisor interior.

“Quem são vocês?”

Nenhuma resposta.

Sarah não saberá dizer quanto tempo andou dentro daquele carro, só que, mais ou menos meia hora depois, o motorista parou o carro a mando do executivo e saíram os dois para longe do alcance da sua vista. Apenas um regressou ao veículo, o executivo, que se sentou, desta feita, no lugar do condutor. Quando cerca de vinte minutos mais tarde entram num bairro residencial muito elegante e o carro abranda quase para um passo humano, o coração de Sarah aperta-se de pânico. A hora está a chegar. Abre-se o portão automático de uma garagem e o veículo entra, estacionando ao lado de um *Jaguar* novo em folha.

O homem abre a porta a Sarah.

“Vamos. Acompanhe-me.” Ordena numa voz fria. Abre a porta de trás do

Jaguar e não precisa de dar mais nenhuma instrução. Sarah entra no carro sem delongas.

“Para onde vamos?”

Ele não responde.

Um esgar de dor trespassa as entranhas de Sarah. Já chega. Sai do carro e prostra-se ajoelhada perante o homem. “Estou farta. Acabe comigo de uma vez.”

“Acabar consigo? Sem saber que preciosidades guarda? Não, nem pensar.” A voz do homem altera-se de fria para acolhedora. “Além do mais, que espécie de ajuda acha que lhe enviaria o seu pai?”

“Ah? Quem é o senhor.” Agora é que não está a entender nada.

“O meu nome é Rafael. Sou o seu anfitrião esta noite.”



CAPÍTULO DEZOITO

PECORELLI

20 de Março, de 1979

Era já noite e Carmine Pecorelli ainda se encontrava no seu gabinete a tratar de assuntos de interesse relevante para o seu *L'Observatore Politico*, na Via Orazio. Um semanário portador de notícias escandalosas, daquelas que os leitores tanto estimam ler, como as que falavam de insignes personalidades ligadas a organizações secretas, grandes desvios de dinheiro do erário público através de actividades ilícitas, homicídios inexplicados, entre muitos outras matérias.

Nos seus cinquenta anos podia congratular-se por ter acesso a notícias exclusivas, que mais ninguém conseguia arranjar, daí a enunciação exclusiva, muito devido ao facto de circular nos meios importantes onde elas eram convebidas e porque se dava com pessoas poderosas. O seu *L'Observatore Politico* até era financiado por uma dessas pessoas poderosas, integrada no mundo político italiano.

Nesse início de noite, podíamos vê-lo de ouvido colado ao telefone. Um leve sorriso toldava-lhe os lábios, enquanto se recostava na cadeira numa postura de conforto ou satisfação, ou ambos. Na verdade, aquele telefonema não tinha muito de relevante para o seu jornal. O seu interesse era outro, monetário, tratava de aumentar o seu pecúlio pessoal, coagindo, para não dizer chantageando, o indivíduo do outro lado da linha, com base em informações que podiam prejudicar o visado. Cabe clarificar que o visado com quem Mino Pecorelli falava ao telefone não era um fulano qualquer. Era, nada mais, nada menos, que

o Grão-Mestre da loja maçónica *Propaganda Due*, Licio Gelli, da qual Pecorelli era membro.

“O melhor é encontrarmo-nos pessoalmente para tratar disto.” Aventou Gelli.

“Concordo.”

“Que dizes jantarmos amanhã, aí em Roma?”

“Perfeito. Não se esqueça de trazer o dinheiro.”

“Que garantia tenho de que não voltas a usar a informação, Mino? Nenhuma. Fazes ideia dos problemas que estás a causar à nossa organização, publicando essa lista?”

"Isto é jornalismo, Licio. Puro jornalismo."

"E quem me garante que não vais tentar fazer mais *puro jornalismo* no futuro?"

"Quinze milhões são garantia mais do que suficiente."

"Quinze milhões?” a frase pronunciada quase em forma de grito. Alguns momentos de relaxação. Gelli não estava em posição de discutir. “Não tínhamos combinado essa quantia, Mino.”

“Mas cheguei à conclusão que a informação vale isso.”

“A lista não vale quinze milhões.”

“Só a lista não.” Explicou Mino. “Mas o homicídio do Papa João Paulo e o auxílio dado por si e pelo meu patrão ao Mario para calçar as botas ao Moro, valem muito mais.”

“Sempre usamos o teu semanário para os nossos objectivos, Mino. A que se deve esta súbita mudança de atitude? Não te gratificamos o suficiente?”

“Quinze milhões é gratificação suficiente.”

Licio reflectiu por uns instantes sobre a intransigência de Mino. “Amanhã negociamos isso ao jantar. Tens de baixar o preço.”

“Não vou baixar o preço. Traga o dinheiro.” Pecorelli estava inflexível e não fazia intenções de baixar o preço. Quinze milhões era o preço, mas podia considerar subi-lo a qualquer momento, especialmente, se Gelli delongasse demasiado o embolso.

“Até amanhã” despediu-se Gelli. “Às oito no sítio do costume” e desligou.

Com um sorriso bastante pronunciado no rosto, Mino Pecorelli apagou as

luzes, fechou tudo e saiu para a rua em direcção ao carro. Tudo estava a correr bem para o seu lado. Não imaginava que naquele exacto momento, Gelli telefonava ao seu patrão, distinto membro do governo italiano, a contar o resultado da conversa.

“Nada feito. O Mino mantém-se intransigente. Ou pagamos ou vai publicar” acusou Gelli.

“Não percebo o que é que ele tem na cabeça.” reclama o patrão.

“Se pagarmos vai fazer isto mais vezes. E já sabemos que não podemos confiar nele. Sabe coisas de mais.”

“Podes ficar descansado, Licio. Já tratei de tudo. Não nos incomodará mais. Demos-lhe todas as oportunidades. Não nos quis ouvir, azar o dele.”

“*Ciao*, Giulio.”

“*Ciao*, Licio.”

O contentamento de Carmine Mino Pecorelli era tal que até lhe deu para assobiar, enquanto percorria a Via Orazio, esvaziada de gente, em direcção ao carro, abreviando a distância a cada passo. Dinheiro fácil de ganhar, não havia que ter remorsos, ainda para mais porque estava a tirá-lo a quem não prestava e não precisava. Nunca lhe passaria pela cabeça espoliar quem não podia pagar, principalmente por essa razão, por não poderem pagar, a falta de liquidez era motivo mais do que razoável. Contudo, trastes como Gelli, que andava sempre em jogadas obscuras e negócios duvidosos, a roubar de um lado para beneficiar o outro e a si próprio, capaz de tudo para levar a cabo os seus intentos, mereciam ser vergados por homens como Carmine Pecorelli.

Abriu a porta da viatura e instalou-se. Uma mão não deixou que fechasse a porta. Viu dois homens de pé junto ao carro. Um deles, o que segurava a porta, colocou-lhe a mão no cabelo e puxou-o. Em seguida, largou a porta e puxou de um revólver, introduziu o cano no interior da boca de Pecorelli e disparou duas vezes.

O problema de Licio Gelli deixara de existir.



CAPÍTULO DEZENOVE

O suposto Rafael conduz a uma velocidade normal, nem depressa nem devagar, para não levantar suspeitas, alguém que sabe o que faz. Pega num pacote que está no banco ao seu lado e entrega-o a Sarah que está atrás.

“O que é isto?” pergunta ela.

“Comida.”

“Não tenho fome”

“Eu se fosse a si comia. Um hambúrguer e uma *Coca-Cola* durante toda a noite não é alimentação suficiente...”

“Como sabe que...?” Ocorre-lhe a resposta à sua própria pergunta.“Esqueça.”

A confusão desaba sobre Sarah. Foi aquele homem que a perseguiu no metro e disparou sobre ela, disso não há qualquer dúvida, mas esta reviravolta, ele ser o Rafael, será que está a ludibriá-la de alguma maneira? Sim. Só pode. Deve estar à espera que algum elemento superior da organização faça a sua aparição e a interrogue com métodos atrozes que acabarão por matá-la, quer os satisfaça ou não. Está na posse de uma lista sobre a qual eles sabem mais do que ela. *Eles*... Pessoa que, numa cidade tão extensa como Londres, conseguem apanhá-la sem lhe dar tempo de dizer um *Ai*. Reflexões sem resposta, articuladas sem provas nem juízos formados, as dúvidas são rainhas e senhoras neste momento e há já algum tempo. Pode ser que este Rafael, verdadeiro ou não, abra o jogo ou parte dele. Entretanto, dá por si a trincar uma coxa de frango panado.

“Imagino que tenha muitas perguntas para me fazer” começa Rafael num tom pragmático.

“Ah?” estava à espera de tudo menos daquela gentileza cavalheiresca com que a brinda desde que entraram no carro.

Um silêncio desconfortável para Sarah medra no carro, entre os assentos da frente e de trás, porém, este não parece afectar minimamente o homem, que se mantém atento a conduzir. Para quem o acaba de conhecer, ele emana uma expressão de contento, como se o confrangimento dela o divertisse, mas também pode ser esse o seu estado, e a imaginação de Sarah é que está a laborar a toda a velocidade na fabricação de filmes, ainda que muito do que se tem passado comprove não estar em filme algum. Deve ser da fome.

"Estou à sua disposição" completa Rafael na tentativa de a deixar à vontade, ainda que a entoação, num inglês perfeito, possa ter soado a uma ordem.

"Ah..." as perguntas todas que tinha volatilizaram-se de repente. *Mas que raio de jornalista és tu*, pensa para consigo, *a quem faltam as questões no momento crucial? Concentra-te.* "Ah... Tem papel e caneta?"

O homem liberta uma gargalhada. "Não vamos registar esta conversa, Sarah. Não está aqui em trabalho. Aliás, negarei qualquer menção que faça ao meu nome no futuro. Nós nunca nos conhecemos e assim permaneceremos até ao fim dos nossos dias, acabem hoje, amanhã ou daqui a muitos anos."

Esclarecidos os pontos cordiais, Sarah decide começar pelo mais óbvio, aquilo que, mais do que tudo o resto, a inquieta sobremaneira. "A primeira pergunta que me ocorre é porque me tentou matar no metro?"

"Tentei?"

"Sim, ou não se lembra que disparou contra mim? Aliás, esburacou uma carruagem do metro. Sabe disso muito bem."

"Humm... Lembro-me de ter esburacado uma carruagem de metro. Disparei sobre a parte interna da coxa de uma mulher... mas sobre si não disparei."

"O que é que está a tentar dizer?"

"Estou a dizer que se tivesse *realmente* disparado sobre si, não estávamos a ter esta conversa." Frisa bem o realmente, para que não haja incertezas sobre o assunto.

"Percebi. Posso depreender que pertence à tal organização chamada *Último Papa*."

"Não existe nenhuma organização com esse nome."

"Como não existe? Os jornais acusam-me de eu ser membro dessa organização. Dizem que matei três homens."

“Ou a Sarah é muito perigosa ou tudo não passa de ficção. Sabe, melhor do que eu, como os órgãos de comunicação social são facilmente manipuláveis.” Os lábios de Rafael desenham um leve sorriso. “É verdade que esses homens morreram. Um suicidou-se e os outros foram convencidos a deixar a vida terrena mais cedo. Mas ambos sabemos que não foi você, embora os últimos acontecimentos possam tê-la abalado de tal maneira que já não a deixem discernir o que é real do que não é... ou o que fez e deixou de fazer.”

“Sei muito bem aquilo que faço e o que não faço.” Assevera Sarah peremptória. “E homicídio não faz parte do meu rol de pecados.”

“Ainda... O futuro é uma incógnita para todos. Mas, óptimo, agrada-me termos esclarecido esse ponto.”

“Quem é essa organização? Pode-me falar dela?”

“Poder posso. A questão é se você está preparada para ouvir.” Returque Rafael seriamente.

“Não estou preparada, mas não tenho outro remédio.”

“Claro.” Simula um sorriso e depois mira-a com ar ponderado. “Já alguma vez ouviu falar de Albino Luciani?”

“Não.”

“Ah, pois, você é jornalista.”

“O que é que isso quer dizer?”

“Não é óbvio?”

Aparentemente a insinuação de ignorância que ele lhe atirara não era nada óbvia para ela, ou melhor, apesar de óbvia era incompreensível.

“Albino Luciani ficou mundialmente conhecido como João Paulo I ou, de um ponto de vista mais popular, o «Papa do Sorriso». Já alguma vez ouviu falar dele?”

“Sim. João Paulo I. Tenho uma vaga ideia.”

“Importa-se de me definir essa vaga ideia?”

Sarah faz um esforço para localizar no repositório cerebral algo que lhe lembre o que sabe sobre João Paulo I, se é que sabe alguma coisa.

“Ah... Esse é o que teve pouco tempo no cargo, não é?”

“Sim.”

“Pois. Cento e tal dias. Acho que foi no século XIX. Não sei é o ano.”

“Não é óbvio?” questiona-se suspirando.

“Não é óbvio o quê?”

“Esqueça, estava a pensar alto. Albino Luciani foi Papa durante trinta e três dias e, ao contrário do que possa pensar, muito mais recentemente, no ano de 1978, mais concretamente entre Agosto e Setembro.”

“Só trinta e três dias? Tão pouco tempo?”

“É verdade. Muito pouco tempo para uns, tempo demasiado para outros. A morte de João Paulo I está envolvida num grande mistério. A versão do Vaticano é a de um mero ataque cardíaco, mas há quem pense que foi homicídio.”

“Homicídio? De um Papa?”

“Sim. Qual é o espanto? Acredite que não foi o primeiro.”

“Mas por quem?”

“A pergunta que se coloca aqui não é por quem, mas porquê? O móbil é mais relevante do que o perpetrador.”

“*Okay*. Porquê?”

“Não há necessidade de maçá-la com pormenores demasiado técnicos, por isso, arrisco-me a fazer-lhe outra pergunta. Já alguma vez ouviu falar da P2?”

“P2? Não, nunca ouvi.”

“P2, sigla de *Propaganda Due*, é uma loja secreta de inspiração maçónica que visa tão só conquistar o poder político, militar, religioso e financeiro de todas as comunidades onde se insere. A loja P2 existe desde 1877 como uma dependência da *Grande Oriente d’Italia* e era frequentada por membros que não tinham disponibilidade para se dirigirem às suas próprias lojas. Em 1960 tinha apenas catorze membros. Quando um homem chamado Licio Gelli se tornou Grão-Mestre da P2 esse número aumentou num ano para mil. E no seu apogeu tinha dois mil e quatrocentos membros, desde generais a políticos, juízes, jornalistas, directores de televisão, banqueiros, professores, padres, bispos, cardeais, tudo o que possa imaginar.”

Rafael pára de falar quando um carro da Polícia Metropolitana os ultrapassa a

grande velocidade, as sereias a rutilarem interpoladas pela estrada fora. Por momentos teme que vá parar à frente do *Jaguar* e mandá-los sair, mas tal não sucede.

"Em 1976 a *Grande Oriente d'Italia* expulsa Licio Gelli e todos os membros relacionados com a P2 e afasta-se desta, deixando-a entregue ao seu Grão-Mestre, cujo plano era ascender sub-repticiamente ao governo italiano com o seu *Piano di Rinascita Democrática della Loggia P2*. Plano de Renascimento Democrático da Loja P2. Que na realidade se tratava mais de um sistema totalitário do que de uma democracia, coisa que havia praticamente conseguido em 78, quanto mais não seja na influência que a loja tinha. É claro que todas as pessoas que a enfrentassem arriscavam um afastamento precoce das lides terrenas. Muitos crimes, atentados e mesmo massacres têm o selo da P2."

"Então está a dizer que foi a P2 que matou o Papa em 1978?"

"Ainda estamos no porquê e não no quem."

"*Okay*. Antes de me explicar o porquê do interesse da P2 em matar esse Papa, quero saber que doce é que tenho ou que perfume é que uso para que andem atrás de mim em 2006?"

Rafael aproveita um momento de silêncio para captar a total atenção da ouvinte.

"Porque Deus quis que você fosse contemplada com uma lista muito valiosa. Uma lista com nomes de membros da organização. É muito antiga, tem mais de 25 anos, muitos deles já morreram, mas pode trazer muitos dissabores a muita gente ainda viva, se algum dia vier a público. Algo porque vale a pena matar."

Mas Sarah já não o ouve com a atenção inicial, aquela informação leva-a para outros mares bem mais ariscos. A lista. A lista que traz consigo representa os nomes de membros defuntos e vivos da P2. Propaganda 2. A lista onde figura o nome que lhe aperta o coração e a lança nas ondas revoltosas da incerteza e da perplexidade, o do pai, Raul Brandão Monteiro. Como é possível? Como pode ele ser membro da P2? Rafael lê-lhe os pensamentos, mas nada diz, nada completa, nada ilucida. É um caminho que tem de ser calcorreado por ela e só ela. Dezenas, centenas, milhares, conversa para uma vida inteira, tantas que nem sabe por onde começar. Talvez seja melhor encetar por algo mais leve.

"O senhor pertence à P2?"

Rafael pondera uns instantes antes de responder. "Pertenço a algo superior. O

que me guia é um plano, um Grande Plano, onde, por acaso, entra a P2."

"Não percebo. Quer dizer que quem me anda a perseguir não é a P2, mas outra organização maior?"

"Então, Sarah? Já esteve a raciocinar melhor." O suspiro de Sarah patenteia a entrada em matérias intrincadas. Será preferível aclarar esse ponto sem artifícios. "É a P2 que anda atrás de si. Ponto final, isso está assente. Agora, quanto ao meu relacionamento com a P2, convém frisar que terminou há minutos atrás, quando entrou neste carro. Na realidade, eu era um infiltrado."

"Infiltrado? Se não podes vencê-los, junta-te a eles?"

"É mais ou menos isso..." Rafael reflecte uns instantes antes de prosseguir. "Junta-te a eles e destrói-os a partir do interior. É claro que o meu trabalho ficou comprometido a partir de agora. A P2 já não anda apenas atrás de uma mulher, mas de um homem também. E acredite piamente quando lhe digo que vão encontrar-nos... mais cedo ou mais tarde."

"Então de que serve termos esta conversa? Se é para morrer..." pergunta Sarah exasperada, mais para si do que para Rafael.

"Tudo depende das cartas que tivermos para jogar" conclui Rafael com um pequeno sorriso. "Tem a lista consigo?"

Sarah tira os papéis do bolso da camisola, selecciona os dois que compõem a lista e passa-os a Rafael. Este analisa-os em silêncio sem abrandar a condução. Ao fim de uns instantes volta a entregá-los a Sarah.

"Conhece mais algum nome para além do do seu pai?" interroga Rafael.

"Bem, depois do que me disse, estou certa que estes nomes são capazes de aparecer todos no *Google*, provavelmente descritos como grandes homens."

"É capaz de ter razão. Mas olhe com atenção."

Sarah percorre as colunas da primeira folha, linha a linha, com muita atenção. A fraca iluminação dificulta a operação. Agora que tem mais informação não estranha a predominância de nomes italianos em relação aos outros. Repara que os números que precedem cada nome são aleatórios e não obedecem a qualquer disposição organizativa. A seguir a cada número uma letra, nalguns casos duas ou três.

"Os números não estão por ordem. E têm umas letras quaisquer."

"Isso são os números de registo de cada um na organização e a naturalidade.

Por exemplo...” pega novamente nos papéis que Sarah tem na mão. “Peguemos neste, vem mesmo a calhar, o Grão-mestre.”

440ARZ Licio Gelli

“O número de registo dele é o número 440 e é de Arezzo. Compreende?”

“Sim.” Responde Sarah com os olhos a descaírem rapidamente para o nome daquele que lhe diz mais respeito.

843PRT Raul Brandão Monteiro

“PRT. Portugal.”

“A Sarah nem sequer era nascida quando isso aconteceu.”

“Você também não.”

Rafael sorri da remarca. “Talvez tivesse uns cinco ou seis anos.”

Continua a fitar os papéis com atenção até deparar com outro nome conhecido, a boca aberta de espanto, nunca ninguém diga que já nada o surpreende. Ali está, nas mesmas letras da máquina de escrever, sem quaisquer traços de caneta ou rabiscos informativos.

“Este MIL é de?...”

“Milão. Mas não se iluda. Ele ainda não era político nesse tempo. E actualmente não é membro da P2.”

“Sim, mas já foi. Até um Primeiro-Ministro italiano? A dimensão disto... quer dizer... nem sei o que pensar.”

“Não pense.”

“Cambada de filhos da puta.” Desabafa Sarah expeditamente, como se o palavrão tivesse saído contra a sua querença. Fita-o envergonhada. “Desculpe.”

“Pragueje à vontade. A mim não me faz diferença e estou certo que a eles também não.”

Sarah coloca novamente os olhos na lista. A grandeza horrenda daquilo que acabara de ouvir, provavelmente uma gota no mar de crimes, insídias, falsidades,

maquinações, perpetradas por aqueles nomes e mais os que ali não estão gravados, onde se inclui o do pai que, afinal, se tornou num completo desconhecido para ela. Como é possível, ao fim de todos estes anos, que alguém tão chegado, tão importante na sua vida ao ponto de ser um dos que lhe deu o ser, que acompanhou o seu crescimento, que lhe deu amor, carinho, afeição, valores dos quais ela, ainda hoje, recorda e usa, possa tornar-se num canalha totalmente desprovido de princípios em poucos segundos? O seu próprio pai. Tenta imaginar os seus limites, até onde seria ou será capaz de ir o Capitão Raul Brandão Monteiro? Ferir? Torturar? Matar?

"O que são estes rabiscos escritos à mão?" pergunta a desviar-se dos maus pensamentos.

"Uma das coisas que confere um valor incalculável a essa lista. Anotações de João Paulo I."

"A sério?"

"A sério."

"E o que dizem?"

"Deixe cá ver." Pega nos papéis da mão de Sarah. "É uma classificação. Sublinhou os nomes que conhecia e a sua função. Por exemplo, este aqui, Jean-Marie Villot"

"Sim, mas não percebo italiano."

"Pois, *Cardinal Segretario di Stato*. É o Cardeal Secretário de Estado do Vaticano."

"Também era membro da P2?"

"Claro."

"Então foi ele que o matou."

"Isso é uma suposição jornalística. Tente não ceder a essas tentações."

"É uma suposição natural. Se ele pertencia à P2 e foi a P2 que matou o Papa, logo..."

"Ainda estamos no porquê e não no quem."

Sarah lança um suspiro de frustração. Será que tudo voltará alguma vez ao normal na sua vida? "*Okay*, e este papel também são apontamentos do Papa? E esta chave, já agora?"

Sarah passa-lhe o papel com os gatafunhos escritos à pressa. Rafael lê aquilo com muita atenção.

18, 15 - 34, H, 2, 23, V, 11
Dio bisogno e IO fare lo. Suo augurio Ÿ mio comando
GCT (15) - 9, 30 – 31, 15, 16, 2, 21, 6 – 14, 11, 18, 18, 2, 20

Examina a chave. O seu semblante altera-se a olhos vistos.

“O que é que isso quer dizer?”

“Deus quer e eu faço. O seu desejo é o meu comando. Um italiano meio carrascão.”

Alguns segundos depois volteia o carro cento e oitenta graus com grande aparato, quase embatendo num autocarro que apita prontamente em protesto.

“O que se passa?” Questiona Sarah.

“Vamos embora.”

“Para onde?”

“Ter com alguém que saiba.”

“Que saiba o quê?”

Rafael manobra o automóvel a grande velocidade por uma rua apertada. Não parece estar empenhado em responder à pergunta.

“Que saiba o quê? Viu mais alguma coisa no papel?” pressiona ela.

O carro entra numa rua mais larga e vira para leste. Rafael acelera, sem se importar com as consequências da velocidade se avistado por uma força da autoridade como a que passou por eles há pouco.

“Vi” diz por fim, sem acrescentar mais nada, como se aquele único vocábulo fosse explicação bastante. Seguidamente, pega no telemóvel.

“Viu o quê?” Sarah está claramente exasperada.

“Vi um código.”



CAPÍTULO VINTE

O Bentley desloca-se a velocidade moderada no caminho de terra batida. Não é um daqueles propensos a enlamear, nada disso, é cuidado, com uns arbustos tratados a flanqueá-lo e relva na parte central onde as rodas não pisam. Uma passagem que liga alguma propriedade à estrada principal. É hábito as moradias ficarem bem recolhidas no interior da mata, escondidas das vias de comunicação. Assim é também mais fácil controlar as entradas de pessoas autorizadas ou estranhas, um qualquer mirone ou ladrão, não que haja muitos por estas bandas.

O automóvel percorre os dois mil e novecentos e quarenta e três metros que separam a estrada municipal dos grandes portões de ferro automatizados. Abrem-se, cedendo passagem ao Bentley o que demonstra ser alguém muito próximo do dono da casa, uma vez que o motorista não precisou de parar o carro completamente, nem tão-pouco de fazer qualquer apresentação do passageiro que ocupa o banco de trás.

Detém-se junto aos três degraus que dão acesso ao patamar da entrada. O passageiro não espera que o motorista lhe venha abrir a porta como é apanágio da etiqueta, faz uso da sua própria mão para accionar o puxador que a destranca e salta para fora da viatura, energeticamente. Também não toca à campainha ou bate à porta, insere um código de seis dígitos no mostrador fixado na parede, findo o qual a porta recua alguns centímetros, aberta. Antes de entrar na moradia, sacode qualquer resquício de pó do fato *Armani*, ajeita a gola do casaco e, então, introduz-se no interior da *villa*.

É certo que o patrão ou Mestre, talvez este último vocábulo seja o mais correcto, dadas as circunstâncias da cumplicidade e dedicação, estará à sua espera na sala, não que seja hábito, mas as operações em vigor esta noite, assim o exigem. Sem delongas, dirige-se à ampla divisão onde o velho escuta algo ao

telefone com ar lívido.

Não é necessária demasiada experiência para discernir que as coisas não estão a correr bem em terras de sua majestade. Se os elementos que possui sobre o decorrer da missão, facultados antes da sua viagem de regresso estiverem actualizados, então Geoffrey Barnes meteu água de alguma maneira.

Não sei como é que estes americanos têm habilidade para assar e trinchar o peru no Dia de Acção de Graças. Devem precisar de manual de instruções. Pensa o assistente fazendo-se anunciar com um pigarrear. O velho levanta os olhos e cumprimenta-o com um aceno de cabeça. Aguça os ouvidos ao mesmo tempo que prepara duas vodkas para tonificar os ânimos. Aprendeu com o amo que a pior decisão é aquela que se toma de cabeça quente, não há nada como uma bebida para refrescar a mente e preparar o espírito para duras batalhas. A mente é uma arma preciosa que de nada serve quando está toldada pela ira e pela dúvida, os maiores inimigos do homem. Enchidos os copos de suco alcoólico, pega neles, sorve imediatamente um pouco do que destina a si e aguarda a conclusão da conversa telefónica. A palavra que mais clama pela sua atenção é perturbante.

Infiltrado? Isso é motivo suficiente para deitar um plano por terra. E explica a lividez do velho. Um agente duplo é sempre algo de muito prejudicial, especialmente quando não é detectado a tempo.

Agora que ele já desligou o telefone é hora de sentar e beber, depois, conversar, ponderar e decidir.

“Presumo que as coisas se modificaram desde a nossa última conversa.” Afirma o assistente entregando um dos copos ao velho e sentando-se no sofá.

O velho senta-se também, a custo, e suspira. É muito raro vê-lo suspirar, apesar de, nos últimos tempos ser mais constante. É nestas alturas que o assistente se apercebe que há mais de quinze anos acompanha aquele homem de idade que tem sido como um pai para si. E durante esse tempo tem assistido ao seu declínio, um acto espinhoso para quem o conheceu no pleno vigor físico e mental.

“Alteraram-se de uma maneira imponderável.” Disse, depois de dar dois golos de vodka. “Daquelas ocorrências impossíveis de contemplar quando se elabora um plano.”

“Ouvi-o falar num infiltrado.” Informa o assistente, não há segredos entre os dois. “O Geoffrey Barnes tem um traidor nas suas fileiras?”

O velho dá mais um golo esvaziando o corpo. “Era preferível” balbucia.

“Era preferível? Como assim?” O olhar do assistente está repleto de avidez e insegurança. A resposta é óbvia.

“Aquilo que jamais deveria acontecer.”

“Um infiltrado entre nós?” afirma em jeito de pergunta. “Nem consigo imaginar um cenário desses.”

“Pois bem podes começar.”

“Mas onde? Aqui em Itália? Os novos membros?”

“Não. A infiltração ocorreu na Guarda.”

“*Na Guarda?* Grande filho da puta. Faz ideia de quem seja?”

O velho assentiu. “Ele próprio encarregou de se revelar.”

“Quem é?” pergunta o assistente irado. “Eu mesmo tratarei de o eliminar depois de garantir que ele nunca esqueça porque o mandei para o Inferno.”

“O Jack.” Diz o homem num tom frio.

“Jack, qual Jack?”

“O Jack Payne.” Completa o velho, oferecendo alguns segundos para o assistente interiorizar a informação.

“E quem é ele na verdade?”

“Já mandei averiguar. Mas não devem chegar a lado nenhum. A verdadeira identidade dele deve estar muito bem camuflada.”

“Já o tínhamos topado senão estivesse.”

O velho suspira novamente. “É uma situação imprevista com a qual temos de lidar rapidamente.”

O assistente levanta-se, refeito da alteração temperamental, agora sim, podem tomar decisões de cabeça fria.

“Concordo, contudo, penso que primeiro devemos concentrar-nos na eliminação do alvo como planeámos. Em que pé está isso?”

“Não estás a compreender. Ela está com ele. Apanhando um, apanhamos outro.” Conclui o velhote erguendo-se também.

“Acha que isto requer uma ida a Londres?”

“Não me parece. Vamos manter-nos fiel ao plano, concertando esforços para

acompanhar o factor surpresa que é a entrada em cena de um infiltrado. A CIA vai acabar por dar com eles.”

“Mas podem demorar.”

“De qualquer forma a nossa ida não vai adiantar nada. Servirá apenas para pressionar o Barnes.”

“Que sugere então?”

“Manda preparar o jacto para a viagem que temos escalada, até lá vamos deixar o Barnes fazer o trabalho dele. Ninguém pode viver sem se denunciar.”

“Especialmente em Londres, mas não se esqueça que ela está acompanhada de uma pessoa que sabe como enganar a vigilância.”

“Sim, eu sei. Mas se conheces o Jack tão bem como eu, apesar desta novidade de se ter passado para o outro lado, sabes que não é homem para virar as costas à luta. Nem deve estar interessado em tornar-se num proscrito para o resto da vida.”

“Talvez seja a melhor opção. Vou dar as ordens à tripulação.”

Ao mesmo tempo que o seu protegido sai da sala, o fax começa a crepitar. Ao fim de alguns segundos engole uma folha branca que sai pintalgada de letras e com uma fotografia. O velho pega no papel e contempla a fotografia de Jack Payne, o mesmo que se denominou de Rafael perante Sarah Monteiro. No fundo da folha uma frase em letras capitais:

NO DATA AVAILABLE

Esmaga o papel no interior da mão fechada, contudo, a ira inicial já foi aplacada.

“Vou-te apanhar, Jack.” Di-lo com certeza, enquanto a estocada firme da bengala no chão auxilia a perna lesionada a caminhar para fora da sala. Há outras coisas a tratar. Fita mais uma vez o papel amarfanhado e, antes de o atirar ao chão, murmura, “Ela vai-te trazer até mim.”



CAPÍTULO VINTE E UM

Este é o famoso Museu Britânico, albergue de grandes e importantes artefactos que compõem a história e cultura humana. E não se fala de pouca coisa, mais de sete milhões de peças que arrolam a passagem humana pela crosta terrestre, assim como pelas suas partes líquidas e geladas. Abriu ao público no longínquo ano de 1759 e, desde então, é visitado, anualmente, por milhões de pessoas, ansiosas por se deleitarem com as preciosidades que o mundo colecciona para nós, guardando-as no melhor estado possível, para que quando sejam encontradas possam ser admiradas em espaços como este. As estrelas do Museu são, sem dúvida, as múmias egípcias, reais, expostas na ala egípcia em representação da arqueologia funerária desse povo, e a Pedra de Rosetta, presente desde 1802.

O *Jaguar* estaciona na parte frontal do enorme edifício, na Great Russell Street. Rafael e Sarah dirigem-se ao portão gradeado, cumeado por flechas douradas. Rafael acerca-se de uma pequena porta, ao lado do grande portão, onde se ergue uma cabine com um segurança.

"*Good evening*" cumprimenta Rafael.

"Noite" saúda o outro, em resposta, a mascar pastilha elástica. É um homem novo, vestido com a farda da empresa de segurança.

"Desejo falar com o Doutor Joseph Margulies, por favor."

"Com o Doutor Joseph Margulies?" A cara dele não se mostra nada amigável.

"Sim, ele está à nossa espera."

"Só um momento." O homem recolhe à cabine para fazer um telefonema certificativo. Não tira os olhos de Sarah. Aguardam.

Rafael ligara durante a viagem para o doutor e especificara-lhe a urgência de se encontrar com ele. Este ainda se mostrou renitente, mas condescendeu,

dizendo que estava ainda a trabalhar numa exibição temporária no Museu Britânico e que viesse ter com ele ali.

Para Sarah, o silêncio dá lugar a pensamentos dolorosos. É um assunto difícil de abordar, mas inevitável. “Onde...” *vá lá, tem de ser, força.* “Onde é que o meu pai entra nisto tudo? Qual é a posição dele na organização?”

“Isso compete ao seu pai dizer-lhe e não a mim.”

“Bolas. E onde é que o Papa entra no meio disto tudo?”

“Como catalizador.”

“Catalizador? Como assim?”

O segurança zeloso confirma o encontro e deixa-os passar para o interior do recinto que, na prática, é exterior na mesma. São limites gradeados que dizem o que é dentro e o que é fora.

“O senhor doutor virá buscá-los dentro de momentos.”

“Muito obrigado.”

“Não é a primeira vez que o senhor procura o Doutor Margulies, pois não?”

“Não. Mas nunca a horas tão impróprias” conclui Rafael com um falso sorriso tímido.

“Se quiserem podem ir para junto da porta.”

Que simpatia de segurança, a cara carrancuda com que os recebeu fará, porventura, parte do seu disfarce para afugentar intrusos, todos temos de desempenhar personagens diferentes durante o desenrolar de cada dia. No trabalho uma, em casa outra, ainda mais outra com os amigos. Não admira que como resultado existam tantas pessoas com distúrbios psicológicos.

Caminham em direcção à entrada principal do museu, ao centro, com as partes laterais do edifício a saírem para fora, concedendo à edificação uma forma em u, formada por linhas rectas. Quarenta e cinco colunas coríntias percorrem a fachada e as protuberâncias laterais, providenciando um ar imperial A suportar a arcada da entrada principal, com várias figuras em relevo no frontão triangular, mais colunas atrás e à frente, realçando o ponto primacial, concedendo a importância imponente das grandes entradas. Sarah tropeça nos degraus de acesso ao patamar.

“Se viéssemos em serviço secreto estaríamos denunciados.” Acusa Rafael num tom sério, embora com um toque de bom humor.

“Se viéssemos em serviço secreto não nos teríamos apresentado ao segurança. Nem entravamos pela porta da frente.”

“Bem visto.”

“Quer-me dizer como é que o Papa funcionou como catalizador?”

“Essa lista que recebeu estava nas mãos dele na noite da sua morte. Fora-lhe enviada por um alto membro da P2 chamado Carmine Pecorelli, advogado e jornalista. Chefiava um semanário onde divulgava todo o género de escândalos, o *L´Osservatore Político*, que na verdade era um jornal financiado por um antigo Primeiro-Ministro.”

“Quem?”

“É melhor não saber.”

“O que é que posso saber, afinal?” Interrompe-o sarcasticamente.

“O que estou a tentar contar.”

Sarah suspira e senta-se no degrau cimeiro, fatigada. “Continue.”

“Esse antigo Primeiro-Ministro era amigo íntimo de Licio Gelli...”

“Espere um pouco. Quem é esse Licio Gelli?”

“Lício Gelli era o Grão-Mestre da P2, já lhe tinha dito. Um camaleão, um manipulador, às vezes de extrema-direita, outras de extrema-esquerda, passou por todos os quadrantes conforme as conveniências. Para lhe dar um exemplo, a P2 combatia todas as ameaças de esquerda, contudo Gelli ajudou a fundar as Brigadas Vermelhas. Compreende a peça de que estamos a falar?”

“*Okay*. Então porque é que esse Pecorelli enviou a lista ao Papa?”

“Acredite ou não, porque queria ganhar dinheiro. A lista era uma forma de pressionar Gelli a pagar. No início, o *L’Osservatore Politico* servia os objectivos de Gelli. Mas depois Pecorelli achou que podia aumentar o seu património, uma vez que estavam a lidar com dinheiro roubado. E tinha muito por onde espremer Gelli, nomeadamente o seu envolvimento num escândalo financeiro que desviou do estado italiano mais de dois biliões de dólares em impostos petrolíferos. Tudo com a ajuda de altos membros da P2, é claro. Publicou alguns nomes no seu jornal, mas nunca foi tão longe como com a elaboração dessa lista, enviada dois anos antes a Paulo VI, mas que passou despercebida.”

“E porque é que passou despercebida?”

Agora é a vez de Rafael abanar os ombros inquieto. “É melhor não irmos por aí.”

“Podemos ir por onde, então? Porque é que com João Paulo I não passou despercebida?”

“Porque ele não fez segredo dela, inclusivamente contactou pessoas para saber da sua autenticidade. E o Vaticano não é o local mais indicado para a indiscrição. Há sempre ouvidos à escuta e olhos à espreita em cada parede. E antes das coisas chegarem ao Papa já passaram por mil mãos.”

Sarah levanta-se e começa a andar de um lado para o outro, cismática.

“Se quando o Papa morreu tinha a lista na mão, como é que o tal Firenzi conseguiu chegar a ela e porque é que ma enviou?”

“Firenzi?”

“Sim. Valdemar Firenzi. O nome não me é estranho, mas não estou a conseguir situá-lo. Sabe quem é?”

“Não sei.”

“Como não?”

“Sarah, como e porquê os papéis chegaram a si, não posso explicar pela simples razão de não o saber. A única coisa que sei do Firenzi é que trabalha no Vaticano. Mais perguntas, terá que as fazer ao seu pai.”

“Ao meu pai? Mas qual é o papel dele no meio disto tudo?”

“Já respondi a essa pergunta.”

Salvo pelo soar de passos em chãos vizinhos, a conversa adormece ali.

Sarah olha Rafael reprovadoramente. “O que viemos aqui a fazer?” pergunta em surdina.

“Decifrar o código.”

Um homem gordo e de bata, na casa dos sessenta anos, chega junto deles, vindo do interior. Rafael reconhece o amigo Margulies. “ Doutor Margulies.”

“Olá rapaz. Então isto é hora de incomodar um homem de Cristo?”

“Todas as horas são horas de Cristo.”

“Quem é essa?”

Se há coisa que o doutor Joseph Margulies não tem são Papas na língua, ainda que a expressão possa ferir suas santidades, tanto a que está em exercício como as anteriores, esclarece-se que as Papas são neste caso femininas e não masculinas, Papas de comer, que significam que o dito padre não tem a boca presa e diz o que muito bem entende, e não que tem algum candidato de Deus cativo na goela, nem tal é possível, mas no entanto, clarificar não ofende e fica tudo em pratos limpos.

"Esta é uma amiga. A Sharon... ah..." a difícil arte de inventar nomes não é apanágio de Rafael, "Stone. Sharon Stone."

"Sharon Stone?" profere Sarah decepcionada.

"Muito prazer, menina Sharon." Olha para ela com ar presumido. "Cumprimentava-a, mas infelizmente não lavei as mãos."

"Não há problema." *Quem é este?*

"Ah, suponho que para me vires incomodar quase às duas da manhã deves ter emprenhado aqui a tua amiga..."

"O quê?" dispara ela num guincho.

"Não, Joseph. Estamos metidos em assuntos secretos, de interesse nacional. Não lhe podemos dizer o que é senão tínhamos de o matar. Mas tenho aqui uma espécie de enigma e gostaria de saber se me pode ajudar." Rafael tira o papel do bolso e entrega-o a Margulies.

"Hummm." Foi a única coisa que disse durante os minutos em que ficou a olhar para o papel. A partir dessa interjeição ficou mudo e quedo como que em contemplação mental de algum plano alfanumérico existente na sua cabeça. Um, dois, três, quatro minutos... e acorda do transe. "Bom, era bem mais fácil se a tivesses emprenhado, sabes? Mas vou ver o que posso fazer. Sigam-me."

Este homem não existe.

Entram no interior do museu, propriamente dito, e após subir uma grande escadaria e virar à direita e esquerda em vários pontos, metem por um corredor largo e escuro, muito comprido.

"Não façam barulho para não acordarem as múmias." Recomenda Margulies em voz alta, sem cuidado nenhum.

Apesar de todas as interrogações remanescentes na sua mente, Sarah sente-se neste momento como uma alta conspiradora da corte em demanda do resgate da soberania mundial, possuidora de um segredo que pode abalar os alicerces da

Igreja e de alguns governos, embora nem ela o conheça na sua totalidade.

“Ninguém te tem posto os olhos em cima. Por onde é que tens andado?” questiona Margulies dando uma palmada amigável no ombro de Rafael.

“Ah... tenho andado em missão no exterior, como lhe disse.”

“Pois, pois. Isso da soberania nacional. Achas que caio nessa? Que se me contares tens de me matar?”

“É a verdade, Joseph.”

“Onde engataste este borracho?”

“Ele não me...” tenta aclarar Sarah.

“Ah... no Rio de Janeiro... num convento...” interrompe Rafael sobre o ímpeto de indignação de Sarah.

“Uma freira, hein?” O curador fita-o com veneração. “Samba no pé. Estou a ver.”

“Não foi nada disso...” começa Sarah mas Rafael aperta-lhe o braço.

“Chegamos.” Anuncia Margulies, abrindo uma porta de duas folhas que dá para uma grande sala cheia de estantes com livros e várias mesas enfileiradas. Claro que tudo isto só se torna visível quando Margulies acende a luz, não todas, apenas dois candeeiros que concedem um tom soturno ao local. Sarah sente-se cada vez mais transportada para outro tempo, mais antigo, tempo de reis e rainhas em que estes reinavam, efectivamente, e não serviam apenas como objecto emblemático. Margulies pousa o papel numa mesa e arrasta-se para uma estante específica. “Ora deixa cá ver, Criptografia.”

“Precisa de ajuda?” prontifica-se Rafael.

“Não. Deixa-te estar sentado com a tua namorada.”

Rafael olha para Sarah e os dois miram-se momentaneamente. Os olhos penetrantes dela a dilacerarem os de falcão dele, sendo a presa a ave de rapina, discordâncias compreensíveis.

“Que raio foi aquilo?” pergunta-lhe ela em surdina.

“A curiosidade matou o gato. Dei-lhe só o que ele queria ouvir.”

“Ah, e era isso que ele queria ouvir? Que engatou uma freira brasileira chamada Sharon Stone?”

“Não ligue. Os meios justificam os fins. Acha que ele ia gostar de saber a verdade?”

“Não sei. Mas a verdade é a verdade. Não há por que ter vergonha dela.”

Rafael agarra nos braços de Sarah, junto aos ombros, e pressiona-os com alguma força para captar a atenção dela. Efeito alcançado. “A verdade pode matar-nos a todos, Sharon. Você é a prova, ainda viva, disso. Não se esqueça.”

Efeito duplamente alcançado, a verdade pode matar-nos a todos, sábias palavras, as dele, é aterrador pensar desta forma, encarar o mundo desta maneira, mas, para já, não pode ser outra a reacção. Rafael larga-a e observa Margulies que está sentado com três livros já abertos e o bendito ou maldito papel nas mãos.

“Onde é que o conheceu?” quer saber Sarah.

“O Doutor Margulies? Foi meu professor há muitos anos e, embora possa não parecer, é muito sério. Estudou no Vaticano e tem conhecimentos profundos sobre criptografia. Se aquilo é algum código ele vai decifrá-lo.”

“Professor de quê?”

“Isto é algum interrogatório?”

“Não. Estou apenas a fazer conversa.”

“Foi professor de teologia.”

“Teologia? É formado em teologia?”

“Entre outras coisas.”

“E então o que acha do estado a que a religião chegou em que cardeais ao mais alto nível podem ter aberto a porta para a morte de um Papa, ou mesmo premido o gatilho, ou colocado o pozinho no copo?”

“Religião? Quem é que falou em religião? Deus não tem nada a ver com isto.”

E com esta, Rafael dirige-se para junto de Joseph Margulies que continua mergulhado nas ciências da criptografia, deixando Sarah mergulhada nas suas últimas palavras. De facto, a religião não é para aqui chamada. Nem Deus Pai Todo-poderoso, nem Jesus Cristo, filho de Deus Pai, nem santos, beatos Pai Nossos e Ave-Marias e Salvé Rainhas e por aí fora. Nada disso se enquadra no que tem ouvido ao longo da noite. Tudo tem a ver com poder, dinheiro, corrupção, política. Nada mais.

“Meu rapaz, isto vai levar algumas horas. Tenho de ir por tentativas para descobrir que tipo de padrão foi usado. Se é um código ou uma cifra. Não tens o que fazer?”

Rafael pensa durante um instante. “Tenho. Posso só passar o enigma para um papel?”

“Força.”

Sarah acerca-se de Rafael, intrigada. “Onde vamos agora?”

“Sabes sair daqui?” pergunta o Doutor Margulies.

“Sei, não se preocupe. Assim que saiba de alguma coisa ligue para este número.” Quando termina de passar a cifra ou o código, o tempo o dirá, entrega um papel com o seu número a Margulies e encaminha-se para a saída, seguido por Sarah.

“Onde vamos?”

“Cortar o cabelo.”

“Como? A esta hora?”

Percorrem o longo corredor e refazem o caminho que dá para a porta que por sua vez leva ao recinto frontal ao edifício. Cinquenta metros até aos portões e à cabine onde o segurança visiona uma televisão a preto e branco. E a seguir, Great Russel Street.

“Encontrámo-nos com o director do Museu Britânico às duas e meia da manhã, podemos muito bem acordar um cabeleireiro às três e tal.”

“Mas é mesmo necessário? A sua vaidade não pode aguardar para quando tudo estiver bem?”

“Não estamos a falar do meu cabelo, minha querida. O seu é que está demasiado comprido.”



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Certos encontros estão predestinados a acontecer mais cedo ou mais tarde. Seja com o bem, com o mal, a saúde, a enfermidade, um furo num pneu, o taxista que não conhece os limites de velocidade e nos cola ao banco de trás a rezar para que aquela não seja a última viagem da nossa vida, a mulher dos nossos sonhos, e dos sonhos dos outros, a nossa mulher, o nosso homem, ainda que o pronome possessivo nunca fique bem quando classifique como posse algo que não nos pertence na realidade. A pura ilusão de ser dono de um ser humano se nem de nós próprios o somos. E para quem pense o contrário, uma lembrança, o nosso corpo desliga no dia que assim entender e não há nada que possamos fazer para evitá-lo.

Tudo isto para introduzir este homem de idade avançada que se apresenta à nossa frente. Caminha lucidamente, sem ziguezagues desequilibrados, no meio da horda de desconhecidos que, seguindo a teoria dos seis graus de separação, podem eventualmente, conhecer alguém que o conhece. Talvez até seja essa a fórmula usada pelos serviços de inteligência e organizações afins, entenda-se as segundas como os serviços secretos estatais mas que, por norma, estão do lado do mal, dependendo do ponto de vista do objectivo traçado pelos estados. Para que melhor se compreenda, Hitler foi responsável pela exterminação de milhões, algo de perfeitamente abominável aos olhos dos aliados e da maior parte dos países do mundo, contudo, dentro do seu ponto de vista estava a agir correctamente, pois ninguém considera os seus próprios actos hediondos. Se a isso adicionarmos que Hitler era o Chefe Maior de um estado importante, então também se pode concluir que nem sempre os países têm razão e estão do lado do bem, tudo isto partindo sempre da linha muito ténue que separa os diferentes e confusos pontos de vista, os do bem e os do mal.

Seja como for, a teoria dos seis graus de separação pode muito bem explicar a razão para que ande a ser seguido desde há várias horas. Ainda não se apercebeu

disso, é difícil no meio de tanta gente, o que também abona a favor da competência da pessoa que vai no seu encalço. Ainda há pouco saíram do Hilton Theatre, onde viram o excelente *Chitty Chitty, Bang Bang,* e agora descem a Avenida das Américas ou a Sexta Avenida, tanto faz, para sul. Alguns metros depois, a seguir ao cruzamento com a Rua 38ª, o velho entra num edifício residencial. Um porteiro fardado a rigor cumprimenta-o com reverência.

O perseguidor cinge-se a observar a uma distância segura. Olha para o número da porta e comprova com as informações de que dispõe. Confere, é a residência do velho.

Mal este sai da vista, tira o telemóvel do bolso e faz uma ligação. Momentos depois, uma carrinha negra pára ao seu lado. Entra e deixam-se ficar estacionados. É altura de ser paciente.

"Ele mora aqui?" Pergunta o motorista, o outro ocupante da viatura, numa qualquer língua do leste, polaco talvez.

O homem do sobretudo negro limita-se a acenar afirmativamente, sem tirar os olhos da portaria do luxuoso edifício.

Nova Iorque é de facto um lugar glamoroso, chique, cheio de luxos para oferecer, falamos de Manhattan, é claro, pois, como todas as cidades civilizadas, também tem os seus podres, os pontos negros mal afamados que não interessam neste caso, porque ficam fora de Manhattan e longe desta Sexta Avenida, onde os dois homens assentaram arraiais.

"As coisas correram mal em Londres?" Nova pergunta do motorista.

"Sim."

"Diz-me uma coisa, porque é que não podemos entrar ali dentro e limpar o sebo ao velho?"

O homem leva o seu tempo a responder como que a pesar várias matérias ao mesmo tempo. "Porque ele é a chave."

Contemplação atenta durante mais algum tempo. Por fim, pede ao motorista que fique de olho na portaria enquanto tira um retrato de dentro do bolso. Um retrato já visto, o de Bento XVI, Papa em exercício. Em seguida, mune-se de um isqueiro e começa a aquecer a parte detrás com cuidado. Aos poucos o retrato de Bento XVI desvanece-se dando lugar a outro, o do velho vigiado. Assim que apaga a fonte de calor, o retrato recupera as suas propriedades originais, mostrando o mesmo Papa com o seu sorriso amarelo e um braço a acenar aos fiéis. "Ele é a chave."



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MORO

9 de Maio, de 1978

Este homem que vemos aqui sentado a escrever chama-se Aldo Moro. O objecto da sua escrituração é uma missiva para a família, mais uma, das muitas que tem escrito, também ao Papa Paulo VI e aos principais dirigentes do seu partido, desde que se encontra cativo das Brigadas Vermelhas, às mãos de Mario, já lá vão cinquenta e cinco dias.

Ainda que possa não parecer, este homem de aspecto tranquilo e sereno já foi Primeiro-Ministro de Itália por cinco vezes. O novo governo, chefiado por Giulio Andreotti, não aceita negociar com organizações terroristas, como a das Brigadas Vermelhas, que exigem a libertação de vários presos políticos. Uma vez que isso está fora de questão e o Primeiro-Ministro argumenta que o próprio cativo é contra qualquer negociação com esse tipo de gente, é difícil prever o que pode acontecer com Aldo Moro, líder do partido da *Democrazia Cristiana* por alturas do rapto, a 16 de Março deste ano de 1978.

Desde esse dia que Moro vê e fala, exclusivamente, com Mario. No início eram interrogatórios, tentativas de angariar informação, mas cedo passaram a longas conversas entre os dois homens. Moro revelou-se um homem admirável aos olhos de Mario e mereceu o seu respeito e benquerença.

A posição do governo e dos militantes do seu próprio partido decepcionaram Moro profundamente. Nem um levantou um dedo para o ajudar, apesar de, nas cartas enviadas por si, ter explicado que o governo deve colocar em primeiro lugar a vida das pessoas. A maior parte dos membros da *Democrazia Cristiana*, assim como do governo, incluindo o próprio Primeiro-ministro, acreditavam que

Moro fora coagido a escrever aquelas cartas e que não patenteavam o seu entendimento sobre o assunto. Nada mais incorrecto.

Pode ser que Mario desista das suas pretensões e se dê por vencido. Ou talvez dê um sinal de força e mate Moro como forma de intimidação, assegurando o sucesso de futuros raptos. Ou talvez Mario não passe de um mero peão num tabuleiro de xadrez e não mande nada, apenas execute. Seja como for, Moro está convencido que não sairá dali com vida.

Deixemos Aldo Moro redigir a sua carta, neste quarto da Via Gradoli, e sigamos para outra divisão do mesmo apartamento, a sala, onde Mario atende o telefone. Estão mais três homens com ele. Dois a verem televisão e outro a ler o jornal.

“Estou?”

“É hoje” diz uma voz masculina do outro lado da linha. “Prossigam com o planeado.”

“Será feito” assente Mario.

“Volto a ligar daqui a uma hora. O americano quer isso resolvido o quanto antes.”

“Será feito” repete Mario, desligando o telefone. “Vamos acabar com isto” diz para os outros.

“Achas que é o melhor a fazer?” interpela o que está a ler o jornal, hesitante.

“Não está nas nossas mãos. Não podemos voltar atrás.”

“Ainda acho que o melhor é libertá-lo. Já fomos mais longe do que alguma vez pensámos. A nossa mensagem foi compreendida. Eles sabem que não estão seguros.” Declara o mesmo homem.

“Esta não é a nossa luta, Mario.” Expressa um dos homens que estava a ver televisão.

“Quando começámos isto, sabíamos onde ia parar. Aceitámos fazê-lo” alega Mario.

“Não contes comigo para premir o gatilho” anuncia o mesmo homem.

“Nem comigo” adverte o homem que partilha o sofá e que não tinha dito nada até ao momento.

“Devíamos libertá-lo. Não somos capachos de ninguém.”

“Nem pensar. Isto acaba hoje. Não vamos recuar.” Assevera Mario, tentando convencer-se de que aquilo é uma decisão política e não dele. O destino de Moro já estava traçado no dia 16 de Março, era uma questão de tempo. Agora é hora de cumprir.

Dirige-se ao quarto e roda a chave da porta. Aldo Moro ainda está sentado a escrever a carta para os seus entes queridos.

“Levante-se. Vamos embora” ordena Mario, disfarçando alguma agitação.

“Para onde vamos?” pergunta Moro terminando de escrever a missiva.

“Vai ser transferido para outro local” responde Mario pegando num cobertor e dobrando-o, sem nunca olhar os olhos do prisioneiro.

“Importa-se de mandar entregar isto?” Moro tem a carta nas mãos.

“Será entregue.” Mario pega na carta e coloca o cobertor debaixo do braço.

Os dois homens olham-se durante alguns instantes. Mario não suporta os olhos cristalinos e francos de Moro e é o primeiro a desviar o contacto. Não é necessário dizer mais nada. Moro percebeu.

Descem até ao carro estacionado na garagem. Moro com os olhos vendados, à frente, seguro por Mario e os outros três atrás. Assim que chegam à garagem mandam-no entrar para a mala de uma Renault 4 vermelha.

“Cubra-se com este cobertor” ordena Mario.

Assim que Moro se cobre, Mario e só Mario, de olhos fechados, tentando convencer a consciência de que aquilo é inevitável, que não há outro caminho, descarrega onze balas em cima dele. Nenhum dos outros disparou as suas armas. O plano foi cumprido.

“Cumprimentos dos senhores Kissinger e Andreotti.”



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Foi o próprio Rafael quem cortou o cabelo em excesso a Sarah transformando-a quase numa outra mulher. Tudo isso neste quarto de hotel onde os encontramos. Foi uma experiência tremenda, nunca imaginada por ela. Perder o cabelo daquela maneira? Não é justo. Toda a dedicação e empenho com que o tratou desde há tantos anos, lavar, amaciar, limpar, secar, os produtos hidratantes, reconfortantes, os anos de penteio, alisamento, tudo terminado por uma tesoura sequiosa por cabelo que, sem qualquer respeito ou temor, o cortou implacavelmente, sob as mãos dele.

“Odeio-o.”Desabafa Sarah assim que regressa ao quarto, no final do banho, envolta numa toalha.

“Pense positivo. Dê-lhe tempo e ele voltará a ficar como estava.” Consola Rafael deitado na cama.

“Você feriu os meus sentimentos como nenhum homem fez.”

“Dito dessa maneira, sinto-me enaltecido.”

Sarah senta-se na beira da cama e suspira. Um suspiro sôfrego, de fadiga, de desalento, de frustração. Tudo isto por causa de uma organização, que lhe arrancou toda a vida normal até às pontas dos cabelos.

“Penso que estou mais confusa do que quando não sabia nada.”

Rafael esboça um sorriso. “É natural.”

A poeira assenta durante alguns momentos, Rafael e Sarah respeitam o emudecimento de cada um. Muitos factores a ponderar, especialmente da parte de Sarah Monteiro, nomes novos, nomes antigos conhecidos, personalidades políticas, religiosas e de outros teores, parentes, que bem vistas as coisas podem entrar no rol de nomes antigos conhecidos; histórias mal contadas, revelações medonhas, lojas maçónicas, grão-mestres, assassinatos. Que raio de mundo é

este em que estamos metidos, se até os homens que guardam a nossa fé não inspiram confiança, são mesquinhos, mentirosos e se matam uns aos outros? E o mesmo se pode aplicar aos políticos. E a toda a lista de supostos homens de bem que enchem a primeira folha em duas colunas e preenchem meio da segunda.

"*Okay*. O tal Pecorelli enviou uma lista ao Papa. E por causa dela foi morto."

"Não deixe o espírito jornalístico tomar conta de si. Isso estraga tudo. Nunca disse que ele morreu por causa da lista."

"Não?"

"Não. O que eu disse é que Sua Santidade tinha essa lista nas mãos quando morreu." Deixa que as palavras correctas influam na consciência de Sarah. "Nunca disse que morreu por causa disso. As más matérias nascem das más suposições."

"Tudo bem. Chega. Já vi que adora jornalistas." Retoma o fio da meada. "Ele mandou os papéis para o Papa onde denunciava a P2. E depois? O que aconteceu a Pecorelli?"

"Morreu em Março de 79 com dois tiros na boca."

"Que horror. Posso supor que esse tal Gelli o matou?"

"Poder pode, mas nem sempre o óbvio é o correcto. Quem o mandou matar foi o antigo Primeiro-Ministro que mencionei."

"O Primeiro-ministro? Que raio de país é esse?"

"É um país como todos os outros. Se soubesse metade do que se passa no seu, ou mesmo aqui, ou noutro sítio qualquer do globo, ficaria estarrecida."

"Humm. A civilização é uma miragem."

"Bem pode dizê-lo."

"E porque é que esse antigo Primeiro-Ministro o mandou matar?"

"Porque Pecorelli sabia demais. Nomeadamente, sobre o envolvimento dele na Operação Gladio, não sei se já ouviu falar."

"Tenho uma vaga ideia. Uma espécie de serviço secreto com um exército pronto a defender a democracia das forças comunistas em quase toda a Europa, uma *stay-behind* operation, manobrada pela CIA, pelo MI6 e pela NATO..."

"E pela P2 também. Mas mais não precisa de saber sobre isso. A Gladio é um

caso arrumado e julgado nos tribunais. Esse governante há muito que admitiu a sua existência. Mas Pecorelli sabia mais alguma coisa. Nomeadamente, o envolvimento dele no rapto e assassinato de Aldo Moro, também em 1978."

Os olhos de Sarah abrem-se revelando o desalinho da catadupa de revelações censórias. Levanta-se e anda de um lado para o outro. "Meu Deus. Mas não foram as Brigadas Vermelhas?"

"Fundadas por quem?"

Dois segundos para pensar. "Minha Nossa Senhora."

"Pois."

Sarah volta a sentar-se na beira da cama, nunca parando de fazer gestos com as mãos, não arranjando posição fixa para elas, e batendo numa cadência rápida com um pé no chão. Olha fixamente para Rafael. "Não se arranja algo para beber?"

"Claro."

Este levanta-se e dirige-se ao minibar, situado junto à porta do quarto. Regressa com uma garrafa de água e uma lata de *Fanta*. "Água ou *Fanta?*"

"Água." Agradece, sorvendo quase de uma vez só, o líquido refrescante que, apesar das suas qualidades líquidas, não consegue acabar com a secura dos lábios e da boca de Sarah, mantendo a aridez própria do frenesi de acontecimentos e confidências demasiado rápidos para um entendimento à velocidade normal. "Disse que a Gladio também era operada pela P2, para além da CIA e dos outros. Isso quer dizer que os serviços de inteligência mundiais não só tinham conhecimento da existência da P2 como se davam com os seus membros?"

"Exactamente. Mas o tempo verbal é *têm* e não *tinham*. Para que tenha uma ideia, a CIA financia mensalmente a P2 com onze milhões de dólares. E estão a gastar uma pipa de massa consigo."

"Ainda os suportam hoje?"

"Ainda hoje. Consequência do final da Segunda Guerra Mundial. O fim de Hitler em vez de trazer a paz trouxe a desconfiança entre os países, disputa de interesses, o início da Guerra-Fria que foi prejudicial para todos. Os aliados e os alemães alimentavam cada vez mais espiões e os serviços secretos foram uma parte fulcral para o desfecho da guerra. Cada um defende-se como pode e os serviços secretos tornaram-se primordiais para os estados, especialmente os mais

fortes. Juntemos a isso o tráfico de influências, que é a arma das democracias modernas. O primeiro mundo é o local onde impera o dinheiro e não o bom senso.”

“Lojas maçónicas, políticos, militares, serviços secretos... Quem é que manda em nós, afinal?”

“Teoricamente somos cidadãos livres.”

“Sim, mas quem é que nos governa? É tudo um polvo orientado por organizações secretas que manipulam os governos em quem votamos?”

“Essa é uma boa tese.”

“É uma pergunta.”

“Uma pergunta e uma resposta.”

“Isto é medonho.”

“Então não pense nisso.”

“Diz isso como se fosse fácil.”

“E é.” Declara Rafael. “Invoque a sua mente para outras coisas menos hediondas.”

Sarah pousa a garrafa que ainda segurava nas mãos e esfrega-as impacientemente. Tudo aquilo é demais para ela. Tudo aquilo é demais para qualquer comum mortal. Que teia de mentiras. O domínio à custa do sangue dos opositores.

Censuram Hitler, mas no fundo não são melhores do que ele, pensa. Tudo vale para ter acesso fácil ao poder decisório, ao dinheiro e a todas as benesses que isso acarreta, como a supressão dos inimigos, dos que se pensa que são, e dos que se pressagia virem a ser. Depois colocam as culpas em pessoas como Sarah Monteiro que tão tranquila estava na herdade dos pais em Beja. E quando chega é acusada de ter morto uma data de gente, nenhuma delas perto da herdade, tão-pouco em Portugal. O seu medo é que as coisas fiquem para sempre mal explicadas e nunca ninguém apanhe o culpado, como no assassinato de JFK, de Aldo Moro, de Papa João Paulo I ou do Primeiro-Ministro Sá Carneiro, afastados precocemente dos seus destinos por homens que desempenham o papel de Deus na terra.

“Isto é medonho.” Repete. “O que fazemos agora?”

“Vamos ter com o seu pai.”

“Onde? Ele está cá em Londres?”

“Como quer que eu saiba? Você é que é a filha.”

“Eu já nem sei se sou filha do meu pai, ou não. Não sei nada de nada. Está tudo muito turvo na minha cabeça.”

“Sarah, compreendo-a perfeitamente. E deixe-me dizer-lhe que se está a portar lindamente, apesar das circunstâncias. Mas penso que o seu pai é parte integrante de tudo isto e deve ser o nosso próximo destino.”

“E pensa que eles não estão a vigiar as fronteiras, cá e lá?”

“Eu sei que sim. Mas já estou a tratar disso.”

Rafael levanta-se e tira um telemóvel do bolso do casaco. Digita um número e aguarda. Assim que atendem fala num alemão fluente. “*Hallo. Ich benötige einige Pässe.*” Olá, preciso de alguns passaportes. “*Ich bin dort in fünf Minuten.*” Estarei aí dentro de cinco minutos.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

“Para quem é que ligou há bocado?” pergunta Sarah, novamente instalada no *Jaguar*, agora no banco de passageiro da frente.

“A um alemão que lhe vai fazer um passaporte.”

“Só para mim?”

“Só. Eu tenho vários.”

“Ele é de confiança?”

“Não.”

“Como assim?”

“Não, quer dizer não.”

“Vamo-nos meter na toca do lobo?”

“Estes falsificadores só funcionam com dinheiro. É o que movimenta o seu negócio. O que significa que se alguém lhe perguntar se fez um passaporte para nós ele não vai negar.”

“Mas...” pressiona Sarah.

“Mas só depois de lhe pagarem. Se pensa que ele vai a correr avisar alguém que nós estamos a caminho, pode ficar descansada.”

“Estou muito mais descansada” ironiza frustrada.

“Óptimo.”

A viagem leva pouco tempo, nem cinco minutos, estacionamento incluído à porta de um pub movimentado e barulhento. Ao lado, uma porta entreaberta pela qual entraram sem tocar. Sobem pelas escadas até ao terceiro andar, sem se importarem com um casal de adolescentes que quase se devoravam nos degraus.

Pelo menos Rafael não se importa, já Sarah não consegue evitar um olhar de reprovação. O que é certo é que para os intervenientes foi como se ninguém tivesse passado, e continuam absortos na sua paixão, efeitos do álcool sobre o discernimento lógico, afectando o comportamento, libertando o animal instintivo interior e, por vezes, causando consequências a médio prazo, digamos nove meses.

“Viu aquilo?” pergunta Sarah indignada.

“Sim, é um acto natural.”

“Um acto natural nas escadas de um prédio?”

“Quando a necessidade aperta...”

“Que horror.”

“Não me diga que não o faz.”

“Não o faço nas escadas de um prédio.”

“Deixe estar, eles amanhã já nem se lembram.”

“Mas consegue imaginar as possíveis consequências disto? Ela pode engravidar, por amor de Deus.”

“Não me parece que esteja ali obrigada.”

Chegam ao destino e Rafael toca à campainha. “Não se chateie com isso. A sério. Todos temos os nossos *karmas* e não há como fugir deles.”

“A quem o diz.”

A porta abre-se de supetão fazendo com que Sarah solte um grito.

“Eh, meu, como estás?” cumprimenta o alemão efusivamente.

“Tudo bem. E tu?”

“Sempre na boa. Entrem. Eh, temos companhia, boa.”

“É, sabes como é que é.” lança Rafael piscando o olho ao alemão e entrando.

Hans é um jovem com pouco mais de vinte anos. As suas falsificações, para além de rápidas, são limpas e não provocam suspeição em nenhum serviço de fronteira, pelo menos que se saiba. Neste ramo, as falsificações não se querem famosas, a ideia é que passem despercebidas.

“Pá, mas conta-me o que precisas, pá.”

“Preciso de um passaporte aqui para esta senhora, para já, *pá*.” Rafael entra na onda do alemão, ou assim quer que o germânico pense.

“Para esta senhora. Pra já. *Tou-te* a topar. És um mangas, pá.”

O jovem pega numa máquina fotográfica e agarra no braço de Sarah. “Encosta-te aí nessa parede.”

Uma parede própria para fotografias tipo passe, com algumas nuvens sobre o azul a simbolizar a atmosfera neutra que esse género de retratos requer.

“Não te rias.”

“O quê?”

“Não te rias. Os passaportes têm de ter retratos com o sujeito numa posição neutra, *tás* a ver? Tu és o sujeito.”

“*Okay*.” *Já vi que não bates bem*.

Sarah simula a exigida expressão neutra, nem riso nem choro, enquanto Rafael observa uma parede cheia de fotografias.

“Quem é esta gente toda?”

“Ah, isso? Pá, toda a gorilada que já apareceu por aqui.”

“Tens uma carteira de clientes extensa.”

“Não me posso queixar.” Liga a máquina fotográfica a um computador e inicia o trabalho, propriamente dito.

“Pá, tens preferência pelo nome? País?”

Sarah fica encabulada. Não pensara nisso. “Ah...”

“Sharon Stone.” Interrompe Rafael.

“Pá, curto esse nome. Até acho que conheço alguém chamado assim.”

Que freak. Pensa Sarah.

“Quanto ao país, um qualquer da zona Schengen.”

“*Okay*, *man*. Tens cinco mil?”

“Alguma vez te deixei ficar mal?”

Sarah aproveita para se juntar a Rafael. “Donde conhece esta peça?” pergunta em surdina.

“Não conheço. Conheço alguém que o conhece.”

“Ele parece que o conhece há anos.”

“Eu sei. Não é fantástico?”

Hans dedica-se à falsificação, dedilhando informações no computador e trabalhando sobre a fotografia que acaba de descarregar para o mesmo. Pouco depois levanta-se e abre a porta de um armário. Pensa alguns segundos enquanto pega em vários passaportes virgens de diferentes nacionalidades. O verdadeiro mestre do disfarce transfronteiriço.

“Vais andar só pela Europa, pá?” questiona o alemão.

“Boa pergunta. Pode ser que tenhamos de ir às Américas.” Responde Rafael pensativo.

Sarah fita-o intrigada. “Américas?”

“*Okay*, meu. Então vou tirar um francês e outro americano. O francês dá para usares na Europa e o outro nos Estados Unidos, *tás* a ver?”

“Perfeito.”

Sarah observa intrigada, enquanto Hans tira do armário dois passaportes virgens, não preenchidos, um com selo norte-americano e o outro francês.

“Esses passaportes são verdadeiros?”

“Porque é que achas que passam sempre sem serem detectados?” dispara Hans como se a pergunta tivesse sido realmente estúpida.

“Isto é praticamente como ir à embaixada, só que aqui tem a oportunidade de escolher um país e inventar um nome.” Explica Rafael. “E é mais caro.”

“Qualidade, meu. A qualidade paga-se” defende-se Hans.

O telemóvel de Rafael toca.

“Sim?... Tudo corre bem... Não há problema para já... Onde?... Só temos mais uma paragem para fazer e avançamos para aí.”

“Quem era?” interroga Sarah prontamente ainda Rafael não guardou o telemóvel.

“O que a leva a pensar que tenho de lhe dar satisfações?”

“Meu, tu és o meu herói” interrompe Hans maravilhado com a resposta de Rafael. Aproveita para colocar os dois passaportes numa máquina impressora especial. Assim que o pousa numa espécie de digitalizador, fecha a tampa e esta

fica totalmente hermética. “Okay, pá. Dez segundos e está pronto.”



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Geoffrey Barnes continua agarrado ao telefone. Desta feita fala em inglês e a voz dominante deixa entrever que não está a falar com um superior. E se isso não for prova suficiente basta reparar no telefone que tem em mãos, não é o vermelho, o do Presidente dos Estados Unidos da América, nem o segundo onde atendeu o italiano, logo, excepções retiradas, só pode ser aquele com que ordena, controla, superintende as operações no terreno. Vinte e sete anos de serviço e uma folha impecável propiciam certos confortos. O de poder, quase sempre, almoçar e jantar a horas é o principal, já que Geoffrey Barnes é um bom garfo, ainda que a sua primeira paixão seja o trabalho. Sem dúvida que outro dos grandes confortos da posição é o facto de não andar no terreno e poder mexer as peças a seu bel-prazer sob o efeito do ar condicionado, como se de um jogo de xadrez se tratasse, o que até não é mal comparado.

O objecto da ligação é o chefe de operações no terreno, conhecido como Charlie, nome de código, evidentemente, e os progressos da operação *Último Papa*, ou dos recuos da mesma.

"Desapareceu?" Barnes não quer, ou não pode transmitir uma sensação de descontrolo perante os seus agentes, mas a verdade é que, interiormente, ganha cada vez mais terreno o desconforto em que esta missão se tornou, uma verdadeira pedra no sapato. Agora chega-lhe aos ouvidos, literalmente, que a mulher desapareceu quando a Guarda estava no seu encalço, algo absolutamente surpreendente. Foi-lhe ordenado pelo italiano, se bem lembramos, que mantivesse os seus homens na retaguarda, enquanto a Guarda trataria de neutralizar o alvo. O insucesso deles terá com certeza repercussões, mas, acima de tudo, atenta gravemente contra a infalibilidade da Guarda.

"Um infiltrado? Agente duplo?" *Minha Nossa*. Pensa para si, pois fica mal dizer em voz alta. "*Okay*, Charlie. Continuem a bater o terreno. Eles não se

podem tornar invisíveis.”

Pousa o auscultador e reclina-se na cadeira com as mãos atrás da cabeça. Respira fundo. *Se eles não aparecerem estamos fodidos*.

“Senhor?” É o nosso conhecido Staughton quem se apresenta no gabinete.

“Staughton.” Profere Barnes como que a autorizar o que quer que ele venha dizer.

“Senhor, ainda estamos na retaguarda ou temos autorização para agir?”

Barnes pensa durante alguns instantes, não muitos para não expressar indecisão. Tudo aqui é passível de leituras psicológicas, até os silêncios. “Neste momento, ambos temos a cana. O primeiro a ver o peixe ataca.”

“*Okay*,” afirma Staughton com um sorriso nos lábios. “Interceptamos um telefonema para a Metropolitan Police do Museu Britânico.”



CAPÍTULO VINTE E SETE

O *Jaguar* circula a velocidade moderada de regresso ao Museu Britânico. Sarah, no lugar do costume a olhar para a frente, pensativa, contemplativa, irritada. Uma mulher não esquece quando é maltratada, e dificilmente deixa que os outros o esqueçam também, reflexo disso é a expressão carregada com que adorna o rosto. A maior parte das comunicações humanas centram-se nas expressões e gestos em detrimento da oralidade. E aquele esgar de ressentimento e irritação funciona como uma mensagem, facilmente compreensível pelo destinatário, sentado ao lado, com as mãos no volante a mirar a estrada.

“Não espere nenhum pedido de desculpas da minha parte” diz Rafael, numa tentativa de acabar com as dúvidas em relação à frase maldita com que a brindou no apartamento de Hans. Se a ideia é colocar água na fervura, não escolheu a melhor maneira, pois não era aquilo que Sarah esperava ouvir.

“Engana-se.” Dispara Sarah olhando-o directamente, de tal forma que ele não aguenta a acareação durante muito tempo e vira a cabeça para a estrada. Uma fuga para a frente, perceptível ou não, uma vez que alguém tem mesmo de conduzir.

“Engano-me?”

“Não estou à espera de qualquer pedido de desculpas.”

“Não?”

“Não. Mas, ao contrário do que possa pensar, deve-me satisfações. E muitas.”

“Eu sei.”

“Sabe?” É a vez de Sarah se espantar.

“Sei. Apenas respondi daquela maneira porque o antro de um falsificador

nunca é o lugar indicado para planos e revelações.”

“Vai-me dizer quem lhe ligou, então?”

“O seu pai.”

“O meu pai?”

“O seu pai.”

“E o que é que ele queria?” A necessidade de saber é tão intensa que a revolta. Não devia estar interessada, o pai é um falso, um manipulador, um possível assassino. Não devia.

“Queria saber como estavam a correr as coisas.”

“E como estão a correr as coisas?”

“Dentro do possível” responde Rafael sem tirar os olhos da estrada.

Sarah fita também a estrada em silêncio. Como é possível virar toda uma vida ao contrário, em horas, segundos. Ontem tinha uma vida normal e hoje, três horas depois da meia-noite, não sabe onde se enfiar, perdeu o domínio total que, pelo menos, tinha a ilusão de possuir. Ainda que ilusório, era sempre preferível viver dessa maneira do que ter de enfrentar a dura realidade. As vidas humanas são joguetes nas mãos dos poderosos e esses não são os que aparecem diante das luzes da ribalta. Os verdadeiros detentores do poder estão na sombra, decidindo sobre a vida de cada um, os rivais, das possíveis ameaças, dos aliados, dos supostos amigos que, com um simples estalar de dedos, se podem tornar em inimigos a derrubar temporária ou permanentemente.

“Se a CIA financia a P2, então posso supor que estava ao corrente do plano para matar o Papa. Ou será uma suposição jornalística?”

“Será uma boa suposição.”

“E qual o interesse deles em suprimir o Papa?”

“Isso pede uma resposta muito complicada.”

“Já vi que tudo é muito complicado. Faça o seu melhor.” Enfrenta-o Sarah, decidida. As respostas complicadas não podem ficar por dizer.

Rafael roda o olhar para ela durante alguns segundos e depois suspira, regressando à estrada e à condução. “Se analisar o mapa geopolítico mundial dos últimos sessenta anos não será capaz de encontrar uma única mudança que não tenha dedo da CIA e, por consequência, dos Estados Unidos da América.”

“Espere um pouco” aquilo é informação a mais.

“Eu disse-lhe que era complicado.”

“Não é isso. Tem a noção do que está a dizer?”

“Perfeitamente. Nos últimos sessenta anos não houve revolução, golpe de estado ou assassinato suspeito que não tivesse o dedo da CIA.”

“Mas, afinal, eles não são os bons?”

“Tudo depende do ponto de vista. Se falar com os familiares dos milhares de pessoas assassinadas em nome da CIA, encontrará outra opinião.”

“Dê-me um exemplo.”

“Dou-lhe vários. Salvador Allende no Chile. Morto em nome de um golpe de estado obrado por Pinochet que, por sua vez, era totalmente financiado pela CIA. Adicione a isso as centenas de milhar de pessoas torturadas, presas e assassinadas às mãos do mesmo Pinochet. Sukarno, na Indonésia, afastado por se dar com comunistas. Os americanos ajudaram os militares, através de Suharto, a derrubá-lo. Mais de um milhão de alegados comunistas foram mortos numa operação de limpeza financiada por eles. No Zaire colocaram Mobutu no poder, no Irão a Operação Ajax removeu o Primeiro-Ministro Mohammed Mossadegh, democraticamente eleito, na Arábia Saudita manipularam o mapa como lhes apeteceu. ”

“Iraque.” completa Sarah.

“Sim, mas esse é demasiado óbvio. A CIA afirmava a pés juntos a existência de armas de destruição maciça. Ao menos podiam tê-las colocado lá para depois fingirem encontrá-las Era o que eu faria.”

“Agora estão a receber a paga.”

“Não. Agora inocentes estão a pagar por erros colossais de organizações que não sabem o seu verdadeiro lugar. As organizações não são o espelho dos cidadãos. Agem por conta própria sem o aval dos cidadãos do seu país.”

“Somos todos potenciais vítimas do terrorismo.”

“Eles inventaram o terrorismo. Estão a ser vítimas das próprias armas que criaram.”

Sarah mexe-se inquieta no banco. “Isto é profundo. Então o Papa foi mais uma

vítima às mãos deles.”

“Sim. Junta-se o útil ao agradável. A P2 necessitava e a CIA não se importava. Assim como com Aldo Moro, embora nesse caso, conviesse mais à primeira.”

“Só há uma pessoa no mundo que a CIA nunca conseguiu neutralizar, apesar de inúmeras tentativas.”

Sarah é toda ouvidos.

“Fidel Castro.”



CAPÍTULO VINTE E OITO

Como sabemos, por norma Geoffrey Barnes movimenta as peças no terreno a partir do seu gabinete, no terceiro andar de um edifício, no centro de Londres, cujo endereço permanecerá no segredo dos deuses, como já foi dito. Contudo, uma chamada feita para uma certa morada em Roma, mais propriamente a Via Veneto, fê-lo levantar o cu da cadeira e andar bem mais do que o costume. Muito mais. Na realidade, teve de se meter num dos carros da agência e fazer-se acompanhar de mais três carrinhas negras, sem contar com os agentes que já estão no terreno a palmilhar a área

"Estou de saída" informou-lhe a voz. "E quero isso resolvido antes de chegar ao destino. Trate disso pessoalmente ou não voltará a sentar-se nessa cadeira. Mexa-se."

Muito poucas pessoas podem falar nesses termos a Geoffrey Barnes, mas os que o fazem é porque têm, de facto, tanto poder que Barnes nada pode contra eles. Limita-se a acenar com a cabeça ou a balbuciar um "Sim, senhor" para expressar de forma explícita que o que quer que tenha sido ordenado será feito, sem erros.

"Tem carta branca." Foi a frase com que a voz se despediu, sem um adeus, ou um até mais ver, somente a autorização de fazer o que bem entenda, que jogue as suas peças de modo a fazer xeque-mate o mais depressa possível. Caso contrário, o melhor é nem pensar.

Assim, e por isso, encontramos Geoffrey Barnes de arma no coldre, sentado no banco de trás do confortável MG, desconfortavelmente mirando as luzes que passam lá fora. Como é possível haver um infiltrado a um nível tão elevado? As implicâncias disso serão desastrosas. A juntar à festa encontra-se a dificuldade em suprimir o alvo. É imperativo recuperar os papéis e eliminá-lo, mas se se confirmar a duplicidade do agente, a coisa não vai ser tão fácil como isso.

Isto ainda vai acabar mal. Pensa antes de arredar de vez os maus espíritos. O que tem de ser feito tem de ser feito. Não será uma mulher ou um agente duplo, ainda que não seja qualquer agente duplo, que vão fazê-lo falhar perante os seus superiores. Isto vai acabar mal, com certeza, mas para o alvo, conhecido civilmente como Sarah Monteiro, e para o seu salvador. *Raios te partam. Como pudeste fazer-me uma coisa destas?* Lamenta com franqueza. Em seguida, vemo-lo pegar no rádio e inclinar-se no banco traseiro do MG, numa atitude dominadora. Estão quase a chegar ao destino e é necessário posicionar correctamente as peças, desta vez, incluindo-se a ele próprio no tabuleiro de jogo.

"Espalhem os carros num raio de cem metros. Não nos podemos denunciar."

Roger that, ouve-se pelo rádio.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Quando o telemóvel deste homem, que está sentado numa carrinha negra, em plena Avenida das Américas, Nova Iorque, toca, atende-se sempre, pois quem liga não pode, nunca, ser deixado à espera. A única desculpa aceitável para que tal aconteça é estar-se morto. Os mortos não atendem o telefone, que se saiba. Novamente a língua italiana domina a conversa com a sua musicalidade latina muito própria, porém conversa não será o termo apropriado, neste particular, já que o homem do sobretudo negro limita-se a parcas interjeições e aquiescências, enquanto ouve, com orelhas de ouvir, ou seja, muito atentamente, o recado, a ordem, a informação e a notícia. Tudo dito sem fraquezas ou fragilidades, num timbre firme e rígido e desapiedado. A voz de alguém que sabe o que quer e para onde vai, custe o que custar a quem quer que seja.

O sintetismo é também uma qualidade intrínseca na voz que em poucos segundos debita toda a informação, perfeitamente compreensível, sem levantar quaisquer dúvidas por parte de quem ouve, literato ou não. Este que o escuta, homem de acção, não de letras, vê nele um leão, alguém nascido para dominar, um rei sobre os homens. Ainda que o seu desejo seja vê-lo em carne e osso, só esse pensamento fá-lo tremer até à raiz dos cabelos, e não há muito mais coisas que consigam o mesmo efeito. Nem uma arma apontada à cabeça, nem uma lâmina encostada à garganta.

É nesse êxtase de quem falou com Deus por onda de rádio que este homem desliga o telefone. O semblante atento recupera-o rapidamente, não é homem para ser visto com um sorriso nos lábios diante da sua equipa, ainda que neste momento se componha de apenas uma pessoa, o motorista.

“Então?” O motorista nunca ouviu a voz do Mestre, mas mesmo assim sente um imenso respeito, embora o melhor adjectivo seja temor por essa pessoa desconhecida, por arrasto da incrível veneração que o seu superior, sentado ao seu lado, homem de poucos sentimentos, demonstra por tal figura. “Há

novidades?”

“As coisas voltaram a correr mal em Londres.”

“Matar uma gaja é assim tão difícil? Ainda por cima com a CIA a auxiliar?”

“Tínhamos um infiltrado.”

“Quem? *Nós*, a Guarda?”

O homem não responde logo. Observa o trânsito fluente da cidade que nunca dorme, os néons intermitentes, o apelo ao consumo, compre aqui, oferecemos isto se comprar aquilo, leve três mas deixe o dinheiro de dois, às segundas é mais barato, por cinco dólares coma até arrebentar. Múltiplas maneiras diferentes de dizer, dê-nos o seu dinheiro. É assim em todas as cidades do mundo, é assim em todas as transacções, até com estes dois que vigiam a entrada do edifício. Até o rapto em Roma foi pago, assim como o afastamento do padre Pablo em Buenos Aires, ou do velho Felipe que se matou antes de se deixar matar, no Prado, em Madrid, mas que imputou custos que tiveram de ser ressarcidos. Nada se faz de graça e os ideais não alimentam o estômago de ninguém.

“O Jack” responde por fim.

“O Jack? *O Jack?* Têm a certeza?”

“Fugiu com ela. Não voltou aparecer e matou o Sevchenko.”

“O motorista?”

O outro limita-se a acenar confirmando.

“Filho de uma grande puta” completa o homem do volante, sentindo a perda do colega, mais por afeição profissional do que outra coisa, afinal, eram colegas de guiador. “O Jack. Quem diria. Isso complica muito as coisas.”

“Muito mesmo. De tal maneira que o Mestre vem para cá.”



CAPÍTULO TRINTA

“Desejamos falar com o Doutor Margulies.” Informa o homem ao segurança que está na cabine junto aos portões do Museu Britânico.

“O doutor Margulies está ocupado. Quem deseja falar com ele?”

“Somos da polícia e recebemos uma chamada...”

“Ah, sim. Fui eu mesmo que liguei. Entrem, entrem.” Acolhe o homem com ar ufano, deixando entrar para o recinto, já por nós visto, os cinco homens engravatados. “Foram rápidos. Nem faz dez minutos que liguei. Não é costume andarem fardados?”

“Somos agentes à civil,” diz o mais gordo exibindo o crachá muito rapidamente, mas o bastante para satisfazer o segurança que masca pastilha elástica. “Soubemos que estiveram aqui dois criminosos procurados por todo o país e também na Europa.”

“Foi exactamente por isso que liguei.” Informa o segurança. “Quer dizer, quanto ao homem não sei se é criminoso. Não é a primeira vez que vem cá. A mulher, essa sim. Reconheci-a mal a vi, dos noticiários. É a tal portuguesa que matou aqueles homens todos.”

“Disse no telefonema que eles vieram procurar um doutor chamado Margulies?”

“Foi isso mesmo. O director do Museu”

“Sabe o que queriam dele?” sempre o mais gordo a perguntar.

“Não faço ideia.”

“Muito bem. Pode-nos levar até lá?”

“Com certeza. Sigam-me.”

Avançam os seis em fila indiana, o segurança à frente, o gordo em segundo e os carneirinhos a seguir. Percorrem o caminho até ao local onde se encontra o doutor Joseph Margulies, atarefado com os seus afazeres criptográficos. O sorriso do segurança zeloso manifesta o bem-estar em que se encontra. Foi uma boa acção ter ligado para as autoridades, para o número que passava em rodapé no ecrã da *Sky News*.

A Polícia Metropolitana pede a todos os que virem a pessoa na foto para que liguem para o 0202...

Na altura o segurança ficou escandalizado com o que ouvira acerca da mulher que matou um agente secreto americano e, o que mais lhe tocou, dois sacerdotes. Um rosto tão angélico como o da mulher que apareceu no ecrã da televisão não fazia antever tal crueldade. Bem sabemos que o ecrã exagera em dobro os predicados e imperfeições dos intervenientes, mas ainda assim não tinha nada o ar de atiradora profissional, matadora de padres. Fosse como fosse, ficou com esse rosto na ideia e pediu justiça divina nas suas orações, longe de pensar que a veria pouco depois quando ela e aquele homem que a acompanhava apareceram à porta. Foi o sinal de que necessitava. A justiça divina pedida, Deus a enviar-lhe um ser corrompido, capaz de actos macabros, e a dizer-lhe, faz algo por esta alma. Nem foi tarde, nem foi cedo, a princípio ainda temeu pela vida do doutor Margulies, por isso, manteve-se no encalço deles. Algum tempo depois viu-os sair. Raios partam. Oportunidade perdida. Entretanto, foi investigar das intenções deles junto do director. Estava enfronhado no meio dos livros, entregue aos seus pensamentos e raciocínios.

“Está tudo bem, Doutor Margulies?”

“Perfeitamente, Dobins.”

“Precisa de ajuda?”

“Não. Pode voltar para o seu posto. Só estou aqui a ver umas coisas para um amigo” revela Margulies sem tirar os olhos dos livros e do papel. “Eles voltam daqui a pouco, por isso tenho de ver se me despacho.”

Música para os seus ouvidos. A malfeitora ia regressar. Era a sua oportunidade. Deus assim quer. De outra forma não lhe enviaria dois sinais seguidos.

Fica desta feita explicado o entrementes que propiciou a intercepção da chamada para a Polícia Metropolitana. O segurança zeloso pára em frente à porta da sala onde se encontra o Doutor Joseph Margulies.

“É aqui.”

Sem delongas, o gordo aponta uma pistola com silenciador ao segurança.

Bang. Bang.

“Tirem-no daqui.” Ordena. Depois abre a porta e entra na sala. “Doutor Margulies? O meu nome é Geoffrey Barnes.”



CAPÍTULO TRINTA E UM

Tudo calmo nas imediações do Museu Britânico, assim rezam os actos de Rafael que estaciona no mesmo lugar da primeira vez. Refazem o trajecto que os leva pela Great Russel Street até aos portões. Ninguém está na cabine. Rafael toca numa campainha. Aguardam.

Sarah está enublada em pensamentos, não é difícil para Rafael predizer sobre o tema, assimila ainda a informação que ele lhe contou. Percebe-se que não seja matéria fácil de lidar, os heróis americanos são, na realidade, lobos que vestem a pele de cordeiro. Todo aquele ideal de oportunidade, o sonho americano, todos os homens são iguais, não passam de propaganda para espectador ver. A realidade é bem diferente, não é a que se vê nos filmes nem nas séries onde os vilões são sempre oriundos de outros países, normalmente russos ou hispânicos, nunca americanos. Afinal, não há heróis, ou se existem, não são quem pensamos. Habitam no silêncio, sem proclamarem para si o enaltecimento dos seus feitos, sem quererem ver recompensadas as suas acções valorosas.

Finalmente, um segurança surge a correr, vindo do edifício, um homem calvo.

“Que se passa?”

“O doutor Margulies está à nossa espera” afirma Rafael.

O homem fita-os durante alguns segundos com uma expressão gélida. Avalia-os da cabeça aos pés e, pelo ar carrancudo que não lhe importa encapotar, percebe-se que não passaram no teste. Porém, deixa-os passar, lavando as mãos como Pilatos, é Margulies quem eles querem ver e está fora do seu alcance impedi-los. “Façam favor de entrar.”

Sarah não gosta dos trejeitos do homem que acaba de deitar por terra a sua teoria de que todos os calvos são boas pessoas. Mais uma, numa noite em que tudo o que tem por garantido não passa de mera cabeleira falsa sobre uma cabeça que é, na realidade, completamente careca. Uma cabeleira tão bem colocada que,

na maior parte das vezes, consegue desempenhar bem a sua função de enganar e omitir o que está por baixo. Por instantes, também Sarah deseja nunca ter destapado esse manto de cabelos falsos. Por acaso, alguém o fez por ela, o tal Firenzi, que ainda não sabe de onde conhece, porque se tivesse em usufruto dos plenos poderes da sua vontade, ainda que ilusória, o mais certo é que nunca destapasse a cabeleira, mesmo que soubesse o que tinha por baixo... e daí, quem sabe o quê do futuro. Cada um joga com a informação que tem em determinado momento e só alguns privilegiados a têm em maior quantidade do que os comuns mortais, contudo, apesar disso, nunca a conseguem ter toda.

Sarah segue Rafael pelo longo corredor, ignorando que a sua teoria sobre os calvos está correcta, que são todos muito boas pessoas, excepto quando têm uma arma apontada à cabeça que os obriga a agirem como marionetas.

Indiferente aos devaneios mentais de Sarah e bem reais do segurança careca, Rafael encurta o caminho a cada passo vigoroso no sentido da sala onde Margulies ainda se deve encontrar atarefado.

“Será que o doutor decifrou a mensagem?” pergunta Sarah, curiosa, em voz baixa para não confrontar a austeridade do local. Além do mais, as paredes tinham ouvidos nos tempos passados da história, e como aquilo a transpira por todos os poros, nunca se sabe quem pode estar omisso atrás dos olhos de um quadro ou numa passagem secreta.

“Não.”

“Não?” *Fala com uma certeza...*

“Não. Se tivesse decifrado tinha ligado.”

“Será assim tão complicado?”

“Não sei.”

“Aquilo pareciam rabiscos escritos à pressa. Como nas conferências de imprensa. Quem escreveu estava atrasado para apanhar o comboio ou o barco. Acha que conseguiria elaborar um código assim tão complicado?”

“Não sei. Por vezes, o óbvio é muito mais difícil de encontrar. Está à frente dos olhos e não o vemos.”

Verdade verdadeira essa saída da boca de Rafael, nada é mais difícil do que o básico, que serpenteia pelos labirintos do fácil, cegando os cultos e os literatos pela sua simplicidade atroz. Nessa base abrem a porta da sala onde deixaram Margulies e onde este ficou, nunca pensando que tal cenário seria possível de se

ver. Três homens sentados, vestidos de negro, assim como Rafael, o doutor Margulies entre eles com o semblante visivelmente abalado pelos hematomas e sangue que lhe escorre da boca. O fato escuro escuda outros ferimentos que alastram pelo resto do corpo, mas a bata tem algumas manchas vermelhas.

“Jack.” Profere o gordo.

“Barnes.” Diz Rafael calmamente.

Jack? Confunde-se Sarah perante o novo nome, mas vendo a sua explicação atrasada por uma pancada que Rafael leva na nuca de um dos dois homens engravatados que surgem atrás deles, vindos do nada, os tais olhos por trás do quadro, ou numa passagem secreta.

Rafael cai, mas não perde os sentidos. Coloca uma mão no local da dor, acto instintivo, automático, massajar a ver se passa o mais depressa possível.

“E a menina só pode ser a famosa Sarah Monteiro.” Afirma Geoffrey Barnes confortavelmente sentado.

Sarah encolhe-se por ser o centro das atenções e quem as provoca não tem nada cara amistosa.

Geoffrey Barnes? O medo toma conta de si. Lembra-se das palavras de Rafael. *Acredite quando lhe digo que eles vão acabar por nos encontrar, tudo depende das cartas que tivermos para jogar na altura*. O pânico pode ter como sintoma deixar as pessoas mais estúpidas, é próprio, a adrenalina liberta-se, o temor influi bloqueando as vias do raciocínio lógico, fazendo com que uns mijem, outros vomitem ou, como se disse anteriormente, se perca a capacidade sensorial e racional tornando-nos estúpidos. Talvez por isso pareça a Sarah não dispor de qualquer trunfo para jogar com estes homens que, arrepiando as tripas, não parecem estar para brincadeiras.

“Essa não é a Sharon Stone?” questiona o doutor Margulies a arfar de dor.

Geoffrey Barnes dá uma gargalhada grossa, terrífica, típica deste tipo de vilões, se é que está decidido ele ser vilão. Os actos ficam com quem os comete, mas quem os avalia que decida por si mesmo. “Sharon Stone? Posso garantir-lhe que ela não é a Sharon Stone.”

“Suponho que também não é uma freira do Rio de Janeiro, então” continua o doutor Margulies que, desta feita, leva um golpe na cabeça. Chega de brincadeira, ainda que os homens de Geoffrey Barnes, incluindo ele próprio, ignorem que o homem não está a fazer graçolas.

“Dê-me os papéis.” Ordena Barnes.

Os papéis? Sarah nunca mais se lembrara da maldita lista, a responsável por tudo o que está a acontecer. Olha para Rafael que se levanta com muito custo. Um dos homens, o que lhe bateu, aproveita para puxá-lo pela gola do sobretudo enquanto outro o revista. Quitam-lhe duas armas munidas de silenciador e dão-lhe outra pancada na cabeça que o devolve ao soalho.

“Vais ter que fazer mais do que isso para acabares comigo” avisa Rafael a custo, mas determinado, para o agente que lhe bateu.

“A seu tempo,” avisa Geoffrey Barnes, “a seu tempo.” volta a olhar para Sarah. “Os papéis?”

Esta vislumbra um trunfo ao fundo do túnel. Logo se verá onde vai dar. “Estão num lugar seguro.” A voz não terá sido a mais firme, algumas intermitências a deixar adivinhar a fragilidade da carta em mãos.

“Não me faça rir. E não me faça perder tempo.” O aviso está dado.

“Acha que eu vinha aqui com o ouro pronto para entregar ao bandido? Por quem me toma?” *Entregar ao bandido? Devo estar louca.*

Seja como for, Geoffrey Barnes não esperava luta por parte dela. Uma vez neutralizado o alvo secundário, Jack para ele, Rafael, para Sarah, embora esta já não saiba o que pensar nesse aspecto, o certo era Sarah entregar-lhe a lista sem farsas ou resistências.

“Você não sabia que nós estaríamos aqui. Não me faça perder a paciência.”

“O senhor é que não me faça perder a minha.” *Estás a cavar a tua própria sepultura, mas agora não podes voltar atrás.* “Como é que tem a veleidade de me subestimar? Eu sabia... ah...” as palavras começam a faltar, é melhor desbobinar depressa. “... ah... eu sabia que mais cedo ou mais tarde nos iriam apanhar. Era só uma questão de tempo.”

Rafael olha para ela agarrado à nuca, fora de jogo, para já. *Qual é a dela?* O melhor é que tenha um bom plano, senão acabará com os dois, os três, se juntarmos ao grupo o doutor Margulies que, coitado, ainda não conseguiu juntar as peças do puzzle a que está a assistir.

Barnes exibe uma expressão pensativa, sem nunca desviar os olhos de Sarah. Esta, por seu turno, preferia que ele pestanejasse um pouco para poder aligeirar a tensão a que está sujeita, mas o olhar de Barnes é isso mesmo, um teste, e

enquanto ele não desarmar, ela tem de se bater de igual maneira, sem deixar perceber o medo que a rói por dentro, medo dele, medo de todos, de tudo.

Barnes meneia a cabeça para um dos homens que estão atrás de Sarah e Rafael, a controlar uma possível fuga. “Revista-a.”

Okay. Acabou-se. pensa Rafael, meio encostado à perna de uma das várias mesas que se alinham pela sala.

Um deles, o que não bateu em Rafael, acerca-se de Sarah que se endireita e abre os braços, pronta para a pesquisa corporal. E se ela espera algum tipo de cerimónia só pelo facto de um desconhecido colocar as mãos no seu corpo, bem se pode enganar. O homem usa as mãos a seu bel-prazer, sem qualquer limitação ética ou de etiqueta, apalpando todas as partes do seu corpo de uma forma que nunca nenhum homem fez, nem quando tinha todas as liberdades e autorizações. Só falta mesmo meter as mãos por dentro da roupa, uma já está a caminho do tesouro feminino, bem por dentro das calças, enquanto sente o bafo dele na parte detrás do pescoço. Quem os visse noutro contexto pensaria outras coisas, porém, neste, só uma coisa se pode pensar e dizer...

“Basta.” Ordena Geoffrey Barnes.

“Nada.” Informa o agente afastando-se profissionalmente.

Rafael fita Sarah, intrigado. *Nada?*

“Nada.” Repete Barnes para si mesmo, reflectindo sobre o próximo passo a tomar.

Sarah continua nervosa, chegaram à encruzilhada crucial, aquela onde só se pode ir em frente ou virar à esquerda ou à direita e nunca retroceder, o ponto de não retorno que só alguns passarão.

Quanto a Barnes, decide optar por uma abordagem diferente, uma espécie de desvio para chegar ao mesmo propósito. Conceder algum fôlego à mulher, deixá-la respirar mais livremente durante alguns momentos, os últimos da sua vida. “Vamos esquecer os papéis por agora.”

Isto não me agrada. Qual é a dele? pergunta-se Sarah mentalmente. Navegar por mares turbulentos é o que tem feito durante toda a noite. Não pode, de maneira nenhuma, perder o parco controlo que conquistou nas últimas jogadas. Apesar de ter a noção que não passa de uma ilusão.

“Aqui o vosso amigo Margulies estava empenhado numa tarefa que os senhores lhe pediram. Sabemos que os papéis não estão com ele, mas estes livros

de criptografia lançam outros indícios. Sabe para que servem livros de criptografia?" a pergunta é para Sarah.

"Para estudar criptas?" A resposta em jeito de pergunta é um atestado de estupidez ao quesito de Geoffrey Barnes que espuma de raiva perante as palavras desafiantes de Sarah. Pela primeira vez, Barnes levanta-se e com dois passos rápidos comprime o espaço que os separavam. Só quando a cabeça se vira para trás é que Sarah se apercebe do impacto no seu rosto. A dor é imediata e pouco depois a língua identifica o sabor do sangue. Um fio escorre-lhe de um dos cantos da boca no local onde o lábio rebentou.

Cabrão. Quase que me partia o pescoço. Os olhos de Sarah marejaram instantaneamente, mas não libertaram qualquer lágrima para a pele do rosto. Efeito do corpo a trabalhar para atenuar os prejuízos.

"Para a *cripta* vai você, não tarda nada" afirma Barnes, olhando para Sarah com a mesma frieza anterior. Depois regressa à sua cadeira e instala-se,. "Agora que esclarecemos este ponto deixe-me explicar-lhe o que penso ter acontecido. A Sarah recebeu mais alguma coisa juntamente com os papéis. Uma mensagem cifrada que, segundo creio, a vossa limitada cabecinha não conseguiu solucionar. Vai daí, procuraram o doutor Margulies. Estou certo?"

"Se está certo, com certeza ele tem a mensagem com ele" diz Rafael, tentando transferir as atenções para si.

"Correcto" anui Barnes. "Mas, infelizmente, o vosso fiel amigo engoliu-a antes que pudéssemos lê-la. E como podem ver pelo estado dele, tentámos que nos dissesse o que descobriu. Ao que parece não fez quaisquer progressos."

Engoliu-a? pensamentos de Sarah e Rafael. Grande Margulies. Saíra mais valente do que se pensara. Engoliu a mensagem cifrada. É de homem.

"Portanto, não tem qualquer valor para nós." Conclui Barnes. Um gesto para o homem que está atrás de Rafael e foi o responsável pelas pancadas na cabeça que o derrearam. Este dirige-se a Margulies, arrasta-o para o centro da sala e manda que se ajoelhe. Margulies tem as mãos presas atrás das costas.

Sarah nem quer pensar no que está prestes a acontecer e desvia o rosto. Nunca viu ninguém morrer, nem de morte natural, muito menos assassinado. Só de sentir a presença de Margulies a dois ou três passos, ajoelhado perante um destino inevitável, não consegue conter as lágrimas. É uma dor maior do que qualquer estalo, apesar de conhecer Margulies há pouquíssimo tempo e de não o ter em boa conta pela forma como foi recebida, nenhum inocente merece uma

morte destas.

“Ora, a Sarah a desviar a cara do espectáculo que preparámos para ela?” exclama Barnes incomodado. “Nem pensar”

O homem que a revistou volta a aproximar-se dela e uma mão forte na parte detrás do pescoço obriga-a a presenciar a cena.

“Não” resmunga ela quase a ceder.

“Oh, sim” diz-lhe o homem que firma a cabeça junto ao seu ouvido. “Assiste à beleza de ver um corpo deixar a vida. Não verás espectáculo mais belo.” Um sorriso sarcástico entra-lhe pelo ouvido provocando-lhe asco, nojo, em níveis nunca antes sentidos.

Margulies, ajoelhado, murmura uma ladainha para si próprio, a despedida, a entrega do seu espírito ao criador para que este o receba nas melhores condições. A vida não é para sempre, todos o sabemos, mas a forma como encaramos os últimos suspiros, adicionado aos actos vividos durante a passagem terrena é que tornam os homens dignos ou não. E Margulies entrega-se com grande bravura e valentia, como se toda a sua vida estivesse contada, o próprio *motus* da morte esperado com serenidade. No fundo, como se o seu papel, escrito no além, tivesse chegado ao fim e anunciado a sua saída de cena.

Rafael fita-o seriamente. Não demonstra qualquer sentimento visível pelo doutor, uma vez que este Rafael, ou Jack, não é um homem transparente e o caminho para as suas entranhas sentimentais serpenteiam labirinticamente, confundindo-nos. O que é facto é que não tem qualquer pejo em enfrentar a cena, provavelmente suportado por anos de experiências idênticas.

A cabeça de Margulies inclina-se para a frente, dando espaço ao seu carrasco para premir o gatilho. O cano silenciador encosta-se à nuca. Margulies olha para Rafael uma última vez. “Conta as letras.” Cicia.

Sarah não ouve o murmúrio que o Doutor Joseph Margulies lança para Rafael. Está muito perto do precipício mental. Podem obrigá-la a enfrentar a cena, mas não a podem forçar a manter os olhos abertos. Fecha os olhos depressa, Sarah. Fecha os olhos. Defende-te da violência visual, não deixes que te torturem.

Um baque abafado termina tudo. O baque que corta as raízes que se prendem à vida. O corpo morto cai no chão, inerte, numa poça de sangue que Sarah não vê, mas imagina. As lágrimas rolam pela face, descontroladas. Por fim, abre os olhos e enfrenta a dura realidade. O corpo de Margulies caído no chão de barriga para baixo, com o rosto virado para Rafael e um buraco vermelho no alto da nuca.

Filhos da puta. Cabrões sem sentimentos, pensa Sarah, ciente, pela primeira vez, de que, faça o que fizer, não sairá dali viva.

"Mais um para o seu currículo" afirma Barnes com um sorriso nos lábios. "A Sarah é extremamente perigosa. Que ninguém se meta consigo." Endireita-se na cadeira. "Agora, voltemos à localização concreta dos papéis. Estou certo que a sua mente está mais aberta a revelá-la."

Deixemos os trocadilhos de mau gosto de Geoffrey Barnes e centremo-nos no agente que executou competentemente a tarefa de eliminar o doutor Joseph Margulies, que Deus o tenha em eterno descanso. Ainda tem a arma na mão, aquela que cospe o veredicto final sobre o destino dos homens. E o que importa no agente é mesmo a arma que ele tem na mão, pronta para matar o próximo, o homem que ele conhece como Jack e que se revelou um agente duplo, a mais alta traição que se pode cometer, punível com a morte. Com Jack morto, a mulher vai desbobinar tudo o que sabe sobre a localização dos papéis e depois...

E depois nada. O pontapé parte-lhe logo o joelho e fá-lo cair aos gritos. Antes de perceber o que lhe aconteceu jaz morto com um tiro da sua própria arma que Rafael lhe tirou num piscar de olhos. O que acontece a seguir tem de ser explicado por partes, embora na prática tenha levado entre três e quatro segundos.

O acto contínuo foi alvejar o agente à direita de Barnes na cabeça, com Rafael ainda no chão junto ao cadáver do primeiro agente. Dois fora, três em jogo. A partir daí perde-se o efeito surpresa e começam as reacções. Barnes e o agente ao seu lado esquerdo agacham-se por trás da primeira coisa que confira protecção. Barnes vira uma mesa para se escudar e o outro aproveita a cadeira mais perto. Enquanto isso, o agente que segurava a cabeça de Sarah tenta usar o corpo dela como protecção. A típica cena do vilão e da refém, que neste caso não resulta porque antes do homem colocar a mão em Sarah leva uma cotovelada no peito que o deixa dobrado. Sarah nunca pensou ser capaz de bater noutra pessoa, porém, a realidade prova o contrário. No segundo seguinte o agente é neutralizado por Rafael com um tiro certeiro.

"Saia daqui. Depressa." Grita Rafael a Sarah usando o primeiro agente como escudo contra balas. "Saia. Fuja. Eles não podem disparar sobre si."

Sarah corre para a porta sem olhar para trás. Barnes e o outro disparam sobre Rafael, mas este continua incólume por trás do agente. Iça-o e arrasta-o em direcção à saída. Dispara alguns tiros de cobertura e sai porta fora, deixando o cadáver do agente, totalmente cravado de balas, encostado à soleira da porta

como um fiel escudo protector ou alguém à espera de alguma coisa.

Barnes levanta-se prontamente e coloca as mãos em concha. “Código vermelho. Código vermelho. Os alvos estão em fuga. A mulher tem de ser capturada viva. Repito, a mulher tem de ser capturada viva.”

Olha para o agente sem vida a escorregar pela soleira da porta abaixo, o rosto virado para si, ainda num esgar de surpresa.

“Filho da puta.”



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Rafael corre para o lado do corredor que desconhece e começa a abrir portas à sorte. Se tivesse tomado o caminho por onde haviam entrado o desfecho seria mais certo, mas vira Sarah, no pânico da fuga, a virar para esse lado e ela era muito mais importante do que o seu próprio bem-estar, do que a sua própria vida. Pelo caminho, desmonta a arma e vai atirando as peças para o chão. A ideia é não dar mais uma arma aos perseguidores, aquela tem o carregador vazio, mas os homens de Barnes com certeza possuem carregadores. O segundo objectivo é marcar propositadamente o caminho. Quando se tem a certeza do trilho que uma pessoa armada segue, os perseguidores têm mais cuidado, pois nunca se sabe o que se pode encontrar ao virar de cada esquina ou atrás de cada porta. A verdade é que Rafael não tem nenhuma arma de momento, mas no meio da confusão por si provocada, eles já não sabem isso. A prioridade de Rafael é Sarah, encontrá-la, com certeza o edifício está pejado de agentes especiais preparados para a capturar. Com ele, talvez tenha uma hipótese, porém, pensando bem, essa é uma suposição pretensiosa de Rafael, já que a jovem se safou muito bem diante de um homem como Barnes. Bem demais, já que se fala nisso.

E o encontro dá-se mais rapidamente do que o previsto, ao virar uma esquina, Rafael consegue evitar um extintor apontado à sua cabeça por meros milímetros. As duas mãos fincam-se na base do objecto, enquanto olha para ela visivelmente transtornado.

“Você e os extintores.”

“Desculpe.” Pede Sarah aliviada. “Pensei que eram eles.”

“Eu disse-lhe para fugir. Se fossem eles, agora estava em muito maus lençóis.”

“Estou em muito maus lençóis há muito tempo, *Jack*.” O tom sarcástico com que assinala o nome Jack demarca bem o pedido, a exigência de explicações.

“Vamos embora. Temos de sair daqui.”

Metem por uma bifurcação à esquerda e correm. A luz é diminuta, mas há muito que os olhos se habituaram. Rafael é como um animal com os sentidos alerta, fitando todos os lados à espera da ameaça, da ave de rapina, do felino oculto pelos arbustos, neste particular, escondido atrás de uma parede ou em qualquer nicho, pois o Museu Britânico é um labirinto babilónico profuso, repleto de esconderijos.

“Onde é que meteu os papéis?” Quer saber Rafael, curioso, mas sempre sem desarmar a atenção. O corredor chega ao final e a porta indica umas escadas. Rafael abre-a, sente-as, fareja-os e descem-nas até ao andar inferior.

“Estão guardados num lugar seguro” informa Sarah com um ar desafiador. “Você arriscou muito ali dentro.”

“Apenas me arrisquei a mim. A partir do momento em que você não tem a lista consigo, estava a salvo, teoricamente.”

“Teoricamente?”

“Sim. A seguir matavam-me a mim e se isso não fosse suficiente para lhe abrir a boca começariam a torturá-la. Eventualmente, acabaria por falar, acredite.”

Sarah escuta tudo aquilo, abismada. “Tire-me daqui, depressa.”

“É o que estou a fazer.”

Assim que alcançam o patamar inferior, Rafael abre uma porta e espreita.

“*Okay*. Agora vai andar sempre colada a mim. Não descole por nada deste mundo.”

“E se lhe acontecer alguma coisa?”

“Use-me como escudo.”

Ela olha-o horrorizada.

Nesse instante, a parca luz que resta é apagada. Apenas restam os sinais que indicam a saída de emergência.

“E agora?”

“Agora vamos. Eles também estão às escuras.”

Saem para um enorme salão, a King’s Library. É então que vêem um homem com uma arma com lanterna incorporada que aparece do lado do Grande Átrio. Agacham-se atrás de um pedestal que suporta uma arma, pretensamente uma

espada, da Idade do Ferro. O homem avança muito cautelosamente. A lanterna na arma ilumina pequenos locais, precisos, o círculo de luz onde Rafael e Sarah não podem aparecer, sob pena de serem capturados.

O pânico é tanto que Sarah teme até respirar e não é capaz de esboçar qualquer gesto para que a fricção da roupa não a denuncie. O homem continua, pé ante pé, no seu próprio tempo, com a sua paciência, senhor dos seus próprio temores. Talvez por isso não tenha tido a ligeireza suficiente para se defender quando Rafael o agarrou por trás, pelo pescoço, e o partiu sem pensar duas vezes. Volta a possuir uma arma e a primeira coisa que faz é desligar a lanterna incorporada.

"Vamos." Ordena.

Sarah levanta-se e olha para o jovem agente. A parca luz, proveniente não se sabe de onde, confere tons acinzentados ao seu rosto. Vislumbra os olhos dele a contemplarem o vazio, mas a língua de fora é o que a choca mais. "Está morto?"

Rafael olha para ela incrédulo. "Claro que está morto. Que raio de pergunta é essa?"

Param junto a uma porta enorme que dá para o grande átrio coberto do Museu Britânico. Uma adição recente, muito ampla, com um edifício redondo no centro que alberga a *Reading Room*, assim como várias lojas no piso inferior e um restaurante no andar de cima. Do lado oposto à saída do museu, em cada canto, estendem-se mesas e cadeiras fixas no chão, que servem os dois cafés que fornecem comidas rápidas e bebidas aos milhares de visitantes diários, oriundos dos quatro cantos do mundo. Obviamente, neste momento estão fora de serviço. Não é hora para visitas, a não ser as impróprias.

"Não podia atordoá-lo? Tinha de o matar?"

Como é que queria que eu fizesse isso?" suspira impacientemente. "A Sarah vê muitos filmes. Só aí é que se mete a mão em certas zonas e eles adormecem."

"E é a melhor solução."

"É a melhor solução, mas não é possível. Acredite, se eles nos apanharem não vão estar com contemplações. E quando não precisarem de si não vão adormecê-la. Vão dar-lhe um tiro bem no meio da testa."

Sarah arrepia-se. Fim de conversa. Comprimem-se à parede do grande átrio e avançam rapidamente em direcção à saída. Mais à frente, ergue-se um balcão redondo em tom cinzento. Apesar de ser tudo pardo àquela hora da noite por causa da fraca iluminação, essa é mesmo a sua cor natural. É a recepção, o local

onde se levantam os aparelhos para as visitas com suporte áudio, uma espécie de guia virtual. Contudo, a distância ainda é grande e a amplitude do espaço é medonha. O pior que pode acontecer a alguém perseguido é ser apanhado a céu aberto. Aquilo na prática é estar a céu aberto, ainda que uma redoma de vidro proteja o espaço das intempéries.

A luz da lua é agora perceptível matizando toda a área de um branco acinzentado, embora já que se fala de prática, não seja a luz real da lua, mas sim o reflexo do sol nela, como todos sabemos. Teorias e conhecimentos que não preocupam Rafael nem Sarah que já têm a mente ocupada com problemas bem mais reais.

“Não estou a gostar disto.” Desabafa Rafael em surdina encolhido na parede. ”Está demasiado calmo.”

“Não disse que para eles também está escuro?”

“Isso foi para acalmá-la.”

Antes que Sarah pudesse reagir à resposta, Rafael é impelido contra a parede e deixa-se escorregar até ao solo. A mancha escura que deixa na parede tira todas as dúvidas, foi atingido. Sem pensar Sarah tenta erguê-lo. Rafael geme.

“Desse lado não. É melhor deste.” Indica-lhe o outro braço, o que não foi atingido.

Sarah esforça-se e ampara-o. Ao fundo, da zona dos cafés, surgem dois vultos que se aproximam.

“Mais depressa” diz Sarah apressando o passo.

“Pegue na arma.”

“Está doido?”

“Pegue na arma. Dê dois ou três tiros à toa.” Insiste Rafael.

O balcão está ainda a vinte metros, muito para percorrer. Sarah olha para trás. Os vultos ganham terreno. Decidida, tira a arma da mão do braço ferido de Rafael. Estica o seu próprio braço para trás, sem nunca virar a cabeça nessa direcção. Fecha os olhos durante dois segundos. Um, dois, três tiros. Missão cumprida, isso deve tê-los afugentado.

Dez metros para o balcão da recepção.

Dá uma vista de olhos para trás, muito rapidamente, e volta ao objectivo do momento, faltam cinco metros, mas... Não pode ser. O melhor é certificar-se novamente. Olha com olhos de ver, os vultos estão deitados no chão, fora-de-

jogo.

Sou uma assassina.

Mas não há tempo para pensar. Os tiros agora provêm do outro lado do edifício circular. Acertam no chão e na parede à volta deles, silenciosos mas fazendo faíscas na pedra e levantando lascas. Por fim, protegem-se no balcão da recepção. Os tiros fazem-se ouvir do lado de fora durante um breve período de tempo. Intimidação. Depois param e o silêncio regressa.

"Você fez de mim uma assassina. Matei aqueles dois." Di-lo com uma irritação incontida, as lágrimas a marejarem os olhos.

"Bem vinda ao clube."

"Bem vinda ao clube? Seu filho da puta. Eu nem sequer estava a olhar."

"Se acha que isso não conta, desengane-se. Vai direitinha para o inferno." Rafael despe o sobretudo e rasga a roupa no local onde o tiro entrou, quase junto ao ombro. Um buraco de entrada e outro de saída. Melhor assim. Teve sorte. "Entrou e saiu."

"Ai sim? Então é uma feridinha de nada. Não sei porque está com tantas coisas. Estava a ver que ia morrer nos meus braços."

"Isso ainda pode acontecer."

Sarah cala-se ao ouvir a remarca. Estão ali a recuperar o fôlego, apenas e só, a história está longe de ter terminado. No entanto, termine como terminar, Sarah sabe que nunca mais voltará a ser a mesma pessoa.

"Jack." Ouve-se uma voz dizer algures no átrio, "Fazes ideia da despesa que me estás a dar?"

"Ah, então Barnes? Desiludes-me." Grita Rafael em resposta. "Dinheiro nunca foi uma preocupação tua. Não é teu. Ou é sujo ou dos contribuintes."

"Jack, Jack, Jack." Chama Barnes como que para fazer valer o seu ponto de vista. "Não estou a falar de dinheiro. Esse é o menor dos meus problemas. E sabes uma coisa? Amanhã o museu vai abrir as portas e nada disto aconteceu."

"Eu sei."

"A despesa é a que estás a causar-me *a mim*. Vês a figura que me estás a fazer passar perante os meus superiores? Achas mesmo que vais sobreviver a um novo amanhecer?"

"Se Deus quiser."

“Deus não é para aqui chamado” grita Barnes. “Basta que me dês os papéis e vais ter com Ele de forma indolor, prometo.”

“Ainda que estivesse disposto a ajudar-te, não posso, Barnes. Não sei deles.”

“Então para que é que me serves, Jack?”

“Para nada. Mas tu podes-me ser muito útil.”

Rafael levanta-se e puxa Sarah para si, violentamente. Esta contorce-se ligeiramente com o esticão. O balcão esconde as suas mãos dos outros cinco agentes, Barnes incluído, não deixando que se veja Rafael tirar a arma da mão de Sarah. À excepção de Barnes, todos têm as armas apontadas para eles os dois, o que não é uma sensação nada agradável, especialmente, para Sarah.

“O que está a fazer?” pergunta Sarah em surdina. O coração parece-lhe estar entalado na garganta.

“Explica-te.” Ordena Barnes impaciente.

“Não te podes dar ao luxo de matá-la porque não sabes em que mão deixou os papéis. Como ela é o teu único elo de ligação a eles, o que achas que pode acontecer se eu a matar agora mesmo?” Ergue a arma e aponta-a a uma das têmporas de Sarah.

“O que é que está a fazer?” Sarah sente-se desfalecer.

Barnes assiste à cena durante breves segundos, na expectativa, as cartas fogem-lhe das mãos e as opções minguam. Quatro homens de armas apontadas para Rafael, impotentes perante uma única que nem sequer está apontada para eles.

“Então Jack? Não eras capaz de atentar contra a vida de um inocente, pois não?” Um riso amarelo bastante revelador.

“Barnes, conheces-me muito bem. Sou feito da mesma merda que tu.”

Barnes ignora o insulto, não passam de palavras aguçadas destinadas a provocar efeitos rápidos no visado que, normalmente, se sente e responde, mas não aqui, não com estes homens, habituados a reagirem a coisas completamente diferentes. Neste momento, Geoffrey Barnes sente-se, subitamente, como um peão no jogo de xadrez que, habitualmente, costuma manobrar à distância. E não é uma posição nada confortável, especialmente quando a estratégia adversária se revela difícil de bater e ainda por cima, quando são eles os próximos a jogar. Qualquer movimento em falso pode deitar tudo a perder, para os dois lados, e

isso, Geoffrey Barnes tem de evitar a qualquer custo. O melhor é dar vantagem ao adversário, e depois roer-lhe a corda. Os grandes estrategas da História sempre souberam qual a melhor hora de recuar para, posteriormente, apanharem os oponentes desprevenidos. Foi essa sabedoria que os tornou vencedores e assim agirá Barnes, com tacto, com precaução, nada está perdido.

"O que queres fazer?" pergunta, adivinhando a resposta.

"Vou-te dizer o que quero fazer. Vou sair daqui com ela e tu vais dizer aos teus homens para guardarem as armas e ficarem quietinhos a verem-nos passar. A estes e aos que estão espalhados por aí."

"Vamos ser razoáveis, Jack."

"Mais razoáveis do que isto?" pergunta Rafael sarcasticamente. "Estamos a comportar-nos como adultos, não te parece?"

"Com certeza podemos chegar a um acordo de cavalheiros." Sugere Barnes.

Acordo de cavalheiros? Pensa Sarah. *Só podem estar a gozar.*

"Tens razão. Vamos ser razoáveis." Acede Rafael. "Vou sair daqui com ela e tu vais dizer aos teus homens para guardarem as armas e ficarem quietinhos a verem-nos passar. A estes e aos que estão espalhados por aí." Repete.

Geoffrey Barnes não tem outra opção. Coloca a mão em concha para chegar ao microfone que tem implantado na manga do casaco. "Abortem a operação. Baixem as armas. Deixem-nos passar."

Se a ordem é ou foi cumprida nas outras partes do edifício, não sabemos, mas aqui, no grande átrio do Museu Britânico, ninguém baixou as armas.

"Baixem as armas. É uma ordem" repete Barnes vigorosamente. A vontade é una, a dele, ninguém decide por si próprio, a não ser que ele tenha dado essa ordem, o que não aconteceu.

Finalmente, os agentes que o ladeiam cumprem a directiva.

"Deixem-nos passar" volta a avisar o director da divisão britânica da CIA.

Sarah, no meio de tudo isto, nem tem tempo ou vontade de se sentir um joguete. O medo é tal, apertada contra o peito de Rafael, que as lágrimas lhe rolam pela face. Se o tal Barnes se vê obrigado a acatar a ordem de Rafael, ou Jack ou lá como ele se chama, é porque este Rafael, ou Jack ou lá como ele se chama, não é aquilo que parece. Um homem cruel só se rende ou recua perante outro do mesmo género. Resumindo, ele pode mesmo matá-la, e está a falar a sério quando diz que o faz.

Saem do balcão, sempre colados, e vão recuando em direcção à porta, a desconfiança paira dos dois lados como se ao mínimo gesto suspeito tudo possa descambar para a tragédia. O cano frio da arma contra a têmpora de Sarah, pressionado de forma dolorosa, magoa-a, mas não tanto como a situação nova em que se vê entregue, não conhecer as intenções do seu pseudo-salvador, o tal grande plano que o move.

Já passaram as primeiras portas, as que dão para o grande átrio, faltam as da saída para o exterior, e mais trinta ou quarenta metros até aos portões principais de ferro que guardam a área circundante ao edifício, com as suas pontas douradas em forma de flecha.

Ao passarem o segundo par de portas, sujeitam-se ao ar frio da noite. Vêem mais alguns agentes encostados às colunas coríntias, as armas abaixadas, inconformados com todo aquele cenário surreal. Descem as escadas e percorrem, sempre com os olhos bem abertos, o espaço que falta até aos portões principais, adornados com o brasão da *Elizabeth Regina II,* sempre com os corpos juntos e a arma apontada à cabeça de Sarah. Daí ao carro é um instante e, pouco depois, arrancam em direcção a Bloomsbury Street.

Geoffrey Barnes sai de rompante para o exterior do museu. O suor escorre-lhe pelo rosto adornado pela fúria patente. A fúria pode mostrar-se aos subalternos.

“Não os percam de vista. Quero saber todos os passos deles.”



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

“Qual foi a sua ideia?” pergunta Sarah aos gritos, enquanto o carro vira a grande velocidade para Bloomsbury Street.

“Safei-nos, não safei?” responde Rafael sem olhar para ela.

“Safou-nos? Não sei. Não faço a mínima ideia. Neste momento não tenho noção se estamos melhor ou pior.”

“Posso responder-lhe a isso. Estamos pior. Eles estão no nosso encalço e não vai ser fácil despistá-los.”

Viram à direita na New Oxford Street e prosseguem. O esgar de dor manifesto no rosto de Rafael deixa adivinhar a agonia do ferimento. Mal ou bem, as coisas estão mais calmas e o corpo sente que pode despertar novamente as marcas sofridas recentemente. No cruzamento com a Tottenham Court Road os semáforos anunciam vermelho e o *Jaguar* pára.

“Troque de lugar comigo” pede Rafael.

“O quê?”

“Troque de lugar comigo. Conduza. Não estou em condições.”

Após uma atabalhoada mudança de lugares, em que os semáforos abriram e voltaram novamente a fechar, provocando um coro de apitadelas, ultrapassagens e insultos, e que fez Rafael gritar algumas vezes de dor por causa da falta de cuidado de Sarah para com a sua ferida, recuperaram a compostura mesmo a tempo de não levarem com outro ror de apitadelas, ultrapassagens e insultos. Convém realçar que Sarah não teve culpa, nem fez de propósito, os carros é que não foram feitos para se mudar de lugar a partir do interior.

“Não é melhor tratar disso?”

“Agora não há tempo. Eu aguento.”

“É bem feito. Fez por merecer.”

“Siga em frente.” Ordena ele.

“Porquê?”

“Porque eu digo.” Irrita-se Rafael. “ Mas tem razão. Você é que manda. Afinal de contas, você é que sabe onde escondeu os papéis.”

Sarah segue em frente, pela Oxford Street, a maior rua comercial de Londres. Inclina-se para abrir o porta-luvas e tira de lá a lista, atirando-a para o colo de Rafael. “Está aí. Tinha-a guardado e esqueci-me dela quando saímos do carro.”

“O seu esquecimento foi a nossa salvação... desta vez.”

Conduzem durante vários minutos sem dizerem nada um ao outro. Os pensamentos a conquistarem o seu espaço, as ponderações, as decisões, as dúvidas.

“Não sei para onde vou” diz Sarah por fim.

“Não importa. É da maneira que os chateamos um bocado. Deixe-se andar. Não interessa se passar várias vezes no mesmo sítio.”

Mais um silêncio pesado.

“Você disparava mesmo?” pergunta Sarah por fim. “Imagine que as coisas davam para o torto, matava-me?”

“Matava.” Responde Rafael sem pensar duas vezes. “E a seguir matava-me a mim.”

Sarah fecha os olhos durante uns breves instantes, apesar da sua vontade ser nunca mais os abrir. Mas os outros poucos carros não têm culpa dos seus dilemas, das toneladas de problemas que enfrenta, ainda que, indirectamente, diga respeito a toda as pessoas, de todas as raças e credos. Ele matá-la-ia mesmo e o tal Barnes sabia disso. Sente-se a Eva Braun de Hitler.

“Acredite, era um favor que lhe fazia... caso as coisas dessem para o torto.” esclarece Rafael agarrado ao braço, libertando um suspiro de cansaço e dor, simultaneamente. “Antes morta do que cair nas mãos deles. Não ter a lista consigo, quer se tenha esquecido ou não, foi de génio.”

“Quer dizer que se voltarmos a ficar na mesma situação, mas não tivermos mais nenhum trunfo, você é o primeiro a premir o gatilho, primeiro em mim e depois em si.”

“Exactamente” afirma Rafael, não demonstrando qualquer sensibilidade aparente sobre o assunto.

“Foi o meu pai que lhe deu essa ordem?”

Rafael olha para Sarah que se apercebe e lhe devolve o olhar, tirando momentaneamente os olhos da estrada. “Não. Mas tenho a certeza que aprovaria se o caso se der.”

“Claro.” Sarah volta a olhar para a estrada. “Claro, *Jack*.” Ênfase propositado no Jack, vincando desilusões e outra história por contar, mais segredos, mentiras e omissões.

“O seu nome é mesmo Rafael?”

“Quem sabe?”

“Jack?”

“Não.”

“Então?”

“É melhor que não o saiba.”

“Claro. A minha segurança é fundamental... mas só até certo ponto.”

A ironia não passa despercebida a Rafael. É hora de esclarecer esse ponto. “Olhe, Rafael é o nome do seu salvador que não se tem safado mal até agora. Com altos e baixos, é certo, mas algum êxito. Jack é a alcunha de John Payne, membro da P2 que hoje se revelou um infiltrado. Por isso, tecnicamente, John Payne morreu.”

“Aquele tal Geoffrey Barnes tratava-o com algum respeito, medo até. Quem é ele?”

“Um director da CIA. Um crápula corrupto. Fiz algumas missões sob as suas ordens e digo-lhe, para ele ter saído do gabinete e vindo para o terreno é porque estamos a dar um trabalho danado.”

“E isso é bom ou mau?”

“É bom porque significa que ainda estamos vivos. É mau porque vão canalizar mais recursos. Não vão levar muito tempo a pedir ajuda a Langley.”

“*Okay*, Jack Payne ou arcanjo Rafael, qual é o seu verdadeiro nome?”

Rafael ri-se pela primeira vez desde que se conhecem. “Boa tentativa.”

“Tentar não ofende.” Sarah tira por momentos os olhos da estrada. “Muito bem, Rafael John Payne, o que fazemos agora?”

Rafael fita-a atentamente antes de responder. “Agora? Vamos desaparecer.”



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Como pode um plano que vinha correndo tão bem nas etapas anteriores, descambar para o descrédito nas últimas horas da sua conclusão?

“Ainda vamos a tempo de mudar a rota para Londres, senhor.” Avisa o assistente ao ouvido do velho, comodamente sentado na poltrona estofada do seu jacto particular. “Considere como um pequeno desvio.”

“Nem pensar.” Protesta ele veementemente. “Respeitaremos o plano até ao fim.”

“Não corremos o risco deles alterarem o plano de uma maneira irremediável?”

“Tem fé, meu caro. As coisas vão acabar por se resolver.”

“Costumamos deixar a fé para os crentes.” Argumenta o assistente, uma vez que pensa que esse desvio pode fazer a diferença. “É importante recuperarmos os documentos.”

“Os documentos são a razão de tudo isto. Esta viagem é motivada por eles, não é necessário lembrares-me. Além disso, como já te disse, a nossa presença em Londres não serve de nada. As coisas estão em bom andamento.”

“Como? Eles andam a passear-se e a fazerem-nos perder tempo.”

“Mas estão ao nosso alcance.”

Os olhos do assistente iluminam-se subitamente, assim como os seus sentidos. O Mestre tem um plano. “Quer partilhar comigo as suas intenções?” pergunta para demonstrar que o compreende.

“Logo verás. Tens acesso a mais informações do que a maioria dos homens, por isso, em breve juntarás as peças e depreenderás tudo.”

“Como queira.” Afirma o assistente regressando ao seu lugar, não sem alguma irritação. O velho adora sonegar informação, mantê-la em seu poder até que se torne inútil, quando atinge a inutilidade é porque já cumpriu o seu objectivo. É um artifício necessário neste ramo, mas odeia que o use consigo. Se não o conhecesse melhor diria que não confia em si, mas sabe que não é isso. A explicação até é bem simples: é um aviso para os seus fantasmas e para ele próprio, um *estou aqui, ainda dou cartas, ainda decido e mando no meu destino e no dos outros.*

A pequena janela junto à poltrona do velho deixa ver o negrume da noite que, auxiliada pela luz reduzida da cabine oferece o corpo à letargia sonolenta. Porém, não há tempo para dormir. As peças estão em movimento onze mil pés abaixo, de um e outro lado do Atlântico. Algumas não se comportaram como previsto, mas será esse o trunfo dele. Quando a guerra se combate com as mesmas armas vence o mais astuto. A sua estratégia é vencedora. O seu inimigo não é a mulher, como inicialmente pensara. O alvo a abater é Jack Payne e a partir do momento em que se apercebeu disso, ficou ciente de que tudo regressaria ao normal rapidamente.

Parte do braço esquerdo da poltrona creme armazena um telefone de satélite, estofado a condizer e onde encaixa perfeitamente. O velho levanta o auscultador e digita uma dezena de números. Aguarda o tempo necessário para que a chamada se complete e, depois de dois toques, alguém atende.

“*Ciao,* Francesco.” Cumprimenta com um sorriso frio nos lábios. “Chegou ao meu conhecimento que perdeste um colega teu recentemente...” deixa que a informação faça efeito no interlocutor, esboçando um sorriso fleumático. “Pois. Considera-a como uma novidade em primeira-mão... O corpo aparecerá a seu tempo...” volta a deixar que a nova assente do outro lado. “Mas não é por essa razão que te telefono. Posso vir a necessitar dos teus serviços... Quando? Ontem... Quero que embarques no próximo avião... No aeroporto dar-te-ão todas as informações necessárias e depois ficas de prevenção até que te chame ou te dispense.” E desliga sem mais dizeres.

“Em breve, ambos estarão na minha presença” murmura para si mesmo com os olhos fixos na janela. “E aí vamos ver quem é o mais esperto.”

Nesse momento de cogitação em voz alta o assistente volta a acerca-se do Mestre, a irritação passou, aparentemente.

“Londres ligou.” Informa em voz baixa. Há informações que são para

partilhar apenas entre os dois, nem mesmo com os pretensos ouvidos moucos das hospedeiras. “Aconteceu o pior.”



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Geoffrey Barnes não pregou olho durante toda a noite. Ao contrário do que é costume, não teve sequer direito a uma refeição decente que lhe atenuasse o mau humor. O seu pequeno-almoço cingiu-se a uma caneca de café aquecido e uma sandes de bacon e queijo com um par de dias. A isso pode haver quem chame pequeno-almoço, mas para Geoffrey Barnes é um insulto. Um duplo insulto, se contarmos que a meio da noite, logo que chegou às instalações que ocupam em Londres, foi brindado com chá preto e biscoitos de manteiga, os únicos produtos alimentícios disponíveis. Geoffrey Barnes não é homem de chá preto ou de qualquer outra gama e muito menos de biscoitos de manteiga.

Malditos ingleses. Só comem merda, pensou na altura que lhe apresentaram tal ementa. Porém, a situação não melhorou no pequeno-almoço. Com certeza a sandes era de algum agente que não tivera disponibilidade para a comer em tempo útil, provavelmente pertencera a um dos que tombaram no cumprimento do dever, durante a refrega no Museu Britânico, a pior mancha na sua folha de serviço, desde que ingressara na agência há vinte e sete anos.

Apesar de, neste caso, o mandante ser um italiano, ou pelo menos é nessa língua que falam, Geoffrey Barnes está muito mais preocupado do que se tivesse sob as ordens do próprio Presidente dos Estado Unidos da América, muito mais facilmente manipulado do que este sujeito da P2.

Falara com ele durante a noite, duas vezes, apesar do italiano estar em pleno voo, em viagem sabe Deus para onde. Barnes explicou os factores que o levaram a tomar as decisões que tomou. O homem não reagiu nem bem nem mal, tão-pouco esboçou qualquer espécie de sentimento. Apenas se limitou a dizer “Os papéis são a parte fundamental do processo. Pelos vistos, subestimámos os nossos adversários, mas isso não voltará a acontecer. Adopte todos os meios necessários. Assim que tenha os papéis em seu poder elimine todas as testemunhas. Compreendido?”

“Com certeza, senhor” anuiu Barnes fechado no seu gabinete. Não é bom mostrar fragilidade perante os agentes.

O segundo telefonema foi para ordenar que nunca os perdesse de vista, aconteça o que acontecer, sacrifique-se o que se sacrificar, os danos colaterais são normais, espinhos nas rosas do ofício e não há como evitá-los. “Coloquem as culpas num grupo árabe qualquer. No dia seguinte fazem-se uns desfiles, homenageiam-se as vítimas, condena-se o terrorismo e fica resolvido o problema.” Aquilo foi dito sem qualquer ponta de afectividade.

“Será feito” assentiu Barnes pensando, evidentemente, que tal não sucederá. Tenta-se sempre evitar ao máximo que os civis, os inocentes em geral não saiam afectados pelo desenrolar das operações. Contudo, Barnes sabe que pode sempre perder-se uma bala, e quem diz uma, diz várias. Uma bomba pode deflagrar no momento errado ou os alvos podem, pura e simplesmente, estar acompanhados e, com muita pena ou nenhuma, os acompanhantes têm de seguir os destinos dos seus acompanhados, pois não se podem deixar nódoas por limpar, fios pendurados, seria pior a emenda do que o soneto.

“Outra coisa, aguarde as minhas instruções. Não faça nada sem que eu o autorize.”

E desligou a chamada da forma brusca a que Barnes já se habituou. Eram cinco da manhã.

Passou uma hora desde o segundo telefonema e há pouco mais do que isso que Sarah e Jack andam às voltas pela cidade de Londres, levando os seus agentes numa visita guiada pelo centro histórico, pelas principais atracções da cidade, e não são poucas, um salto aos arredores, para logo regressarem ao centro, apresentarem os seus bons dias à Rainha enquanto passam junto ao Palácio de Buckingham, seguem pelo The Mall até Trafalgar onde tudo começou para Rafael e Sarah. Voltam a meter pela Charing Cross Road ou outra rua qualquer. Um passeio a velocidade moderada para não se perder pitada, como todo o passeio deve ser. Os relatórios que recebe a cada dez minutos pelo metódico Staughton não revelam qualquer alteração, facto que começa a enfadar os agentes e o próprio Barnes, mas são os aguilhões da labuta, alguns deve ter, não pode ser tudo um mar de rosas.

“É estranho nem sequer tentarem fugir.” Pensa Barnes em voz alta, sozinho no gabinete. “Nem pararam para meter gasolina. Alguma vez terão de o fazer.” Continua a meditação oral enquanto aguarda novas informações, iguais às que tem recebido desde que regressou ao quartel-general. “Preciso de uma refeição

decente. É disso que preciso. O Jack e a rapariga não podem passar desta manhã.”

O Jack. *Saíste-me uma enorme desilusão, meu filho da puta.* Jack Payne era uma lenda na P2, de tal maneira que a CIA o recrutava para os seus trabalhos mais delicados. Jack Payne era sinónimo de competência, de trabalho feito, e agora está a fazer o que lhe compete... do outro lado da barricada. A verdade é que a P2 é uma organização egoísta. Apesar de gostar e exigir que alguns efectivos da CIA sirvam os seus propósitos, uma forma inteligente de usufruir da tecnologia americana a custo zero, ou melhor, recebendo a sua avença mensal, a P2 não via com bons olhos, como ainda não vê, já que é um facto do presente, o empréstimo dos seus membros à agência do Tio Sam, especialmente os agentes de topo, entre eles, o célebre Jack Payne. Mas, por vezes, quando a organização maçónica considera que a prazo pode ganhar algo com isso, autoriza a utilização de alguns dos seus membros, como aconteceu no passado com Jack em três ou quatro missões que desempenhou sob as ordens de Barnes. Jack Payne era o tipo de homem que um director gosta de ter nos seus quadros. Inclusive, Barnes chegara a propor-lhe que considerasse entrar para a agência e trabalhar com ele, permanentemente.

Que coisa mais estúpida de se fazer. Ia ser o meu fim na agência, cogita Barnes, recostado na sua cadeira, desgastado da longa noite. Este lugar, neste gabinete, conquistado com muito suor, trabalho e entrega. *No pain, no gain,* costumam dizer os americanos com muita razão. Pois a Barnes esta cadeira saiu-lhe do corpo, a sua posição na agência é o resultado de muito esforço, muita dor, muitas horas sem dormir e sem uma refeição decente, como hoje. Se há uma coisa que esta noite lhe recorda são esses tempos incertos da Guerra-Fria em que o mundo andava louco. Presentemente, as loucuras são outras, mas os objectivos e os métodos os mesmos, ganhar vantagem sobre os adversários, durante o máximo de tempo possível.

Barnes não perderá tudo aquilo por que lutou com tanto teimosia, doa a quem doer. Afinal, coordena a máquina mais bem oleada do país mais poderoso do mundo.

Uma das coisas que aprendeu nestes anos todos de serviço é que a vida continua, sempre, e só faz falta quem cá está. Embora o facto de ter tomado conhecimento da duplicidade de Jack Payne seja, em termos comparativos, como receber a noticia de que o Presidente dos Estados Unidos da América está, afinal, do lado dos russos, em breve tudo voltará ao normal. Assim sendo, a

história de Jack Payne pertence ao passado, já foi, já era, com a agravante para o traidor de que jamais figurará nos compêndios históricos, permanecerá para todo o sempre como um vilão omisso, alguém que podia ter sido grande, mas cujos passos cavaram a própria sepultura. Mas o que chateia mais nisto tudo a Geoffrey Barnes é que para Jack Payne, ou qualquer que seja o nome dele, tudo isso é completamente indiferente. Não se prende a ideais de nações ou de quaisquer outros que as representem na obscuridade. Jack Payne é fiel apenas aos seus ideais. Um entre muitos, mas que também não fará a diferença no fim, quando Geoffrey Barnes der cabo dele.

Devias estar louco quando te decidiste meter comigo, Jack.

De repente a porta abre-se, revelando um Staughton esbaforido que termina de vez com os pensamentos de Geoffrey Barnes. “Senhor...”

“Staughton...”

“Eles desapareceram.”



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

“Agora? Vamos desaparecer.” Foi o que Rafael disse a Sarah, se bem lembrados estamos, ainda dentro do *Jaguar*.

Continuaram por mais algum tempo o passeio pela capital britânica, a cidade começava lentamente a despertar para um novo dia. Já com o carro na reserva e a pedir que o abastecessem, sob perigo de ficarem parados, Rafael pediu a Sarah, no cruzamento da King’s Cross Station, que virasse à esquerda e mantivesse uma velocidade reduzida. Dito e feito, Rafael muda-se para o banco de trás, sob o olhar escrutinador de Sarah.

Que raio está ele a fazer?

Baixa o banco de trás para ter acesso à bagageira e tira uma caixa verde de madeira. Volta a colocar o banco na posição correcta, senta-se e baixa os vidros dos dois lados. Em seguida abre a caixa de madeira e começa de forma sistemática e cadenciada a atirar as pequenas bolas que forram o seu conteúdo, para um e para o outro lado da estrada, com enorme precisão, de maneira a elas rolarem para debaixo dos automóveis estacionados ao longo da rua.

“Faça o que fizer, não pare enquanto eu não disser.” ordenou.

Sarah seguia em frente, na rua recta, curiosa com o que ele estaria a fazer. Boa coisa não era, disso tinha a certeza, mas a expectativa aguçava-lhe a curiosidade. Alheio a tudo isso, Rafael continuava o seu metódico plano, uma bola para aqui, outra para ali, enquanto o carro subia a rua a cerca de cem metros de Euston Station. A fila de carros que acompanhava aquela condutora tão prudente já era considerável, rolavam obedientemente atrás dela, não tinham outro remédio.

“Agora acelere e pare em frente à estaçã.” disse Rafael, arremessando uma última bola.

“O que está a fazer?” pergunta Sarah.

“Já falta pouco” foi a resposta dele.

Foi então que aconteceu, com o carro já bem perto de Euston Station.

“Okay, pare agora.”

Sarah obedeceu e, em seguida, assistiu ao inferno na terra. Um conjunto de explosões que vinha desde o cruzamento de King’s Cross na direcção deles, sempre nas partes laterais da Euston Road, fazendo levantar carros no ar, ateando incêndios, accionando alarmes de viaturas, lojas e residências. *Bum. Bum. Bum. Bum*. As bombas deflagravam uma a uma semeando o pânico e a destruição.

“Você é doido?”

“Não é um espectáculo?” profere ele com um ar circunspecto.

“Espectáculo? Isto...”

“Vamos. Não temos tempo a perder.”

Saem do carro onde Rafael deixou dois dispositivos accionados dentro da caixa. O mar de explosões continuava a subir a rua, junto aos passeios. Ouviam-se gritos, entre cada pequeno intervalo. Os moradores da zona a acordarem de uma forma violenta. Dentro em breve, ver-se-iam pessoas em pijama e roupão a saírem para a rua, a buscarem a protecção do ar livre, da rua, do céu aberto.

Rafael espalhou ao acaso mais algumas bolas para a parte da frente da rua, aquela que o *Jaguar* não percorreu, de forma a criar uma aura protectora. Ao som das explosões, Rafael e Sarah correram para a estação de Euston.

“A lista? Esqueci-me da lista” diz Rafael dando meia volta para a ir buscar ao *Jaguar* parado no meio da estrada.

Meteram pelo pequeno jardim sobranceiro e continuaram a correr, a correr, a correr. As explosões pararam durante alguns segundos deixando fumo e pó no ar e estragos que outros se encarregarão de contabilizar. A meio do jardim Sarah olha para trás, mesmo a tempo de ver o *Jaguar* ir pelos ares. Um estrondo enorme que o elevou alguns metros no ar. Assim que cruzaram as portas envidraçadas da estação, ela, Rafael e outros tantos fugitivos que já nem sabiam qual o melhor lugar para se protegerem, explodiram as bombas finais. Só alguns polícias fardados com os seus coletes fluorescentes corriam no sentido contrário, entregando o corpo à luta.

Rafael pegou na mão de Sarah para que ela não se entregasse a devaneios sentimentais com o que presenciara.

“Faz ideia da monstruosidade que fez?” grita ela enquanto é puxada, escadas abaixo, em direcção ao piso subterrâneo.

“Os fins justificam os meios.”

E sem mais palavras desceram ao piso subtérreo onde a praça de táxis os aguardava. A partir daí, foi tudo muito mais simples. Aproveitaram a confusão gerada para rumarem a Waterloo, à estação internacional, a tempo de apanharem o último Eurostar com destino a Paris. Último porque o governo britânico decidiu fechar o espaço aéreo e todas as ligações ferroviárias e marítimas com o continente, por tempo indefinido, acto normal quando acontecem catástrofes censuráveis como esta.

Aproveitaram a confortável viagem de TGV para descansarem um pouco. Dormiram quase todo o percurso, pelo menos Sarah, sabemos que Rafael o fez com um olho aberto e outro fechado, como é típico neste género de pessoas. Fez duas rondas pelas carruagens até ficar satisfeito. Tinham mesmo desaparecido, por algum tempo.

Duas horas e trinta e sete minutos depois chegavam à mítica e histórica Gare du Nord, no centro da cidade luz, património da moda, boa comida e mulheres bonitas, entre outros prazeres que Rafael e Sarah visitarão noutra altura, quando tiverem a agenda menos preenchida.

Tomaram o pequeno-almoço ali mesmo, na estação, enquanto os restantes clientes e passageiros de outros comboios ou metro, à espera dos seus próprios horários, fixavam os olhos nos ecrãs de televisão na angústia de saciarem a vontade de saber mais acerca do já chamado *Bombardeamento de Londres*. Muitos tentavam ligar para familiares ou conhecidos, mas os telefones não funcionavam na capital britânica, congestões que provocaram o colapso das linhas. Muitas pessoas aguardavam pelo próximo Eurostar para Londres, ignorando as horas ou dias que teriam de esperar. O mundo rotineiro dos homens altera-se em segundos, como neste dia que o mundo acordou para mais uma catástrofe.

“O Bombardeamento de Londres. Viu o que fez?” atacou Sarah. A sensação frustrante de estar num filme ou no meio de um pesadelo de onde, por muito que se esforce, não consegue acordar.

Rafael ignorou-a e perguntou ao empregado de mesa, num francês sem ponta de sotaque forasteiro, quais eram as últimas notícias e estimativas de mortos e feridos.

“Oh, *Monsieur*, há muitos feridos ligeiros, não sei quantos, muitos feridos graves e algumas televisões dizem que há um morto, outras falam em três, mas na rádio dizem que não há vítimas mortais para j.” informa o empregado de mesa como se se tratasse de um menu suculento à disposição no café.

“E quem foi? Já se sabe?”

“Ainda estão a investigar. Mas foram os árabes de certeza.”

“Claro. É horrível. Obrigado.” Agradeceu Rafael, levantando-se e dando uma gorjeta boa, em libras, ao empregado.

Dali apanharam um táxi para Orly, sem nunca mais se pronunciarem sobre o caso do Bombardeamento de Londres. Por incrível que pareça, a vida continua e existem outras prioridades.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

O Airbus A320 estabiliza a trinta e cinco mil pés de altitude e voa a uma velocidade de novecentos quilómetros por hora. Dentro de, aproximadamente, duas horas aterrará no Aeroporto da Portela, em Lisboa, local para onde se destinam os cento e onze passageiros deste avião, entre os quais, Sarah Monteiro, nome oficial, Sharon Stone, cidadã francesa e Rafael, o salvador, na falta de apelido, cujo nome oficial é o sempre útil e vasto John Doe, proveniente do Reino Unido. O voo TP 433 descolou do Aeroporto de Orly há pouco mais de vinte minutos, atrasado, para variar, e agora que ambos estão mais despertos é hora de Rafael voltar a responder a mais perguntas da jornalista que o acompanha.

Para quem nunca tenha colocado os olhos num Airbus A320, convém apenas esclarecer que é composto por duas partes, primeira e segunda classe, sendo que os lugares de primeira estão situados à frente do avião, sete filas de cadeiras estofadas, três de cada lado. Duas cortinas separam a diferença de preço e tratamento do resto do avião, sendo que a segunda classe corresponde a vinte e seis filas de cadeiras, também com três lugares de cada lado. O conforto é relativo uma vez que se a pessoa à nossa frente estiver com vontade de dormir uma soneca e reclinar a cadeira ligeiramente para trás, pode tornar a viagem desagradável. O mesmo também pode acontecer se os três lugares estiverem ocupados, pois fica-se sem espaço para sequer ler o jornal. Chega, porém, de lamúrias, porque a viagem dura somente duas horas e meia. Encare-se a situação como um autocarro aéreo lotado. Rafael está sentado do lado da janela e Sarah no lugar do meio e, por sorte ou azar, é totalmente indiferente, o lugar junto ao apertado corredor ficou vazio, caprichos de *check-in.*

Rafael olha pela janela, o céu está limpo, mas àquela altitude a única dedução possível é a de que estão a sobrevoar terra.

Sarah olha fixamente para Rafael com outras coisas, mais angustiantes do que

a vista, na cabeça. Não é justo que inocentes sofram à custa do bem-estar deles e é revoltante saber que Rafael nada sente em relação a esse aspecto. Cresceu habituada ao valor incomensurável da vida humana, não só da dela mas das que a rodeiam, e sempre a chocou a maneira como muitos as encaram, as vidas dos outros. O melhor exercício que Sarah faz, sempre que se vê perante uma notícia catastrófica ou alguma situação em que se perderam vidas humanas, é colocar-se prontamente no lugar das vítimas. E se fosse eu, e se os outros dão tanto valor às suas vidas como eu dou à minha, como é que me devo sentir? Costuma dizer-se que as notícias são como um prato apresentado à hora do jantar. Mastiga-se, engole-se e defeca-se. Nunca cientes que a guerra que deu no bloco de notícias da televisão não termina ao mesmo tempo que no ecrã. As coisas perduram, continuam, não é apenas mais um programa destinado a entreter as massas. É real, de pessoas verdadeiras que choram, sofrem e morrem. Pessoas como nós, como Sarah, nem mais nem menos. E se da parte do comum dos ocidentais reina o ditado *longe da vista, longe do coração,* Rafael nem isso espelha, é como se tivesse feito o correcto e, desse ponto de vista, o que está feito, feito está, e não se fala mais nisso.

“Não sente remorsos?” pergunta Sarah por fim.

“Com o quê?”

“Ainda pergunta?”

Concede a si mesmo alguns segundos antes de responder. “Não. A morte é apenas um dia da nossa vida.”

“Então posso matá-lo agora mesmo.” Sarah mal acredita no que está a ouvir.

“Claro. E pode fazê-lo as vezes que quiser. Acredito na vida eterna.”

“Então também acredita que há um destino e está tudo escrito por alguém lá de cima.”

“Não. Mas acredito que existem coisas que vêm previamente combinadas lá de cima, como por exemplo, o nosso encontro nestas condições.”

Um crente nos seus próprios ideais, pensa Sarah. “E combinou matar as pessoas todas que já matou até hoje?”

“Algumas tenho a certeza que sim. Outras, provavelmente, não. Foram percalços do caminho.”

“Ah...” profere Sarah de forma sarcástica.” E esclareça-me uma coisa,

previamente combinadas com quem?”

“Que raio de pergunta” queixa-se ele como se a resposta fosse óbvia. “Com as almas em questão, é claro.”

“Quer dizer que aqueles homens que matou esta noite no Museu Britânico foi tudo combinado.”

“Antes de mais, agradeço que fale baixo. Ninguém neste avião precisa de entrar na nossa conversa.” Avisa Rafael sem acrescentar mais nada.

Sarah aguarda alguns instantes, na expectativa que ele conclua o raciocínio, mas, vendo que não está com ideias de continuar a conversa, regressa à carga,

“Combinado quando?”

“Quando o quê?”

“Você falou em coisas previamente combinadas com as almas. Previamente, quando?”

“Antes de nascermos, quando queria que fosse?”

“Mas não respondeu à minha pergunta anterior. Aqueles homens no Museu Britânico e o que matou em minha casa. Na sua óptica foi tudo combinado no além?”

“Não estou à espera que acredite nas mesmas coisas do que eu. Mas para responder à sua pergunta, sim. Estava tudo combinado. Caso contrário, nem eles nem eu estaríamos lá.”

As hospedeiras iniciam a distribuição da refeição da praxe, uma sanduíche e uma fatia de bolo, mais bebida e chá ou café para rematar. Começam também as idas ao WC dificultando o trabalho delas, uma vez que o carrinho acessório não deixa espaço a passagens.

Sarah não repara nesta azáfama, preferindo explorar as teorias de Rafael sobre a nossa interacção com o além. “Combinou matar aqueles pobres, combinámos que nos encontraríamos desta maneira, então explique-me porque é que não me lembro de nada?”

“A ideia é essa. Quando nascemos esquecemos. Aí é que está o milagre da vida.”

“Porquê?”

“Qual é a graça de viver uma vida que conhecemos de cor e salteado? Que

experiências iríamos adquirir? Conhecimentos? Nenhuns. Por isso é que há pessoas com os dons e as vocações mais variadas, porque do outro lado temos acesso a todo o conhecimento e depois optamos por esquecer as partes que nos importam."

"Isso é muito complicado."

"O mundo é complicado, repleto de coisas inexplicáveis ao nosso olhar.

"É melhor conversarmos sobre isto noutra altura."

"Concordo. Há conversas que não se devem ter em aviões."

A hospedeira entrega o invólucro com as sanduíches aos dois que baixam os respectivos tabuleiros. Sarah pede uma Coca-Cola, Rafael água. Mastigam em silêncio entregues às suas meditações, respeitando o espaço de cada um.

"Isto é intragável." Lamenta-se Sarah pousando mais de metade da sanduíche no invólucro branco.

"Eu até gosto. É daquelas coisas a que uma pessoa se habitua."

"O que eu precisava agora era de tomar um banho. Humm. Que bem que me sabia..." Sarah estica-se no banco espreguiçando braços e pernas.

"Pode-se arranjar" informa Rafael, terminando a sua sanduíche e desviando atenções para o bolo de cenoura. Quando aterrarmos tratamos disso."

"Isso é uma promessa?" pergunta Sarah com o que pode ser um sorriso nos lábios.

"Não. Nunca faço promessas. Mas é a minha palavra."

Deixam cair o silêncio durante mais alguns instantes frugais em que o som dos motores do avião se sobrepõem aos murmúrios e conversas desconexas dos restantes passageiros, entendendo-se a palavra desconexas por prosas verborreicas com destinatário próprio e que sobem ao ar e pairam por momentos, transformando-se num som, numa palavra que se mistura com todas as outras a decorrerem ao mesmo tempo, criando a mistela de discursos separados, própria dos locais com muita gente, o chamado burburinho.

"Acha que o meu pai está bem?" Sarah quebra o silêncio.

"Está. Não tenha medo." A segurança da voz de Rafael imprime certeza.

"O meu medo, neste momento, é sermos presos no aeroporto." Brinca Sarah, ou pelo menos di-lo dessa forma, com certeza suportado por um fundo de

seriedade e algum receio.

“Pode ficar descansada. Isso não vai acontecer.”

“Como pode ter tanta certeza?”

“Porque é uma das vantagens de se ser um infiltrado. Podemos ter meio mundo atrás de nós, mas sabemos como eles pensam, por isso, estamos sempre um passo à frente. E o importante é mantê-lo.”

“E como é que eles pensam?” Sarah inclina-se sobre Rafael, realmente interessada em saber.

“A primeira coisa a fazer é limparem a cena e fazerem o seu próprio inquérito. O Governo com certeza já fechou todas as vias de comunicação com o país. Ninguém entra e ninguém sai.”

“Até quando?”

“Até quando for necessário, ou até quando os operadores turísticos e companhias aéreas começarem a pressionar. Assim como quem foi apanhado no meio do turbilhão e tenha de seguir para outros países. No máximo dois dias.”

“Isso significa que o tal crápula da CIA também não pode sair do país?”

“Isso era óptimo, mas não. Têm autorizações especiais e os seus próprios aviões. Se nos localizarem põem-se logo a caminho, mas para já estamos seguros. Nas próximas horas garanto-lhe isso.”

A voz dele acalma-a inexplicavelmente. A garantia de um assassino, sem remorsos, que até agora tem cumprido a sua função com distinção, ainda que com custos enormes de suportar.

“O que fazemos depois de falarmos com o meu pai?” sonda Sarah tentando perceber os planos que ele possa, eventualmente, ter.

“Um passo de cada vez.” Responde Rafael. “Logo se verá.

“Você tem ar de quem planeia várias jogadas à frente.”

“É verdade. Mas neste caso o objectivo é levá-la à presença do seu pai. Isso é o objectivo fundamental Depois disso, os próximos passos apresentar-se-ão por si mesmos.”

“Chá ou café?” pergunta a hospedeira ao lado deles.

Chá para Sarah, café para Rafael, líquidos diferentes a satisfazer prazeres iguais.

“Quando chegarmos a Lisboa já devemos ter as nossas fotografias nos principais jornais e as autoridades todas atrás de nós” diz Sarah com uma risada nervosa.

“Isso nunca vai acontecer. É do interesse deles que não existamos para o mundo. Eu sei que também é do interesse deles que o deixemos o mais breve possível. Sete palmos abaixo de terra ou atirados ao rio com um peso de cem quilos preso aos pés. Isso não importa. Mas enquanto tivermos esse trunfo, ninguém nos vai colocar nas parangonas dos jornais. Se o fizessem deitariam tudo a perder.”

Sarah compreende a explicação lógica dele. Como é possível manter assim a calma numa situação tão precária como a deles? Especialmente, quando estão dentro de um tubo a onze quilómetros e trezentos metros de altura, sem acesso a informação, planeando os passos deles cá em baixo, com uma certeza surpreendente.

Espero que esteja certo. Profere Sarah mentalmente, em jeito de desejo ardente. Espera mesmo.

“Maldito Firenzi. Como é que ele tinha a minha morada” reflecte Sarah. “Bem, tendo em conta que o meu pai é membro da organização, até compreendo, ainda que mal, que tivessem a minha morada, ou que a tivesse arranjado de alguma maneira. O que me custa a entrar na cabeça é porquê eu?”

Rafael não esboça qualquer tentativa de resposta. Volta a levar a mão ao braço.

“Está a doer?”

“Está.” Responde Rafael massajando o braço. Horas antes, no comboio, fizera um curativo nas casas de banho. A dor atenuara um pouco, mas agora voltava a sentir as marcas da noite.

“Precisa de alguma coisa? Posso ajudá-lo?”

“Não, obrigado, eu aguento. Fiz por merecer, é bem feito” lança Rafael a lembrar o comentário nocturno.

As hospedeiras recolhem os invólucros que continham as sanduíches e as pequenas fatias de bolo, mais os copos e chávenas de plástico. Na sua maioria apresentam-se vazios, um ou outro intocado, passageiros que não têm fome ou encaram os voos com alguma tensão, suficiente para o estômago se fechar e não aceitar ofertas digestivas.

Pouco depois o capitão informa a cabine que em breve iniciará a descida para

Lisboa, onde é menos uma hora que em Paris, e que apresenta céu limpo e uma temperatura amena. Agradece por viajarem na TAP e espera vê-los, em breve, de novo na sua companhia.

Se fosse um voo normal, Sarah estaria atenta a todos estes rituais, mas este nunca esteve programado, é-lhe imposto pelo destino ou prévias combinações espirituais. À medida que se afundam em direcção a Lisboa, sobrevoando o interior norte da pátria mãe de Sarah, o sentimento de angústia aumenta no seu peito tornando difícil a respiração.

“Conhecia aquelas pessoas que dizem que eu matei?”

“Claro.”

Embora seja uma resposta que pressupõe um esclarecimento adicional, Rafael remete-se ao silêncio, desviando o olhar para a janela, apreciando a descida para altitudes mais translúcidas. O mundo visto de cima é todo plano, sem altos e baixos, sem desigualdades, como um manto perfeito, como tudo aquilo que compõe o universo.

“E?” insiste Sarah.

“O agente secreto americano está explicado. Na realidade era checo, naturalizado americano, mas isso é irrelevante. O espanhol chamava-se Filipe Áragon e o argentino Pablo Rincón. Ambos receberam informação concernente aos papéis de João Paulo I.”

“Papéis como os meus?”

“Como deve imaginar o Papa tinha vários papéis consigo. Essa lista que recebeu é apenas uma parte do conteúdo.

“Mas eles também receberam papéis?”

“Isso não lhe sei dizer. A única coisa que sei é que, infelizmente, não conseguiram escapar, como você.”

“Se eles receberam os papéis, então agora devem estar nas mãos da P2. Se, por outro lado, só receberam informações sobre, digamos, a localização dos restantes, a P2 também deve ter acedido a essa informação quando os liquidou.” Matuta Sarah. Liquidar é uma palavra muito melhor do que assassinar, embora o fim seja o mesmo, uma mania de suavizar a dura realidade.

“É provável. Não sei. O procedimento só o seu pai conseguirá explicar.”

“Como é que você consegue agir assim? Confiar, manipular, tomar as suas

decisões se não tem acesso à informação toda? Como é que funciona se só conhece partes?" a curiosidade de Sarah é notória.

"Nós somos apenas uma peça que faz parte de uma grande máquina. O que importa é que conheçamos a nossa parte e a desempenhemos bem, acreditando que estamos do lado certo. Quanto ao puzzle, na sua totalidade, só interessa a quem o está a montar."

"E não sente curiosidade?"

"A curiosidade matou o gato."

O avião procede às manobras naturais de aproximação à pista, propícias a enjoos e a pressões nos tímpanos e, muito depois, aterra suavemente.

"Acabamos de aterrar no Aeroporto da Portela, em Lisboa..." informa a hospedeira na lenga-lenga ritual.

"Pelo menos não nos atingiram com nenhum míssil enquanto estivemos no ar" desabafa Sarah a brincar, sacudindo a tensão do voo e tentando não antecipar o que a espera. A sua propensão para imaginar filmes, o reencontro com o pai, não adianta pensar nisso, a vida real não é um filme e tudo o que passou até agora esteve muito longe dos seus devaneios mais prodigiosos: fugir no metro e ter de escapar de tiros de armas verdadeiras, matar agentes da CIA, ainda que sem querer, no Museu Britânico e, como cereja em cima do bolo de qualquer guião de Hollywood, a cena bombástica e apavorante de Euston Road.

"Míssil. Também não exagere. Isso só aconteceu uma vez e por engano" afirma Rafael.

"O célebre caso do malogrado TWA-800, eu sei. Mas nunca foi provado."

"Já sabe que as verdades oficiais são a melhor mentira possível."

"Pois."

"Especialmente quando esse avião foi atingido por engano."

"Por engano?"

"O alvo principal alterou a rota no último minuto."

"E qual era esse alvo?"

"O Força Aérea Um."



CAPÍTULO TRINTA E OITO

Jeronimo Staughton sua as estopinhas para satisfazer as ordens do seu director. O mau humor dele é notório, o do chefe, Staughton não se pode dar a esses luxos, ainda que também tenha passado a noite em branco, não tem subalternos em quem descontar, nem família por perto. Os pais gozam a reforma em Boston, Massachusetts, e as mulheres nunca aguentaram o ritmo laboral do Staughton. Quem trabalha na agência está de tal maneira comprometido com o dever que este começa a devorá-lo aos poucos, acabando por cortar os laços familiares, amizades profundas inabaláveis, tornando os seus efectivos em verdadeiros agentes secretos, praticamente sem ligações ao mundo exterior, o que facilita o desempenho das missões.

Jeronimo Staughton não é muito diferente nesse aspecto, embora mantenha inalterados os laços com os progenitores e demais família. Ainda há pouco avisou a mãe de que estava tudo bem com ele e não sofrera quaisquer danos no Bombardeamento de Londres. Apenas ficara sem transporte para ir trabalhar, pois foram todos suspensos na zona metropolitana. Para a mãe, Staughton é técnico de informática na sucursal londrina de uma empresa americana, o que não deixa de ter um fundo verdadeiro. Os amigos de infância desapareceram com o tempo, consequências da vida de cada um e da falta de convívio e contacto. Quanto às mulheres, Jeronimo Staughton ainda tentou, há que lhe dar crédito por isso. Por duas vezes esteve perto de anilhar o dedo com um compromisso matrimonial perante Deus e a Justiça. O 11 de Setembro de 2001 deitou por terra o primeiro intento, mas não se pode imputar culpas na donzela casadoira, pois Staughton ficou três meses sem regressar a casa, após o atentado às torres gémeas, limitando-se a efectuar um parco telefonema semanal a informar que na semana seguinte voltaria. O mesmo aconteceria com mulher diferente em 2003, antes e depois da Segunda Guerra do Golfo. Com casamento marcado para 9 de Abril, isso mesmo, o dia da chegada das tropas fiéis à sua

causa a Bagdade, Staughton permaneceu incomunicável durante cinco meses, enviando um email esporádico a informar do seu estado físico e psicológico e que regressaria no mês seguinte. É evidente que quando o regresso se efectivou realmente, já a noiva havia partido para outro condado, de tal maneira magoada que não atendia os seus telefonemas. Foi para si a hora de colocar um ponto final em relações duradoiras e hoje, com trinta e dois anos, mal habituado à extemporaneidade sexual, vive para o trabalho, até que um dia alcance um lugar que lhe permita ter uma família a quem possa dedicar tempo, carinho e amor. Porém, o seu receio mais premente é transformar-se numa espécie de Geoffrey Barnes, sem ligações ao mundo afectivo, cujo interesse maior a seguir ao trabalho é encher o bandulho num qualquer restaurante onde se coma bem, algo que em si mesmo é uma missão quase impossível de realizar numa cidade onde não se pode comer pior. Não, isso não pode acontecer. Não se pode transformar num ser que fode tudo à volta se não tiver comido bem. A adicionar a isso, para Staughton, Geoffrey Barnes é um filho da puta, insensível e sem escrúpulos, em suma, é o chefe.

“Está pronto?” irrompe Barnes, debruçado sobre o ecrã do computador que Staughton monitoriza.

“Ainda não. Está quase.”

“Já tens alguma coisa?”

“O que tenho está na impressora.”

Barnes dirige-se à impressora, encostada à janela, e pega no molho de papéis que ela debitou para a bandeja. Cerca de dois centímetros de espessura em informação. Vai levar horas a processar. Não é tarde nem é cedo, olha para a sala atafulhada de movimento. Homens e mulheres de um lado para o outro, outros ao computador, gritos, ordens, acenos de mão, ligações telefónicas, um grupo de três jovens a conversarem divertidos.

“Ei, vocês os três.” Chama Barnes.”Quero isto analisado ao pormenor. E donde saíram estes, vão sair mais.”

Os sorrisos desvanecem-se e eles obedecem prontamente à ordem

“Reportem ao Staughton qualquer achado.”

“Sim, senhor.”

Barnes recolhe-se ao seu gabinete, o dia está a passar e não há novidades. A situação está crítica, muito crítica.

Os jovens sentam-se numa mesa para cumprir a ordem, enquanto um deles, mais corajoso, se dirige a Staughton.

“O homem não comeu hoje?”

“Não comeu, não bebeu, não dormiu e não fodeu” cospe Staughton sem tirar os olhos do ecrã do computador.

“Estamos fodidos.”

“Reza para que os encontremos muito rapidamente, porque senão nem imaginas quanto.”

O agente inclina-se para Staughton como para lhe contar um segredo. “Cheguei hoje, pá. Não faço ideia do que andamos atrás.”

“Jack Payne, um traidor, e Sarah Monteiro, uma jornalista bem jeitosa. Procuram-se vivos.”

“Jack Payne? *O Jack Payne?*”

“Esse mesmo.”

“Trabalhei com ele uma vez. Salvou-me a vida.”

“Agora já não vai fazer o mesmo. Se te encontrar mata-te. Só hoje já limpou sete e rebentou com a Euston Road.”

“A Euston Road? Foi ele?”

“É verdade. O Bombardeamento de Londres é da autoria desse filho da mãe.”

“Estou sem palavras.”

“Também não precisas delas para trabalhar, Thompson. Vá, não há tempo a perder” despacha-o Staughton.

“O que estás a fazer?”

“A aceder às listas de passageiros que deixaram o país esta manhã. É gente que nunca mais acaba.”

“Isso é uma agulha num palheiro. Eles devem ter documentos falsos.”

“Eu sei. Mas de momento é a nossa única hipótese. Temos de encontrar essa agulha.”

“Deixa-me fazer um telefonema. Eu já venho” afirma Thompson afastando-se em direcção a uma secretária que não tem o telefone ocupado.

Apesar do mundo da informação sigilosa nunca parar devido à colheita ser feita a nível global, pois mesmo entre países ditos aliados há desconfiança mútua, sempre, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, aquele edifício situado em rua incógnita ganha outra vida durante o dia. Homens e mulheres para cá e para lá, tratando dos interesses nacionais e internacionais e analisando informação relevante angariada pelos agentes no terreno, espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Geoffrey Barnes, durante o horário de expediente, até usufrui de uma secretária particular que filtra as chamadas e providencia todas as suas ordens e desejos. Por isso, o seu humor será atenuado não tarda nada por um almoço não insultuoso, que a assistente encomenda num restaurante razoável ao fundo da rua. É evidente que o estafeta não passa da portaria. É claro que a portaria é absolutamente normal, igual a todos os outros edifícios, com porteiros que transmitem a certeza de que não existe nada de suspeito naquele edifício, nenhuma agência secreta governamental de um país forasteiro, apenas e só um prédio residencial.

Barnes observa a sala exterior através do vidro, sentado na sua cadeira. Precisava que toda aquela gente estivesse envolvida no caso, infelizmente, tal não é possível. O mundo é grande e para os Estados Unidos da América as prioridades são outras, pelo menos é o que o gabinete do Presidente pensa. Pondera pedir a Langley mais efectivos, não serão recusados, mas significa dar o braço a torcer. É o mesmo que informar o quartel-general que não está a conseguir dar conta do recado. Não, por agora vai deixar as coisas como estão. Se até ao final do dia eles não aparecerem, terá de repensar essa decisão. Entretanto, algo lhe chama atenção lá fora, ou a falta de algo. Levanta-se e sai para a sala comum, dirigindo-se com passos furiosos até à mesa onde os dois agentes analisam as listas de passageiros que deixaram o Reino Unido até ao encerramento do espaço aéreo.

“Então? Resultados?”

“Nada. Já considerou a hipótese deles ainda não terem saído do país?” pergunta um dos agentes.

“Saíram. Tenho a certeza.” Olha para o local que lhe chamou a sua atenção. “O Staughton?”

“Saiu com o Thompson.”

“Com o Thompson? Onde é que foram?”

“Não disseram.”

“Trabalho de campo não deve ter sido de certeza. Estou fodido com estes gajos.”

Caminha esbaforido de volta ao gabinete até que é interceptado pela sua assistente. “Senhor...”

“O meu almoço já chegou?”

“Deve estar quase.”

“Estão a demorar mais do que o costume.”

“Estão a demorar o mesmo tempo de sempre, senhor. Vinte minutos.”

Barnes bate a porta do gabinete. As opções estão a esgotar-se. *Isto vai acabar mal para mim.*

“Senhor Barnes.” Chama a assistente, metendo a cabeça dentro do gabinete. Ainda não disse tudo.

“Diga.”

“Tem uma chamada na linha dois.”

“Uma chamada? Só me faltava mais esta. Quem é?”

A mulher engole em seco antes de responder. “Do Vaticano, senhor.”

Do Vaticano? Questiona Barnes mentalmente, aturdido. *As coisas estão a aquecer.*



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Ainda só aterraram há duas horas na capital de Portugal – fixada por El-Rei Dom Afonso III, em 1255, e que permanece até aos dias de hoje, a cidade das setes colinas, fundada por Ulisses, Rei de Ítaca, segundo as lendas, mitologias, histórias de encantar que se perderam nos tempos – e já estão no ar novamente. A vida não pára para Rafael e Sarah, não pára para ninguém se formos a ver, parar é morrer. O tempo está a contar e todos os segundos são importantes, valiosos, especialmente quando a vantagem ainda está do lado deles. O futuro a Deus pertence, ou às combinações prévias de Geoffrey Barnes com a portuguesa e o... cidadão de nacionalidade incógnita.

Pelo meio Sarah teve direito ao banho não prometido, mas acertado, num quarto do Hotel Altis, na rua Castilho, onde também aproveitaram para almoçar tardiamente.

Para Sarah não deixa de ser estranho partilhar um quarto de hotel com um desconhecido, por muito que tenha passado com ele situações que jamais conseguirá apagar da lembrança, e que a ligam a Rafael como a nenhum outro homem. No entanto, pavonear-se pelo quarto envolta numa toalha branca, com ele ali presente, ainda que indiferente, ou pelo menos assim o demonstra, não deixa de a constranger.

Na televisão, as noticias estão obviamente focadas em Londres, nos efeitos devastadores provocados pelo desditoso Bombardeamento. Mais um dia infame que perdurará na história como um atentado à liberdade, direitos e garantias conquistados pela maioria dos países ocidentais há alguns séculos e noutros há pouco anos, mas que se veio espalhando e derrubando fronteiras.

“O atentado já foi reivindicado pela organização terrorista Al-Qaeda...” informa o jornalista.

“O quê?” pergunta Sarah, aumentando o volume da televisão e sentando-se na

beira da cama, ainda envolta na toalha branca. Em condições normais teria outra a tapar o cabelo, mas grande parte dele ficou num hotel em Londres. “Como é que pode ser?”

“São os serviços secretos a trabalharem” afirma Rafael, deitado na cama, de olhos fechados a descansar.

“Sim, mas como é que se inventa uma história deste calibre? Ninguém consegue descobrir a verdade?”

“Eles são a verdade. Como vê estamos limpos.”

No ecrã aparecem as fotografias dos bombistas que espalharam os engenhos e se fizeram explodir dentro de um *Jaguar*. Três árabes, a preto e branco, e os respectivos nomes por baixo. Sarah observa atenta, completamente aturdida com a dimensão gigantesca daquilo em que está metida. O poder necessário para movimentar aquelas peças todas, a interacção entre agências secretas capazes de proporcionar uma história, uma verdade daquelas, é de tal forma gigantesco que nem Sarah consegue imaginar como o fizeram em apenas cinco ou seis horas. Mas a verdade é que o fizeram e isso deixa Sarah de cabelos em pé, arrepiada.

“Treze mortos é o balanço até ao momento, onde se incluem os três bombistas suicidas...” continua o jornalista, em directo de Londres, ou pelo menos assim parece pelo cenário de fundo com a Catedral de São Paulo a imperar sobre os restantes edifícios em redor.

Treze mortos pensa Sarah com pele de galinha. *Treze mortos.* Um número horrível de conviver. Mesmo um seria difícil de suportar, agora treze, treze pessoas inocentes, quiçá crianças... Os olhos marejam até não mais conseguirem conter a produção lacrimal e libertam pelo rosto abaixo fios copiosos de dor intensa e verdadeira. Um balanço temporário, que pode ver o número alterado, sempre para mais, nunca para menos, pois quem está morto não voltará a ressuscitar. Só um na história o fez, mas foi quem foi, de tal importância que os calendários passaram a referir-se ao tempo antes dele e posterior à sua passagem.

Sarah vira-se para Rafael que continua a descansar, impávido e sereno, como se aquele número treze, provisório, não o tivesse afectado minimamente. Aquilo revolta-a sobremaneira porque não é aquela imagem que a voz dele transmite. A distância com que vê as coisas, a insensibilidade que demonstra, não corresponde ao calor da sua voz, ainda que, por vezes, diga apenas uma ou duas palavras, só, como para se defender do mundo exterior. Alguma coisa esconde este homem que se diz chamar Rafael.

No ecrã da televisão, as imagens de uma Londres destroçada passam para o jornalista em estúdio, acompanhado dos especialistas-em-quase-tudo que esboçarão as teorias de como tudo aconteceu e porquê. Peritos dos assuntos do mundo que ignoram a ignóbil verdade, mas falam sobre a mentira como verdadeiros entendedores. Idiotas. Entretanto, os focos voltam a incidir sobre o jornalista em Londres.

“Só uma notícia de última hora, neste dia horrível, que voltou a acordar o mundo para a tragédia, mas que nada tem a ver com o atentado. A portuguesa Sarah Monteiro que estava a ser procurada pelas autoridades europeias foi finalmente detida, esta manhã, aqui em Londres.”

A imagem mostra uma mulher a sair de um carro da polícia metropolitana, com um casaco a tapar a cabeça e a entrar na sede da polícia, o famoso edifício da Scotland Yard.

“As surpresas não param, hoje” desabafa Sarah boquiaberta.

“Estamos duplamente limpos” diz Rafael, espreguiçando-se.

“Porque é que eles fizeram isto?”

“Para não terem forças externas a meterem-se. Estão absolutamente convencidos que deixámos o país.”

“É essa a mensagem que tira disto?”

“É” diz Rafael levantando-se. “Vou tomar banho e vamos embora.”

Quando Rafael sai do banho, com uma toalha à volta da cintura, não encontra Sarah no quarto. Não se apoquenta muito com o caso, deixa cair a toalha e... ela entra precisamente quando começava a vestir as calças. Sarah disfarça o embaraço virando a cara.

“Onde foi?” pergunta Rafael, continuando a vestir-se e ignorando o atabalhoamento dela.

“Fui à recepção.”

“Fazer o quê?”

“Tenho de lhe dar satisfações?”

“Não. Mas se eu não souber onde está não a posso proteger.”

“Só fui à recepção. Já cá estou, são e salva.” afirma Sarah sarcasticamente. “E agora? Vamos embora?” pergunta a mudar rapidamente o assunto.

“Deixe-me acabar de vestir.”

É então que Sarah repara no ferimento dele. No braço, quase junto ao ombro, duas incisões grandes e muito inchadas. A entrada e saída da bala.

“Isso não está com boa cara.”

“Há-de passar.”

“Deixe-me desinfectar, pelo menos.” Sem esperar resposta, Sarah dirige-se à casa de banho e pega no estojo de pequenos socorros alojado no interior do armário do lavatório. Molha uma toalha de rosto com água quente e pega noutra seca. Dirige-se ao quarto e pousa tudo em cima da cama. “Sente-se aqui.”

“Deixe estar. Isto já esteve pior.”

“Sente-se.” É uma ordem.

Rafael cumpre e senta-se na beira da cama. Sarah abre o estojo e começa por limpar a ferida com a toalha molhada. Em seguida, passa a toalha seca para criar aderência. Então, coloca água oxigenada num algodão e desinfecta a ferida, os dois orifícios. Para fechar, envolve-a debaixo de uma ligadura. Trabalho finalizado e Sarah ergue o olhar. Rafael também tem o olhar fixo nela. Há quanto tempo? Podemos dizer que desde o início do curativo que Sarah realizou com tantos cuidados. Não desviam durante alguns instantes até que começa a ser constrangedor, pelo menos para Sarah, que, apesar disso, continua a corresponder.

“O que foi?” pergunta ela por fim.

“Nada” responde Rafael, desviando finalmente o olhar e acabando de vestir a camisa. “Obrigado.”

“Sempre às ordens” profere Sarah levantando-se e arrumando os acessórios de primeiros socorros. “Manda aí uma tatuagem...” observa, tentando ultrapassar o momento estranho.

“Quando vir uma destas em mais alguém, fuja e não olhe para trás.”

“Porquê?”

“Porque é a tatuagem da Guarda.”

“Da Guarda? Que Guarda?”

“A Guarda Avançada da P2. Uma espécie de pequeno exército preparado para acções rápidas no terreno. Hoje você deitou por terra a infalibilidade do grupo.”

“Eu não. Você” corrige Sarah ao mesmo tempo que a tatuagem da serpente, que desce do braço até ao pulso é ocultada de vez pela manga da camisa.

“É melhor ligar para a recepção para chamar um táxi.”

“Não é necessário.”

“Vamos apanhar noutro sítio?”

“Não. Não vamos de táxi.”

E assim se encontram agora a sobrevoar Lisboa de helicóptero, em direcção a norte.

Em breve, Sarah verá o pai e isso não lhe sai da cabeça. Se pudesse, evitaria o encontro, protelaria durante mais algum tempo, até concluir a ligação dele no meio de todo este imbróglio, até conseguir uma explicação plausível de alguém de confiança sobre o envolvimento do pai no seio da organização. Claro que deseja ardentemente ouvir algo do género *O seu pai é inocente* ou *o seu pai era um infiltrado e nunca matou ninguém*. Era tão bom que Rafael lhe pudesse dizer uma coisa dessas.

“É a sua primeira vez em Lisboa?” pergunta Sarah afugentando os pensamentos paternos.

“Não. Já vim várias vezes. Por aqui passa muita informação e nós temos de estar onde ela anda.”

“Aqui em Lisboa?”

“Aqui em Portugal. Lisboa, Porto, Coimbra...”

“Muito me conta. E gosta de Lisboa?”

“É uma cidade lindíssima. Alias, Portugal é todo ele uma jóia. Verá daqui a pouco uma delas.”

“Para onde vamos?”

“Logo verá.”

A mesma resposta sensaborona do costume, sem acrescentar nada, a não ser curiosidade... e nervos.

O helicóptero continua a sua viagem agora para noroeste, ao fundo vê-se o Oceano Atlântico, Lisboa e o Tejo já ficaram para trás.

“Sabe que esta já foi a capital do mundo?” pergunta Sarah melancolicamente.

“Sei. São o povo que deram novos mundos ao mundo.”

“Era bom que ainda fosse assim.”

“É tudo uma questão de vontade. Portugal é o país mais velho da Europa. É preciso que se comece a comportar como tal.

Cinco segundos de silêncio, findos os quais o piloto se vira para Rafael e avisa que estão na zona. Este coloca uma mochila nos ombros e pega num molho de cintos, cordas e acessórios metálicos que coloca em redor de si.

“O que está a fazer?” pergunta Sarah.

“Coloque isto” ordena Rafael entregando-lhe um conjunto cintos a fazer lembrar os equipamentos de alpinista.

“Para quê?”

“Não faça perguntas difíceis.” Rafael tira-lhe o conjunto das mãos e coloca-lho ele mesmo. “Vire-se de costas para mim” pede no final.

Sarah vira-se e mal o faz ele aproveita para prender o seu equipamento ao dela com a ajuda de várias presilhas e grampos.

“Importa-se de me explicar o que raio está a fazer?”

“Está preparada?”

“Para quê?”

Não chega a ouvir a resposta. No momento seguinte já saltaram.



CAPÍTULO QUARENTA

Sentada nas escadas, concentrada no jogo em curso na sua *Playstation Portable*, a miúda nem atenta nos dois homens que passam por ela em direcção a outro andar. As consolas têm esse poder hipnótico, capaz de adormecer crianças e adultos em torno do aparelho durante horas a fio, em qualquer lugar, uma vez que a portabilidade trouxe essa vantagem. Caso contrário, a menina teria ouvido o homem de trás protestar com o da frente, queixando-se que aquilo não está certo e o lugar dele não é ali.

Mais ninguém se apresenta ao caminho na subida, os habitantes de Londres, à excepção da menina da consola e dos dois homens que por ela passaram, estão nas suas casas, atentas ao caos noticioso, ou nos hospitais à espera de saberem dos seus familiares ou entes queridos que ainda não ligaram a informar do seu paradeiro.

É, sem dúvida, um dia triste para a capital britânica, submetida ao jugo do terrorismo islâmico. Muitos estarão junto ao telefone, ansiando pela chamada que lhes liberte o aperto sentido no peito. Um “Estou bem, não te preocupes.” Mas as horas passam e o telefonema não se faz ouvir. Começa-se a ligar para hospitais, para a polícia, a perguntar sobre o paradeiro do filho, do pai, da mãe, da esposa, do namorado, do marido, mas ninguém sabe dizer nada. Pode também estar em qualquer hospital e não ter sido ainda identificado, pode estar debaixo dos escombros, pode estar noutro sítio qualquer e não ter absolutamente nada a ver com isto, pode estar morto. E isso é o que ninguém quer ouvir. Esse é o telefonema que ninguém quer receber.

Os efeitos provocados por Rafael perdurarão por muito tempo sob a fachada de um golpe islâmico. Todos condenarão. A maioria retornará à normalidade rotineira, a medo de início, um medo que desvanecerá a cada dia que passa. Outros reterão as marcas do incidente para o resto da vida, a queimadura, a amputação, a dor física e psicológica que jamais será esquecida. E há os

restantes. Aqueles que mais perderam. O ente querido, o familiar que nunca mais regressou a casa, que nunca mais telefonou ou atendeu os nossos telefonemas, que nunca mais foi connosco ao café. O acto de uma só pessoa pode afectar o mundo inteiro. Neste caso, foram três árabes, mas as autoridades já andam em cima do cérebro da operação e, claro, de Bin Laden.

O que é certo é que a miúda continua absorta no meio de uma chuva de meteoritos que tem de contornar com a sua nave espacial. É nova de mais para compreender as implicações do que aconteceu na sua cidade e com sorte nunca terá de passar por isso.

Os auriculares que conferem som ao jogo impedem-na de ouvir o estrondo causado pelo pontapé na porta do terceiro andar. O inquilino acorda sobressaltado ao som da porta a cair literalmente no chã. Tenta fugir para a janela, mas a arma do primeiro homem a entrar no apartamento convence-o a não o fazer.

“Hans, meu querido Hans.” Cumprimenta Thompson alegremente, aproximando-se dele enquanto Staughton entra atrás de si também de arma em punho. “Como vai o negócio?”



CAPÍTULO QUARENTA E UM

Depois de uma noite inteira de vigília com os olhos postos na porta do edifício onde o velho entrou no dia anterior, os dois homens permanecem nos mesmos lugares e, pelo menos o que está sentado no banco de passageiros, imbuído do mesmo sentido escrutinador do dia anterior. Fizeram turnos de duas horas, ainda que o motorista não tenha voltado a pregar olho quando, perto da uma da manhã o rádio lhe apresentou notícias impressionantes provenientes do outro lado do Atlântico, o Bombardeamento de Londres. A partir daí, os comentadores e peritos forenses discorreram sobre toneladas de teses e teorias que propagaram através das ondas radiofónicas e continuam a fazê-lo neste hora da manhã.

Apesar de Nova Iorque ter acordado para mais um dia de trabalho, ainda que dizer acordar na cidade que nunca dorme seja um pouco exagerado, sente-se a consternação no ar, o ambiente pesado motivado pelo atentado transatlântico. O 11 de Setembro de 2001 deixou marcas profundas na sociedade americana, especialmente, e como é óbvio, no seio nova-iorquino. Percebem melhor do que ninguém a dor profunda, o impacto psicológico devastador que os cidadãos de Londres estão a sofrer neste momento. Tudo isso, apesar de longe, reabre feridas, remete para recordações que dia após dia se tentam esquecer, mas que permanecerão para sempre.

“Estou todo moído.” Reclama o motorista.

“Os carros não foram feitos para dormir” responde o outro.

Servem-se de *donuts* e *cappuccinos* que o primeiro foi buscar a um café a menos de cinquenta metros. Já durante a noite haviam mantido o corpo desperto através da cafeína que o motorista ia constantemente buscar a uma loja, aberta vinte e quatro horas. Alimentara conjecturas sobre a razão que leva os estabelecimentos abertos durante todas as horas do dia a possuírem portas como os outros quando, na realidade, nunca lhes fazem falta. Tudo isto mentalmente,

sozinho, porque o chefe não é muito dado a conversações. E, no meio das suas inferências solitárias pensava em Jack Payne, o grande Jack, e na sua sorte. Ao mesmo tempo que o censura, inveja-o. É preciso coragem, “cojones” para dar um passo desses. Quanto mais não seja, é preciso tê-los no sítio para andar no meio da Guarda e, muito importante, não ser desmascarado por ninguém, pelo contrário, ser o próprio a fazê-lo no momento oportuno... para si mesmo. O velho Jack Payne. Uma raposa. E já que se fala em velho...

“O alvo saiu à rua” diz o motorista.

“Estou a ver.”

“Vais segui-lo?”

“Não. Tu é que vais.”

“E tu?”

“Vou fazer uma vistoria no apartamento dele.”

“Assim é que é falar.” felicita o motorista satisfeito. Finalmente alguma acção.

“Não o percas de vista. No final, ligo-te para saber onde estás.”

O motorista sai da carrinha, calmamente, e coloca-se no encalço do velho. O seguimento é feito a pé usando-se depois os transportes que o alvo vier a usar. Parece difícil e é, especialmente se ele se meter num táxi ou num outro qualquer veículo civil. Quando isso acontece, a primeira coisa a fazer é tentar entrar num táxi na hora, se tal não for possível é bom que tenham anotado o número do carro de aluguer ou a matrícula da viatura civil. Em seguida, é só fazer uma chamada e fornecer os dados do veículo, mais o sítio de onde partiu. Minutos depois recebe um telefonema em resposta com os dados do local por onde está a passar. É só apanhar meios de transporte que o levem para o local mais aproximado. Pode, claro, tornar-se num jogo de gato e rato, pois as informações podem tornar-se contraditórias. Agora está na Sétima Avenida em direcção a Central Park. Olha, virou para a Broadway e vai no sentido oposto em direcção a Time Square. Eventualmente, acabam por chegar ao destino, seja ele qual for e, quando isso acontece, o agente no terreno volta ao controlo da situação.

Neste caso em concreto, as coisas estão facilitadas, o velho é adepto de caminhadas, apesar da idade, ou talvez esse gosto tenha proporcionado tal longevidade e lucidez. Ambos caminham em direcção a Central Park, um por hábito, o outro por simpatia, ou dever. O da frente é que manda, para já.

“Porque é que não lhe metemos uma bala no meio dos olhos dele e arrumámos com o assunto?” pergunta o motorista para o ar. “O que é que ele tem de tão especial que o torno diferente dos outros?”

*

Só um quarto de hora depois é que o homem consegue entrar no apartamento do velho. Trabalho profissional, executado com muitos cuidados, uma vez que ultrapassa a alçada da sua função até ao momento. As ordens do Mestre são explícitas e não englobam uma entrada no apartamento, pelo menos para já. Aliás, proíbem expressamente qualquer acto que coloque em risco o plano principal, o Grande Plano. O que explica então as acções deste homem? Arriscar-se desta forma? Colocar em perigo todo o trabalho realizado e, acima de tudo, chamar a sua própria cabeça para cima do cepo, sabendo que o Mestre carrasco não negará a cortá-la? Só uma resposta pode esclarecer tudo isso, o homem anda atrás de uma vantagem, algo que possa agradar sobremaneira ao Mestre que está a chegar.

Planeou bem a subida. Apresentou-se na portaria como vendedor de Bíblias. Ao porteiro só faltou esganar-se de tanto rir.

“Olhe que esse senhor deve ter mais Bíblias em casa do que aqueles que o senhor vende” disse ele ainda todo vermelho e a limpar as lágrimas dos olhos.

“Ele costuma comprar. Não me lembro é o andar onde mora.”

“É no sétimo” respondeu o porteiro prontamente. “De qualquer maneira ele já saiu. Deixe o seu contacto que eu entrego-lhe.”

“Muito bem.”

Deixou o contacto e aguardou a uma distância segura. Não levou dez minutos quando um carro estacionou à frente e o porteiro veio serviçalmente abrir a porta à madame e aos filhos que saíram do edifício. Dever de porteiro fardado a rigor. Nesse entretanto, já o homem está na escada de serviço a caminho do sétimo andar. Ninguém o viu entrar.

Agora, dentro do apartamento, revira-o, no bom sentido, que significa deixar tudo como está, nos seus devidos lugares. Comprova-se a presença de vários exemplares do Novo Testamento, edições diferentes, tamanhos e encadernações variados. Provavelmente, uma colecção, sendo que alguns volumes apresentam o peso dos anos, décadas, séculos, de espalhamento da palavra cristã pelo mundo.

A decoração do apartamento é muito sóbria, mobílias antigas, mas nada de muito luxuoso. Os tons escuros predominam, assim como as cruzes de Cristo

espalhadas por todas as divisões. O catolicismo também se reflecte num altar de madeira, pequeno, mas que dará sem dúvida, para rezar, missas a dez ou quinze pessoas, mais do que isso lotará a pequena divisão onde ele se encontra.

Uma hora e três telefonemas depois, feitos para controlar os passos do velho que ainda passeia pelo Central Park, calmamente, enchendo de tédio o motorista, agora no papel de vigia, o homem dá por terminada a busca. O rubor do seu rosto e a expressão dos olhos emanam uma energia furiosa. O que quer que pretendia encontrar não está naquele apartamento, de certeza. Até fez uma procura minuciosa a orifícios ocultos, cofres e presenças disfarçadas. Olha pela janela, para baixo, o movimento na Sexta Avenida é constante e incessante. Localiza a sua carrinha, estacionada, sem problemas. Cataliza a energia necessária para recuperar a calma. Não pode sair do prédio de cabeça quente, isso propicia a ocorrência de erros.

Suspira profundamente, pensativo. “Nada.”



CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

O Palácio Nacional de Mafra é uma das relíquias do valioso património arquitectónico português e europeu. Situado na vila que lhe dá o nome, o enorme palácio, foi mandado construir pelo Rei Dom João V, fruto de uma promessa do monarca, caso a Rainha, Dona Maria Ana da Áustria, lhe concedesse descendência. O nascimento da princesa Dona Maria Bárbara assim o exigiu e o rei não olhou a meios para erguer aquela obra de arte em estilo barroco. Não se ficou apenas por um palácio real luxuoso, que veio a ocupar todo andar superior, o mesmo edifício continha um convento para mais de trezentos frades franciscanos, uma basílica e uma das mais belas bibliotecas da Europa, forrada a mármore e madeiras exóticas. As suas estantes rococó albergam mais de quarenta mil livros, com encadernações em couro gravadas a ouro. Para além de muitas preciosidades literárias, acolhe uma primeira edição de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Há muito que se viu arredado de frades franciscanos, desde que as ordens religiosas foram dissolvidas em 1834, mas para além do tesouro que representa em si mesmo, também os possui no interior. A basílica tem duas torres e uma cúpula, seis órgãos com repertório exclusivo, que não podem ser ouvido em mais nenhum outro local, e dois carrilhões, fabricados em Antuérpia, com noventa e dois sinos, considerados os melhores do mundo.

“O que estamos aqui a fazer?”

“Vamos encontrar o seu pai.”

“Aqui?” Sarah está com um péssimo humor. Não bastava ter um encontro imediato com o pai, ainda foi atirada de um helicóptero, presa a Rafael, sem sequer lhe perguntarem se estava disposta a um salto de pára-quedas ou não. Qual quê, que remédio tem ela de estar pronta para tudo. O que virá a seguir? Uma escalada sem cordas, só com mãos e pés e a ajuda das formas naturais da rocha? Uma ida à lua? Sim, porque só lá é que se conseguirá ver livre de toda a

corja que anda no seu encalço. E daí, talvez não. A P2, através da CIA é bem capaz de lançar um space shuttle em sua perseguição. Não está segura em lado nenhum. Ou talvez esteja, tudo depende das cartas que jogou, aliadas às que ainda vêm pelo caminho.

"Ele vem cá ter?" pergunta Sarah no mesmo tom irritado com que encara tudo desde a descida junto ao pinhal.

"Já cá está."

Passam as enormes portas do convento, acendo ao seu interior magnífico. Rafael demonstra saber para onde vão, como sempre isso irrita-a profundamente.

"Não é suposto ele estar num quartel?"

"Não. Não se iluda pelo facto dele ser militar."

Sarah desiste. Rafael não vai contar mais do que aquilo. É um conta-gotas humano, vai libertando as coisas aos poucos e sempre em doses iguais.

A aura antiga do convento começa a acalmar o espírito dela, admirando os frescos, os castiçais, as paredes nos seus floreados gravados na pedra. Uma energia positiva e serena que baixa sobre os visitantes. Um grupo escolar está à frente deles, auxiliados por um guia que explica as razões das coisas e dos lugares.

"Saramago, o prémio Nobel da Literatura, descreve no seu livro *O Memorial do Convento*, não sei se já leram, quem não o fez aconselho vivamente a fazer, as desventuras e peripécias da construção deste convento, que o rei Dom João V decidiu erigir como agradecimento pelo nascimento da sua filha, Dona Maria Bárbara."

Rafael e Sarah colocam-se na ponta do grupo, escutando atentamente as deliberações do guia. Deixam que eles se afastem até saírem de vista e metem por uma porta de acesso restrito. O coração de Sarah começa aos pulos. Está quase.

"Sabe que se diz que a altura que o convento tem é igual à profundidade dos seus subterrâneos?" pergunta ela nervosa.

"Já me constou." Responde Rafael no tom habitual de quem já está a pensar na jogada seguinte.

Entram naquilo que fora o hospital, com uma capela confinante de onde os enfermos podiam ver e ouvir a sagrada palavra do Senhor. Num dos cantos, Rafael abre habilmente uma pequena porta de madeira.

Descem umas escadas estreitas, em caracol, que se estendem por vários metros, à luz de uma lanterna nas mãos de Rafael.

“Dizem também que os subterrâneos estão inacessíveis há séculos por causa dos milhões de ratos que vivem neles.” A voz dela começa a sumir-se, revelando inquietação e ansiedade. “Perderam-se tesouros inestimáveis por causa disso.” Completa.

Chegam enfim a uma porta cujos gonzos enferrujados e a madeira bolorenta denunciam idade avançada e falta de uso. Tudo é escuro à volta. Sarah começa a imaginar morcegos despertados do seu sono secular, sem incómodos, enraivecidos por causa daqueles dois intrusos e preparados para abrirem os olhos vermelhos e atacarem, vazando-os de sangue em três tempos. Rafael abre a porta que produz um ranger agudo impróprio para os ouvidos.

“Cuidado com a cabeça” alerta Rafael, baixando a sua para passar pela porta estreita. Sarah faz o mesmo, na expectativa de encontrar um novo mundo, recuar alguns séculos, aos tempos áureos do século XVI, em que Portugal dava cartas em todo o mundo, dando-se ao luxo de o dividir em dois, com os espanhóis no famigerado Tratado de Tordesilhas. Mas a verdade é que o convento não foi constituído nesse século, mas noutro, posterior, quando o ouro proveniente do Brasil ainda dava para tudo, mas a influência internacional mingava a olho nu.

Assim que coloca os pés do outro lado da passagem estreita depara-se com a dura realidade do... nada. A mesma penumbra que encontrara nas escadas e que a lanterna não consegue superar com o seu fino feixe.

“O que é isto? Onde estamos?”

“Segure aqui” pede Rafael, entregando-lhe a pequena lanterna.

Sarah aproveita para iluminar o local, alheia às movimentações de Rafael. A única coisa que consegue ver é terra. Terra e mais terra, não conseguindo discernir se aquilo é o prosseguimento da passagem ou uma espécie de catacumbas.

“Importa-se de apontar para este lado?” pede Rafael como se estivesse à espera disso desde o início. “Deve estar algures para aqui.”

“O quê?”

Fixado na parede irregular feita de pedra ou terra, Sarah não consegue identificar, está um pau envolvido com uma espécie de trapo no topo. Um archote.

Instantes depois e com a ajuda de um isqueiro, Rafael acende-o espalhando

uma luz alaranjada que conquista uma parte de escuridão. Vêem-se perante um enorme túnel escavado na pedra e sem fim à vista, pelo menos até onde o poder de iluminação do archote alcança. Alguns ratos escondem-se nos buracos mais próximos, fugindo da intrusão, mas longe de configurarem milhões ou mesmo milhares. Sarah esperava um subterrâneo sumptuoso, cheio de luz e ostentação, dezenas de criados em sentido à espera de ordens dos fidalgos ou das donas que dançavam num imenso salão, todos aperaltados. O sonho nunca corresponde exactamente à realidade. Em vez disso encontra uma escavação grosseira que mais não será do que uma passagem para qualquer lado.

“Onde estamos?”

“Bem-vinda às catacumbas do Convento de Mafra” informa Rafael olhando a expressão boquiaberta de Sarah. “Vamos?”

Sarah não responde. Apresenta um estado letárgico de tal maneira estático que, por momentos, se sente incapaz de proferir qualquer palavra.

“O meu pai vem ter connosco aqui?” pergunta por fim.

“Não, o seu pai mora aqui.”



CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

O jacto corta o ar à velocidade máxima, a uma altitude de quarenta e dois mil pés. Tempo é o que não têm as pessoas no seu interior que, ao contrário dos aviões normais, não vão sentadas nos seus lugares com os cintos apertados, ordeiramente. Nada disso. A cabine deste jacto é como a sala de trabalho do edifício que ocupam em Londres, com várias pessoas de um lado para outro, gritando ordens, debruçadas sobre computadores ou outras maquinetas, a falarem ao telefone, um sem fim de acções em nada diferentes às que praticam em terra. Aliás, a única diferença é não poderem ir à rua tomar café, ficando-se por aqui.

Os únicos cuidados prementes neste tipo de voo são as sempre perigosas descolagens e aterragens, nas quais, os passageiros são obrigados a sentar-se nos vários lugares espalhados pela cabine.

Assim na terra, como no céu, Geoffrey Barnes tem o seu gabinete separado do resto da escumalha, com um cadeirão em couro, bastante confortável, de onde controla este jogo que já está a levar demasiado tempo a ser resolvido. Thompson revelou-se uma aquisição importante, colocando-os novamente em jogo e no seguimento de uma pista. Serve-se de um café no gabinete do director, enquanto se senta numa cadeira sem os luxos da de Barnes.

“Sharon Stone. Que filhos da puta.” Afirma Barnes, pensativo. “O tipo não estava a brincar.”

“Que tipo?” pergunta Thompson.

“Um no Museu Britânico. Não importa.”

Ao contrário do gabinete em Londres, este não tem vidros que permitam a Barnes inspeccionar o trabalho dos agentes, contudo, ele prefere assim, dessa forma também ninguém vê para dentro e pode fazer o que bem entender... ou não fazer.

Cá fora, Staughton trabalha no seu ofício de sempre, e naquele que prefere acima de qualquer trabalho de campo, análise e cruzamento de dados. Seja num avião, numa casa, numa carrinha, tudo é melhor do que ter de ir para o terreno angariar informações como há pouco no apartamento de Hans. Jeronimo Staughton não tem o estofo necessário para isso. A arma dele é o computador. A impressora ao seu lado começa a trepidar e a debitar tinta para o papel criando documentos legíveis a uma velocidade estonteante.

Estes gajos mexem-me com os nervos. Reclama para si mesmo, tenso, por causa dos quatro homens vestidos de negro, sentados ao fundo da cabine, imóveis desde que o avião descolou. Nunca falaram uns com os outros, parecem homens-estátua num qualquer mercado à espera da moeda para mudarem de posição. Fatos iguais, impecavelmente passados a ferro, a lembrarem os agentes do filme *The Matrix*. Para ficarem iguais só faltam os óculos escuros.

Outra coisa que Staughton não suporta, os fatos e o estilo formal dos agentes. Prefere as calças de ganga, ou vestir-se como lhe dá na veneta, desde que não apareça com barba de três dias e o cabelo de quem acabou de acordar. No dia que obrigarem todos os efectivos da agência a vestirem fato e gravata, Staughton é o primeiro a apresentar a folha de demissão. A impressora lança o último papel e Staughton, reunindo-os a todos numa capa, avança para o gabinete do chefe.

“Não aguento mais olhar para aqueles gajos” reclama ele assim que entra no gabinete.

“Então não olhes.” sugere Thompson.

“Aquilo é que são os da Guarda?” pergunta Staughton. “Não parecem nada perigosos.”

“Fala baixo, Staughton. Aqueles tipos são uns animais.” Adverte Barnes. “Novidades?”

“Bom. Apanharam o Eurostar em Waterloo, até Paris, e depois meteram-se num avião em Orly que aterrou em Lisboa há duas horas. Já temos homens no terreno a tentar descobrir o que fizeram, entretanto, e onde estão.”

“Sharon Stone” suspira Barnes. “Que filhos da puta.”

“Alguma ideia do objectivo da visita?” pergunta Thompson.

“Falar com o pai dela. De certeza” informa Barnes.

“Mas ele não está na herdade da família em Beja. Já batemos esse terreno.

Agora estamos a investigar familiares."

"Só temos uma oportunidade, meus caros." Avisa Barnes. "Eles não vão usar os passaportes uma segunda vez. O Jack não vai cometer esse erro."

"É uma merda quando a presa é alguém que sabe como fazer as coisas" lamenta-se Thompson.

"Staughton, qual é a hora estimada de chegada?" quer saber Barnes.

"Daqui a duas horas devemos estar a aterrar no Aeroporto Militar de Figo Maduro."

"Okay. Coloca o pessoal a bater hotéis, empresas de aluguer de carros, companhias de táxis, de aparelhos aeronáuticos. Arranja intérpretes para assistir quem tiver dificuldades com a língua. Mostrem as fotografias deles, mas não os deixem ficar com elas. Não queremos a polícia portuguesa no caso, e escusado será dizer que muito menos jornalista. *Low-profile*, mas rapidez. Trata disso. Queremos pistas quando aterrarmos."

Staughton, que entra com uma pilha de papéis, sai com uma de afazeres, mas é assim que se sente bem, no meio da papelada, das ordens e do processamento da informação. Uns quantos telefonemas e põe tudo a mexer, a máquina a funcionar de maneira a produzir pistas o mais rapidamente possível. Só resta esperar que esse Jack Payne não seja mais esperto do que todos eles e não tenha o dom da invisibilidade. Se ele e a mulher não aparecerem, vão rolar cabeças na agência.

E aqueles filhos da puta parecem umas estátuas. Estão-me a mexer com os nervos.

"Porque é que eles optaram por ir para Portugal procurar o pai dela?" pergunta Thompson, ainda relaxado no gabinete de Barnes.

"Penso que foram procurar respostas. E definir a estratégia para o futuro."

"Mas ele não é membro da P2?"

"Teoricamente."

"Teoricamente?"

"Teoricamente há duas funções na P2. A moderna e a antiga. O pai dela pertence à antiga."

"Então há duas P2?"

"Não se pode dizer isso. Há uma P2. Os antigos membros não mandam nada

na actual conjuntura. Mas que existem, existem. E estão a dar um trabalho dos diabos."

"Isto são tudo manobras deles?"

"São. Até o Vaticano já está alerta. Temos de deitar as mãos aos papéis o mais depressa possível, senão a merda vai cair na ventoinha."

"E o que é que acontece se a merda cair na ventoinha?"

"Nós somos a merda, Thompson, e vamos todos pelos ares."



CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

“O que queria dizer com o meu pai mora aqui?” pergunta Sarah enquanto percorrem o longo corredor cavado na rocha. É alto o suficiente para que andem ambos a pé e ainda sobram metros, quem construiu aquilo não queria que os seus utilizadores corressem riscos de se magoarem. As paredes também são largas.

“Exactamente isso.” responde Rafael apontando o archote para o alto. Parece saber para onde vai.

“Como é possível?” admira-se Sarah, não concebendo como é que alguém pode viver ali.

“Somos descendentes dos homens das cavernas. Isto é um luxo em relação a esses tempos.”

“Sempre é verdade. O convento tem subterrâneos” reflecte em voz alta, abismada.

“Costuma-se dizer que nde há fumo, há fogo” avisa Rafael, agora que o túnel vira à esquerda. “Não têm milhões de ratos, nem são luxuosos como se pensa, mas aqui estão.”

O coração de Sarah aperta-se a cada passo. O momento do reencontro com outra pessoa que ainda ontem era seu pai e hoje é um misto de desconhecimento e desilusão. Como é possível nunca ter desconfiado da sua exemplaridade, da sua conduta social, na verdade ela tinha-o como um herói, um homem digno, sem qualquer mácula que atentasse contra a sua honra, quer como pai, quer como militar, quer como homem. Ontem tudo isso caiu por terra. Nem honra, nem exemplaridade, nem nada. O pai tornou-se no senhor Raul, alguém fulcral para o que se vai passar a seguir na sua vida e que, pensa, lhe proporcionará um entendimento sobre tudo o que desabou à sua volta desde que regressou a Londres. Agora, de volta à terra natal, por força das ocorrências, percorre o

subterrâneo luso, as catacumbas do convento de Mafra, conhecida por poucos, pisada por menos ainda, convencendo-se a si mesma a ser forte, a não dobrar perante o senhor Raul, pai biológico por inerentes científicos e só. Apesar disso os olhos marejam, sem transbordar, e, absorta nestes pensamentos, só ao fim de algum tempo repara na enorme porta de madeira que delimita o final do túnel corredio, ao fundo, já abrangida pela luz alaranjada do archote. Algo passa a voar por eles a grande velocidade fazendo com que Sarah solte um grito. Definitivamente um ser vivo.

“É um morcego. É só um morcego.” Acalma-a Rafael.

Sarah repara na abertura de onde o bicho saiu e na outra em frente, laterais ao túnel, onde ele se meteu. “Que buracos são aqueles?”

“Passagens para outros lugares.”

“Que lugares?”

“Isto é uma rede de túneis que vão dar a galerias independentes, abrigos e passagens. Nunca tive tempo de explorar toda a sua extensão, por isso, não sei ao certo onde vão ter estes” explica Rafael calmamente. “Sabia que no tempo das Invasões Francesas a família real ponderou mudar-se para aqui?” pergunta Rafael acabando de vez com os seus pensamentos.

“A sério? Dom João VI? O que foi para o Brasil?”

“Esse mesmo. Como é óbvio optaram por ir para o Brasil. Sempre era mais seguro.”

“E mais distante.”

Portugal fora invadido por três vezes, na primeira década do século XIX, as chamadas Invasões Francesas de Napoleão. E, por três vezes, os grandes e terríveis exércitos Napoleónicos foram expulsos das fronteiras portuguesas com a ajuda do exército inglês liderado pelo célebre Duque de Wellington, Arthur Wellesley, que também acumulava os títulos de Duque da Vitória e Conde do Vimeiro.

Por fim, chegam à porta e Sarah aguarda que Rafael a abra. Mas ele não faz nada disso. Acerca-se da gigante peça de madeira que sela a entrada para outro lugar e dá três pancadas fortes. Uma. Silêncio. Duas. Silêncio. Três. Silêncio.

Não precisam de aguardar muito para ouvir os ferrolhos e as fechaduras serem accionados do outro lado. Sarah sente-se ansiosa, à medida que a enorme porta está mais próxima da abertura. Um breve silêncio que a Sarah pareceu mais

longo do que foi na realidade, causando um frio tremor na barriga, os nervos a apoderarem-se do corpo, antecipando a abertura da porta. O ranger dos gonzos denuncia o movimento. Quando há espaço suficiente para que passem à vontade, aparece um que os fita com um sorriso genuíno nos lábios. Sarah corrói-se por dentro, mas não deixa que os nervos se manifestem para além de umas tremuras nos membros superiores e inferiores. Este é Raul Brandão Monteiro, o seu pai.

"Como estás?" pergunta Rafael dando-lhe um abraço sentido com palmadas fortes nas costas. O reencontro de amigos.

"Tudo bem para já" diz o outro em resposta.

Findo o abraço, Raul olha para a filha, os olhos lacrimejantes implorando perdão.

"Sarah, filha..." profere ele aproximando-se dela.

Com os olhos marejados o primeiro impulso de Sarah é levantar a mão para bater no pai. Este trava o braço dela lançado no ar e, em seguida, faz o mesmo ao outro que por centímetros não aterra na sua cara.

As lágrimas escorrem pelos rostos dos dois. Água de dor, de mágoa, de desilusão. Com os dois braços de Sarah presos pelos pulsos, Raul lança-os para trás de si e abraça a filha com muita força.

"Desculpa, meu amor. Desculpa." Pede ele ao ouvido dela, manifestando sinceridade.

Sarah, renitente, ainda tenta não retribuir o abraço do pai, mas o corpo do progenitor transmite-lhe a segurança que só os pais conseguem, a envolvência paterna, o clamor do sangue, o sentido protector e, quase inconscientemente, dá por si agarrada a ele com vontade de não mais o largar. Liberta um choro convulsivo, daqueles de baba e ranho que ocorrem mais frequentemente na infância. Um choro curador e restaurador, que alivia, que esvazia a alma, que dá alento, esperança, solução, força, luz ao fundo do túnel...

Como a que vê do outro lado da porta, no final de um corredor, forrado a azulejos com motivos das descobertas portuguesas pintadas a azul. As caravelas da Ordem de Cristo a enfrentar os mares revoltos, o Adamastor, os novos povos, os inimigos... Cada quadro separado por uma estrofe d'*Os Lusíadas,* a obra da nacionalidade, escrita pelo grande poeta Camões, mais gigante morto do que vivo, e que quando faleceu na miséria levou consigo a pátria, que se viu nas mãos dos espanhóis, só vindo a ser recuperada sessenta anos depois, no ano do Senhor de 1640, mais precisamente a 1 de Dezembro, dia ainda hoje

comemorado no país.

Acalmam-se os cumprimentos, refreiam-se os sentimentos e voltam a assentar as rodas nos carris.

“Anda” pede Raul à filha, carinhosamente. “Venham, venham.”

Rafael fecha a porta, repondo as trancas e devolvendo a segurança ao abrigo. Apaga o archote, ali não precisam dele, há luz suficiente, candelabros fixados na parede a todo o cumprimento do corredor. Ladrilhos de mármore cobrem o chão, concedendo ainda mais austeridade. Na verdade, ao ver-se ali naquele local, Sarah compreende agora que a rispidez da rede de túneis, o seu reboco mal amanhado, é apenas um meio para atingir um fim. As passagens não necessitam de luxos, esses guardam-se para aqueles abrigos. A enorme porta representa realmente a separação de dois mundos.

Ao fim do corredor da heróica aventura lusitana, estende-se uma grande varanda para os dois lados. Várias colunas suportam o peso dos arcos. Nas bases estão colocados corrimões em ferro forjado para quem queira admirar o salão que se abre por baixo. Um enorme espaço com todos os confortos necessários à vida quotidiana. Duas escadarias dão acesso ao mesmo de cada lado da varanda, curvando noventa graus e desembocando ambas quase no centro do salão. No tecto, em forma de cúpula, pende um lustre enorme que ilumina todo o local. Tapeçarias estendem-se pelas paredes, um piano de cauda, vários sofás, almofadas e uma mesa de jantar com vinte lugares. Asas dadas à imaginação, aquilo faz lembrar a Sarah, por qualquer razão, um harém, só faltam as mulheres... e o sultão.

Ainda em cima, na varanda, Sarah repara em três portas de cada lado, provavelmente aposentos particulares, biblioteca e coisas do género.

Raul encaminha-os para a escadaria da esquerda e assim que descem os degraus de mármore convida-os a sentarem-se num sofá grande.

“Querem comer alguma coisa?” pergunta Raul ainda de pé. “Ou beber? Não tenho muita coisa, mas pode sempre arranjar-se qualquer coisa.” A sua voz revela alívio por vê-los.

“Estás aqui sozinho?” pergunta a filha, arrisca ignorando a oferta.

“Estou.”

“E a mãe?”

“Está bem, não te preocupes.”

“Porque não a trouxeste para aqui contigo?”

“Porque ela não ia aguentar um dia aqui. Isto não tem televisão, nem rádio, nem *internet*, nem rede...”

“Onde é que ela está?” continua num tom assumidamente rancoroso. O choque do reencontro já passou, assim como o encadeamento de sentimentos comuns entre pai e filha. As lágrimas secaram e a mente volta a tomar posse das acções, relembrando o que se passou, as dúvidas que pairam no ar, tudo o que está em jogo.

“Numa casa segura. Nos arredores do Porto” responde o pai. “Já a coloquei ao corrente de tudo. A reacção dela não foi a melhor, como podes imaginar...” um aceno de cabeça da parte de Sarah confirma, ambos conhecem a mulher de quem falam. “A vontade dela era ir a Londres buscar-te, mas quando percebeu a dimensão do problema acedeu ao meu pedido. Ela não pode andar por aí à solta. Se a apanhassem podiam usá-la como moeda de troca, sabem disso. Aliás, fui informado que os operativos da CIA estão muito activos no país.”

“Imagino” afirma Rafael. “Mas ainda devemos estar seguros durante algumas horas.”

“Horas?” Sarah não deve ter compreendido bem.

“Sim, horas” repete o pai. “Esta gente está muito bem preparada. Podem não refazer os vossos passos todos, mas há sempre uma ponta que se deixa, e eles apanham-na de certeza.”

O medo volta a apoderar-se das veias de Sarah, acelerando o fluxo e produzindo arrepios frios.

“Eles podem descobrir-nos aqui?”

“Aqui não” esclarece Rafael rapidamente. “Mas podem situar-nos em Mafra.”

“Como?”

“Descobrindo na empresa onde alugámos o helicóptero que saltámos nesta zona. O helicóptero vai parar no Porto, exactamente por causa disso. Mas quando aterrar e virem que os passageiros não chegaram ao local, o piloto não vai guardar segredo. Mas com isso ganhamos algum tempo.”

“Então também podem saber em que hotel ficámos?”

“Teoricamente podem. Se andarem a correr todas as recepções de hotel por

esse país fora. Mas se localizarem o taxista que nos levou do aeroporto ao hotel não corremos perigo porque...”

“Eu sei” interrompe Sarah, lembrando-se de que quando apanharam o táxi no aeroporto a indicação dada por Rafael fora o Hotel Le Meridien. No final da corrida, quando Sarah pensava que ia finalmente tomar o seu banho, Rafael começou a caminhar no sentido oposto à porta do hotel. Perguntou-lhe onde ia e ele, respondeu que não iam ficar ali. Andaram a pé mais de um quilómetro até ao Hotel Altis. Agora que percebeu a táctica dele fica mais aliviada. Podia ter deitado tudo a perder. “Eles pensarão que ficámos no Le Meridien.”

“Exactamente.”

“Porque é que não viemos de táxi ou alugámos um carro? O que qualquer pessoa normal faria em vez de nos atirarmos de um helicóptero?” pergunta Sarah, visivelmente alterada.

“Porque aqui debaixo estamos seguros e o plano era trazê-la o mais depressa possível. Estimo que eles estejam algumas horas atrás de nós, mas não podia facilitar. De carro ou táxi havia grandes probabilidades de nos apanharem se já estivessem em Portugal. Entenda, não estou a dizer que estão no nosso encalço ou que já cercaram Mafra. Nada disso. Mas há essa possibilidade e temos de encará-la.”

“Estou a ver” diz Sarah, pensativa. Ao fim de uns instantes olha o pai directamente nos olhos. “Pelos vistos não temos tempo a perder, por isso, comece a contar-me tudo o que sabe, desde o princípio, sem omitir nada.”

Raul senta-se de frente para eles, separado por uma mesa de centro escura e muito trabalhada.

“É justo. Tens todo o direito de saber. O que é que o Rafael te contou até agora?”

“Nada de bom. Coisas horríveis de se tomar conhecimento, ainda para mais, depois de recebermos uma lista de crápulas onde o nome do nosso pai está incluído.”

“Vamos com calma, filha.” pede Raul num tom cordato.

“Com calma? Pedes-me para ter calma? Tenho uns tipos de uma seita chamada P2 atrás de mim, servem-se da CIA para o fazer e queres que eu esteja calma? Ainda por cima depois de saber que eles mataram gente importante. Até um Papa, vê lá tu.” Raul repara no tom sarcástico da filha. “Se calhar até foste

tu.”

“Não fui eu. Posso garantir-te. Agora vais ficar aí quieta e ouvir o que tenho para dizer. Mas primeiro vou servir um copo de vinho do Porto a todos, entendido?” O tom militar vem ao de cima na voz do Capitão Monteiro, ofendido com a ideia de que a filha possa pensar que ele matou João Paulo I. Levanta-se e cumpre o que disse, enche três copos com um *Porto Ferreira Vintage* e entrega um a cada. Rafael permanece impávido e sereno, sentado ao lado de Sarah, feito anjo protector. Raul regressa finalmente ao seu lugar e molha a boca com o líquido virginal admirado em toda a parte do mundo.

“Um homem ao longo da sua vida comete erros. Eu não sou excepção. Em 1971 ingressei na P2 porque achei que podia fazer a diferença. Em Portugal vivíamos numa ditadura e a P2 podia permitir-me fazer alguma coisa para mudar isso. Ou pelo menos assim quis acreditar. Quando percebi verdadeiramente o objectivo que movia os líderes, rapidamente me afastei. Infelizmente, ninguém larga a P2 de livre vontade. A não ser que seja do interesse da organização. Não fui o único português, como deves ter visto na lista. E havia muitos mais que tiveram a sorte de não aparecer nessa, nem na outra que veio a público em 1981.”

“Eu reparei” adverte Sarah. “Nomes muito sonantes da nossa política.”

Raul ignora os comentários da filha. “Indo ao que interessa, a minha relação com a P2 terminou em 1981. A minha e a de muitos outros. Mas a organização continua a existir, como pudeste testemunhar da pior maneira. Durante a minha *estadia*, chamamos-lhe assim, na P2, nesses onze anos nunca coloquei a vida de ninguém em perigo, nem nunca matei ninguém.” Esta última frase é proferida a olhar nos olhos da filha para que não existam dúvidas. “Vigiei muitas pessoas em Portugal, pessoas que a organização queria que estivessem constantemente debaixo de olho. Outros eram estrangeiros, residentes ou de passagem. Que seja do meu conhecimento, só dois desses alvos acabaram mortos, posteriormente, mas não às minhas mãos. Um deles foi Sá Carneiro.

“Minha Nossa Senhora” deixa escapar Sarah. “Mais um.”

“Isso conclui a minha ligação.”

“E como começa a minha?”

“Já lá vamos. Primeiro tenho de explicar que papéis são esses. Estamos a falar de treze folhas.”

“Treze? Mas eu só tenho duas. Quer dizer três. Tinha três. Mas uma perdeu-se... na barriga de um homem. “Vira-se para Rafael. “A do código.”

“Que código?” pergunta o pai de rompante. “Não, esperem, depois falamos sobre isso. Agora deixem-me só terminar. Essas trezes folhas incluem a lista, quatro folhas com informações sobre altos funcionários do Vaticano e não só, uma outra lista onde estavam indicadas as futuras nomeações do Papa, algumas das quais teriam efeito no próprio dia em que ele morreu, várias anotações sobre medidas Papais a tomar a curto, médio e longo prazo onde se podia prever um Papado polémico para a ala mais conservadora da Igreja, e o Terceiro Segredo de Fátima.”

“O Terceiro segredo de Fátima?” Sarah fica curiosa. “O que o João Paulo II revelou em 2000?”

Raul lança um olhar surpreendido a Sarah. “Claro que não. O *verdadeiro* Terceiro Segredo.”

“E o que revelaram em 2000 não era o verdadeiro?”

“O verdadeiro Terceiro Segredo revela a morte de um homem vestido de branco às mãos dos seus próprios pares.”

Raul faz uma pausa para deixar pousar a mensagem que acaba de debitar e aproveita para beber mais um gole de Porto.

Sarah ainda reflecte na informação curiosa que o pai lhe deu, tentando avaliar a sua dimensão e os seus efeitos. No seu entender, aquilo é tudo demasiado grande para que se possa lidar de ânimo leve e, se pudesse escolher, optaria por ocultar tudo de forma a nunca poder ser desenterrado por ninguém.

“Então porque é que eles vieram com aquela história em 2000?”

“Porque tinham de inventar alguma coisa. E era preferível defraudar as expectativas do que dizer que o Terceiro Segredo consistia no assassinato de um Papa.”

“Claro” afirma Sarah ainda meditativa. *Tem lógica* pensa para consigo. *Tem lógica*. “Compreendo que não seja fácil de lidar com uma coisa dessas.” Completa.

“E não é. Por isso levaram tanto tempo a desenvencilharem-se dele. Depois fizeram aquilo em 2000, tudo muito bem encenado, os fiéis compraram, os infiéis também e o caso ficou arrumado.”

“Estou a ver.” Continua Sarah. O seu copo de Porto permanece com o líquido intocado. O de Rafael já é só mesmo isso, um copo, com um fundo rosado a denunciar que antes estivera cheio. “Como é que esses papéis aparecem agora?”

“Isso...”

“Melhor perguntando, se os seus pares do Vaticano o mataram, porque não guardaram os papéis... ou os destruíram?”

“Vamos esclarecer aqui uma coisa, o Vaticano, enquanto instituição, não teve nada a ver com isto. Um grupo de homens mal intencionados, ainda que se ocultem por baixo de um hábito ou de um barrete vermelho, não faz toda a Igreja. Hoje, como em 1978, há gente má no Vaticano, a diferença é que não estão em lugares tão influentes. A cúria romana, apesar de tão controlada e tão conservadora como em 1978, porventura até mais do que nessa época, não tem hoje qualquer influência da P2, capaz de manipular conclaves ou determinações Papais. É claro que actualmente há outras organizações que desempenham esse papel, mas não consta que lavem dinheiro e mandem fazer títulos falsos.”

Sarah escuta escandalizada. “Manipular conclaves? E os cardeais? E o Espírito Santo?”

“O único Espírito Santo que conheço é um banco” afirma o pai ironicamente. “É evidente que os conclaves são, acima de tudo, um acto político, sujeito a influências e manipulações exteriores, como qualquer eleição partidária. Há papáveis que, até à data de início do Conclave, fazem campanha na tentativa de angariar o maior número de votos. A cúria escolhe o seu, apoiada por organizações fortes, e quando os cardeais entram em conclave, está praticamente tudo decidido.

“Então é tudo fachada?”

“Teoricamente.”

“Teoricamente?”

“A Igreja tem várias facções. A mais conservadora, representada pela cúria, e outras mais liberais. Não interessa nomeá-las todas. A partir do momento que uma dessas facções ganha predominância, os outros cardeais vão por arrasto.”

“Para o lado que anda a automotora do comboio.”

Raul espanta-se com a expressão da filha. “Sim. Pode colocar-se a coisa nesses termos.”

“E foi isso que aconteceu em 1978?”

“Não. A cúria não conseguiu eleger o cardeal Siri, que era o da sua preferência. Uma facção de cardeais não italianos uniu-se e colocaram-se do lado de Albino Luciani. Foi a morte dele.”

O silêncio volta para tomar conta daquele salão, algures debaixo do Convento de Mafra, devorando as palavras e transformando-as em teorias que Sarah canaliza à sua maneira e Rafael à dele. Ainda que a maior parte das revelações de Raul sejam do seu conhecimento.

“Já no segundo conclave de 1978, o ano dos três Papas, não correram riscos e elegeram alguém que pudessem controlar” recomeça Raul. “Escusado será dizer que acertaram na mouche. Não só era um Papa totalmente manipulado pela cúria, como, *a posteriori*, conseguiu uma relação fantástica com os fiéis.”

“Não fazia essa ideia de João Paulo II.”

“Ninguém faz. Mas ninguém em boa fé o pode censurar. Primeiro porque recebeu um aviso muito sério em 1981, apesar do plano original ter contemplado um afastamento permanente e não um conselho. E depois porque o Vaticano, indirectamente, colocou cerca de um bilião de dólares no bolso do Solidariedade.”

“Solidariedade?”

“Um sindicato polaco, criado em Gdansk, que acabou por conseguir derrubar o regime comunista instaurado no país. Com fundos do Vaticano e dos americanos.”

“Sempre o comunismo como alvo” reclama Sarah.

“Sim. Não são apenas os americanos que vivem obcecados com os comunistas. O Vaticano também.”

“Mas não respondeu à minha pergunta. Porque é que quem matou o Papa não guardou os papéis? Era o que eu faria.”

“Repara,” continua o pai num tom esclarecedor. “O Papa não morreu pelos papéis que tinha na mão. Apesar disso, um dos mandantes teve o cuidado de retirá-los posteriormente dos aposentos do Papa. Entregou-os ao executante que rapidamente os levou para fora do Vaticano. A ordem era para os destruir, mas ele nunca o fez.”

“Porquê?”

“Boa pergunta. Penso que para ganhar vantagem sobre os seus adversários. Ou mesmo para salvaguardar a sua vida se, no futuro, os mandantes quisessem descartá-lo.”

“Okay” diz Sarah, abanando a cabeça em sinal de entendimento. “Então está na hora de irmos ao porquê. Porque é que mataram o Papa?”

“Vai beber o seu Porto?” pergunta Rafael no meio do nada. Há muito que não se ouvia a sua voz. Sarah desvia o olhar para ele. Aquilo não vem nada a propósito, mas a sede não segue momentos oportunos, instala-se quando bem entende e pede atenção imediata.

“Não” responde ela, entregando-lhe o copo. “Faça favor.”

“Obrigado” agradece Rafael pegando nele sem cerimónias.

O melhor é expor todas as suas dúvidas o mais rapidamente possível e despachar aquilo. “Pai, quero saber quem matou o Papa, porquê, quem é o Firenzi, o nome diz-me qualquer coisa, mas não me consigo lembrar o quê, e onde é que entro no meio disto tudo.”

“Desculpe interromper, Capitão, mas é melhor continuarmos a conversa no carro.”

“No carro? Que carro?” questiona Sarah pasmada.

“Um carro que tenho lá fora.” Explica o pai. “Achas que íamos de quê?”

“Não sei. Com ele tudo é possível”admoesta Sarah olhando para Rafael. “Mas vamos para onde? Não estamos bem aqui?”

“Estamos. Mas breve Mafra estará cheia de agentes e não podemos correr o risco de não ter por onde fugir. É imperativo ter margem de manobra. Sempre um passo à frente.” Aclara Rafael.

“Acha mesmo que eles conseguem localizar-nos em Mafra?”

“Tenho a certeza.”



CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Aproveitamos este interlúdio induzido para recuarmos alguns dias, a Roma, a este apartamento que se situa em plena Via Veneto, num terceiro andar, e onde o movimento é constante nas áreas comuns do prédio. Um entra e sai de inquilinos, familiares, amigos e estafetas que sobem e descem as escadas vezes sem conta. Porém, neste terceiro andar reina um silêncio ordeiro, desde que, de madrugada, três homens entraram. Quem visse repararia que se demoraram apenas dez minutos e que apenas dois saíram, deixando o terceiro no seu interior... mas ninguém viu.

O terceiro elemento não dá quaisquer sinais de vida desde essa hora, nem passos de uma divisão para outra, nem o abrir de uma torneira, ou de um armário, ou de uma gaveta. O vizinho silencioso que qualquer pessoa deseja. Talvez tenha bebido a mais durante a noite numa *trattoria* ou num bar e os amigos, prudentes, zelaram pelo bem-estar dele e trouxeram-no a casa onde agora dorme até que o corpo recupere a compostura perdida. Talvez trabalhe por turnos e os colegas o tenham acompanhado a casa para beberem um copo antes de eles mesmo regressarem aos seus. Assim sendo o homem pode estar a dormir o sono reparador que o fará encarar outra noite de trabalho. Muitas teorias, muitas explicações possíveis, o que é facto é que não se ouve o homem, mas ele está lá dentro.

Atente-se agora neste senhor de idade que sobe as escadas com esforço, apoiado numa bengala e acompanhado por um homem que traja um fato *Armani* de cor negra e lhe ampara a subida do lado contrário à bengala. Assim que chegam à porta fechada do terceiro andar onde não se sente vivalma, o assistente coloca uma chave na fechadura.

“Espera.” Ordena o senhor de idade, ofegante. A subida deixou-o muito cansado. “Deixa-me recuperar o fôlego.” explica. Quem o ouça pensará que é

asmático.

O assistente obedece prontamente, endireitando-se quase a fazer lembrar a posição militar de sentido. Ainda leva algum tempo até o senhor de idade regularizar a respirações mas assim que o faz, adopta uma pose senhorial, cuja bengala é apenas um adereço e não um suporte. Pelos vistos, a imagem é importante para ele. Um gesto basta para que o assistente saiba que pode, enfim, abrir a porta. Roda a chave duas vezes e um ligeiro empurrão revela o hall de entrada do apartamento. Entram sem cerimónia, o senhor de idade à frente, evidentemente, e o outro depois, fechando a porta atrás de si, sem fazer barulho.

“Onde é que ele está?” pergunta o velho impaciente.

“Disseram que o colocaram no quarto.”

Caminham até ao quarto, onde um homem está preso à cama. A coberta suja de sangue, proveniente de um ferimento no ombro. O suor é intenso no rosto e no corpo em geral, e o homem veste apenas uma camisola interior de manga curta e umas cuecas. Levanta a cara para olhar as visitas, apesar da posição humilhante, ninguém o verá vergar. Este é o homem que conhecemos como Monsenhor Valdemar Firenzi.

“Monsenhor.” Cumprimenta o homem com um sorriso cínico nos lábios.

Monsenhor Firenzi fica atónito quando o vê. “Você?” balbucia.

“Eu mesmo.” Rodeia a cama e coloca-se ao lado do Monsenhor, sentando-se numa cadeira que já lá estava quando entraram. “Pensava que conseguia escapar?”

“Escapar de quê?” o espanto ainda não deixou a expressão no rosto de Valdemar Firenzi.

“Não se faça de sonso, meu caro. O senhor tem algo que me pertence. E venho apenas reaver o que é meu.”

Valdemar Firenzi olha para o assistente que despe, neste momento, o casaco acetinado e o pousa, cuidadosamente, nas costas de uma outra cadeira.

“Não sei do que está a falar.”

O soco vêm do nada e rompe-lhe o lábio, libertando um fio de sangue. Quando recupera a posição vê o assistente, quase em sentido como se não tivesse feito nada, com uma profunda expressão de calma.

“Meu querido, Monsenhor. Longe de mim querer usar tácticas de tortura em si para recuperar o que é meu. Mas desiludiu-me profundamente. De uma maneira

que não sei se conseguirei superar. Afinal de contas, o senhor *roubou* algo que me pertence.” Inclina-se sobre Firenzi, captando a sua atenção. “Percebe a gravidade da situação. O senhor *roubou*. Quer dizer, se não posso confiar num homem da Igreja, então em quem posso fazê-lo?”

O senhor de idade levanta-se e anda pelo quarto, pensativamente. “Consegue compreender o dilema em que me colocou? Nem na Igreja posso colocar a minha esperança, o meu amor. O senhor acabou com isso tudo. Pergunto-lhe, meu caro Monsenhor, e agora?” fita-o nos olhos. “E agora?”

“O senhor sabe muito bem o que fez” afirma Firenzi.

“O que fiz? O que fiz? Diga-me se não é disso que o mundo vive? De fazer? Todos fazemos.”

“Não se faça de parvo” reclama Valdemar Firenzi. O soco prosseguiu como um correctivo. No mesmo sítio do primeiro como que a dizer que não se pode falar nesse tom ao senhor de idade.

“Não tenho o dia todo. Quero os papéis na minha mão o quanto antes, por isso, trate de dizer onde estão.”

Mais um soco, este sem razão aparente, já que o pobre do clérigo nem sequer esboçou uma palavra. Todo aquele lado do rosto está inchado e os dentes manchados de sangue que baba para a camisola.

“Deus dá o fardo, mas também concede a força para o carregar.” limita-se a dizer.

“Muito bem. Veremos até onde vai a força que Deus lhe deu.” Afirma o senhor de idade acenando para o assistente.

Duas horas depois, os três personagens encontram-se nas mesmas posições. O assistente com a camisa caríssima salpicada de sangue e todo suado, o senhor de idade impávido e sereno aos pés da cama, e Monsenhor Valdemar Firenzi num estado de semiconsciência, balbuciando versículos da Bíblia Sagrada com grande desconexão e visível sofrimento. Tão visível que nos poupamos em descrever, cada um que imagine como ficará um velho ao fim de duas horas de levar pancada, sem ripostar.

O som de um telemóvel interrompe as acções correctivas que, apesar dos efeitos práticos do corpo, não produzem a tão almejada confissão sobre a localização dos papeis. O assistente leva o seu tempo a procurar o telemóvel no bolso do casaco, felizmente arregaçou as mangas da camisa, assim não há perigo

de sujar o *Armani* com o sangue da camisa, já o suor não pode ser evitado.

Enquanto isso o senhor de idade acerca-se novamente de Valdemar Firenzi. O rosto consternado, cansado, já não tem idade para aquelas coisas.

"Vá, Monsenhor, basta dizer-me a localização e tudo acaba logo. Garanto-lhe. Não precisa de sofrer mais."

O homem da Igreja olha directamente nos olhos dele, penetrantemente, buscando forças realmente fornecidas por Deus, pois doutra forma não o faria, o sangue escorre-lhe pela boca, por todos os lados para sermos mais precisos, sem contar com o que engoliu. A voz sai-lhe firme, embora se denote a dor misturada em toda aquela humidade ajudada ainda mais pelo sal do suor. "Deus já perdoou. E se Ele o fez, eu também."

O velho da bengala leva dois segundos a encaixar a frase e um a lançar um esgar furioso, repleto de ódio. "Seja feita a sua vontade."

O assistente desliga o telemóvel e fala em surdina ao ouvido do chefe. "Encontraram três moradas nos aposentos dele, no Vaticano."

"Que moradas são essas?"

"Dois padres, um de Madrid, outro de Buenos Aires. E uma jornalista portuguesa, radicada em Londres."

"Hummm, curioso."

"Os perfis foram todos investigados. À excepção da mulher, eram todos membros da organização."

A decisão não leva mais do que um instante a ser tomada. "Liga para o nosso homem. Ele que faça uma visita aos padres e depois que espere por ordens em Gdansk. Tu depois vais lá pessoalmente."

"Perfeitamente, senhor" acede o assistente, no mesmo tom servil. "E o que fazemos ao Monsenhor?"

"Dá-lhe a extrema-unção" responde sem hesitar. "Espero por ti no carro."

Com uma pancada amigável no ombro do assistente, o senhor de idade retira-se sem se despedir do Monsenhor Valdemar Firenzi, sem um último olhar. Também não ouve o baque abafado que terminou definitivamente o sofrimento do clérigo. De telemóvel colado ao ouvido, desce as escadas com o auxílio da bengala. Já não precisa de fazer pose senhorial, a imagem de velho decrépito assenta-lhe bem, ainda mais porque se assemelha à verdade. Alguém atende do outro lado. "Geoffrey Barnes? Temos um problema."



CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

“O Papa morreu porque sabia demais” continua Raul, sentado no banco do passageiro frontal do *Volvo*, olhando para trás, para a filha, que aproveita o espaço entre os dois bancos da frente para se apoiar e aproximar-se mais do pai. Rafael conduz absorto, para Sarah é obvio que ele já conhece a história que o pai conta, pelo que, se demite de a ouvir novamente, procurando outras distracções na estrada.

“E estava disposto a tomar medidas em relação ao que sabia.”

“E o que sabia assim de tão grave?”

“Para além de ter conhecimento de que elementos importantes da hierarquia da Igreja, incluindo o seu Secretário de Estado o Cardeal Jean-Marie Villot, pertenciam a organizações maçónicas, um acto punido com a excomunhão automática, também teve o azar de perceber que o seu Instituto para as Obras Religiosas, o IOR, mais conhecido como Banco do Vaticano, tinha à sua frente um homem corrupto que, em conluio com outro igual a si em carácter, mas no Banco Ambrosiano, lavavam dinheiro da Máfia e de outras fontes duvidosas.”

“Está a falar de quem?”

“Paul Marcinkus, do Banco do Vaticano, e Roberto Calvi, do Banco Ambrosiano. E, claro, a cereja em cima do bolo que manipulava esses dois, Licio Gelli. A mente que orquestrou todo o plano de lavagem.”

“Mas como é que tal coisa foi possível?”

“De forma resumida, através de empresas de fachada instaladas na América do Sul e no norte da Europa e, posteriormente, comprando bancos no exterior, ou usando dependências do Ambrosiano para fazerem entrar ou desviar o dinheiro. Muito dinheiro. Enquanto o negócio estava a correr bem, Calvi foi apelidado por

Paulo VI como *O Banqueiro de Deus*. A certa altura, elevaram a fasquia, ou seja, Gelli elevou a fasquia ao exigir que lavassem cada vez mais dinheiro, sempre usando o Vaticano e o Ambrosiano. É obvio que as suspeitas começaram a surgir e, apesar de banqueiros brilhantes, Calvi e Marcinkus cometeram erros, muitos erros. E acabaram por rebentar naquilo que ficou conhecido como o Escândalo de Banco do Vaticano. Mas isso já foi depois da morte do Papa."

"Então mataram o Papa porque ele ia arruinar os seus planos" completa Sarah.

"Exactamente. Não só ia arruiná-los como colocá-los a descoberto. Ia tudo parar à cadeia. O lixo era tanto que, para te dar um exemplo, o Banco do Vaticano, através da P2, esteve intimamente ligado à compra dos mísseis Ecocet com que os Argentinos combateram os ingleses na Guerra das Faulkland. Percebes as implicações disto?"

"Minha nossa."

"Mas volto a sublinhar, estamos a falar do Banco do Vaticano sob gestão de Marcinkus, e não da Instituição em si que não teve culpa de se ver gerida por um canalha. Inclusive serviam-se de um mafioso chamado Michelle Sindona que os ligava à Máfia e providenciava grandes quantidades de dinheiro."

"Também fazia parte do grupo?"

"Fazia parte, mas não teve nada a ver com a morte do Papa. Sindona tinha as mãos cheias de sangue de muitas pessoas, magistrados de renome e tudo, mas, por essa altura, já tinha a corda no pescoço, afundado nos seus próprios problemas. Respondia pelos seus crimes económicos perante a justiça norte-americana, em Nova Iorque."

"E nunca ninguém deu por nada em relação aos outros?"

"A partir de certa altura, várias polícias europeias e mesmo o Departamento de Justiça americano, começaram a ligar as coisas e a encontrar demasiadas ilegalidades. Contudo, era um polvo demasiado longo e levaram o seu tempo a encontrar todos os tentáculos. Mas João Paulo I recebeu secretamente, em Setembro, funcionários do Departamento de Justiça norte-americano que o colocaram ao corrente da situação para que tomasse as medidas que considerasse convenientes. João Paulo I soube a partir daí que havia criminosos no Vaticano e que tinha de se desfazer deles. Mas eles deram o primeiro passo."

“Foram eles que o mataram?”

“Foram os autores morais. Tão culpados como quem executou.”

“Mas especifique. Quero ouvir os nomes.”

“Licio Gelli, Roberto Calvi, Paul Marcinkus e Jean-Marie Villot. Sendo que este último teve uma presença activa no caso, já que permitiu a entrada ao autor e se desfez de tudo em tempo recorde. Sua Santidade foi encontrada às quatro e meia da manhã e às seis da tarde os seus aposentos já estavam completamente limpos e selados, e a chave em poder do Cardeal Camerlengo Villot, pela segunda vez no espaço de pouco mais de um mês. E em pouco mais de doze horas, Villot arrumou com qualquer vestígio da passagem de Albino Luciani pelo Palácio Apostólico.”

“Isso é que foi competência.”

“Isso é que foi pressa demais. Às cinco e meia da manhã desse mesmo dia, três quartos de hora depois de terem encontrado o Papa morto, os embalsamadores já estavam no Vaticano. Com tanta coisa para fazer era suspeito ter logo ali os irmãos Signoracci à mão. Ainda mais se te disser que a lei italiana só permite a embalsamação vinte e quatro horas após o óbito.”

Sarah limita-se a abanar a cabeça com todos aqueles factos.

“E ainda mais estranho te parecerá se te disser que às seis da tarde desse mesmo dia, João Paulo I já estava embalsamado.”

“E as 24 que se lixem!”

“Exacto. Villot cometeu uma ilegalidade monumental. Mas por que razão?”

“Para limpar a casa o mas depressa possível.”

“Ora nem mais.”

“Mas que tipo de veneno é que consegue ludibriar os médicos?”

“Ele não foi envenenado.”

“Não?”

“Não. E nenhum médico foi ludibriado.”

“Então isso quer dizer...”

“Pois” interrompe o pai. “O maior leigo, confrontado com estes elementos, veria que alguma coisa não batia certo. Um simples ataque cardíaco nunca

levaria Villot a agir tão imprudentemente, nem tão rapidamente. Especialmente, se tivermos em conta a sua experiência. Um homem vivido, que foi Secretário de Paulo VI e que não agiu desta forma no funeral dele, um mês antes. Muito pelo contrário."

"De facto, não se percebe."

"Percebe-se. Jean-Marie Villot esteve envolvido na conspiração para matar o Papa. Como informador privilegiado de Gelli, Calvi e Marcinkus, ainda manteve a esperança de conseguir controlar as acções de Luciani. Mas este jogou forte e decidiu fazer substituições de monta em toda a estrutura do Vaticano, afastando o joio, incluindo Marcinkus e o próprio Villot, que seriam substituído pelos Cardeais Felici e Benelli, respectivamente. Aí os quatro homens aperceberam-se que estavam perdidos e o sempre voluntarioso Gelli tratou de implementar o plano, colocado em prática na noite de 28 para 29 de Setembro."

"Quem o matou exactamente?"

"Ninguém sabe o nome dele. Mas acredito que é o homem que anda atrás de todos nós."

"Então controla a P2."

"Sim. Quem executou João Paulo I era e *é* membro da P2."

"E não sabem o nome dele?"

"Só um diminutivo."

"Qual?"

"JC."

"Onde é que eu entro nisto tudo?" pergunta Sarah ajudando o pai a recuperar o fio à meada.

"Pois. Onde é que tu entras nisto tudo." Esta última frase, apesar de proferida em voz alta, é antes um pensamento que acaba em suspiro. Uma maneira de ordenar as ideias, de reorganizá-las para melhor se fazerem entender quando ditas aos outros. "Valdemar Firenzi é um antigo membro da P2, como eu, que encontrou os famosos papéis desaparecidos. Levou muitos anos a juntar indícios e a seguir pistas, e por fim, quando já havia desistido, acabou por dar com eles no sítio menos óbvio."

"Onde?"

“Nos Arquivos Secretos do Vaticano.”

“Nos Arquivos Secretos? Como é que foram lá parar?”

“Não faço ideia. Terás de perguntar ao JC. Embora não deseje que chegues à presença dele. Seria muito mau sinal” responde Raul. “Presumo que, quando as pessoas ligadas ao caso começaram a morrer, ele passou a sentir-se mais seguro. Na realidade, não seria prudente manter os papéis consigo, mas... é tudo suposições. Não faça ideia. Pode ter sido por mera provocação, sinal de força...”

“*Okay.* Não importa. O Firenzi encontrou os documentos e depois?”

“Depois as paredes no Vaticano têm ouvidos e quando deu por si estava em perigo. O que é que ele fez,? Enviou a maioria dos papéis, ninguém sabe para onde. Em seguida, enviou uma fotografia de Bento XVI a Felipe Aragón e Pablo Rincón e a lista a ti.”

“Mas porquê a mim?”

“Porque tu és afilhada dele.”

“O quê?”

“É isso mesmo. Ele é o teu padrinho. Precisava de alguém que não pertencesse à rede. Pensou que ao veres o meu nome na lista me irias ligar e a partir daí eu compreenderia. O mínimo que poderia acontecer era deitares aquilo fora. Mas ele não contava ser apanhado e, de alguma maneira, eles descobriram o resto.”

“Foi apanhado?”

“Foi.”

“E agora?”

“Agora deve estar morto” diz com ar circunspecto.

Sarah adopta uma postura meditativa. “Era meu padrinho? Bem me parecia que o nome dele não era estranho. Era aquele ingrato que desapareceu?”

“Nunca se esqueceu de ti. E sempre te mandou presentes.”

“Isso que importa? A vida não é presentes, é presença. E nesse campo, não cumpriu, foi um péssimo padrinho. Não sabia que tinha um padrinho italiano.”

“Não te deixes enganar pelo nome. Firenzi era português de gema.”

“Ai sim? E ainda nos lixou a todos.”

“Não digas isso.”

“Não digo? É verdade. Ele foi mexer em algo que estava muito bem, lá onde estava. Qual foi a ideia dele?”

“Desenterrar a verdade.”

“Essa verdade estava muito bem como estava” repete Sarah visivelmente irritada.

Raul mete a mão no bolso interior do casaco e retira de lá um papel e um retrato de Bento XVI.

“O que é isso?” quer saber Sarah.

“O que o padre Felipe recebeu em Madrid.”

Entrega a carta a Sarah. Apesar de não ser versada em espanhol, percebe praticamente tudo.

Erros do passado apanharam-me hoje, dia em que faço setenta e quatro anos. A ironia divina não me passou indiferente, o sinal de que é Ele quem está por detrás disto tudo. É difícil perceber durante o raiar da vida as implicações das nossas decisões, dos nossos actos. Partimos de princípios correctos, com o mais nobre dos sonhos, e depois deparamo-nos com a nossa monstruosidade, a vil e cruel consequência de causas que nós próprios originámos. Por muito que passemos o resto dos nossos dias a emendar o mal com o bem, abdicando totalmente de nós mesmos em benefício do próximo, a mancha está lá atrás, sempre no nosso encalço, diminuindo a distância, dizendo-nos em voz baixa, vou-te apanhar, vou te apanhar. *Até que acaba por cumprir a promessa, hoje, no dia do meu aniversário. Antes de me despedir quero que entreguem esta carta e o retrato do meu amado Papa ao meu grande amigo Raul Brandão Monteiro, que saberá usar nele o lume brando da oração. Ele virá tratar do meu corpo, sabe quais são as minhas instruções quanto a essa questão. Quanto a mim, despeço-me com uma confissão, deixei morrer um Papa porque fui cobarde e não mexi um dedo para evitá-lo.*

“As autoridades espanholas entregaram-me isso quando fui tratar do funeral do Felipe. O meu bom amigo Felipe.”

“E não acharam estranho o conteúdo?”

“Não ligaram. E, por sorte, cheguei antes de qualquer membro que pudesse deitar as mãos a isto. Já em Buenos Aires, tal não foi possível, e eles não só mataram o Pablo, como levaram o retrato.”

“Que raio tem o retrato de tão especial?”

Raul pega num isqueiro que traz consigo. “Aproxima-te.”

Ainda hesitante, Sarah acerca-se do pai. De início não nota nada de especial. Rafael também olha a espaços, não perdendo o controlo do carro. Vêem Bento XVI desvanecer-se e dar lugar a um velho.

“Quem é esse?” pergunta Sarah.

“Não sei” responde o pai.

“Um retrato dual.” Informa Rafael. “Interessante.”

Raul afasta o retrato da chama e, segundos depois, Bento XVI volta a ocupar o seu centro.

“Não estou a perceber nada.”

“Não sei quem é, mas eles já devem saber. Suponho que seja o homem que, neste momento, está na posse dos papéis.” Completa Raul.

“O que nos leva aos outros dois elementos que Sarah recebeu” alerta Rafael.

“Quais?” pergunta Raul.

“Um código...”

“Que o seu colega felizmente ou infelizmente engoliu” acrescenta Sarah.

“ E a chave.”

“É verdade, a chave.” Sarah nunca mais se lembrara dela. Tira-a do bolso das calças e mostra-a ao pai. Uma chave muito pequena, de algum cadeado ou fechadura minúscula.

“Isto será do quê?” pergunta Raul enquanto a analisa, rodando-a na mão. *“O que é que tu abres?”*

Mantêm-se em silêncio durante alguns instantes, cada um interpretando para si mesmo as suas teorias sobre a chave, o retrato, as revelações.

“E falaram num código.”

“Sim, mas desapareceu.” adverte Sarah.

“Desapareceu o original, mas tenho uma cópia.” Alerta Rafael desdobrando um papel que tirou do bolso das calças. O papel para onde passara o enigma antes de deixar Margulies entregue à sua decifração.

Raul olha para o código com atenção redobrada, não há tempo a perder.

18, 15 - 34, H, 2, 23, V, 11
Dio bisogno e IO fare lo. Suo augurio Ÿ mio comando
GCT (15) - 9, 30 – 31, 15, 16, 2, 21, 6 – 14, 11, 18, 18, 2, 20

“O vosso amigo conseguiu decifrá-lo?” pergunta por fim.

“Não teve tempo.” Explica Sarah. “Eles mataram-no.”

“Então isto vai levar algumas horas.”

“Esperem” exclama subitamente Rafael com a cabeça noutro lugar. “Ele antes de morrer olhou para mim.”

“Quem?” Sarah está atónita e confusa.

“O Margulies. Olhou para mim antes de morrer e disse para contar as palavras.”

Raul já nem ouve mais nada. Pousa o papel no colo e remete-se ao silêncio, rabiscando algo com uma caneta, homem prevenido vale por dois, e fazendo contas com os dedos. Não leva mais do que alguns minutos a endireitar-se novamente. “Aqui está o código decifrado.”

L, A - C, H, I, A, V, E
Dio bisogno e IO fare lo. Suo augurio Ÿ mio comando
GCT (DI) - N, Y – M, A, R, I, U, S – F, E, R, R, I, S

“A chave?” diz Sarah em voz alta. “Marius Ferris? Quem é o Marius Ferris?”

“Suponho que seja o homem do retrato dual.” É Raul quem fala em tom meramente hipotético.

“Capitão, se me permite, penso que podemos encará-lo de duas maneiras. A chave é Marius Ferris, ou a chave abre qualquer coisa em Nova Iorque.”

“Nova Iorque?” Sarah não está a perceber onde é que ele vê Nova Iorque.

“Sim. Esse NY deve ser Nova Iorque.”

“E o GCT?” questiona Raul.

“GCT” repete Rafael a matutar, mas nada lhe ocorre. “E essas duas letras

entre parêntesis?” A coisa não está fácil.

“Será que está bem decifrado?” pergunta Sarah.

“Penso que sim” afirma o pai. “Repara, a primeiro palavra ‘La Chiave’ não deixa dúvidas. Marius Ferris pode, perfeitamente, ser o nome que nos falta. Só temos de decifrar o GCT e estas letras entre parêntesis.”

“Vemos isso durante a viagem, Capitão.”

“Tens razão.”

“Já sabe para onde vamos em concreto?” questiona Sarah, avistando as luzes de Lisboa ao fundo. “E se voltássemos ao hotel para dormirmos uma boa noite de sono?”

“Nem pensar. Temos muitos quilómetros para fazer até Madrid.”

“Madrid?” Sarah não está a perceber nada.

“Qual é o seu plano, meu caro?” interroga Raul para tranquilizar a filha.

“De carro até Madrid e depois avião para Nova Iorque.”

“Nova Iorque?” intriga-se Sarah. “Nem temos a certeza se é para lá que o enigma nos está a mandar.”

“Temos.” Esclarece Rafael com segurança. “Queime o código, Capitão. Já sei o seu significado.”



CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Enfim chega o bendito momento. Aquele pelo qual espera, praticamente desde que se conhece como gente, como quando ainda andava de mão dada com o pai pelas ruas da velha Gdansk. Ainda que isso fosse caso raro. Guarda uma memória precisa desse tempo, uma imagem frisada, tal e qual uma fotografia, o pai segurando-o ao colo, junto à margem do Motlawa, num dia solarengo, como o de hoje. Gostava de se lembrar de mais coisas, de tudo o resto, do sorriso da mãe, da cumplicidade dos progenitores, dos beijos, carícias, carinhos, mas na sua mente cria-se um vazio sempre que faz esse esforço. Só a imagem frisada dele ao colo do pai, com expressão austera, junto ao Motlawa. O resto, os desejos, as lembranças da família feliz não se apresentam, por ventura, devido à sua mente lógica não ser capaz de produzir efabulações, fantasias, ficção. Sim, porque ele sabe, perfeitamente, que essas cumplicidades, essa família feliz, constituída por ele e pelos pais nunca existiu. Nunca, é bom sublinhar em si mesmo, para que não se deixe levar por impulsos mundanos, mentirosos que trazem consigo sonhos inversos à verdade.

O pai fora membro activo do *Solidariedade*, e metalúrgico de profissão. Alimentara tão profundamente o ideal de uma Polónia livre mas não via a ditadura com que reinava no lar, a que submetia a sua bela mãe que nunca perdeu o ar gracioso, apesar das adversidades corporais e psicológicas a que era sujeita constantemente. Impressiona-se como guarda essa imagem frisada dele e de si junto à margem do Motlawa, se tudo o que lembra do progenitor são as ausências, as prolongadas estadias fora do seio familiar, na luta desigual contra um governo totalitário. Nesse particular, há que lhe conceder o mérito da persistência compenetrada que o caracterizou até ao final dos seus dias, lamentando-se o facto de não a ter estendido à família no que toca aos ideais similares da liberdade, quanto mais não seja a da expressão, a que também a mãe não tinha acesso. Bem que poderia ter sido uma fotografia tirada por ela, a da

imagem frisada, mas não, era fruto da impressão mental que cada um de nós tira em determinados instantes da vida. Mas podia ter sido, era bom que fosse, como ele gostava, um retrato tirado pela mãe de um filho e pai felizes, junto à margem de um dos rios que banha a cidade. Felicidade extensível à mãe é claro, já que a alegria é um estado dotado da propriedade do contágio. Mas não. Nada disso corresponde à verdade. Essa fotografia nunca existiu, nunca foi tirada. O que existia era o medo, o pavor do segundo seguinte, terror só de ouvir a chave na fechadura rodar para deixar entrar o inferno, ele. O final de mais uma longa estadia fora de casa, os bons momentos para ela, se não bons, pelo menos repletos de mansidão e serenidade. Mais uma vez a mala preta cheia de dólares para a causa. *É dos americanos*, dizia ele, enquanto comia o jantar preparado pela escrava que, de coração tão puro, nunca teve na ideia recheá-lo com veneno dos ratos. Era o que este que agora aguarda faria, se na altura tivesse entendimento para tal. *E do Vaticano* continuava ele. *Desta vez vamos arrumar com eles*. E ria, ria como um menino cujos sonhos estão prestes a realizar-se. Contava de como não se podia falar da proveniência do dinheiro. Todos negariam se isso viesse a público. Para mais porque era dinheiro ilícito, obtido à custa do mal dos outros, de vícios narcóticos, de tráficos de segredos mal parados, capazes de influenciarem os destinos dos seus detentores da maneira mais proveitosa. Dinheiro sujo para financiar ideais nobres, o da igualdade, justiça e liberdade, mas sem que forças externas ou olhos curiosos consigam identificar claramente o amigo ou amigos endinheirados que promovem a luta com o objectivo único de verem o proveito, sem nunca conquistarem a fama. Foram os americanos e o Vaticano, dizia o pai, mas as voltas que ele deu para despistar intrusos e traidores. As mãos por onde isto passou, as empresas de fachada, os administradores de bancos corruptos. Nunca ninguém saberá.

Lembra-se como se tivesse sido hoje, esta manhã, do dia em que chegou a casa e a viu. Os olhos abertos, vítreos, inertes a olharem para ele sem o fitarem. O sangue que lhe escorrera do pescoço formava uma poça no chão, mal se notava que a cor original da blusa era branca. O esvaimento do fluído vital ocorrera devido ao rasgão que lhe atravessava a garganta. Debruçou-se sobre ela, um menino, um ser puro, sem maldade, perante a mãe morta, assassinada, cortada na parte frontal do pescoço e chorou. Abraçou-a, misturou-se com o sangue dela, sentiu-a e continuou a chorar copiosamente. Pior, muito pior do que as longas ausências do pai ou do que a sovas de cinto que sofria sempre que defendia a mãe dos achaques de violência dele. Uma dor indescritível, a perda da

pedra basilar que lhe suportava a vida. Então, durante esse abraço húmido com que envolvia a mãe, reparou na faca. A arma que privou a mãe da vida, que a separou de si, ainda manchada de sangue, largada no chão, ao acaso. Pegou nela e olhou-a, cruel e poderosa, capaz de matar, de ferir, rasgar, cortar, apunhalar, conforme a vontade do portador, já que o objecto, em si, é inofensivo. Naquela hora o desejo dele era que a faca o rasgasse, o mandasse para junto da mãe querida. E esteve a milímetros de o fazer. Seria uma morte rápida, um golpe directamente no coração. Sim, ele sabia onde é o coração e que é o motor da vida. Um gesto certeiro acabaria com tudo, não seria indolor, pelo contrário, mas, ainda assim, seria uma dor ínfima em comparação com o que sentia pela perda materna. Mas o golpe nunca chegou a ser dado. No momento chave da hora h, viu-o sentado no chão, encostado à parede. Os olhos marejados, o rosto suado, uma garrafa de Vodka na mão. *A partir de agora somos só nós os dois, rapaz* disse o pai, a voz embargada pelo álcool e pelo reconhecimento do erro. *Somos só nós os dois*. Depois invectivou sobre como ela lhe havia faltado ao respeito e como ele já vinha tocado da rua. Palavra puxa palavra e ela não se calou no tempo exigido por ele. Afinal, quem mandava lá em casa? Quando deu por si o mal já estava feito. *Agora somos só nos os dois, rapaz* repetiu o pai, choroso, bêbado. *Anda cá, dá um abraço ao teu pai*. Um abraço como o da imagem frisada junto à margem do Motlawa. Uma ordem e não um pedido que foi cumprido pelo menino outrora puro e sem maldade. Abraçou o pai com força, a mãe no seu pensamento, o sorriso dela, a graciosidade, o pescoço rasgado, a mãe morta. A faca perfurou a carne, implacável, sem sentimentos, premida pela sua mão jovem contra o peito do pai. A lâmina penetrou até ao cabo e o filho pródigo continuou a abraçar o pai com força, com amor forte, de olhos fechados, intensamente. Uma mão a rodear-lhe as costas e a outra no cabo da faca. O pai esbugalhava os olhos, incrédulo, babando sangue pela boca, duplamente incrédulo, as forças abandonavam-no velozmente, o fim escurecia os sentidos, entrava no poço fundo da morte, triplamente incrédulo, até que a ceifeira se apoderou do corpo ao fim de dois espasmos. O filho largou o pai que tombou inanimado no chão, junto à parede. Afastou-se dele e fitou uma última vez o corpo da mãe. *Agora sou só eu.*

Mas, enfim, chega o bendito momento. Aquele pelo qual ansiara toda a vida, desde esse horrível dia em que perdeu a mãe e iniciou o seu caminho pelos trilhos da justiça. Finalmente conhecerá o Mestre, que já deve ter aterrado em

solo americano, aqui, numa qualquer pista do Aeroporto de La Guardia, em Nova Iorque. E este seu servo não está à espera dele em qualquer ponto de chegadas comuns, nada disso, o Mestre tem outro tipo de tratamento, superior ao VIP, igual ao tratamento que recebe um Chefe de Estado de visita aos Estados Unidos da América. Assim sendo, aguarda-o no asfalto interior do aeroporto, no local indicado para o avião aparcar. Trouxe um carro à altura de tão dignitária personalidade e o sorriso nos lábios disfarça o nervosismo interior. O mestre é como um pai para si. Embora não o conheça pessoalmente, proporcionou-lhe todos os confortos que um verdadeiro pai concede aos filhos, um tecto, dinheiro, educação, trabalho, estímulo. É verdade que tudo isso foi à distância, mas talvez por isso mesmo tenha cultivado um amor e respeito pelo Mestre tão grandes, já que o pai, sempre ausente na sua infância, deu no que deu. O Mestre deu-lhe todo o espaço do mundo e agora vai fazer-se apresentar ao filho pródigo, ao miúdo puro e sem maldade do passado.

O jacto já se avista no meio de tantos aviões em constante movimento. Os nervos apertam ainda mais as vias respiratórias. Como é possível que ele, um homem habituado a lidar com o perigo, que decide da vida ou da morte de outros homens, que já teve, mais do que uma vez, uma arma apontada à cabeça, não tivesse sentido nessas horas qualquer ponta de ansiedade ou inquietação? E agora que vai ver e conhecer alguém que, apesar de tudo, não passa de um ser humano em carne e osso, desfaz-se em arrepios e suores frios como se o mundo estivesse para acabar. O jacto pára à sua frente e os motores são desligados, mas continuam a rodar até pararem completamente por si mesmos. A porta abre-se e descem umas escadas. A primeira pessoa a aparecer é o homem vestido com um fato *Armani* que conheceu em Gdansk. Se o fato é o mesmo ou outro, pouco importa, contudo, a sua predilecção é notória. O homem do fato *Armani* desce as escadas e pára para dar assistência ao senhor de idade que vem atrás, apoiado numa bengala com um leão dourado no topo. De um lado segura a bengala, do outro estende a mão ao assistente para que este o ajude. Vêem-se assim frente a frente os três homens, pai, filho e espírito santo, o Mestre, o servo e o assistente do fato *Armani*.

E numa cena digna do século passado assistimos ao servo polaco a ajoelhar-se perante o Mestre e baixar a cabeça, em reverência.

“Senhor, quero que saiba que é uma honra para mim conhecê-lo finalmente” disse de olhos fechados.

O senhor de idade coloca a mão trémula sobre a cabeça dele. “Levanta-te meu

filho.”

O servo fá-lo prontamente. É nítido que o polaco não consegue fitar o Mestre directamente nos olhos. O velho entra no carro, enquanto o servo lhe fecha a porta. O assistente abre e fecha a sua porta sozinho. O servo assume a condução.

“Tens-me servido bem. Sempre com muita competência e dedicação.”

“Total e absoluto empenho é o mínimo que pode esperar de mim.” afirma ele com veneração sincera.

“Sei bem disso.”

“Onde está o alvo?” pergunta o assistente.

“Neste momento, a visitar um museu.”

“Gosta de cultivar o intelecto” completa o assistente.

“Para onde deseja ir, senhor?” uma questão tímida do servo polaco.

“Vamos fazer um pouco de turismo” diz o velho.” Leva-nos a passear.”

Suas palavras são comandos e não se fala mais nisso.

No banco de trás segue-se uma conversa em surdina, não destinada aos ouvidos de funcionários hierarquicamente inferiores, ainda que filhos, em sentido figurado, neste caso, ainda que muitos pais verdadeiros ocultem conversas dos filhos, bem ou mal.

Finda a conferência entre os passageiros do banco de trás, o Mestre, na falta de nome próprio para o apelidar, pega no telemóvel e marca um número. Aguarda alguns segundos até o destinatário atender do outro lado.

“Qual é o ponto da situação?” pergunta sem um olá, como está? Aguarda que a resposta lhe seja dada. “Mister Barnes, preste atenção às minhas ordens.”



CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Os três ocupantes do *Volvo* permanecem calados há algum tempo, enquanto rolam a cento e quarenta quilómetros por hora, nas vias rápidas de acesso à cidade de Lisboa. Quem os veja àquela velocidade, a esta hora da noite, certamente não acreditará que esta estrada tem o rótulo de uma das mais congestionada da Europa.

Sarah contempla o exterior sem o olhar verdadeiramente, aturdida pelo mar de revelações que inundou a sua mente. Os prédios passam, assim como os estádios, os centros comerciais, os carros, os autocarros, os camiões, mas ela nem os vê. Que mistérios encerram as noites de Lisboa? Que segredos, que mentiras? E quem fala em Lisboa, fala noutra qualquer cidade do mundo. Que planos estarão a decorrer neste preciso momento, com vista a dar vantagem a algumas pessoas sobre outras, ou a proporcionar a ascendência de determinados países sobre outros onde tenham interesses? Chegou à conclusão que há dois tipos de política. A usada para o povo ver, os políticos que elegeram a fazerem de conta que governam, sob o olhar atento das câmaras dos repórteres. E a outra, a sub-reptícia, a que governa mesmo, sempre, mas que não deixa registos históricos, nem assina as leis, embora as crie e as promulgue. São esses os homens que prevalecem sobre os restantes, jogando as peças no tabuleiro mundial, dispondo-as segundo os seus objectivos. Depois dão o lugar a outro, ao seu substituto, mas não sem antes se certificarem que deixam o homem certo a controlar o jogo, com os mesmos propósitos, crenças e ideais. Facilmente se pode comparar o processo a um filme. Os actores são as estrelas que brilham perante o público, que o fazem chorar, rir, sonhar, mas o cérebro que proporciona tudo aquilo está por trás, a manejar a câmara, a movimentar o dinheiro, a escrever e a reescrever o guião, a editar as imagens filmadas. No final o publico vê apenas o resultado de todo esse trabalho, a parte que quem manda permite que se veja. Nada mais. Poderá haver um guião melhor, movimentos de câmara

mais atraentes, formas inteligentes de poupar dinheiro, cenas gravadas que não foram incluídas no produto final, mas tudo permanecerá no desconhecido porque quem tem a última palavra assim o diz.

“Estás bem, filha?” pergunta Raul olhando para trás.

“Dentro do possível.” A resposta é sumida, como se ainda estivesse presa aos seus pensamentos, ainda que por um fio ténue. “Estava aqui a pensar, a P2 matou um Papa, um Primeiro-Ministro português, com certeza muitas outras pessoas com cargos menos importantes. Há mais alguém conhecido que eles tenham *feito desaparecer precocemente*?” Sublinha a última parte da frase, olhando para Rafael que, apesar de ter os olhos postos na estrada, se apercebe disso.

“Há, em 1986, não sei se te lembras ou ouviste falar da morte de um Primeiro-Ministro sueco que se chamava Olof Palme?”

“Sim, tenho uma vaga ideia.” E, de facto, Sarah tem uma ideia. Foi um crime muito falado pela imprensa, nesse ano. A Suécia via-se, abruptamente, órfã de um dos seus melhores governantes. “Eles não têm mesmo problemas em afastar quem não serve a sua causa.”

“Disso podes ter a certeza.”

“E qual foi a razão para o assassinarem?”

“A mesma porque assassinaram Sá Carneiro em Portugal. Venda de armas para o Irão.”

“Porquê para o Irão?”

“Na altura era o Irão. Hoje é o Iraque, a Coreia e o Afeganistão. Os inimigos de hoje são os aliados de amanhã. E os americanos sempre foram muito hábeis em fomentar amizades ocasionais.”

“Espera aí.” Diz Sarah confusa. “O que é que os americanos têm a ver com isto?”

“Tudo. Essas mortes ocorreram porque era do interesse deles.”

“A de Sá Carneiro?”

“A de Sá Carneiro, a de Olof Palme, a de Aldo Moro...”

“A de João Paulo I” conclui Sarah.

“Para a parte aliada da P2, nomeadamente a CIA, sem dúvida, mas nesse caso

é curioso porque o Departamento de Justiça tinha João Paulo I como aliado. E a morte prejudicou, e muito, a investigação deles."

"Que confusão."

O pai vira-se para Rafael. "Qual é o itinerário?"

"Sul. Passamos a Ponte 25 de Abril e depois sempre em frente até Madrid."

"Parece-me bem" concorda Raul.

"Só preciso de me certificar se estamos a ser seguidos."

Os sentidos de Sarah accionam o estado de alerta. "Como é que fazemos isso?"

"Normalmente metemos num beco ou numa rua sem saída. Quem vier atrás de nós é, naturalmente, denunciado."

"Mas aí nós também não temos por onde fugir" conclui Sarah.

"Sim, mas ficamos a saber que andamos a ser seguidos. Essa táctica é habitualmente usada pelos traficantes de droga. Assim, não correm o risco de serem apanhados em flagrante quando o produto entra nas suas instalações. Se não estiverem a ser seguidos, prosseguem caminho. De xis em xis quilómetros repetem a operação. Se alguém os tiver a seguir abortam a operação. Andam todos aos tiros com a polícia, são apanhados e os grandes traficantes permanecem ilesos, nas suas casas, a planear confortavelmente a entrega seguinte."

Sarah escuta tudo aquilo, aturdida. "Não tenho muita vontade de andar no meio dos tiros. Para isso já me chegou ontem."

"Eu disse que, normalmente, é o que se costuma fazer. Não disse que era isso que íamos fazer. Há outras maneiras."

"Que outras maneiras?"

Rafael trava bruscamente o Volvo na via rápida. Um coro de buzinadelas segue-se como protesto para com aquela manobra irresponsável.

"Você é doido." Grita Sarah com o coração quase a sair-lhe pela boca. "Que raio fiz eu para merecer uma sorte destas."

"Calma, Sarah" pede o pai com voz serena. "Ele lá sabe o que está a fazer."

Rafael olha para trás, mas Sarah está mesmo à sua frente com um olhar furioso.

"Importa-se de se desviar?" pede simpaticamente.

Sarah lança-lhe um esgar pejado de ódio. Rafael vê três carros encostados na berma, a cerca de cinquenta metros. Continua o coro de buzinas daqueles que contornam o *Volvo*.

“Três carros.” Alerta Rafael.

“Se calhar foi um acidente.” Sugere Sarah agitada.

Rafael vira-se para a frente e recoloca o cinto de segurança. “Coloquem o cinto, por favor.”

Sarah obedece prontamente com o coração aos saltos. “Ó meu Deus, não estou a gostar disto.” desabafa.

“Okay, Sarah, escute com atenção.” É Rafael quem fala olhando para ela pelo retrovisor central. “Para não dizer que não a avisei e não me gritar aos ouvidos, vamos entrar numa área urbana a grande velocidade. Tente não se preocupar. É pouco provável que tenhamos algum acidente. Por favor, segure-se bem.”

Findo o discurso os pneus chiam na estrada, provocando ruído e fumo, até criarem aderência ao piso. Sarah cola-se ao banco, tal a velocidade imprimida. Olha para trás e vê os carros avançarem também. Estão a ser seguidos. Saem da via rápida e passam um sinal vermelho, indiferentes ao trânsito que tem prioridade. Viram à direita e descem o Campo Grande. Cento e vinte, cento e trinta. Faixa da direita, faixa da esquerda, evitando os outros carros que parecem parados à sua passagem.

Rafael conduz o carro com perícia, quase como se aquela fosse uma segunda profissão. Segunda ou primeira, já que Sarah pouco sabe sobre ele. Na realidade, nem o seu nome verdadeiro, nacionalidade... nada. O seu salvador é um autêntico desconhecido. E agora que olha para o pai e para a calma que exibe, repara que há facetas dele que também desconhece. Dá instruções precisas a Rafael, não em relação à sua condução, mas acerca dos perseguidores que já despiram o fato de seguidores há distância. Assumiram que estão ali, atrás deles, e aceleram como Rafael pelo centro de Lisboa, em plena Avenida da República.

Assim que chegam à Praça Duque de Saldanha, metem por uma avenida larga em direcção à enorme rotunda do Marquês de Pombal. Semáforos encarnados são sinais que nada dizem aos quatro carros envolvidos. Fazem o necessário para ganhar terreno, os adversários ao perseguido e vice-versa. O coro de apitos das outras viaturas faz-se ouvir, assim como os palavrões. Rafael não se faz rogado, avança a toda velocidade e onde se vê impedido de prosseguir caminho encosta o Volvo aos outros carros, arrastando-os de maneira a criar espaço para passar. Os condutores assistem àquilo incrédulos e assustados. Alguns saem do carro

para se travarem de razões com esse condutor lunático que não olha a meios para escapar ao trânsito. Um deles coloca as mãos em cima do tejadilho, junto à janela de Rafael, e aproxima a cabeça dele.

“Encoste já se não quer que o parta todo.” Ordena, convencido que a frase ameaçadora é o bastante para assustar o condutor.

Mas se bem conhecemos Rafael, sabemos que está habituado a lidar com a pressão, por isso, não é de admirar que ele puxe a gravata do valente de modo a fazê-lo entrar ainda mais dentro do veículo. E, sem que a vítima tenha tempo de se defender, já está cá fora, caída, agarrada à cabeça onde Rafael lhe deu com a sua. No momento seguinte o Volvo retoma o caminho contornando a rotunda a grande velocidade. Não sai na primeira nem na segunda, mas na terceira, descendo a larga Avenida da Liberdade, com as árvores a delimitar as fronteiras laterais da via, lançado na sua rota de fuga.

“Você é horrível” reclama Sarah sarcasticamente. “Não lhe dói a cabeça?”

Rafael não esboça qualquer resposta, ou vontade de o fazer. Ignoram que o homem a quem deu a cabeçada ainda há pouco teve de saltar do local onde estava agarrado às suas dores, para não ser atropelado por três carros que passaram a grande velocidade, os mesmo que agora estão ao lado deles e atrás, neste momento.

“Agarrem-se” avisa Rafael. “Agarrem-se bem.”

Mal acaba de falar trava, bruscamente, de tal forma que o perseguidor que vem atrás quase bate neles. Os carros que iam ao lado avançam um pouco para a frente e, antes que se colocassem novamente ao lado do Volvo, Rafael guina para a esquerda, passando para as faixas contrárias. Só o carro que vem atrás o segue. Os outros permanecem nas faixas que descem em direcção aos Restauradores.

Sarah está tensa e nervosa, olhando para todos os lados, especialmente, para a frente que, neste momento, é o ponto crítico. Os carros que sobem a avenida apitam e desviam-se como podem para não embaterem no Volvo ou no outro carro que vem atrás.

“Acho que vou vomitar” Geme Sarah. “Será que não podemos chegar a um acordo com eles?”

“Acha que sim?” pergunta Rafael, sem tirar os olhos da estrada. “Acene com uma bandeira branca. Que lhe parece?”

Sarah não diz mais nada porque os nervos não a deixam. Os nervos, os carros que os perseguem e os que vêm em sentido contrário que, coitados, também não

têm culpa nenhuma. *Quando é que isto acaba?* pensa Sarah, pedindo aos céus o término de toda aquela situação, pedindo que as coisas regressem à normalidade e que recupere o controlo, ainda que ilusório, da sua vida.

Antes de chegarem ao final da Avenida, Rafael guina violentamente à direita, embatendo, lateralmente, num dos carros perseguidores que se despista contra o passeio e, consequentemente, desfazendo-se contra o tronco de uma árvore, das muitas que se espalham ao longo da avenida. O Volvo recupera o sentido correcto, mesmo a tempo de entrar na Praça dos Restauradores no sentido correcto. Prosseguem pela parte lateral do Teatro Dona Maria II, com a Estação do Rossio à direita. Dois carros são o que restam no grupo perseguidor.

No centro da Praça Dom Pedro IV ocorre um concerto de beneficência para com as crianças abandonadas que polvilham por esse mundo fora. Neste momento, um grupo da moda coloca a assistência em polvorosa com uma música mexida, daquelas que põe toda a gente a cantar em coro e a saltar como se fosse uma droga hipnotizante. O poder da música. Que num instante se transforma em pânico, quando um *Volvo* decide invadir o centro da praça, exactamente pelo meio da assistência, que tenta escapar-se por onde pode, recorrendo ao que for necessário para salvar o coiro. Empurrões, puxões, pisadelas, calcadelas, tropeções, passar por cima de quem cai, pouco importa como, importa é sair ileso. Logo atrás vem outro carro no encalço do Volvo. Por sorte, as pessoas conseguem abrir um corredor para a passagem dos carros e, para além de algumas escoriações, mais ou menos graves, não há vítimas a lamentar. O concerto de beneficência para com as crianças abandonadas não será esquecido tão cedo.

Rafael sai do outro lado da praça e maneja o *Volvo* em sentido contrário com o outro carro sempre atrás. O segundo veículo optou por respeitar as regras de trânsito e continuar sempre em frente. A praça Dom Pedro IV, no Rossio, só tem um sentido, o dos ponteiros do relógio, e, neste momento Rafael anda exactamente no sentido contrário.

Outra vez. Sarah desespera. *Ele deixa-me maluca.*

Entra na Rua da Betesga que leva à Praça da Figueira e, para variar, vira à direita e desce a Rua da Prata também com o trânsito a proliferar em direcção à praça de onde eles vieram. Desta vez têm de se desviar de um eléctrico, já que esse não pode sair dos carris, embora o fizesse se tal fosse possível. Desembocam na Praça do Comércio, sempre com o valente perseguidor atrás, do segundo, o que cumpriu as regras na Praça do Rossio não há sinal. Viram à

direita e regressam ao sentido correcto, finalmente. Quando chegam à parte leste da Praça do Comércio a segunda viatura irrompe do lado direito, vinda da Rua Áurea. Viram à esquerda a contornar a Praça e o segundo carro, que agora está à frente deles, trava bruscamente para os obrigar a parar. O carro de trás encosta-se ao Volvo e empurra-o em direcção ao carro da frente de modo a entalá-lo. O da frente faz o mesmo em marcha-atrás.

Rafael percebe a ideia. Entalando o carro, tornar-se-ão em alvos fáceis de dominar. Basta afastá-lo a ele e ao Capitão e Sarah ficará entregue a si própria, nas mãos deles. Tudo acabará ali.

Com isso no pensamento, só lhe resta agir depressa. Mete a primeira mudança e acelera o carro. Os pneus começam a chiar e a fumegar, fruto da falta de aderência ao piso, uma vez que a velocidade solicitada não corresponde à real. Facto é que o carro da frente aos poucos é empurrado. O seu condutor tenta reagir, forçando ainda mais marcha-atrás e contrabalançando as forças, mas não podemos esquecer que são dois carros contra um, uma vez que o seu aliado de trás continua a tentar entalar o Volvo, ignorando que o está a ajudar. Por fim o carro da frente perde posição, começando a ficar de lado o que não permite manobrar correctamente, nem enfrentar a força que vem de trás. Por fim, fica completamente de lado. Sarah tenta olhar para o interior do veículo, mas os vidros são fumados, como sempre. Rafael não perde tempo. Acelera a fundo a impelir o carro atravessado à frente deles em direcção ao fim da praça, ignorando os semáforos que controlam as viaturas provenientes ou destinadas à Avenida da Ribeira das Naus ou à Avenida Infante Dom Henrique. Uma vez no meio do cruzamento, assistem ao carro a ser abalroado por um autocarro. Mais um fora de jogo. Em seguida viram à direita e prosseguem a fuga pela Avenida da Ribeira das Naus, desta vez com um carro apenas no encalço. Depois de passarem a Praça do Duque da Terceira entram na Avenida 24 de Julho e Rafael atreve-se a rodar a cento e setenta quilómetros por hora, pelo centro da animação nocturna da capital portuguesa. A avenida é ampla e larga, mas tem um traçado confuso em algumas zonas que o obrigam a abrandar temporariamente, para voltar a acelerar mal ultrapassa esses obstáculos.

O carro que vai atrás acompanha-o com igual perícia e destreza de volante, mas, a partir de certa altura, começa a perder terreno para o Volvo. Demasiado terreno.

“Isto não me está a cheirar bem” alerta Rafael.

“Que se passa?” pergunta Raul.

“Estão a ficar demasiado para trás” esclarece.

“Pudera. Vai quase a duzentos.” Queixa-se Sarah agarrada ao braço da porta. Um despiste ou um embate àquela velocidade é morte certa.

“Aquele carro podia acompanhar-nos sem problemas.” Informa Rafael sem aparentar qualquer irritação para com a crítica de Sarah.

“Será que tiveram algum problema mecânico?” sugere Raul, olhando para trás e tentando identificar a viatura que já está fora do alcance visual. Estão a passar debaixo do tabuleiro da Ponte 25 de Abril que, lá bem no alto, estabelece a ligação à margem sul.

“Esperemos que seja isso” afirma Rafael ainda intrigado. Nestas horas as surpresas são desagradáveis, especialmente quando é ele o surpreendido.

Poucas centenas de metros adiante, já na Avenida da Índia, são envolvidos por uma luz intensa que vem de cima, do lado do Rio Tejo. Um helicóptero que os segue do ar, incidindo sobre eles o protagonismo. Logo depois mais uma luz provinda do lado da cidade. Mais um helicóptero.

“E agora?” pergunta Sarah lutando para não entrar em pânico. “O que fazemos?”

“Não dá para fugir aos helicópteros” explica Rafael serenamente.

“Acabou-se?”

Olha para ela com uma expressão séria. “Acabou-se.”

“Vão-nos matar.” O rosto de Sarah esmaece com o terror, embora os tons luminosos da noite o disfarcem.

“Ainda não. Se nos quisessem matar já o teriam feito.” Vira-se para Raul. “E agora, Capitão?”

“Deixamo-nos apanhar.”

“Aplicamos a solução final?”

Sarah percebe perfeitamente a pergunta. A solução final é um método italiano usado por muitas pessoas, inclusive pela P2. O afastamento precoce como Rafael costuma dizer. Aquilo que esteve prestes a acontecer com ela no Museu Britânico. Um tiro na cabeça. Fita o pai que já não tem o mesmo ar sereno que costuma aparentar. Percebe-se que está a ponderar sobre o assunto.

Continuam na avenida, agora diante do jardim em frente ao sobranceiro Palácio de Belém, residência oficial do Presidente da República. Nesse preciso

instante, aparecem do nada cinco carros negros que se colocam, lado a lado, atrás do Volvo. Cerca de um quilómetro à frente, Rafael vislumbra as sirenes de uma barricada de carros a cortarem a estrada, na zona dos Jerónimos. Não há opção. Pode sempre meter pelos jardins adjacentes ao Mosteiro, até pode despistar os carros durante alguns momentos, mas os dois helicópteros continuarão a segui-los e a denunciar a sua posição. Infelizmente não tem nenhum lança-mísseis para arrumar com esse problema. A distância para a barricada diminui a olhos vistos.

Seiscentos metros.

É claro que Rafael já há muito abrandou o Volvo. A escolta de cinco carros permanece unida, encurtando o terreno para os aliados que cortam a via mais à frente.

Quinhentos metros.

“Capitão, peço desculpa por tê-lo decepcionado.”

“Não tens que pedir desculpa. Eles já andavam em cima de nós há muito tempo. Provavelmente desde Mafra.”

Quatrocentos metros.

“E agora, Capitão? Preciso da sua decisão.”

Sarah já nem pensa. Limita-se a observar o desenrolar da cena como se não passa-se de uma espectadora sentada numa qualquer sala de cinema e aquilo não passasse de uma fantasia impressa no ecrã. A diferença é que o ecrã não está à sua frente, mas sim a trezentos e sessenta graus. A dura realidade.

Trezentos metros.

“Pare o carro, imediatamente.” Ouve-se uma voz dizer, proveniente de um dos helicópteros. “Pare o carro, imediatamente.”

“Capitão, preciso de uma decisão, rapidamente” repete Rafael com mais vigor. Carro civis, outros da polícia, carrinhas e até um camião TIR, atrás de todo este aparato, atravessam-se na rua. Vários homens são visíveis escudados nas portas abertas dos carros ou mesmo atrás deles.

Duzentos metros.

Consegue identificar atiradores especiais, em frente, nos terraços do Centro Cultural de Belém.

Sem aviso, Rafael pára o carro no meio da estrada. “Capitão, é hora.”

Os cinco carros que os escoltam param também a uma distância segura.

Raul olha para a filha. “Sarah, tens de compreender que não temos alternativa.

Vamos ter de morrer.”

Sarah fita o pai, atenta, com medo. Como pretendem executar essa tarefa hercúlea? “Nós nem sequer temos arma?” vira-se para Rafael. “Vai-me matar com o quê? Vai partir-me o pescoço?” a voz revela muito medo.

“É uma ideia. Mas não.”

Rafael estende a Sarah um comprimido e outro a Raul.

“Estamos prontos?” pergunta Rafael. “Engula” ordena a Sarah.

É assim que vou acabar? pensa para si mesma com uma lágrima a escorrer-lhe pelo rosto abaixo.

“Espera. Dá-me os papéis.” pede o pai.

“O que vai fazer com eles?” pergunta Rafael. “Eles não os podem apanhar.”

“Não te preocupes. O porta-luvas tem um compartimento secreto. Nunca os apanharão. Dá-me os papéis” repete Raul para Sarah.

Depende dos trunfos que tivermos para jogar na altura pensa Sarah, menos tensa. Entrega o comprimido a Rafael. “Tome. Não vou precisar disso.”

“Os papéis?” volta a pedir Raul.

“Não estão comigo. Só tenho fotocópias.” Informa Sarah, exibindo duas folhas brancas preenchidas com a cópia da lista.

“Onde é que eles estão?” pergunta Rafael intrigado.

“Guardados num lugar seguro” conclui Sarah.

Rafael esboça um sorriso ténue. “Okay. Sendo assim o que fazemos?” pergunta a Raul.

Nota-se que o militar não esperava aquela jogada. “Bom. Isto modifica um pouco as coisas.”

“É um trunfo para jogarmos.” Completa Sarah.

“Sem dúvida,” concorda o pai. “Sem dúvida.”

Um homem sai de um dos carros de trás e caminha, sozinho, em direcção ao Volvo. Passos firmes e decididos suportam uma montanha de carne.

“Okay, o jogo vai começar.” Diz Rafael, acenando com a cabeça para que os outros vejam o desconhecido que se aproxima.

“Guardem os vossos segredos com a vida” pede Raul.

O homem alcança o Volvo e acerca-se pela janela do condutor, a de Rafael.

“Olhem se não é o famosos Jack.”

“Geoffrey Barnes. Voltamos a encontrar-nos.”

“Olha à tua volta, Jack” ordena Barnes. “Olhem todos. Contemplem o trabalho que deram. Tudo isto é para vocês.”

Outros agentes chegam junto do carro e abrem as portas tirando Raul e Sarah.

“Precisas de ajuda para sair do carro, Jack?” pergunta Geoffrey Barnes, ironicamente.

Rafael abre a porta e deixa o carro, calmamente, nunca desviando o olhar do homem da CIA.

“Levem a mulher e o pai. Sigam as ordens.”

Alguns agentes afastam-se com eles, dois ficam com Barnes. Sarah ainda olha para trás. Será que o Barnes vai matar Rafael? É interessante como está mais preocupada com ele do que consigo própria. Os agentes colocam Sarah e o pai em carros separados.

Entretanto, Rafael e Barnes continuam a medir forças, olhos nos olhos.

“Jack, Jack, Jack.” pronuncia Barnes causticamente. “Que desilusão.” Abana a cabeça negativamente. “Que desilusão.”

“Não bebi o leitinho todo?” goza Rafael.

Sem aviso, Barnes enjeita um soco no estômago. Cento e vinte quilos de força que fazem Rafael dobrar. Instantes depois recupera a posição. Barnes dá-lhe outro soco que o deita por terra.

“Como é que pudeste fazer isso comigo? Com a agência? Traíste todos os valores que nos regem.”

Rafael tenta levantar-se, mas recebe um pontapé na barriga que o volta a aninhar no chão.

“És um filho da puta,” continua Barnes. “E um ingrato. Mas vais ter o que mereces.”

Outro pontapé.

“Levem-no.” Ordena aos agentes. “Vamos dar um passeio. “Um grande passeio.”



CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Uma tarde realmente deliciosa, passou este homem de idade no ventre do Museu de Arte Moderna, de Nova Iorque. Verdadeiro amante da arte e de todas as suas formas de expressão, clássica ou alternativa, como a que teve oportunidade de ver hoje no MoMA, inaugurado em 1929, e que alberga algumas das mais importantes obras de arte do mundo, como o célebre *A Noite Estrelada*, de Vincent Van Gogh, criado em 1889, aquando da sua estadia no hospital psiquiátrico de Saint Remy de Provence, no sul de França. Também teve ocasião de ver o *A Persistência da Memória*, datado de 1931, da autoria do grande Salvador Dalí, uma obra surrealista que se tornou numa das mais famosas do seu extenso trabalho. Deliciou-se com Picasso, Monet, Mondrian, Matisse, Cézanne, Jackson Pollock, o grande percursor do impressionismo abstracto, do qual pode apreciar o *Easter and Totem*, Andy Warhol, isto só no ramal da pintura, uma das paixões deste homem de idade, pois o MoMA acolhe muito mais do que isso.

Agora, refaz o caminho para casa de táxi, embora seja um grande adepto de caminhadas, mas a idade pesa e o tempo que esteve de pé a explorar o museu não permite que se dê ao luxo de delegar essa tarefa aos membros inferiores. Apanhou um táxi, mais acima, no cruzamento da Avenida das Américas com a Rua 52ª e observa, serenamente, a vida da cidade a passar, da janela do táxi amarelo, típico de Nova Iorque, uma imagem de marca, reconhecível em qualquer parte do mundo, como os táxis londrinos.

Há dezanove anos que usufrui dos prazeres que a Grande Maçã tem para oferecer, desde museus, teatros, cinemas, restaurantes, conferências religiosas... e mesmo assim, dezanove anos depois, sente-se um forasteiro. A cidade é tão grande, tão vasta, tão preenchida que uma vida não é suficiente para conhecê-la. Porém, considera-se um privilegiado, primeiro por servir Deus, segundo por

fazê-lo no centro do mundo dito civilizado. O seu ofício é espalhar a Palavra do Senhor, quase como os antigos missionários o faziam, palmilhando o mundo, em nome de Deus. Neste caso, fá-lo numa grande metrópole mundial que bem precisa dos ensinamentos do Pai, a via direita, o caminho do céu, do bem e do amor. O Papa anterior congratulou o seu trabalho por duas vezes, pela sua entrega, empenho, dedicação. Uma das suas mais fortes recordações foi quando esteve no Vaticano e teve a oportunidade, o privilégio, a honra de beijar o anel de João Paulo II. Isto aconteceu em 1990, mas a memória está tão viva como se tivesse sido hoje de manhã. Agora o Papa é outro, um alemão sucedeu ao polaco. Espera viver tempo suficiente para poder ter a mesma oportunidade, privilégio e honra de beijar o anel do novo Papa e privar alguns minutos com Sua Santidade.

Não é certo que tal possa acontecer, não só porque a idade avança e não espera por oportunidades, mas também porque se vivem tempos obscuros, difíceis de compreender, de analisar, de prever um desfecho breve, favorável ou não. A sua tão amada Igreja está ameaçada por perigos insondáveis. Forças impuras atacaram o seio da santa instituição ferindo-a de uma maneira traiçoeira, usando membros fracos que não resistiram à tentação do poder, do dinheiro, e que não conheceram limites nas suas acções.

Há pouco tempo recebeu uma encomenda do seu amado irmão Firenzi. Nela continha informação bombástica que nunca pensou testemunhar. Os papéis que pertenciam a João Paulo I com revelações chocantes escritas pelo próprio punho de Sua Santidade. Pessoas que tinha em grande estima e consideração, não passavam de falsos homens de Deus, que usavam a sua influência para garantirem o melhor para si. Pecadores escondidos debaixo de um hábito, capazes até de matar.

As instruções do irmão Firenzi eram claras, guardar a encomenda num lugar seguro e avisá-lo através de canais secretos. Assim o fez, inclusive enviou-lhe a chave que abre o local onde escondeu os papéis. Há alguns dias, Firenzi telefonou-lhe. Estava muito agitado. Disse que não tinha muito tempo, pediu especificações sobre o sítio onde a encomenda fora guardada e este que agora está sentado no táxi amarelo a caminho de casa, explicou tudo. Firenzi falava como se fosse a última vez, como se soubesse que não voltariam a conversar. Despediu-se com um “Olhos bem abertos. Cuida-te.” E nunca mais se falaram desde então. Não precisa de ver o corpo para saber que Firenzi já não se encontra entre os vivos. Sente-o. Sente-o de uma maneira que não deixa margem para dúvidas. É como um sexto sentido, um lado vidente, patente na sua veia de padre. Sim, porque ser padre não é só espalhar a palavra, também é sentir as

mensagens que o além nos envia. Ele sempre soube descodificar algumas delas. Não todas, ou seria o Messias. Mas o prato que se parte, portador de más notícias, ferimento, doença ou morte de familiar, o uivo do cão do vizinho indicador de morte de um conhecido. O travar brusco de um carro, sinónimo de problema grave resolvido. Um grito ao longe, aviso de más notícias inesperadas, entre outras que não vale a pena desenvolver. Soube, perfeitamente, quando Firenzi morreu. Proferia a sua oração matinal, ajoelhado no altar que instalou no seu apartamento para rezar missas aos amigos, vizinhos e fiéis que o visitam, quando a vela se apagou. A chama da vela grossa que mantém sempre acesa num castiçal do lado esquerdo do altar sumiu-se no exacto momento em que consagrava o pedido pelo irmão Firenzi. Esforçou ainda mais a intenção, para que Deus revelasse e desse outra oportunidade ao irmão Firenzi, mas nada feito. Não voltou a conseguir acender a vela nesse dia, como se alguém estivesse a soprar, constantemente, a chama. No dia seguinte, já conformado com a vontade divina, apelou ao Senhor que cuidasse da alma do irmão. “Seja feita a Tua vontade” rematou. E a vela deixou-se, finalmente, acender sem resistência.

Sabe porque morreu Firenzi, foram os papéis que lhe pediu para guardar em local seguro. Contudo, não faz ideia se o seu envolvimento no processo pode ser destapado por quem quer que ande atrás deles. É provável que acabem por chegar a si, mas os desígnios de Deus são impenetráveis e o que Ele lhe tiver reservado, de bom ou de menos bom, será acolhido da mesma forma, com o peito aberto, pronto para enfrentar o seu destino, qualquer que ele seja.

Também deixou de ser humanamente possível falar com o irmão Felipe, em Madrid, nem com Pablo Rincón. Ambos receberam missiva de Firenzi a informá-los dos procedimentos que tomara e a dizer-lhes que se deixassem estar tranquilos e eliminassem todas as pistas que os interligassem. Mas foi demasiado tarde. Dois dias depois, soube da morte deles nos noticiários à mão de uma portuguesa. Firenzi contara-lhe quem era essa mulher e o que lhe enviara. É evidente que alguém com poder suficiente puxara os cordelinhos para incriminar a jovem, com vista a ganhar vantagem para recuperar os papéis. Seja como for, Deus tratará de beneficiar quem serve os seus intentos. Se for Sua vontade que os papéis permaneçam nas suas mãos, assim será, como o contrário também se aplica.

“Olhos bem abertos” foi o que disse o irmão Firenzi na última vez que falaram. “Olhos bem abertos.” Mas a idade já não permite que ande em aventuras ou fugas. Continuará a fazer a sua vida como até aqui, normalmente, rotineiramente, dando as suas missas, frequentando museus e exposições, indo

ao teatro, um sem fim de prazeres a que já se habituou e aos quais não se vai negar. Se alguém vier atrás de si, ou se já estiver no seu encalço neste preciso momento, pois paciência, dos papéis nada sabe, nem saberá. Se quem vier por bem provar que era do interesse do irmão Firenzi que lhe sejam entregues os papéis, pois muito bem, far-se-á apresentar pela chave que os tranca, doutra forma, não merecerá a sua confiança. É verdade que o eixo do mal pode ter ficado com a chave, mas uma das suas qualidades sempre foi avaliar bem o carácter de quem se dirige à sua pessoa.

O táxi acabou de entrar na Sexta Avenida, ou Avenida das Américas, tanto faz, e percorre os quilómetros que faltam até à esquina com a Rua 38ª. O velho sai do carro, paga os dólares devidos, libertando o taxista para outros clientes que entram logo ali, enquanto os dois fazem contas.

Entra no prédio, o porteiro fardado não se apresenta para lhe abrir a porta, nem para chamar o elevador.

Onde é que se meteu o Alfred? Não é normal a portaria encontrar-se vazia, nem seguro. Sim, porque apesar da farda pomposa, o porteiro, não está ali apenas para conforto dos inquilinos a abrir portas e a chamar elevadores e a pegar em malas e a atender telefonemas. O porteiro é o garante da segurança, assegura-se que ninguém entra ou sobe sem ser convidado ou autorizado. Terá, obrigatoriamente, que reportar esta situação aos superiores de Alfred que tomarão as medidas convenientes para que tal não volte a suceder. Ainda dá uma vista de olhos atrás de balcão da portaria e tenta abrir a porta que dá acesso à sala dos porteiros, onde eles se aprontam e descansam, mas está trancada.

Como homem zeloso, tranca a porta principal do prédio com a sua chave pessoal, para que nenhum intruso se lembre de aproveitar o desaparecimento temporário de zelador. Os outros inquilinos que quiserem entrar ou sair usarão as suas próprias chaves.

Agora sim, entra no elevador que já está à sua espera. As portas do elevador abrem-se no sétimo piso e procura a chave do apartamento enquanto caminha pelo corredor de madeira e granito.

Roda a chave, esperava dar duas voltas, mas nem uma deu. Está fechada apenas com o trinco.

Estranho pensa para consigo. *Ia jurar que tinha dado duas voltas.*

Mas talvez se tenha esquecido. Não importa, são pequenos lapsos que a mente nos prega, próprios da idade. Caminha até junto do telefone da sala e pega no auscultador. Repara que alguma coisa não está bem. Os seus livros do Novo

Testamento estão todos fora do sítio, espalhados pelo chão, em fila, como que a indicar um caminho. Um caminho até outra divisão. O velho pousa o auscultador e segue o rasto dos livros. Entram pela divisão onde se situa o altar, mas a luz e velas apagadas não permitem que veja nada. Apalpa o interruptor que fica no interior e acende o candeeiro que pende do tecto. Vê o porteiro, no chão, encostado à parede, de pés e mãos atados, com um saco a cobrir a cabeça. E depois vê-os, aos três, confortavelmente sentados ao lado do altar, o Mestre, o servo e o assistente.

“Marius Ferris.” Chama o Mestre com voz firme, a bengala no colo.

“Quem são os senhores? Como entraram aqui?” pergunta o velho a quem o Mestre chamou Marius Ferris.

“Desci do céu para o visitar” diz o Mestre, escarnecendo.

“Quem... quem é o senhor?”

“Pode tratar-me por JC.”



CAPÍTULO CINQUENTA

“Somos só nós os dois, Jack” informa Barnes a Rafael. “Tu e eu.” Senta-se em frente dele. “Estou certo de que vamos ter uma conversa muito produtiva.”

O local é escuro a fazer lembrar os interrogatórios cinematográficos. Duas cadeiras, uma mesa quadrada com tampo castanho, usado, gasto, e uma lâmpada que pende do tecto e ilumina o centro da mesa e os dois intervenientes sentados, Barnes e Rafael. Compreenda-se que Geoffrey Barnes não tem conhecimento do nome por ele usado aquando do resgate, agora falhado, de Sarah, portanto é natural que se dirija a Rafael pela única denominação que conhece, Jack. Não haja confusões, Jack é Rafael e Rafael é Jack, dois nomes que fazem o mesmo homem, nenhum deles correspondente ao verdadeiro, seja ele qual for.

“Onde é que estamos?” pergunta Rafael, sem se referir às paredes nuas acinzentadas, mas ao local físico mais abrangente.

“Jack, Jack, Jack, parece que não percebeste bem a tua posição” continua Barnes em tom sarcástico, levantando-se e andando pela sala. “Quem faz as perguntas aqui, sou eu.”

“Vai-te foder, Barnes” diz Rafael mirando-o nos olhos. “Não sou um gajo qualquer. Não me trates como fazes aos outros. Não me vou mijar todo só por estares aqui.” Faz uma pausa para que Geoffrey Barnes entenda bem. “Não tenho medo de ti.”

A resposta é um murro na cara que atira Rafael ao chão com estrondo.

“Levanta-te.” Ordena Barnes. “Levanta-te” grita quando vê que ele não cumpre.

Rafael leva o seu tempo a erguer-se, sem pronunciar qualquer palavra ou esboçar qualquer sensação de dor. Depois, endireita a cadeira e senta-se, colocando as mãos, bem à vista, em cima da mesa.

“Não penses que consegues enganar-me, Barnes. Eu sei que estamos nos Estados Unidos. Só quero saber onde.” Rafael continua a falar com calma, tentando controlar o rumo dos acontecimentos. Contudo, sabe que é apenas uma questão de tempo, está em desvantagem.

“O que te leva a pensar que estás nos Estados Unidos? Podes estar noutro sítio qualquer.”

“Oito horas de avião dizem que estamos nos Estados Unidos. Não tinham porque ir para Leste. Londres leva apenas duas horas e meia. Até diria mais, ou estamos em Washington ou em Nova Iorque.”

“Estamos na puta que te pariu, Jack. Que te interessa onde estamos? Estás a pensar em fazer turismo?”

“É uma ideia.”

Um soco menos violento volta a atingir-lhe o rosto, rebentando-lhe o lábio. O corpo não foi feito para este tipo de tratamento, pelo que se ressente, expulsando sangue, inchando, na tentativa de purgar o mal feito.

“Consegues imaginar o que ela está a sofrer, Jack? Ah? Consegues?” Pressão psicológica. “Aquela carinha tão linda, amassada por um bruto como eu. Consegues imaginar?”

De facto, Rafael consegue visualizar a cena. Barnes, ou qualquer agente que se preze, não tem contemplações com o sujeito interrogado, seja homem ou mulher. Se o objectivo é arrancar algo importante, todos os meios são válidos, e estes dois socos que Rafael já levou, são pancadinhas de amor, comparado com o que eles podem fazer.

“Vais-me contar onde estão os papéis?” pergunta Barnes num tom mais condescendente.

“Sabes bem que não. Primeiro não sei, segundo, mesmo que soubesse, não te dizia.”

A represália é interrompida pela entrada de Staughton.

“Senhor Barnes.” Chama ele da soleira da porta.

“Staughton, entra.” autoriza o chefe.

Staughton dirige-se junto dele e murmura qualquer coisa ao ouvido.

“Tens a certeza?” pergunta Barnes no mesmo tom alto de sempre. O que quer que seja não lhe agrada. Pensa em silêncio durante uns instantes. “Okay, dá-me

mais alguns minutos.” Diz por fim, dispensando Staughton. O agente sai, prontamente, fechando a porta atrás de si, deixando novamente Rafael entregue a Barnes.

“Dou-te mais uma oportunidade, Jack, em nome da nossa antiga amizade.” Barnes volta a sentar-se em frente a ele. “Onde estão os papéis?”

“Ah... a última vez que os vi,” começa Rafael, pensativamente, esforçando-se por cooperar, pelo menos assim parece. “Estavam enfiados no cu da tua mãe gorda.”

Barnes fica possesso, o rubor espalha-se pelo rosto. Rafael está a esticar de mais a corda. Volta a levantar-se e dirige-se ao sujeito interrogado. Aproxima-se, debruçando-se sobre o ouvido dele. “Porque é que me fazes perder tempo, Jack?” Os perdigotos saltam da boca inundando tudo à sua frente, incluindo a cara de Rafael. “Já pensaste, por acaso, que tenho a mulher e não me fazes falta nenhuma? Tu podes não falar, mas ela vai deitar tudo cá para fora como um Papagaio. Portanto, és capaz de me explicar o que é que me impede de te matar?”

“Aquilo que eu sei e ela não sabe” afirma Rafael com firmeza.

“E o que é que tu sabes que ela não sabe?”

“Sei que ela recebeu apenas duas folhas de um total de treze.”

“Continua.”

“E sei onde elas estão.”

Barnes observa-o por uns instantes. Nota-se que está a avaliá-lo, ao perfil e ao que disse. É como se estivesse a tentar lê-lo por dentro, penetrar no seu interior e analisar o seu pensamento, a verdade e a mentira. É nestas horas que maldiz os falhanços dos cientistas da agência que, apesar de inúmeros testes, milhares de experiências em seres humanos, tantos outros milhares de vidas destruídas, não conseguiram inventar nada que penetrasse, eficazmente, na mente das pessoas, fazendo-as falar.

“Estás a mentir” acusa por fim.

“E vais arriscar?”

“Tenho a filha e o pai, Jack. Posso muito bem prescindir de ti.”

“Tens razão, se isso fosse verdade.”

Barnes não cabe em si de furioso. Apetece-lhe rebentar aquele sujeito

empertigado. Pega-lhe pelos colarinhos e abana-o. “Não abuses, Jack. Posso acabar contigo a qualquer momento.”

Apesar de garrado, Rafael olha-o bem nos olhos. “Não está nas tuas mãos, Barnes.”

Barnes aperta-o ainda mais. “O que é que estás a dizer?”

“Que o grande Geoffrey Barnes há muito que me podia ter estourado os cornos.” Continua a olhá-lo nos olhos. “Ainda não o fizeste porque não está nas tuas mãos. Vontade não te falta, consigo ver nos teus olhos, mas há um filho da puta, acima de ti, que não te deixa premir o gatilho.” Abranda o tom desafiador. “É uma situação fodida, Barnes” começa a falar em surdina, instaurando uma aura intensa entre os dois homens. “Era tão bom, não era? Apertares-me o pescoço até eu asfixiar. Ou enfiares-me uma bala no meio da testa. Veres-me a cair no chão, duro, sem vida, o fim dos teus problemas.”

“Cala-te, miserável” ordena Barnes.

“Era tão bom, não era?”

“Cala-te,” grita Barnes, empurrando-o contra a parede. Enraivecido, esmurra-o na barriga descontroladamente. Rafael cai, mas Barnes não desarma, começa a pontapeá-lo, ofegantemente, lançando uma data de impropérios para o ar.

De súbito, Barnes é afastado por umas mãos fortes.

“Pare, imediatamente” ordena um homem elegante, ainda a agarrar Barnes, que continua possesso. “O que julga que está a fazer?”

“Vou matar este filho da puta e que se fodam as ordens” berra Barnes, olhando para Rafael que, a custo, tenta levantar-se.

“Controle-se” grita o homem.

Staughton e Thompson assomam à porta a verem o que se passa.

“Levem-no daqui” instrui o homem para Staughton e Thompson que obedecem, prontamente, pegando em Rafael.

“Não é esse é este” corrige o homem continuando a segurar Barnes, firmemente.

Staughton e Thompson agarram cada um num braço de Barnes, timidamente. Afinal, é o chefe, não se pode pegar nele de qualquer maneira. Entretanto, Barnes acaba por acalmar. Respira fundo várias vezes a reassumir o controlo.

“Okay. Estou bem.” Tranquiliza ele. “Estou bem.”

“Eu assumo o controlo a partir de agora.” Informa o outro homem. “Vá beber qualquer coisa e acalme esses nervos.” recomenda a Barnes, depois vira-se para Staughton e Thompson. “Vocês, levem o indivíduo para junto dos outros. O Mestre já chegou.”

As ordens são cumpridas sem delongas ou floreados, Barnes sai porta fora sem olhar para trás. *Cabrões de merda,* murmura, não se sabendo a quem se está a referenciar. Os outros dois amparam Rafael que mal se tem de pé.

Quanto ao homem que colocou ordem na sala, ajeita comedidamente o seu fato *Armani*. A hora chegou.



CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Os quatro homens percorrem um corredor amplo, mal iluminado, cheio de portas fechadas dos dois lados. Aparentam ser umas instalações abandonadas ou utilizadas esporadicamente, uma vez que, apesar da falta de movimento e de vida humana, à excepção dos quatro homens, não se notam quaisquer pontos de sujidade, teias de aranha ou pó, próprios dos locais largados à sua sorte.

Rafael continua a ser ajudado pelos agentes Staughton e Thompson, muito contra a vontade deles, mas o homem que vem atrás, o do fato *Armani*, o assistente, não permite veleidades ou abusos de poder. Consegue-se ver uma porta aberta pela luz mais forte que sai para o corredor nessa área. Estão quase a chegar e ouvem-se vozes provenientes do interior. Não tão altas para que se perceba o teor do que dizem, apenas murmúrios a marcarem presença humana. Percorrem os metros que faltam, praticamente a arrastarem Rafael.

“Este cabrão pesa cada vez mais” queixa-se Thompson.

“E deve estar a fazer de propósito” afirma o outro.

Não estão muito longe da verdade, Rafael está, de facto, a simular uma piora no seu estado para cansar os agentes. Não pretende ganhar nada com isso, apenas irritá-los, contudo, sente uma pequena dor na zona pulmonar, talvez uma luxação ou mesmo fractura de uma ou duas costelas que o fazem arfar. Mas costelas terão de esperar, isto partindo do princípio que sairá dali vivo, nada garante que isso acontecera, aliás, tudo indica o contrário, considere-se este caminho como os últimos passos de um condenado no corredor da morte. Mas quem sabe o quê de alguma coisa.

Últimos metros de encontro à entrada da sala com Sarah no pensamento. Como estará? Será que enfrenta as mesmas dores que ele? Não que seja algo para o qual não esteja preparado. Nada disso. Foi treinado para suportar a dor. E a fúria de Barnes, manifestada naqueles golpes descontrolados, nada apresentam

em relação aquilo que eles podem fazer quando têm autorização para isso. Mas os golpes de Barnes aplicados em Sarah são outra conversa. Ela não foi feita para suportar esse tipo de tratamento, embora, até agora, se tenha comportado com muita coragem. É evidente que ela transpirava nervosismo, mas sempre de uma maneira controlada. E o que ela fez com os papéis, sabendo que são a única moeda de troca, a única carta que pode jogar, revela muito sobre o seu carácter. Uma mulher combativa e corajosa que sabe os efeitos que a verdade pode provocar. Rafael não sabe até que ponto Firenzi conhecia a afilhada, mas acertou em cheio ao enviar-lhe os papéis. Apesar de jornalista, Sarah nunca usaria aquela informação para uma matéria, nem tal lhe passaria pela cabeça. Há coisas que mais vale ficarem como estão, há verdades que não merecem conhecer a luz do dia, antes ficarem na obscuridade, ocultas pela mentira que se tornou na verdade oficial. E Firenzi acertou, inconscientemente ou não, no aspecto em que Sarah nunca iria destratar a informação recebida, usando-a da maneira suicida que muitos jornalistas gostam. Mesmo sabendo que tem ali a matéria da vida.

Pára com isso pensa Rafael, enquanto entra finalmente na sala de onde provém a luz. *Já chega de pensar nela. Isto é apenas trabalho.*

Revelam-se as posições ignoradas. Encostados a uma parede, presos por algemas que pendem do tecto e se agrilhoam nos pulsos, obrigando-os a ficar de pé, estão o Capitão Raul Monteiro, Sarah e um homem de idade que desconhece, porém, cujo o rosto não lhe é estranho.

Está um homem de pé, todo vestido de negro como a maioria dos agentes, que Rafael reconhece logo, aquele a quem chamamos o servo. Staughton e Thompson arrastam-no até à mesma parede onde estão os outros e prendem cada pulso com um largo anel de metal, ligado às correntes que pendem do tecto. Os dois agentes de Barnes saem da sala, deixando-os entregues ao servo e ao assistente, qual deles o melhor. Rafael olha para Sarah em busca de escoriações ou inchaços. Nada, ainda bem. Temia que ela tivesse sido levada para outro sítio qualquer, uma vez que não a conseguiu ouvir durante o voo, nem ao capitão, tácticas que pretendem confundir os suspeitos ou vítimas, conforme o ponto de vista.

O capitão também não parece ter sido maltratado, nem o senhor de idade ao seu lado que ainda não consegue localizar com certeza na sua mente.

“Ainda bem que estamos cá todos,” é o assistente que começa a falar, “finalmente.”

“Não há nada que se coma?” pergunta Rafael com despreocupação.

O assistente ignora a sua provocação. “Peço imensa desculpa pelas condições a que estão submetidos, mas prometo-vos que tudo terminará em breve.”

Sarah não esperava um discurso tão simpático. Se não fora as mãos presas quase se sentia com vontade de o cumprimentar com um aperto de mão e sentarem-se os dois à mesa em amena cavaqueira.

“Quem é o senhor?” pergunta Rafael ao homem de idade que está ao seu lado.

“Marius Ferris. E o senhor?”

“Marius Ferris. O do retrato” reconhece Rafael, bem lhe parecia que aquela cara não era estranha. “O meu nome é Rafael...”

“Jack, por favor, isto não é uma sala de aula, não falem entre vocês” alerta o assistente interrompendo-o.

“Ou Jack. Como queira” conclui Rafael.

“Todos sabemos porque aqui estamos, portanto, vamos direitos ao assunto. Onde estão os papéis?”

A pergunta da praxe. Uns tentam esconder o que os outros pretendem encontrar. O jogo do gato e do rato, sendo que o felino tem, neste momento, uma pata em cima do roedor e pode dispor dele como entender. Ou talvez não.

Na única mesa existente na sala está pousada uma mala preta que o servo abre agora. Ordenam-se vários instrumentos cortantes, encaixados nos espaços do estofo. Objectos torturantes, prontos para abrirem as goelas ao mais afoito e o fazerem desembuchar, tintim por tintim, palavra por palavra, o pedaço de informação desconhecida que se pretende. Por vezes, a alguns basta esta visão dos instrumentos cortantes, perfurantes, penetrantes, para confessarem tudo o que sabem e inventarem sobre o que ignoram. Mas não hoje, não aqui.

“Os papéis estão em lugar seguro” assegura Rafael.

“Connosco estarão muito mais seguros.” assevera o assistente. “Pensem bem. Não é melhor acabarmos com isto, rapidamente, e evitarmos mais sofrimento?”

O silêncio serve de resposta. Os papéis estão em lugar seguro e não acrescentaremos mais nada sobre o assunto. O assistente aguarda mais alguns instantes, pode ser que alguém quebre, afinal de contas, não é provável que sejam todos corajosos, nem que estejam os quatro preparados para sofrer por um segredo que não lhe diz respeito, directamente. Muito bem, aparentemente querem enfrentar os instrumentos da verdade, assim seja feita a sua vontade. Começará pelo pai de Sarah, talvez isso actue psicologicamente na filha e a faça

falar.

“Trata do militar” ordena ao servo.

Os olhos de Sarah abrem-se quase desumanamente. Aquilo que temia confirma-se. Vão mesmo ser torturados sem piedade e acabarão por arrancar-lhes a verdade, se não agora, mais tarde, quando já não suportarem a dor, quando o corpo pedir basta, ou quiser repousar e aplicarem a tortura do sono. Não tem hipótese. Eles venceram.

O servo retira uma faca muito fina, com serrilha, uma lâmina com cerca de um centímetro de largura e vinte de comprimento, própria para perfurar a pele e provocar dor, sem ferir mortalmente nenhum órgão vital, a não ser que seja deliberado. A ideia, nesta fase, não é essa. Rasga a camisa do capitão, deixando-o em tronco nu, despido para enfrentar o destino. O servo aponta directamente ao lado direito da barriga e encosta a extremidade pontiaguda na pele.

Um grito lancinante anuncia a entrada na carne. Devagar, torcendo, rodando a fina lâmina inquebrável que não se dobra, é firme e abre o seu caminho no interior do corpo, provocando uma sensação lancinante, bem real, quase insuportável. A extremidade da faca sai pelas costas, ensanguentada, implacável, invulnerável, sem remorsos. Os objectos manifestam os desejos de quem os usa e não os próprios que não existem, por isso é que uma simples faca de cortar pão ou carne se pode transformar, rapidamente, num punhal mortífero, tudo depende da mão que segura o cabo.

Neste caso é uma mão firme, descomplexada que agora recua a faca, muito lentamente. O mal está feito, no corpo e nas mentes, Sarah e Marius Ferris assistem apavorados. A cara do capitão expressa as consequências do golpe, o suor escorre pelo rosto e o esgar dorido revela o estrago que não se pode desfazer no imediato. O tempo curará, se o houver.

“E agora? Alguém quer acrescentar alguma coisa ao que foi dito?” questiona o assistente. “Já vêem com bons olhos que os papéis fiquem connosco?”

“O que vejo com bons olhos é um hambúrguer suculento,” afirma Rafael.

O assistente aproxima-se dele e fita-o nos olhos, sério. “Mais alguma coisa que queira partilhar?”

“E queijo, muito queijo. Regado com ketchup. Humm, que maravilha. Até fico com água na boca.”

O assistente continua a fitá-lo a centímetros de distância. “Acho que o Jack necessita de um aperitivo. Algo que o lembre daquilo que não se deve fazer aos colegas.” Faz sinal ao servo para que execute.” Traí-los, por exemplo.” Afasta-se

para dar lugar ao servo que segura a mesma faca com que feriu Raul.

Rafael não muda a sua toada sarcástica, incentivado pelo facto dos dois homens saberem que ele não é um qualquer. Podem furá-lo todo que ele preferirá morrer com um sorriso nos lábios do que contar o que sabe. Mas não será por isso que se livrará da tortura. E quanto mais prolongada e dolorosa for melhor.

“Não vais limpar o sangue da faca?” pergunta para o servo. “Assim posso ser contaminado.” Ergue a voz. “Sem ofensa, capitão.”

“Nem imaginas o prazer que me vai dar esventrar-te todo, bocadinho por bocadinho, e ver-te sangrar como um porco até ao último suspiro.” profere o servo bem junto ao rosto de Rafael, para que este escute todas as palavras e não deixe escapar nenhuma.

“Sou todo teu.” avisa Rafael. “Estou de braços abertos.” Na verdade nem que os quisesse descer conseguiria, já que os grilhões, bem acima da cabeça, não permitem. “Usa e abusa.”

O servo não ignora a provocação e cospe-lhe na cara. Com certeza que elabora um conjunto de insultos mentais mas não os verbaliza. Engole a fúria e canaliza-a para a mão que segura a faca. Ela, melhor do que ninguém, saberá expressar a justiça, submetendo o corpo desse traste do Jack a uma dor catalítica que se estenderá a todos os membros a todos os órgãos até explodirem de sofrimento. O servo abre a camisa de Rafael, com brutalidade, arrancando a maior parte dos botões, expondo o tronco nu à arma.

“Pare. Aqui ninguém vai esventrar ninguém.”

A voz eleva-se no ar, clamando a atenção de todos, que se viram na direcção da pessoa que proferiu palavras tão seguras e firmes como se fosse dona de uma verdade maior, capaz de decidir o destino de todas as almas presentes nesta sala.

“É muito bom ver que alguém tem juízo e decidiu ser clemente com os outros.” contenta-se o assistente dirigindo-se a Sarah, a dona da voz que proferiu as declarações seguras e firmes.

“É difícil encontra alguém com juízo nesta sala” acusa ela, realmente crente no que acaba de dizer. “Diga ao seu amigo que se afaste.”

O assistente aguarda uns instantes, mas acaba por ordenar ao servo que recue. Não é de livre vontade que o faz, ainda arranha ao de leve a barriga de Rafael como que para deixar uma marca ténue das sua intenções. Acabará por esventrá-lo, de uma maneira ou de outra

“Pode começar a falar” ordena o assistente.

“Não, não posso. Digo tudo o que vocês querem saber mas...”

“Cale-se”interrompe-a Rafael.

“Não podes fazer isso, filha.” alerta o pai numa voz sumida.

O servo esbofeteia Rafael. Um só golpe, com as costas da mão, mais uma marca, das muitas que ganhou hoje no rosto. “Calem-se. Deixem-na falar.”

“Continue, por favor.” pede o assistente a Sarah, retomando o controlo da situação.

“Vou dizer tudo o que querem saber,” repete Sarah, “mas apenas a quem manda.”

“Como?” o assistente parece ser apanhado de surpresa. “Sou eu quem manda.”

“Não, não é. Você não passa de um empregado” confronta Sarah, decidida. “O que sei só direi ao JC. A mais ninguém.”

O servo está aparvalhado. “Quem julga você que é?”

Um gesto do assistente ordena ao servo que se quede quieto. Sarah está a jogar a carta dela. Tem esse direito. “O JC não falará consigo. É bom que me diga o que tem a dizer.”

“Os senhores querem algo que nós temos. Estou disposto a dizê-lo, a minha condição é essa e não é negociável. Só o direi ao JC. Caso contrário, pode passar a fase da tortura à frente e matar-nos a todos porque ninguém lhe vai dizer nada.”

Esta Sarah é surpreendente pensa Rafael já meio refeito da bofetada. Que carta guardará ela? Ignora, mas algum plano terá na manga. Não percebe porque exige a presença do JC, seja lá qual for a razão vai ter de esperar para ver. Isso, se os dois pacóvios presentes na sala se dignarem a atender a condição dela. Não lhe parece que estejam para aí virados. E o mais certo é o JC querer permanecer na sombra. Sarah pode ter-se metido por um caminho sem retorno. A ideia inicial de Rafael era atrair a atenção deles, desviando-a dos outros e depois tratar de usar o seu trunfo, expressado no código desvendado, para libertar Sarah, o capitão e o Marius Ferris, arrastados para este turbilhão pelas jogadas anteriores de Valdemar Firenzi. Depois, bem, depois se veria o que fazer. Mas Sarah tem outros planos, outras ideias, as quais ele não está a compreender no seu todo,

nem no particular. Escapa-se-lhe como o sangue que verteu pelo nariz e agora seca.

O assistente dirige-se a Sarah e pega no revólver com silenciador, encostando-o na cabeça dela, mesmo na parte frontal da testa.

"Quem julga que é para me vir com exigências?" a voz é temível, imiscuída com ira e impaciência. "Já viu a sua situação? Não está em posição de fazer exigências. Diga tudo o que sabe."

"Se há aqui alguém que pode fazer exigências sou eu. Posso estar presa por estas correntes, mas se estou assim é porque tenho algo que vocês querem." Sarah fala num tom desafiador. "Por isso tire essa arma da minha testa e faça o que lhe digo. Chame o JC."

"Não abuse da minha paciência" ameaça ele, libertando a patilha de segurança da arma. "O JC não é para aqui chamado. Desembuche."

Sarah não quer desarmar, não pode ceder, apetece-lhe fechar os olhos, mas até isso seria uma demonstração de fraqueza, neste momento em que o homem vestido com o fato *Armani* aponta a arma e prepara-se para disparar. Falhou. Tentou resolver as coisas da melhor maneira para todos, mas aquele idiota não está a deixar margem de manobra. Bastava um pouco de cooperação da parte dele para conseguir uma oportunidade de os safar, muito débil, é certo, mas para já era suficiente.

"A sua intransigência vai prejudicar-nos a todos" avisa Sarah numa última tentativa de conquistar o bom senso do homem, ainda que o cano frio da arma lhe tolde os pensamentos e o raciocínio. Tudo pode acabar em segundos, a sua vida, a dos outros, porém se conseguisse abrir uma janela na mente do assistente, haveria uma hipótese de se salvarem. Talvez arriscando um pouco mais. Pior do que ter uma arma apontada à cabeça, só se a dita disparar, então aí será o fim e não terá mais com o que se preocupar. "O seu chefe decerto não vai gostar que desperdice as nossas vidas, sem resultados concretos e palpáveis."

"Não subestime a minha inteligência. Pela última vez, desembuche ou o seu pai vai ficar sem filha."

"O senhor está arriscar de mais." ataca Sarah, um último argumento. "Se julga que matando-me resolve o problema está muito enganado. Criarão outro maior do qual não se vão safar tão facilmente."

"Cale-se." O homem está possesso. "Um de você vai falar, menina. Há

sempre um que acaba por falar."

E com essa certeza Sarah percebe que perdeu. Esta é a hora da morte. Tanta coisa que fica por fazer, tantos sonhos e desejos. Morre por uma causa que não é a dela, que não procurou, que a apanhou de rompante, sem dar qualquer hipótese de reacção, de solução. São os desígnios insondáveis do Senhor, a Sua vontade é um comando e Ele que vê o puzzle na sua totalidade, decerto saberá o que está a fazer. Se isto fosse um filme, o assassino perguntaria agora quais são as suas últimas palavras. E, nesse momento, um dos homens, talvez Rafael, libertar-se-ia das correntes de uma forma engenhosa e heróica e, mais pancada menos pancada, mais tiro menos tiro, salvaria as três almas e eliminaria o assistente e o servo. Mas isto não é um filme, nem um livro. É a realidade e nela essas coisas não acontecem. Na vida, a morte é apenas um dia que cessa todas as actividades do visado e o envia para sítios diferentes conforme a religião. Sarah já pode fechar os olhos e aguardar que o seu executor prima o gatilho. O que podia fazer está feito, não depende mais de si.

"Basta." Ouve-se uma voz dizer, clamando por todas as atenções. O assistente vira-se para trás, para a entrada da sala onde o Mestre lançou a ordem, suportado pela bengala costumeira, na outra mão uma mala preta.

"Senhor..." começa o assistente, desviando a arma de Sarah.

"Basta" repete o Mestre. "É comigo que quer falar?" pergunta a Sarah.

"Se o senhor é o JC, é." Responde Sarah já de olhos abertos, ainda confusa com a alteração dos acontecimentos.

O velho vira costas e afasta-se. "Tragam-na."

"Mas, senhor?" reclama o assistente.

"Tragam-na." Repete o velho já no corredor. O seu tom é um que revela não permitir discussões. "E não façam nada aos outros até novas ordens."



CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Para Geoffrey Barnes uma das vantagens de visitar Nova Iorque é a comida. Não que seja comparável com a francesa ou alguns pratos africanos ou mesmo portugueses que juntos compõem os seus favoritos, mas é, sem dúvida, superior à londrina o que, bem vistas as coisas, não é difícil.

Pela primeira vez em alguns dias, delicia-se com uma refeição a sério, strogonoff de peru excelentemente preparado, num restaurante bem frequentado, mas não luxuoso. Os bifes regados com o molho de natas e mostarda, juntamente com os cogumelos que embelezam o prato. O sabor azedo é próprio e uma perdição para a goela esfomeada de Barnes que, de guardanapo colado ao peito, encara aquela refeição como um verdadeiro manjar dos deuses, consequências de dias seguidos a comer sanduíches e hambúrgueres e pizas.

O conteúdo que recheia o prato já vai a meio, tal a gula com que é atacado pelo voraz apetite do gordo Barnes, também o copo de vinho se esvaziou uma vez e metade da segunda, liquefazendo competentemente os alimentos no seu caminho digestivo e conferindo um bem-estar ao corpo e ao espírito, necessários ao equilíbrio emocional. Geoffrey Barnes está muito mais calmo e percebe agora que tudo aquilo que aconteceu com Jack foi um jogo. Um maldito jogo que Jack executou com mestria, levando-o a perder a cabeça. Uma tentativa bem sucedida de o provocar, de o fazer saber que conhece as regras do sistema. É evidente que se Barnes pudesse realmente dispor de Jack à sua vontade, agiria de outra maneira e aquele cabrão, raposa matreira, percebera isso a léguas e aproveitara a ocasião.

Raios partam o italiano ou qualquer que seja a sua nacionalidade, o facto de comunicarem nessa língua não evidencia as pátrias de cada um. Ele foi peremptório, “ninguém morre a não ser que eu autorize.” E quando o Mestre fala, os outros baixam a cabeça e executam, exactamente, o que lhes foi ordenado. Aquele momento na sala de interrogatório foi, ele próprio, uma

excepção às directrizes recebidas. Nunca deveria ter cedido à tentação e confrontado Jack. Mas era demasiado difícil não o fazer, ele estava ali, perto de si, vulnerável. Foi um erro e a sua perda de controlo, de estribeiras, comprovou-o. O Jack é um filho da puta, mas é um filho da puta esperto. Soube logo de início que Barnes estava de mãos atadas, sem hipótese de premir o gatilho e terminar de uma vez por todas com a sua raiva, com o seu desapontamento. E encostou Barnes à parede, fê-lo tomar conhecimento de que sabia, perfeitamente, até onde o homem da CIA podia ir. É o que dá cabrões destes conhecerem as linhas com que se cosem os serviços secretos. O Jack é um filho da puta.

Mas o melhor é não pensar mais nisso. O manjar está primoroso e essas coisas só vêm atrapalhar. Entrega-se ao que resta de comida no prato já com os olhos postos na sobremesa. Um bolo de chocolate regado com molho, também de chocolate e duas bolas de gelado achocolatado. Uma verdadeira vingança calórica que ponha cobro à falta de calorias ingeridas nos últimos dias por causa do Jack e da amiga. Mas não vale a pena pensar mais nessas duas almas desgraçadas. O fim deles está próximo, é provável que até já tenha ocorrido e isso é razão de celebração. Mais uma garfada cheia de bife e molho, com pequenos grãos de arroz que acompanham a atracão principal e pedaços de cogumelos, ainda antes da sobremesa, mandará vir outra dose. A fome está longe de ser saciada.

É então que o telemóvel toca. O maldito telemóvel que lhe tira momentos de sossego como estes. Procura-o no bolso do casaco e atende-o sem se a ver quem lhe liga.

“Barnes” apresenta-se. O cumprimento habitual destes homens quando atendem telefones, móveis ou fixos.

Os segundos seguintes passam-se com Geoffrey Barnes a escutar e a responder monocordicamente alguns sim... pois... com certeza... não sei... ah. Nota-se que não é um subalterno qualquer quem lhe liga, dado o desassossego com que ele recebe as palavras provenientes do outro lado e se mexe na cadeira, desconfortavelmente. Mais alguns sim... não sei se... farei o possível... bem... okay... adeus.

Quando desliga o seu semblante está totalmente modificado. O suor aparece em forma de pequenas gotículas no alto da testa, e pousa imediatamente o garfo que ainda segurava. A segunda dose ficará para outra ocasião, assim como a sobremesa, altamente calórica. A merda acaba de atingir a ventoinha e não levará muito tempo a espalhar-se se ele não agir já. Deixa uma nota de cinquenta dólares em cima da mesa e apressa-se para a saída. Digita alguma coisa no

teclado do telemóvel e leva-o ao ouvido já no exterior do restaurante. Os passos são firmes e rápidos, não há tempo a perder.

"Staughton, é o Barnes." anuncia assim que a chamada é completada. "Não deixes que façam nada até eu chegar." A voz é ofegante devido à energia desperdiçada no andamento veloz a que se sujeita, mas não deixa margem para dúvidas. "Nada de nada. Não explicas porquê, apenas dizes que esclarecerei tudo quando aí chegar." Escuta algo que Staughton lhe pergunta. "Nem ao Payne. Cruzem os braços e digam aos outros para fazerem o mesmo, senão a coisa vai rebentar." Atravessa a rua para o outro passeio, fora da passadeira e com carros a passar, o que provoca o protesto dos automobilistas. "A razão?" alguns segundos para pensar. "A razão é apenas para os teus ouvidos, percebeste?" um mais do que provável assentimento de Staughton nas instalações que estão a utilizar, bem no coração da Grande Maçã. "Acabei de receber um telefonema das mais altas esferas do Vaticano." Suspira. "A gaja soube fazê-las."



CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

“Como é que matou o Papa João Paulo I?” pergunta Sarah sem rodeios, mal se senta na cadeira, na mesma sala onde Rafael esteve com Barnes. Pousa as mãos em cima da mesa em sinal de descontracção.

O Mestre, apelidado de JC, permanece de pé, de costas para ela numa atitude meditativa. Assim que recebe a pergunta vira-se para Sarah e sorri.

“Não está aqui para fazer perguntas, menina Sarah Monteiro. Exigiu ao meu assistente delegar em mim tudo o que sabe. É nessa posição que se encontra perante mim.” É uma voz de velho, roufenha, rouca, mas também lúcida.

“Uma pequena troca de informação. O senhor dá a que eu pedi e eu dou-lhe o que tanto deseja. Sabe perfeitamente que não poderei usar nada do que me disser contra si.”

“Não subestime a minha inteligência, menina. Não sou um vilão de um romance barato qualquer. Sou bem real, de carne e osso. Ultrapasso, perfeitamente, as barreiras do mundo da ficção.

“Não percebo porque me diz isso. “ A resposta do velho confundiu-a.

“Esqueça. São divagações a que me dou ao luxo. Não era para si a mensagem” esclarece JC sentando-se, finalmente, na cadeira do outro lado da mesa quadrada.

“Como morreu o Papa?”

Alguns instantes de silêncio penetram a sala, entre os dois, deixando Sarah constrangida.

“A versão oficial é que sucumbiu a um enfarte do miocárdio” responde por fim o velho.

“Sabemos bem mais do que isso.”

“Sabemos?” reage JC inesperadamente. “Sabemos mesmo?” continua. “Ousa contrariar uma verdade oficial?”

“Uma verdade oficial não garante a verdade real. Tanto quanto sei pode muito bem ser uma mentira. Ao que tenho aprendido nestes últimos dias, andamos todos enganados” ataca Sarah contra as defesas do homem que se tenta resguardar de revelações inóspitas.

JC dá uma gargalhada gutural, genuína, sem artifícios. “E o que percebe a menina disso?”

“Não faça de mim burra” atira ela, embora a sua vontade seja berrar, porém, é melhor não abusar mais da sorte.

“Não procure verdades que não aguenta” alega o homem em resposta.

“Então admite que a verdade oficial é falsa?”

“Falsa ou não, é a única que temos.” A voz dele mantém-se normal como que a apelar à calma, à serenidade. De nada vale alterarem-se os humores, pois acaba-se por dizer coisas que não se quer ou que não se deve.

O velho procura algo dentro da mala que trouxe consigo e encostou a uma perna da mesa. Pousou-a em cima do tampo gasto e mexe e remexe. Por fim encontra o que procura, um papel antigo, e entrega-o a Sarah. “Leia.”

“O que é isto?” questiona curiosa. Um papel, um documento, talvez fotocópia. Um cabeçalho a fazer lembrar aqueles dos organismos oficiais do estado. “*Certificato di morte*?” um atestado de óbito. Para que raio lhe entregou ele um atestado de óbito?

“Leia.” repete JC.

E logo compreendeu. O *Certificato di morte* de Albino Luciani, João Paulo I. Causa de morte, enfarte de miocárdio, hora provável, vinte e três e trinta do dia 28 de Setembro de 1978. Uma assinatura ilegível, porventura do médico de serviço.

“Essa é a verdade oficial da morte do Papa” conclui JC com um sorriso vitorioso nos lábios.

Sarah analisa o documento, não há qualquer dúvida de que é oficial, uma tentativa de terminar a conversa e arrumar a questão e passar ao assunto mais importante que os coloca ali. A localização dos papéis.

“Vamos ao que interessa?” recomenda JC.

Sarah devolve o atestado e fita-o nos olhos. “Não. Ainda não. Quero ouvir a sua verdade.”

“E que verdade é essa?”

É hora de mudar de abordagem, lançar as cordas com os ganchos e aproximar o navio inimigo. “Ambos sabemos que esse atestado foi preenchido tendo em atenção outros requisitos que não o corpo do Papa, como manda a legalidade” diz Sarah. “Portanto, a informação que tenho para lhe dar vale bem a que quero obter de si. Troca por troca.”

“Tenho outros meios para obter a informação que quero de si.”

“Terá. Mas pode levar horas, dias e não é garantido que consiga obtê-la. O que estou a propor-lhe é uma troca justa.”

“Qual é o seu interesse nesse assunto?”

“Nenhum particular. Espelho o interesse de qualquer comum mortal que vê deitado por terra tudo aquilo em que acreditava.”

A conversa cessa por instantes, as cartas estão lançadas, agora é tempo de ver se são mais fortes do que as do adversário. Para Sarah não é apenas uma questão de curiosidade, embora pareça, também é uma maneira de ganhar tempo, nem ela sabe bem à espera do quê.

“Vá lá. Conte-me o que aconteceu na noite de 28 de Setembro de 1978” incentiva ela.

O velho não começa logo a falar. Reflecte primeiro sobre o caso, não revelando aceitação ou recusa sobre a proposta da mulher sentada diante de si, dotada de modos calmos como se não adivinhasse que em breve se iria juntar a João Paulo I, no local para onde vão as almas que se vêem sem corpo.

“Antes de mais, quero corrigir um erro histórico” começa JC. “Albino Luciani pereceu no dia 29 de Setembro de 1978, à primeira hora do dia. Não há necessidade de me perguntar como é que sei disso. Fui o último homem a vê-lo com vida e o primeiro a vê-lo morto.

»A sua morte aconteceu devido a várias factores, os quais com certeza já conhece, pelo menos parte deles. Albino Luciani tornou-se um Papa indesejado, um inimigo perigoso e teve de ser eliminado rapidamente.

»Andou a mexer em matérias demasiado sensíveis e não estou a falar de religião. Acontece que o seu carácter foi mal avaliado. Se no final do Conclave tínhamos certas expectativas, cedo começaram a sair goradas. O aspecto frágil

que aparentava era apenas isso, uma aparência. O homem queria limpar a casa e nem esperou para lhe conhecer os cantos.

»Os primeiros a cair iam ser logo o bispo Marcinkus e o cardeal Jean-Marie Villot. As cartas mais valiosas do baralho. E acredite, muito antes deles tocarem no chão, muitos outros se seguiriam. Com Marcinkus e Villot de fora, para chegarem a Calvi e Gelli não levariam muito tempo e depois, bem, depois seria a derrocada total.

»O próprio João Paulo I cavou a sua sepultura. Não era como Paulo VI que tratava apenas dos assuntos da fé e da religião e delegava o resto na cúria e em pessoas competentes. Não. João Paulo I era único, ia meter o bedelho em tudo e acabar com a Igreja como a conhecíamos."

"Como assim?" Sarah está completamente absorta a escutar a descrição do homem.

"Acha que sobraria pedra sobre pedra depois da limpeza que ia encetar? Claro que não. Os fiéis ficariam escandalizados por saberem só de parte dos crimes económicos da *Igreja*. Paulo VI, ainda que sem culpa nenhuma, já que fora facilmente manipulado, seria visto como um criminoso, que mandava os seus funcionários lavar dinheiro ilícito, comprar empresas que produziam produtos condenados pela Igreja, como pílula ou preservativos ou mesmo empresas de armamento. Tudo isto sempre com o intuito de ganhar dinheiro e desviar o mais possível."

"Sabia disso?"

"Evidentemente."

"E acha bem?"

"Os fins justificam os meios, menina Sarah. Havia muito a perder e não estou somente a falar da privação da liberdade. Todo um conjunto de pessoas e estados sairiam prejudicados com as acções de João Paulo I."

"Que apenas queria repor a justiça."

"O ideal de justiça varia de pessoa para pessoa. Decerto já compreendeu isso. Licio Gelli viu-se obrigado a elaborar um plano drástico que pudesse ser executado em minutos. E assim entrei em cena, como carrasco de Albino Luciani. A minha função era ficar ao pé do telefone e esperar. Villot estava encarregue de adiar o plano o mais possível, tentando demover o Papa das suas intenções, argumentando, apresentando outras soluções mais viáveis. Os dois

homens discutiram muito, mas o Papa mostrou-se irredutível.

»Selou o seu destino definitivamente no dia 28 de Setembro, quando informou Villot das substituições a terem lugar nos dias seguintes, começando pela exoneração de Marcinkus no dia seguinte. Apesar de Villot ter voltado a tentar colocar juízo na cabeça do «Escolhido de Deus», não serviu de nada. Telefonou-me nessa mesma noite. Não havia nada a fazer. O homem tinha de ser afastado."

"A solução final" acrescenta Sarah, sarcástica e furiosa. "A resolução de todos os problemas. Não serve os vossos objectivos, mata-se e pronto. E a lista é extensa."

"Nem imagina quanto. Decerto sabe de apenas alguns e desconfia de outros tantos. Mas onde a lista aumenta é nos desconhecidos, aqueles que não eram personalidades públicas de renome. Militares, juízes, advogados, jornalistas, professores. Um atropelamento, um assalto que correu mal, às vezes uma execução sumária em que se imputam as culpas a um qualquer grupo radical..."

"Primeiros-ministros que também não serviam os vossos interesses."

"Sim. Os nossos ou os dos nossos aliados. Nessa noite de 28 para 29 apresentei-me no Palácio Apostólico. Villot certificara-se que as vias estariam abertas e que não seria importunado. Assim foi. Cumpriu, perfeitamente, a sua função."

"Quer dizer que vagueou a meio da noite pelo Palácio Apostólico?"

"Não. O local onde entrei ia mesmo ter ao lado dos aposentos do Papa. Umas escadas que não eram utilizadas. Habitualmente as portas no piso inferior e no terceiro andar estavam trancadas. Como é evidente, essa noite foi excepção. Desde o tempo do Papa João XXIII que a guarda Suiça deixara de colocar dois elementos do seu efectivo à porta dos aposentos Papais. Não passei por vivalma no meu caminho e, quando abri a porta do terceiro piso, tinha o corredor só para mim. Entrei nos aposentos do Papa com toda a facilidade. Ele ainda estava acordado, trocámos meia dúzia de palavras e quando saí, escusado será dizer, que a minha missão estava cumprida. Os cardeais teriam de enterrar o novo Papa e escolher outro."

"Que palavras trocaram?"

"Isso é irrelevante" explica JC, disfarçando o desconforto. "Na noite seguinte, Villot voltou a pedir-me que fosse ao seu encontro no Vaticano. Assim o fiz. Queria dar-me os papéis para que eu os mantivesse fora da cidade."

“Não pediu que os destruísse?”

“Não. À excepção da lista e do segredo, os restantes papéis são inofensivos. Medidas Papais a tomar por quem estava em pleno exercício dos seus direitos. Umas mais polémicas do que outras, mas nada de explosivo, pelo menos para quem segue os assuntos religiosos com uma certa distância. Villot fez um bom trabalho no que tocou a preparar o terreno para executar a missão, mas depois meteu os pés pelas mãos quando o corpo foi encontrado pela irmã Vincenza. Exigiu a todos os residentes no Palácio um voto de silêncio, absolutamente desnecessário, e depois quis inventar uma versão oficial, mais tarde desmentida pelo próprio Vaticano.”

“Como assim?”

“A primeira versão oficial foi a de que o secretário do Papa, o padre John Magee, o encontrou morto às cinco e meia da madrugada, quando na realidade foi encontrado pela irmã Vincenza, a sua criada particular, quarenta e cinco minutos antes.”

“O que o levou a fazer isso?”

“O facto de não parecer bem uma mulher, ainda que freira, entrar livremente nos aposentos de um Papa. Preocupações com a imagem. Depois encetou um rol de declarações e decisões estapafúrdias, desde o livro de cabeceira do Papa, *A Imitação de Cristo,* à chamada precipitada dos embalsamadores e, posteriormente à embalsamação precoce. Afinal, até à data, esse livro nunca tinha deixado Veneza. Juntemos isso à retratação de que o Papa sempre fora encontrado pela freira e, também, à limpeza em tempo recorde dos aposentos, e deparamo-nos com um comportamento próprio de quem está a esconder alguma coisa.”

“E o senhor não lhe chamou a atenção?”

“Evidentemente. A explicação que me deu foi a de que tinha de agir muito depressa para evitar que fossem encontrados vestígios. Para além disso, os médicos só colaborariam connosco se não fossem confrontados com uma opinião diferente de algum colega. O médico de Luciani era o doutor Giuseppe de Rós, que o acompanhou sempre em Veneza e durante o mês em que esteve no Vaticano. Era importante que ele corroborasse o diagnóstico dos colegas quando chegasse a Roma. Villot sabia, perfeitamente, que por muito que pedissem ou

exigissem, não autorizaria uma autópsia. Era cardeal Camerlengo e, como tal, o chefe máximo da Igreja Católica Romana até ao final do conclave seguinte. O homem andou muito atarefado e nervoso a tapar todos os buracos."

"E conseguiu."

"Digamos que teve uma meia vitória. O doutor Giusseppe de Rós corroborou o diagnóstico dos colegas, mas a verdade é que não tinha muitas hipóteses. Qualquer exame superficial seria inconclusivo. Como a autópsia estava fora de questão, se Villot tivesse agido normalmente, o crime seria perfeito. Mas assim, o comportamento dele levantou dúvidas aos mais atentos. As teorias normais de conspiração começaram a surgir, mas nada de fundamentado. E assim afastámos a ameaça. Escolheu-se o novo Papa e a vida continuou. Mas João Paulo I tinha já levantado demasiadas suspeitas, e as coisas começaram a ruir todas e de uma forma particularmente prejudicial para a P2, que se viu derrubada em 1981. Desde aí que permanecemos ainda mais na sombra do que nunca."

"E como é que conseguiram apanhar a P2?"

"Os pormenores são demasiado complicados. Digamos que durante anos seguiram rastos que levaram ao IOR, ao Banco Ambrosiano, à P2 e aos negócios que os interligavam."

"E o que aconteceu a Villot, a Marcinkus e ao administrador desse banco Ambrosiano?"

"Villot estava muito doente por alturas do assassinato de Luciani. Ele próprio havia pedido para ser substituído, mas não por Benelli. Villot gostaria de escolher o seu sucessor. Benelli era um homem demasiado parecido com João Paulo I, talvez menos ingénuo, os estragos que faria seriam incomportáveis. Com a morte de Luciani teve essa oportunidade e faleceu em paz em Março de 1979, muito bem acompanhado."

"Luciani morreu sozinho, sem apoio" acusa Sarah.

"Morreu comigo. O canalha do Marcinkus continuou com as suas artimanhas no IOR."

"Porquê canalha? Não era seu comparsa?"

"Marcinkus não é comparsa de ninguém. É amigo de si próprio. Serve, única e exclusivamente, os seus interesses. Marcinkus prevaleceu muito depois de Villot e João Paulo I. Esteve à frente do IOR até 1989. Foi promovido a

Arcebispo por Wojtyla e agora deve estar a gozar os rendimentos aqui nos *states*, a sua terra natal."

"E os outros?"

"Os outros? Calvi apareceu morto em 1982. Enforcado debaixo da ponte de Blackfriars, em Londres. O rombo que provocou no Ambrosiano foi na ordem dos biliões de dólares. Tudo para a causa de Gelli e Marcinkus. Gelli está preso e eu não estou em lado nenhum."

O silêncio interrompe a conversa ou o interrogatório, pois uma conversa pressupõe dois oradores e, neste caso concreto, JC falou muito mais. Sarah apenas colocou perguntas pontuais para esclarecer dúvidas. Não é todos os dias que se ouve uma versão diferente daquela que ficou registada na história, pela boca do, suposto, assassino de João Paulo I. Há ainda uma pergunta que permanece por responder, talvez a que mais interessa no meio de tudo aquilo.

"Como é que matou o Papa?" a pergunta está lançada.

"Vá lá, menina Sarah Monteiro, não está à espera que lhe conte tudo de graça, pois não?"

Movimentações das peças no tabuleiro do xadrez jogado por eles os dois. É a vez de JC exercer novamente o controlo que perdeu voluntariamente. O que está dito, dito está, sem arrependimentos, sem remorsos ou recuos. O importante, agora, é colher a informação pretendida.

"Troca por troca, não foi o que disse? Cumpri a minha parte meritoriamente. É a sua vez." Um sorriso premente de quem tem a razão do seu lado.

"Sim, mas é a minha última pergunta. Necessito saber como o fez."

"E eu necessito saber que lugar seguro é esse onde guardou os papéis."

"O senhor mesmo disse que não contêm nada de explosivo."

"Garanto-lhe que não. E se têm aparecido na noite do crime, obviamente subtraindo a lista e o segredo, nada de mal aconteceria. Não passariam de desejos de um falecido. O seu aparecimento hoje, tantos anos depois, seria visto de uma maneira diferente. Confirmaria que alguém deu um sumiço neles, facilmente se apontaria o dedo a Villot e a Igreja pode nunca recuperar."

"Que lhe interessa isso? O senhor pouco liga à Igreja."

"Há segredos que devem permanecer na penumbra. Há verdades que não devem ser desenterradas."

“Mas mais cedo ou mais tarde alguém voltará a tropeçar neles e a verdade virá ao de cima.”

“Então que seja mais tarde. Depois de eu morrer, pouco me importará o que fizerem com eles. Mas até lá estarão melhor comigo e, claro, guardá-los-ei desta vez de maneira a que sejam descobertos muito depois da nossa existência. Portanto, colabore comigo e cumpra a sua palavra.”

“E vou cumprir. Só quero que responda a essa última pergunta” esclarece Sarah, numa última tentativa de ver sanada a sua dúvida.

O velho não profere qualquer palavra nem revela nenhum indício de assentimento ao desejo de Sarah. Se a ideia é torturar os nervos dela e deixá-la ansiosa, pode dizer-se que está a ser bem sucedido, pois para Sarah, ainda mal comparado, a resposta a essa dúvida é como a cereja em cima do bolo, o golo no último segundo da partida, como saber o nome verdadeiro do Rafael. Se JC não envenenou o Papa como é que o matou?

“Vamos fazer o seguinte, a Sarah diz-me o que quero saber e no fim saciarei a sua curiosidade.”

“Ah...” indecisão não é bom presságio.

“Cumpro sempre o que prometo.” acrescenta o velho.

Mas para Sarah isso não está em causa. O problema é outro, assim que emita a localização da lista, JC terá que se preocupar com outros assuntos e aquela pergunta ficará sem resposta. É obvio que não é o fim do mundo se tal acontecer, embora não consiga prever a reacção do velho, é certo que não perderá tempo a esclarecer alguém que decerto não facilitou as coisas. De qualquer maneira, tem de reconhecer que perdeu, ainda que tenha extraído muita coisa sobre a noite, não o fez na sua plenitude.

“Estou à espera” pressiona JC.

“Okay, uma vez que assim obriga, apesar de não ter cumprido o acordado.”

“Não diga isso” interrompe ele. “É uma troca justa. Dei-lhe uma parte, a Sarah dá-me a sua e depois concluo. Penso que não se pode queixar.”

“Muito bem. Cá vai, os papéis estão guardados num lugar seguro.”

Uma pausa própria nestas situações a clamar a atenção do sujeito ouvidor, ou um modo de ganhar tempo e amealhar força para o que se vai dizer. Seja como for, não resulta neste caso.

“Sei disso perfeitamente. Conclua, por favor” voz seca de quem não tolera mais rodeios.

“Pois. Então compreenderá que estão de tal forma seguros que não possuo qualquer controlo sobre eles.”

“Que diz?” o velho não percebe o significado daquilo. “Explique-se.”

“Os papéis estão no Vaticano” completa Sara, segura de si mesma, por momentos. “Foi de lá que saíram, é para lá que têm de voltar. Os papéis de um Papa pertencem ao Vaticano.”

“Está a brincar, com certeza.”

“Não. Estou a falar a sério.”

A expressão soturna que se implanta no rosto de JC, não deixa qualquer margem para dúvida. De súbito, o sangue some-se-lhe da face empalidecendo-a, adjudicando um ar cadavérico a JC, quase vampírico, que faz sobressair as rugas carregadas pela idade. Começa a arfar como um asmático, conferindo uma verdadeira imagem de velhice e fazendo com que Sarah veja, pela primeira vez, o seu lado humano. Não é um autómato que põe e dispõe das vidas dos outros a seu bel-prazer, é um velho frágil no final do caminho.

“Tem noção do que fez?”

“Tenho noção do que fiz? Quem é você para me perguntar uma coisa dessas?” O seu medo e revolta explodem simultaneamente. “Eu é que devia fazer-lhe essa pergunta. Tem noção do que fez? Faz ideia das pessoas que afastou do seu caminho, sem falar do que me fez passar? E para quê? Para limpar a merda que andou a fazer durante a sua vida toda?”

“Não pense que está a falar com o seu pai.”

“O meu pai é muito mais homem do que você, graças a Deus.”

“O seu pai é um homem morto, assim como vocês todos, graças a si.”

“Que seja.” Uma lágrima escorre-lhe pela face num fio finíssimo. “Tenho a consciência de que fiz o possível e não sairá a ganhar.”

Um riso tenebroso enche a sala, arrepiando os pêlos de Sarah.

“Acha mesmo que não recuperarei os papéis, só porque estão no Vaticano? O que a leva a pensar que não tenho lá gente a trabalhar para mim, assim como tínhamos em 78?

“Os tempos mudaram.”

“Será que mudaram tanto como pensa?”

Lá bem no fundo, Sarah quer acreditar que sim. Os líderes são outros, as mentalidades, ainda que parecidas não são iguais pois não existem homens totalmente idênticos na face da terra. Cada um é como cada qual e se os ideais são parecidos, a forma de os colocar em prática distinguem os seus autores, por isso, se bem que o conservadorismo ganhe cada vez mais força no seio da Igreja, muito menos liberal e moderna do que Albino Luciani desejaria, as pessoas que a compõem são outras e sérias. Não há Villots nem Marcinkus no Vaticano de hoje. Ou haverá?

“Se não mudaram não tem por que temer. Amanhã ou depois, o mais tardar, voltará a ter os papéis em seu poder.”

Algo no olhar dele revela a Sarah que não será bem assim.

“E onde estão os outros?”

“Quais outros?”

“Não se faça de sonsa. Você só tinha a lista em seu poder. Onde está o resto?”

O melhor é não abusar. As coisas já estão suficientemente complicadas. “Não sei de mais nada. Só posso responder pela lista.”

“Sei quem pode responder por eles.”

O homem aguarda uns instantes. As decisões tomam-se na sua cabeça e de lá sairá o destino dela e dos outros. No fim da ponderação, o velho bate a ponta da bengala três vezes no chão. Uma, duas, três. E no mesmo número de segundos o assistente entra na sala como um serviçal pronto para ouvir as tarefas do dia.

“Podes levá-la. Elimina o pai, a filha e o agente duplo.” O velho ainda mal acabou de falar e já Sarah está de pé, agarrada pelo braço. “Depois traz-me o Marius Ferris. Temos muito que conversar. Mas certifica-te que antes ele os vê morrer.”

“Sempre serve para destravar a língua” acrescenta o assistente, um fino sorriso nos lábios.

Destino traçado, inevitável. A morte espera-a no final do cano da arma do assistente ou do servo, tanto faz, mas que deleitará os dois homens. Está visto que precisam do sangue derramado dos outros para alimentarem as suas vidas.

“Para onde é que a leva?” ouve-se perguntar.

“Para o cepo.” Responde o assistente, sarcasticamente.

Barnes agarra no outro braço de Sarah e arranca-a das garras do assistente. Talvez se pense que arrancar é um termo demasiado violento, mas corresponde à verdade, já que o homem do fato *Armani* estava a fincar a mão com muita força.

De tão surpreendido, este limita-se a olhar sem saber o que dizer.

“O que está a fazer?” pergunta JC.

“Sente-se” ordena Barnes a Sarah, antes de se virar para o velho. “Ela mandou os papéis para o Vaticano.”

“Eu sei. Vai pagar por isso.”

“Recebi uma chamada do Vaticano há poucos minutos.”

O ar controlado do velho estremece. Uma expressão de curiosidade assombra-lhe os olhos. “E o que é que querem?”

“Não é o que querem. É o que ordenam.”



CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

VILLOT

28 de Setembro, de 1978

Villot não conseguia permanecer quieto na cadeira do seu gabinete. Por isso, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro com o cigarro na mão, iria ultrapassar os dois maços diários que tão mal lhe faziam à saúde, mas a eternidade era algo que não almejava. Lançava assopros esfumados de cólera que, aditados à vermelhidão do rosto, acusavam o mal-estar com que se deparava.

Mirou pela milionésima vez os papéis que figuravam em cima da enorme secretária de madeira, peça de mobiliário valiosíssima e secular onde foram pousados milhares de outros papéis e documentos ao longo dos anos para análise e examinação por parte de outros Secretários de Estado. Se ela pudesse falar muitos segredos contaria, muitas intrigas, planos e maquinações, assim como sonhos, ambições e utopias. Alguns jamais sairiam do papel, mas outros tornar-se-iam realidade. Usualmente, as fantasias incorriam no uso da batina branca, outorgadas apenas para uso Papal, pois que outras aspirações poderiam um Cardeal Secretário de Estado ter? Uma vez que o uso daquela secretária imputava em si mesmo a conquista do segundo lugar, o homem com mais poder a seguir ao Papa. Por vezes o homem com mais poder, mesmo acima do Papa, dependendo do carácter de cada um e de cada qual, e das permissões dadas por cada Santo Padre ao seu próprio secretário, ou da capacidade deste em o manipular. Pois um homem que chega ao segundo lugar para onde mais pode ir, se não para o primeiro, o Escolhido de Deus?

Mas Villot não. Já há muito que não aspirava ser Sucessor do Príncipe dos

Apóstolos, mas na parte que lhe tocava gostaria de poder escolher o próximo Sucessor de Pedro, Supremo Pontífice, um que não desse tanto trabalho como o que servia naquele momento.

Há menos de uma hora recebera de Albino Luciani alguns papéis com determinações e substituições, algumas que teriam lugar no dia seguinte. Os papéis que estavam pousados em cima da secretária e em que pegou para voltar a ler o que já sabia de cor.

Benelli para o meu lugar? Pensou ao reler o nome do nome do seu substituto. *Poderia haver provocação maior?*

"Isto é demasiado ousado, Santo Padre." Disse Villot na altura em que recebeu os papéis e leu por alto os documentos com as premissas papais. "Que restará da Igreja como a conhecemos?"

"A Igreja permanecerá na sua pureza, humildade e humanidade." Limitou-se a dizer Albino Luciani.

Villot segurava os papéis com uma mão e passava a outra no solidéu enquanto lia a barbaridade escrita pelo punho do homem que, supostamente, era a voz suprema da cristandade. As suas intenções para atenuar a posição da Igreja no que tocava ao controlo artificial na natalidade eram apenas um exemplo ínfimo.

"Isto vai contra a posição secular da Igreja católica. Vai contra o que outros Papas decidiram sobre o assunto." Villot começava a altear a voz.

"A infalibilidade."

"A sagrada infalibilidade." Completou Villot.

"Sagrada? Ambos sabemos que a infalibilidade é um erro." Afirmou o Papa com a serenidade costumeira.

"Como pode dizer uma coisa dessas?" interrogou Villot benzendo-se hipocritamente.

"Porque sou Papa e sei perfeitamente que erro como qualquer ser humano."

"Um Papa é infalível. E estas directrizes põem em causa decisões tomadas na certeza da infalibilidade Papal."

Engane-se quem pense que Villot se dirigia ao seu superior hierárquico com submissão e vassalagem. Discutia como se estivesse a falar para um qualquer assistente ou secretário, dos muitos que polvilhavam a secretaria de estado e que era sabido merecerem menor respeito do que um cardeal ou um Papa, vá se lá

saber porquê. Albino Luciani parecia ignorar a falta de respeito para consigo como se estivesse a reconhecer o verdadeiro Villot diante de si. Um Villot que já conhecia, mas que nunca se revelara.

“Uma Igreja que se diz infalível é demasiado arrogante para enxergar os seus males. Ambos sabemos como passou essa ideia da infalibilidade em 1870.”

“Ousa criticar Pio IX?”

“Como pode evoluir quem não ousa criticar os seus?”

Villot sentou-se numa das várias cadeiras que estavam em frente à secretária e colocou uma mão sobre os olhos. “Mal posso acreditar no que ouço.”

“Não se faça de inocente, Villot. Sabe tão bem como eu que a infalibilidade só serve para nos atar as mãos e os pés.”

Villot retira a mão. “Que diz?”

“Exactamente isso. Um Papa é infalível nas directrizes que orientam a doutrina da fé e a moral. Convenhamos que foi uma maneira genial de fazer com que os Papas subsequentes nada pudessem fazer, já que certos assuntos se tornavam automaticamente intocáveis.”

“Sacrilégio.” Acusou Villot.

“Sacrilégio?” Albino Luciani tracejou um fino sorriso. “Agora devia ser o momento de lhe dizer para ter tento na língua e mostrar respeito pela pessoa com quem está a falar. Afinal de contas, sou infalível.”

Villot baixou a cabeça para o chão.

“Mas não vou usar os meus galões porque isso significaria concordar com eles. Apesar do respeito entre duas pessoas ser matéria a ter sempre em conta, sejam elas quem forem.” Um pequeno recado para o Cardeal. “A infalibilidade é um erro e uma pretensão demasiado grande, por isso, vai terminar.”

Não valia a pena continuar a martelar no mesmo sítio. Mais valia abordar outras pendências. “E quanto às substituições. Tem a noção da transformação que vai provocar no interior da cúria?”

“Acredito ter a noção perfeita” respondeu o Papa naturalmente.

“E o respeito para com os cardeais? Para com os elementos que votaram em si e defendem linhas mais tradicionais?”

“Não pedi a ninguém que me colocasse neste lugar. Não vejo qualquer falta de respeito para com quem quer que seja na minha linha de actuação. Nunca se

esqueça que o meu dever é para com os fiéis e Deus."

As opções diminuíam para Villot a olhos vistos. Por mais que argumentasse Luciani respondia à altura e com força, manifestando um desembaraço inabalável. Não seria possível demovê-lo das suas intenções. Não com palavras.

"Deixe-me analisar estes nomes e apresentar-lhe outras alternativas, nomeadamente para meu substituto e para a direcção do IOR." Pediu ao Papa. Uma última tentativa. Se o Santo Padre acedesse talvez houvesse esperança.

"Essa é a minha última palavra. Não se dê ao trabalho de arranjar alternativas. Estou certo de que serão pessoas de bem e competentes, mas não as aceitarei. A minha decisão é final. Substituição imediata do Bispo Marcinkus pelo Monsenhor Giovanni Abbo e o afastamento do Monsenhor De Bonis, Mennini e De Strobel. De Bonis será substituído pelo Monsenhor Antonetti e tratarei de preencher as duas vagas restantes depois de conversar com o Monsenhor Abbo. "

"Mas..."

"Boa noite, Cardeal Villot." Despediu-se o Papa caminhando para a porta.

Villot nem conseguiu proferir uma despedida. Nunca pensou que Albino Luciani não recuasse um centímetro nos seus desígnios. A sua posição tornara-se difícil. Gelli tinha razão. Tinham calculado mal. Aquele homem só lhes traria problemas.

"Conto consigo para uma transição tranquila da secretaria de estado para o Cardeal Benelli." Disse o Sumo Pontífice da entrada.

"Com certeza." Balbuciou Villot. "Passe uma noite tranquila, Santidade." Um trejeito de sanha percorria-lhe o rosto.

"Obrigado, Cardeal Villot." Agradeceu Albino Luciani. "Mas isso não está nas minhas mãos, pois não?"

E saiu deixando Villot entregue aos seus próprios dilemas. Ruminou, magicou, conspirou, cismou, orou, mas não conseguia ver a solução do problema. Olhou para o telefone pousado ao lado dos papéis da discórdia. Parecia-lhe extremamente tentador e medonho ao mesmo tempo. Por várias vezes pegou no auscultador e discou os primeiros algarismos do número que havia memorizado há alguns dias. Como desejava poder esquecê-lo para sempre. Era tão bom se se tivesse tornado prescindível. Parava de súbito de os marcar na esperança que alguma ideia luminosa lhe atravessasse a mente. A salvação de si próprio, da sua

alma. Porém, acabou por se aperceber que há muito que ela estava condenada, perdida nos conflitos internos e externos do corpo e das acções. Setenta e três anos é muito tempo para praticar o bem e também para errar.

Assim sendo, achou por bem lavar as mãos como Pôncio Pilatos e deixar que outros tratassem do assunto. Foi preciso coragem para terminar a marcação do número e ouvir os bips que intimavam o carrasco. Não demorou muito a ouvir-se a voz de saudação, fria e soturna como a morte.

“Tem de ser feito.” Anunciou Villot. “Esta noite.”

Abriu uma gaveta da secretária silenciosa e retirou um molho de chaves. Pouco depois saiu porta fora. Havia que abrir os caminhos ao executor.



CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

“Não é o que eles querem. É o que ordenam.” informa Barnes, na sala de interrogatórios, em pleno coração de Manhattan.

“Ordenam?” retrucou JC. “Não seja ridículo.”

“Estão na posse da lista.”

“O quê?” balbucia o assistente.

“É verdade.” assegura Barnes. “Confirma?” pergunta a Sarah.

Sarah anui com a cabeça. Foi por aquilo que JC traçou o destino deles com o veredicto da morte.

“Maldição.” reclama o velho. “Sempre é verdade. O que é que eles ordenam?” pergunta a Barnes.

“Não tomarão qualquer posição se isto terminar aqui e agora. Sem mais mortes ou feridos. Caso contrário usarão todos os meios necessários para nos prejudicar, nomeadamente, colocando os papéis à disposição do público.”

A respiração do velho torna-se cada vez mais difícil. “Há qualquer coisa aqui que não bate certo.”

“O quê, senhor?” pergunta o assistente.

“Se o Vaticano têm os papéis, porque é que exige que eles sejam poupados? Devia-lhes ser indiferente.”

O seu raciocínio não deixa de estar correcto, mas como homem lógico não é dado a especulações. A mulher tinha-lhe passado a perna de uma forma impensável. Nunca previra tal jogada da parte dela.

“E se nós acedermos?” pergunta o velho coçando o queixo.

“Se acedermos fica tudo como está. Ninguém será prejudicado. Mas exigem

que a mulher confirme que foram libertados a um emissário especial enviado por eles.”

“Não podemos concordar, senhor” assevera o assistente. “Ainda podemos recuperar os outros papéis.”

Era precisamente nesses que JC pensa. Com os restantes papéis na mão, podia negociar com o Vaticano. Sem nada, teria obrigatoriamente de acolher a ordem, incondicionalmente.

Sarah via mais nitidamente como tudo não passava de um jogo controlado por quem tinha os trunfos. Uma pequena abertura podia permitir que os homens ali presentes se conseguissem precaver daquele percalço. Sarah tinha de fazer alguma coisa que terminasse com as dúvidas e as esperanças deles de uma vez por todas.

“Os outros papéis também já estão a caminho do Vaticano” mente Sarah.

“Que diz?” o velho enruga ainda mais a testa.

“Também enviei os outros papéis para o Vaticano” repete Sarah.

“Mas você disse que não podia responder por eles.”

O raio do velho ainda tem boa memória, pensa Sarah apreensiva. “Exactamente por essa razão. Não estão em meu poder, mas também ainda não estão no Vaticano. Alguém de confiança está encarregue de os entregar. Porque é que acha que fui a Portugal? Era onde eles estavam.” *Espero que cole.*

“Ela está a mentir” acusa o assistente.

“Não podemos correr o risco” contrapõe Barnes.

“Corremos um risco muito maior sem os papéis em nosso poder.” Continua o assistente.

“A posição do Vaticano é clara. Se isto acabar aqui, os papéis permanecerão guardados. Ninguém saberá da sua existência.”

“Senhor, dê-me mais duas horas e eu arranco a verdade ao velho.” pede o assistente.

“Infelizmente não temos duas horas” informa Barnes. “A mulher tem de se encontrar com o emissário dentro de uma hora no Waldorf Astoria.”

JC escuta tudo aquilo sem intervir. Parece que as cartas boas estavam todas na mão do adversário ou, noutra linguagem, o opositor acabara de fazer cheque ao

rei, mas não um cheque qualquer, um mais do que provável cheque mate, que o impede de reagir. As possíveis vias de fuga estão todas cortadas, ao contrário do habitual, a mulher previu as suas jogadas e ele subestimou-a. Só havia uma coisa a fazer.

“Posso trocar uma palavra consigo em particular?” pergunta Barnes ao Mestre interrompendo todos os pensamentos decisórios.

“Como?” uma pergunta em resposta a denotar irresolução e a mente arrestada noutro local. “Sim, sim” responde por fim, quando o cérebro processa o pedido. Levanta-se com a ajuda da bengala. “Vamos ao corredor.”

Barnes segue o Mestre, cujo epíteto vem enfraquecendo em virtude dos acontecimentos. Ou talvez não. É nestas horas que as resoluções tomadas decidem a validez dos homens e este caso requer, mais do que nunca, uma resolução perfeita..

“Confirmou a origem da chamada?” pergunta o velho de rompante.

“Já mandei tratar disso, mas vai demorar o seu tempo, meia hora não é suficiente. O Vaticano não é uma área tão pequena como isso.” Alega Barnes.

“E, no entanto, é pequeno. Na sua opinião parece-lhe credível?” uma questão honesta. O parecer de um homem da CIA é importante, ainda que não tenha poderes para decidir por si só. Contudo é sempre melhor perscrutar a sua recomendação.

“Isto é um tanto ao quanto intrigante. Não parece nada a forma de actuar da Santa Sé, mas tudo é credível até que seja desacreditado. Noventa e nove por cento das ameaças de bomba não se confirmam, mas não é por isso que se deixam de evacuar os edifícios e as Brigadas de Minas e Armadilhas os passam a pente fino.”

“O que significa que até que os seus serviços confirmem a autenticidade da chamada temos de lidar com um ultimato do Vaticano.”

“Temo que estejamos numa situação precária.”

“Hum.” É a única coisa que sai da boca do velho, que se afasta um pouco a matutar sobre as opções. “Pode até ser a nossa salvação.” Profere quando se junta novamente a Barnes.

“Acha?” O americano não parece convencido.

“Eles têm de ir ter com um emissário ao Waldorf dentro de uma hora, foi o

que disse?”

“Afirmativo.”

“Pois muito bem. Vamos virar o jogo a nosso favor. Mande-os ir.”

“Tem a certeza?”

Um olhar áspero realça a inutilidade da pergunta.

“Envie-os o quanto antes. Eu trato do resto.”

“Vai ignorar o ultimato?”

“Certamente que não.” A mente do homem fervilha ao mesmo tempo que arquitecta o plano a alta velocidade. “Mas é a única maneira de reaver os documentos.”

“Não acredita que ela os tenha enviado?”

“A lista é bem provável que sim, mas os restantes não.”

“O que o leva a pensar isso?”

“Simples, todas as evidências apontam para Marius Ferris, Nova Iorque. E aqui estamos. Podemos afiançar com toda a certeza deste mundo que eles não colocaram as mãos nos papéis desde que chegaram cá. Logo, os papéis continuam guardados sabe-se lá onde.”

Barnes cogita durante alguns instantes. “E se estiver errado?”

“Se estiver errado ele irão ter com o emissário ao Waldorf, cinco ou dez minutos depois do tempo. Mas neste momento é imperativo recuperar os documentos. Mesmo que ela tenha enviado a lista, a única maneira de a recuperar é estando na posse dos outros.”

“Vamos a isso. O que tem em mente?”

Deixemos os dois homens explanarem os seus projectos e coloquemos os olhos no assistente que se acerca de Sarah.

“Julgas-te muito esperta, cabra?” murmura ele com a boca quase colada à orelha dela. “Se conseguires sair daqui viva, lembra-te que vou estar sempre atrás de ti. Não te vou dar um minuto de sossego.”

Sarah desejava poder fechar os olhos, mas não quer dar parte de fraca. Sabe que não depende do homem a concretização daquelas ameaças. O velho é quem manda, ou pelos menos era. Agora quem dá as cartas, aparentemente, é o Vaticano, o que se pode traduzir em felicidade para ela, os próximos minutos

ditarão o resto. Porém, não tem ilusões, se a sentença dependesse do assistente ninguém sairia dali vivo. Felizmente, não depende... Graças a Deus.

“E um dia, quando menos esperares, entrarei dentro da tua casa, dirigir-me-ei ao teu quarto e, quando estiveres a dormir o sonos dos justos, acordo-te.”

Cala-te estúpido. Profere Sarah para si. Quem lhe dera poder dizê-lo em voz alta. Contudo, o melhor é não o irritar ainda mais. Podia perder as estribeiras e cometer um erro à revelia do Mestre.

Barnes e o velho retornam com o trejeito soturno idêntico ao que trajavam quando saíram.

“Libertem-nos” acede o Mestre conformado.

“Mas, senhor...” apela o assistente.

“Silêncio.” Ordena numa voz novamente firme. “Esta é a minha última palavra. Libertem-nos. E certifiquem-se que ela chega ao encontro com o emissário a tempo.”

O assistente, resignado, pega nela com brutalidade e arrasta-a para fora da sala.

Barnes fica a olhar para o vazio do corredor sem se aperceber de uma curva ténue nos lábios do velho, semelhante a um sorriso de satisfação antecipada e que se apaga assim que o americano o fita.

“Tem a certeza daquilo que está a fazer?” questiona o homem da CIA.

“Perfeitamente. Fique tranquilo. Os documentos regressarão ao meu poder. É apenas uma questão de tempo.”

“Mas tempo é coisa que temos pouco.” Assevera Barnes apreensivo. “E depois?”

“E depois... Mate-os a todos.”

Em seguida faz uma ligação do telemóvel. “Francesco não me esqueci de ti, Eminência.”



CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

E assim terminou a perseguição imposta a Sarah Monteiro, e demais sobreviventes que, com uma ponta de sorte ou ajuda divina, conseguiu livrar todos da morte certa. Um dia ela virá, sem dúvida, mas, pelos vistos, estava escrito que não seria naquele dia. Sarah Monteiro é a mulher que derrotou JC, o assassino do Papa, nenhum compêndio histórico mencionará tal facto, pois para a história não existe nenhum JC nem João Paulo I foi assassinado, antes morreu de um ataque cardíaco que nem hipótese lhe deu de puxar o cordão, junto à cama, para chamar assistência.

Equilíbrios entre forças poderosas permitiriam este desfecho, desta vez o herói solitário não mata todos os vilões e fica com a mulher. Ainda para mais porque o nosso herói solitário é, ele próprio, uma mulher, acompanhada pelo salvador Rafael, o pai e Marius Ferris, que escaparam ao caminho ignóbil do vale das sombras. É neste panorama que saem para a rua. Rafael em péssimo estado, mas mesmo assim, a amparar, juntamente com Sarah, o capitão Raul que não consegue andar em condições. Marius Ferris logo atrás, mal acreditando na sorte. Todos os outros, Geoffrey Barnes, Staughton, Thompson, o servo, o assistente e o Mestre, assistem impotentes ao desfile de saída. Falta neste cenário o motorista que servia o servo que, entretanto, foi dispensado. Falta também a batalha final em que os heróis anulam todos os vilões, mas isto não é um filme ou uma história de ficção normal, é antes a realidade a desfilar. Barnes não terá o gosto de poder exterminar Jack da face da terra. Frustrações que serão mantidas e alimentadas como muita gente que as tem e não tem outro remédio senão conviverem com elas.

“Levem a carrinha” ordena Geoffrey Barnes. “Depois alguém a irá recolher.”

E é Rafael quem conduz o veículo dali para fora, de encontro ao emissário do Vaticano, que os acompanhará ao local onde estão depositados os valiosos documentos e os guiará em segurança para fora do país. Ou pelo menos assim

pensa a maioria dos ocupantes desta carrinha, ainda que não seja um pensamento partilhado unanimemente. Raul Brandão Monteiro agarra-se ao seu ferimento deitado no banco de trás da carrinha, a cabeça pousada no colo da filha.

“Alguém percebeu alguma coisa?” quem pergunta é o contido Marius Ferris que se ouve falar pela primeira vez, denunciando um timbre melodiosamente radiofónico ainda agitado.

“Isso gostava eu de saber.” Atalha Rafael enquanto conduz, ainda dorido da tareia que levou. “Percebeu alguma coisa, Capitão?”

O rumorejo da resposta é detido por Sarah.

“Muito simples. Enquanto estivemos no Hotel Altis, em Lisboa, liguei para o Vaticano e expliquei-lhes a situação. O homem que me atendeu foi muito simpático, mas não fez promessas. Exigiu que eu lhe enviasse uma prova do que estava a dizer, o que fiz na hora.”

“Como?” pergunta Rafael curioso com a explicação. Tudo feito nas suas costas, durante o duche.

“Enviei os dois documentos por fax.”

“E depois?”

Sarah não simpatiza com a entoação inquisitiva de Rafael. Não parece satisfeito por ela ter resolvido o problema e salvo a vida a todos.

“Depois o homem pediu que enviasse os originais imediatamente para o Vaticano e pedi ao recepcionista que o fizesse.”

“E depois?” insiste Rafael.

“E depois ele voltou a frisar que não faria qualquer promessa, mas que me garantia que o assunto seria entregue a quem de direito, apesar de terem elementos no terreno a perscrutar o caso.”

“E isso coloca-nos aqui e agora.” Conclui Rafael.

“Exactamente.”

Rafael olha pelo retrovisor para o pai de Sarah. “Que lhe parece, Capitão?”

O oficial tenta articular algumas palavras, mas o que se ouve mais nitidamente é um *ci... ci...*

“O que estás a tentar dizer? Não te esforces.” Recomenda Sarah.

“Ci... ci...”

“Uma cilada.” Completa Rafael. O militar anui.

“Uma cilada? Como?” grita Sarah enervada com a certeza com que os dois homens concordam. “Dizem isso só por ter sido eu a resolver o problema?”

“Claro que não.” Afirma Rafael peremptoriamente.

Raul aperta o braço à filha como que a dizer para escutar Rafael.

“Ouça, o Vaticano não age dessa maneira. Usam tácticas sub-reptícias. Acredite que nunca iriam fazer um ultimato desse género, ainda mais só para nos safarem.”

“Está a dizer que a P2 interceptou a chamada?”

“Não.” Olha para o Capitão no banco de trás, apoiado em Sarah. “Não sugiro nada disso. Apenas que permaneçamos atentos e não cantemos vitória.”

“Acha que eles vêm atrás de nós?” pergunta o sacerdote Marius Ferris preocupado.

“Isso é fácil de saber.” Informa Rafael. “O Waldorf fica para norte... vamos sair da rota. Capitão, que me diz irmos a um hospital tratar desse ferimento?”

Rafael guina à direita na primeira oportunidade e acelera a carrinha fingindo uma fuga pelo meio da tumultuosa baixa de Manhattan de início de tarde. Não demora mais do que meio minuto, trinta míseros segundos para que três veículos do departamento de polícia de Nova Iorque se entreponham no seu caminho com as luzes acesas. Não os mandam parar, pelo contrário, dois posicionam-se atrás e o terceiro à frente, abrindo caminho pelo meio do trânsito.

“A NYPD escoltá-los-á ao vosso destino em segurança. Por favor, acompanhem-nos.” Ouve-se a recomendação pelo altifalante de um dos carros.

“Que gentileza.” Exclama Rafael com ironia. “Agora diga-me, foi o Vaticano que nos enviou esta escolta?”

Pode muito bem ter sido. Pensa Sarah. Os documentos valem bem essa protecção, ainda que seja doloroso aceitar que papéis antigos subjugam a valia de uma ou várias vidas humanas. “Supondo que tem razão, qual o interesse em fazerem este teatro todo? Imagine que conseguimos fugir. O que ganham eles com isso?”

“Por muito que tentássemos não conseguiríamos despistá-los. Devemos ter vários satélites em cima de nós. Não temos os meios necessários para os anular. Além disso, a carrinha é deles. Está equipada com todos os dispositivos de

detecção possíveis e imaginários.” Aclara Rafael. “Quanto ao teatro, julgo que o velho, no fundo, sabe muito bem o que faz. Apesar de tudo a nossa situação não melhorou nada.”

“Não parece. A sua *certeza* apanhou-o muito depressa.” Conclui Sarah com uma nota evidentemente sarcástica.

“Não tens... não tens as peças todas para... para poderes completar o puzzle, Sarah” diz Raul.

Sarah vira-se para Rafael. “*Okay*, então, senhor do puzzle, diga-me o que vamos fazer?”

“Nada.”

“Como nada?” É Sarah e Marius Ferris quem perguntam.

“Por acaso vê alguma saída?” Rafael ignora Marius Ferris e olha directamente para Sarah. “Mas agradeço-lhe sinceramente o ter-me proporcionado mais meia hora de vida.”

“Santa Maria, Mãe de Deus.” Pronuncia Marius Ferris murmurando o sinal da cruz e tentando aquietar o pânico.

“Isto é tudo completamente surreal.” Desabafa Sarah. Tudo aquilo desafia a mais elementar lógica. Como é que alguém no seu juízo perfeito deixa um grupo de suspeitos quase à solta pelas ruas de Nova Iorque. Não pode ser. Não é lógico. “Desculpem-me mas não consigo acreditar na vossa teoria.”

Marius Ferris deixa a ladainha silente para escutar os pensamentos de Sarah sobre o tema. Há que se agarrar à esperança, as suas preces terão sido ouvidas. “Continue, por favor.” Insiste ele, uma vez que ela não se decide a continuar a discorrer sobre o tema, provavelmente porque aquela expressão pretendia marcar o ponto final na conversa e não uma argumentação oposta.

“Não tenho muito mais para dizer, senhor padre.” Esclarece ela. “Não me parece credível a situação que estão a pintar. Isso significa que eles não acreditam que os papéis estão no Vaticano?”

“Exactamente. Eles sabem que não estão. A Sarah não é a única a ter contactos na Santa Sé.”

“Pois pareceram ter acreditado.” Aquilo continua a não entrar na cabeça de Sarah. “Isto para mim é uma grande confusão. Na sua opinião, quem é que lhes ligou a dar o ultimato?”

“Ninguém.” Responde categórico. Em seguida muda o tom imperativo para o da conjectura para não esfriar completamente as esperanças dela. “Mesmo partindo do princípio que há um ultimato, eles não o acatariam. E não estou a ver o Vaticano a importar-se com isso. E como explica a escolta?”

Pois, isso não consigo explicar, profere Sarah a si própria, mas... “Tenho a informá-lo que o ultimato não é nenhuma conjectura.”

“Como é que pode ter tanta certeza?”

“Não tem as *peças* todas para completar o *puzzle*?” pergunta em tom de desafio. “Já agora, acha que não vamos encontrar nenhum emissário?”

“Oh, não. Nada disso. O emissário estará lá.”

“Então não percebo.”

“Duvido é que alguma vez tenha colocado um pé na Praça de São Pedro ou no Palácio Apostólico.” Completa.

“Bem, joguei os meus trunfos” é a resposta de Sarah. “O que for será.”

Trocam olhares durante alguns segundos, poucos, porque Rafael tem a espinhosa tarefa de conduzir, mas denota-se preocupação em ambos, se cada um por si ou um pelo outro, essa é uma questão que se quedará sem resposta, por ora.

Minutos depois entram na Park Avenue com toda a pompa. Os veículos acomodam-se o melhor possível à sua passagem, os transeuntes andam nas suas vidas desinteressados, se fossem desviar o olhar a cada ruído de sirene, bombeiros, polícia ou ambulâncias, não fariam outra coisa o dia inteiro. Detêm-se no número 301 da dita Avenida, a morada do insigne hotel Waldorf-Astoria, albergue de inúmeras figuras históricas de todas as áreas ao longo de mais de um século. O art-deco predomina em todas as suas reentrâncias propiciando a elegância e o *glamour* de um dos hotéis de referência do mundo.

Com dificuldade, Raul senta-se no banco. Marius Ferris é o primeiro a abrir a porta e só não coloca um pé de fora porque alguém a fecha com força do lado de fora. Um homem vestido de negro que não rememora de lado algum.

“As minhas desculpas. Sua Eminência não deseja ser acompanhado em cortejo por todos.” Informa o homem pela janela do vidro de Marius Ferris.

Rafael aproveita para fitar Sarah e com a boca formula uma frase em silêncio para que ela a leia nos seus lábios. *As peças do seu puzzle conferem?*

Sarah não responde porque não percebe. Rafael faz-lhe sinal para se acercar e repete a mesma frase em surdina. Sarah não responde, desta vez deliberadamente, mas não disfarça o desassossego e o nervosismo.

“Só a mulher pode vir.” Conclui o homem.

Sarah pega na mão do pai com ternura. “Vai correr tudo bem. Não te preocupes.”

“Vai filha. Eu fico bem.”

O homem abre a porta a Sarah e esta sai para fora da carrinha. Depois escolta-a prontamente para o interior do hotel. Rafael também sai do veículo. É imediatamente interpelado por outro homem. Um calmeirão.

“Não ouviu o que o meu colega disse?” pergunta com ferocidade.

“Ouvi.”

“Então é melhor voltar para dentro da carrinha.” Aconselha, aproximando o monte de carne musculada de Rafael.

“Infelizmente não pode ser. Vou ter de ir com a mulher.” Assevera decidido.

“Entre dentro da carrinha.” Ordena o homem. “Não voltarei a avisá-lo.”

“Não posso. Sabe porquê?”

“Tenho cara de quem está interessado em saber?”

“Se não está, devia estar...” um instante de mudez para dar ênfase às palavras “É que eu sou o único que sabe a localização dos papéis...” mais dois segundos para elas encaixarem na mente limitada do calmeirão “A mulher não sabe nada.”

Em menos de um *Ai* o homem leva a mão à boca e notifica os seus superiores.



CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

“Vai-me contar ou não?”

“Contar o quê?”

“O que omitiu?

“Omiti?”

“Quer que seja mais directo? O que mais andou a planear nas minhas costas?”

“O que o leva a pensar isso?”

“A peça do puzzle, lembra-se?”

“Se me contar qual é a peça que falta no seu puzzle, talvez pondere contar-lhe a minha, partindo do princípio que existe.”

“Da minha parte não falta nada.”

“Não?” reflexão momentânea. “Então da minha também não.”

Escusado será dizer quem são os intervenientes da conversa, já os topámos há muito. Rafael e Sarah Monteiro, sentados num Range Rover preto, a caminho da localização dos papéis, segundo quem diz saber onde estão.

Claro que mal o calmeirão, ainda junto à carrinha que os levou ao Waldorf-Astoria, informou os superiores de que a mulher nada sabia, recebeu logo ordens para levar Rafael à presença de Sua Eminência no átrio do hotel. Rafael chegou junto do bispo, por sinal autêntico, de nome Francesco Cossega, e, vá-se lá perceber os actos dos homens, acto instintivo, ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

“Deus te abençoe, meu filho.” Resposta natural de bispo verdadeiro.

“Sua Eminência é o emissário de Sua Santidade?”

A pancada deve tê-lo afectado. Cogita Sarah, mal reconhecendo Rafael. *O*

que é que ele terá na manga.

Mas o que quer que fosse ainda não aconteceu.

“Estão seguros na minha companhia, meus filhos.” Depois olhou Rafael claramente nos olhos. “Vais levar-me até aos documentos?”

“Com certeza, Eminência.” Respondeu Rafael expeditamente. “Gostaria de pedir que deixasse ir embora os dois homens que estão lá fora na carrinha. Um precisa de tratamento médico.”

E tu de tratamento psicológico urgente. É Sarah a pensar novamente.

“Claro.” O purpurino acenou com a mão para um dos vários assistentes presentes em seu redor que, ao sinal, saiu prontamente para o exterior.

Assim se explica que estejam sentados no banco de trás do grande Range Rover preto com direito a motorista, não destoa do resto dos serviçais com o indispensável fato preto, enquanto o bispo os segue num Mercedes topo de gama, blindado e de vidros fumados, pois nunca se sabe quando pode surgir o próximo terrorista árabe anti-católico. Coloque-se os olhos no que aconteceu ontem em Londres.

O destino é o número 4 de Pennsylvania Plaza, assim confidenciou Rafael a Cóssega no átrio do Waldorf como se estivesse a oferecer o elixir da eterna juventude. Não viram a carrinha com o pai e o Marius Ferris no exterior do hotel, mas nem ele nem ela têm ilusões. Rafael sabe que ainda não estão mortos. Servem para pressionar Sarah, pelo menos o pai. Esta gente é tão previsível.

“Como é que chegou à conclusão de que é nessa morada que estão os papéis?” pergunta Sarah em voz baixa. Não quer que os matulões da frente participem na conversa, nem que seja com os ouvidos.

“Logo verá.”

“Conhece este bispo? Parecia muito abnegado perto dele.”

Rafael demora a responder. “Nunca o tinha visto. Mas um bispo é um bispo. Temos de mostrar respeito.”

“Acha que ele de facto está a soldo do JC? Parece tão dedicado à Igreja.”

“Penso que o Cóssega despoletou isto tudo.”

“Como assim?”

“Ainda não sei. São meras especulações da minha parte.”

Conservam-se calados durante alguns momentos até o seu destino estar a

poucos quarteirões.

“Escute” anuncia Rafael em voz baixa, pegando gentilmente no braço dela a clamar atenção, “Preciso que fique quieta à minha beira até eu mandar. Se não estiver perto de mim não vou poder protegê-la.”

“O que está a planear?”

“Ainda não sei.”

“Como ainda não sabe? Vai negociar a nossa liberdade em troca dos papéis?”

“Na altura logo verei.”

“Sabe que mais?” conclui Sarah enervada. “Deixe as negociações comigo.”

Rafael fica atónito, mas não tem tempo de a interpelar sobre o assunto pois os veículos chegam ao destino. Todos os ocupantes saltam para o exterior e entram no enorme edifício que se espraia à frente deles… o Madison Square Garden.

*

O complexo está esvaziado dos milhares de fãs dos New York Nicks que costumam esgotar o recinto. Para além de alguns empregados que vigiam e fazem a manutenção do local, não há mais ninguém há vista.

“Lidere o caminho.” Solicita ou ordena o bispo Francesco Cossega, não dá para depreender qual dos dois modos é empregue no tom de voz do anafado purpurino. Mas compreende-se. É Rafael quem diz saber onde residem os documentos, por isso, nada é mais lógico do que conduzir o cortejo de cinco homens e uma mulher. E se dúvidas houvesse quanto à idoneidade do Bispo, estas seriam prontamente afectadas mal se visse o motorista e o navegador que conduziram o Mercedes topo de gama no encalço do Range Rover. Nada mais do que o bem conhecido agente Jeronimo Staughton e o agente Thompson.

“Não precisam de se preocupar mais. Estão a fazer o correcto. Ninguém voltará a incomodar-vos, garanto-vos.” Lembra o bispo.

Algo na voz dele transmite segurança a Sarah. Gostava que fosse um bom homem. Um verdadeiro homem de Igreja e de fé. É uma pena que ele jogue do lado errado da barricada, ainda que esteja muito compenetrado no seu papel complacente de salvador, ignorando que eles já o toparam há muito. Reconhece que aquele só pode ser um plano arquitectado pelo velho JC que conheceu há

pouco. E há que dizer que o plano é bom e seria provavelmente bem sucedido se ela, também neste caso, não soubesse mais do que isso. Pode ter entrado em despique com Rafael durante a viagem para o Waldorf, mas apenas porque lhe irrita a maneira como ele consegue, assim como ela, farejar o cheiro a esturro.

Rafael encaminha o grupo por um amplo corredor, em direcção a nenhures, embora não pareça, quem o veja reparará na plena exalação de confiança que transpira pelos poros, a perfeita manifestação de quem sabe o que quer o onde está. Porém não são necessárias grandes explanações para patentearmos um factor incontornável, não é aquela a morada correcta dos papéis.

"Ainda falta muito?" pergunta o Bispo que já ostenta algumas gotículas de sudação na testa.

Rafael nem se dá ao trabalho de responder.

"Faz alguma ideia do que está a fazer?" questiona, por sua vez, Sarah em voz baixa, ao lado dele.

"Ainda não." É a resposta precária que dá enquanto continuam a caminhar pelos amplos corredores de acesso às bancadas. "Continuemos. Alguma coisa se há-de arranjar."

"A coisa pode ficar feia se de repente encontrarmos uma parede ou dermos uma volta completa ao estádio." Adverte ela. Depois pergunta aquilo que mais a consome no momento. Poderia ser algo sobre a morte que está para breve ou o pânico com que já se habituou a conviver, mas não. O motivo da apoquentação é outro e bem simplório a comparar com o estado a que a sua vida chegou. "O que é que o leva a pensar que este Bispo é falso?"

Rafael ri. "Este Bispo não é falso."

"Não?"

"Não. É o Francesco Cossega. É mesmo Bispo. O que é falso é todo este teatro de se fazer passar como um emissário da Santa Sé."

Sarah reflecte poucos segundos. "O que é que o leva a pensar que ele não é o emissário de Roma?"

Rafael hesita antes de responder, mas depois olha-a nos olhos. "O facto de ser eu o emissário de Roma."

"O quê?" o guincho dela é bem mais alto do que o tom quase surdo em que conversam. *Isto explica muita coisa.* Pensa. Se houvesse tempo iniciar-se-ia agora uma grande discussão sobre omissões e mentiras, mas a situação clama

por recato.

“E você?” é a vez de Rafael perguntar.

“Eu o quê?”

“O que é que a leva a pensar que o Bispo não é o emissário do Vaticano?”

“E o que o leva pensar que eu penso isso?” uma pergunta em resposta a outra pergunta nunca é salutar. Mas é uma daquelas questões que deixa Sarah enervadíssima por ele ser tão perspicaz. O enrubescimento é reflexo disso mesmo, ao qual se pode juntar o facto da recente revelação. O Rafael, o salvador, o temido Jack Payne das fileiras da CIA e da P2 é o emissário de Roma. Que outros segredos ocultará? Quantas caras terá este camaleão em forma humana?

“Não quer responder, não responda.” Induz Rafael a encerrar a conversa.

“Não. Tudo bem. Não tenho problema em responder.”

Não tarda, aflora à frente deles uma entrada com uma porta em duas folhas que se abrem para os dois lados para facilitar as saídas de emergência. Rafael abre uma e Sarah a outra e mantêm-nas abertas para deixar passar os que vêm atrás. O afadigado Bispo em primeiro lugar com os seus passos pesados e um lenço a limpar o suor do rosto. O primeiro assistente logo a seguir ao prelado com ar controlador. O agente Thompson, o segundo, tomba de costas ao levar em cheio e traiçoeiramente com a porta que Rafael segurava. A força foi tal que o homem caiu agarrado ao rosto. Ao ver a falta de acção de Sarah, que não contava com aquela reacção, coloca a mão na porta que ela segura e lança-a com força contra o terceiro homem, Staughton, que já está avisado e coloca as mãos à frente. Não resulta com a porta, mas um murro é outro assunto, e um bem assente no queixo deixam-no caído e inanimado. Pobre Staughton.

O Bispo e Thompson só agora olham para trás. Tarde demais, pois Rafael já pegou na mão de Sarah e fechou as portas, deixando-os do outro lado. O homem que caiu primeiro tenta levantar-se, mas um pontapé atira-o novamente contra o chão. Sarah fica assoberbada com o seu gesto. Não é seu hábito pontapear as pessoas, mas... *Que se dane. Mereceu-o.* Pensa.

“Tire-lhes as armas.” Ordena Rafael enquanto segura a porta.

Começam a ouvir-se tiros do outro lado da porta, mas que apenas amolgam a chapa. Sarah entrega uma arma a Rafael e guarda a outra na parte de trás das calças. Do outro lado da porta regressa o silêncio. Thompson deixou de disparar.

“E qual é a resposta?” agarrado à porta, Rafael retoma novamente o assunto.

“Não pode esperar?”

“Claro.” Anui o emissário de Roma. “Esconda-se ali atrás.”

Entenda-se por tal, uma máquina de venda automática de *Coca-Cola*. Antes de cumprir o pedido põe os olhos num extintor ao lado das portas. Faz menção de pegar nele, nunca se sabe, pode vir a ser útil.

“Deixe isso” impacienta-se Rafael. “Você e os extintores. Já vimos que não são o seu forte. Faça o que lhe disse.”

Sarah lança-lhe um olhar colérico.

“Se faz favor.” Completa Rafael.

Thompson consegue finalmente abrir uma das portas, empurrando-a muito lentamente. A arma empunhada, pronta a disparar. Os dois colegas estão deitados no chão, fora de jogo, e não se vê mais ninguém. O Bispo aguarda a uma distância segura que o subordinado, zelador da sua segurança, dê luz verde para avançar.

Uma lata de *Coca-Cola* voa zunindo rente à cabeça de Thompson. Nesse décimo de segundo em que se virou para trás, a porta desfecha-se sobre si com força apanhando-o desprevenido. Uma vez aninhado é facilmente neutralizado por Rafael, mas não letalmente. Resta um Bispo aflito.

“Estou à espera.” Volta à carga Rafael.

Sarah sai de trás da máquina de venda automática e apalpa a terceira vítima em busca de mais armas. Rafael admira os gestos. Parece que ela toda a vida fez aquilo. Em seguida pega na arma que caiu da mão de Thompson, guardando-a também atrás das calças e findas estas tarefas cruciais olha Rafael nos olhos. “É muito simples. Na verdade, na verdade, nunca liguei para o Vaticano.”



CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

“Trate de começar a explicar-se.” Exige Rafael, caminhando com Sarah no meio das cadeiras das bancadas do Madison Square Garden. O Bispo vai à frente, com Rafael a empurrá-lo de quando em vez para mostrar que está atento.

Em baixo, o recinto onde o basquetebol é estrela. Vazio de vida, apenas o encerado do pavimento, as marcações nas várias cores, as tabelas e os cestos e o enorme painel televisivo quadrado suspenso bem acima da superfície de jogo. Neste momento está apagado, mas ganha vida quando estas cadeiras estão totalmente preenchidas com os amantes do desporto. Emite sorrisos, discussões, palavras e incitação, insultos, o resultado, o tempo que resta dos vinte e quatro segundos com que cada equipa pode construir uma jogada... mesmo assim, todo aquele complexo exaurido de alegria é magnífico.

É uma pena que Rafael e Sarah e o próprio Bispo não possam usufruir da plena calma do espaço. O plano que Rafael não programara resultou até ao momento. Pelo menos estão livres para negociar.

“Explicar o quê?” perquire Sarah calmamente.

“Como é que não... fez... o que disse que tinha feito?” entenda-se este modo confuso de perguntar como a intenção dele de não mostrar ao Bispo o motivo da conversa. Ao fazê-lo lançou a Sarah olhares nesse sentido que ela muito bem compreendeu.

“Não fiz.” Responde irritada. “E quem é você para me exigir explicações se também nunca me contou... o que é... fora o que eu ainda não sei?”

A argumentação dela é válida. E Rafael deve ter pensado o mesmo. “Havemos de voltar a conversar sobre isto com mais calma” diz.

“Oh. Como anseio por esse momento.” Afirma ele entre o irónico e o sério.

“Acham mesmo que vão sair daqui com vida?” é o Bispo quem fala num tom

enfatuado demais para o seu papel de refém.

“Vamos todos fazer por isso, não é Eminência?” responde Rafael.

“O vosso fim vai ser igual ao de Firenzi e dos outros todos.”

“Como é que consegue servir a Deus, sendo um diabo?” Pergunta Sarah repugnada.

O prelado não se digna a responder à remarca.

“Mas já que fala nisso, Francesco, sacie-me uma curiosidade, cheira-me que tudo começou por sua causa.”

“Tudo o quê?” o Bispo pára e olha para trás. Quer encarar Rafael.

“Tudo. As mortes, nós estarmos aqui, por exemplo.”

Que raio de raciocínio vem a ser este? Matuta Sarah interessada e perplexa.

O homem da Igreja vira-se para frente e não responde.

Mas Rafael continua com o seu razoamento. “Repare, o Firenzi encontrou os documentos. Não é grave, pois ninguém daria pela falta deles. Estavam nos Arquivos há quase trinta anos. Creio que num lugar bem escondido onde só um acaso os revelaria. O facto dele os encontrar, só por si, não colocava a vida dele em perigo.”

“Cale-se. Não sabe o que está a dizer.” Ordena o Bispo azedado com o teor da conversa.

“Continue.” Pede Sarah. “Conclua o seu raciocínio.”

“A única maneira do Firenzi se tornar um alvo era contar a alguém que o pusesse em risco. A um amigo. A um Bispo, por exemplo.”

Será que foi assim? Pergunta-se a jovem. É uma teoria plausível, sem dúvida. Só alguém muito chegado ao padrinho o poderia denunciar. Alguém a quem ele tivesse confidenciado o teor da descoberta. Mas isso não quer dizer que tenha sido este Bispo concretamente.

“Confirma, *Eminência?*” nota sarcástica na locução Eminência, imposta na pergunta formulada por Sarah.

A ruborização do prelado denuncia mal-estar, contudo, só por isso não se pode culpar um homem.

“Balelas” exclama por fim. “Não conhecia o Firenzi assim tão bem.”

Nisto, a amena conversa interrogatória é interrompida por um interlúdio

musical que enche o estádio. Seis notas dispostas de maneira bem conhecida, e que formam uma trilha sonora que costuma animar os momentos que antecedem os jogos, assim como os intervalos. O som preenche todos os recantos do complexo até ser cortado por uma tosse seca.

“Não acham que é cedo para abandonarem o jogo?” A voz bem conhecida de Geoffrey Barnes.

Rafael empurra vigorosamente o Bispo. “Siga para a frente.” Ordena.

Aceleram o passo pela fila de cadeiras num dos topos do estádio.

“Alto.” Anuncia a voz de Barnes nos altifalantes. “Onde pensam que vão?”

Uma rajada de metralhadora faz-se sentir mesmo nos bancos em frente ao Bispo Francesco Cossega que o faz parar e aninhar-se com as mãos na cabeça. Caem detritos em cima dos três fugitivos, ainda que um seja compelido a sê-lo.

“Não tomem atitudes precipitadas.” Aconselha a voz.

Logo em seguida, de uma das entradas no mesmo nível em que eles estão surgem três homens que avançam para eles lentamente. A cadência é comandada pelo velho de bengala com cabo em forma de cabeça de leão, não outro senão o Mestre, a arquejar devido ao esforço a que está a ser submetido, segue-o o assistente e o servo.

“A menina Sarah comportou-se muito mal.” Admoesta o velho a custo.

O espaço entre as filas de cadeiras permite apenas a passagem a uma pessoa de cada vez. Ao chegarem a esse corredor o assistente acha por bem ir à frente de JC, para não ser o Mestre a ficar desprotegido.

“Eu?” balbucia Sarah. Mais não consegue dizer. Sabe que eles já descobriram a trama que elaborou.

O servo opta por contorná-los algumas filas acima e aproxima-se por trás dela.

“Desculpa, JC.” Pronuncia o Bispo baixando a cabeça.

“Acabou-se o jogo.” Profere o assistente enquanto o velho não recupera a respiração.

De repente, um holofote incide sobre dois vultos na bancada do outro lado do estádio. A distância não permite reconhecer as pessoas. Talvez em atenção a isso, o grande painel informativo que pende sobre o meio campo liga-se sem aviso. No ecrã torna-se percebível a identidade dos dois homens. Um agente com uma arma apontada à cabeça de um Marius Ferris encolhido.

“Que vos parece? Suficientemente apelativo?”

“Isto no dia dos jogos deve ser magnífica” exclama Rafael. “Não acham?”

Sarah está de tal forma alerta em relação ao servo que se aproxima por trás que mal desvia o olhar para o enorme ecrã. Nele estrela um Marius Ferris que foi certamente torturado, as mazelas visíveis no rosto são disso prova, mas nada contou sobre a localização dos papéis ou não estariam ali todos reunidos. Na verdade, Sarah está de costas para o centro das atenções, totalmente reservado ao assistente, a Rafael e ao Bispo que se encontra entre os dois e não tem por onde escapar. O velho JC continua a sua recuperação lenta, mas que já lhe permite tomar conta das rédeas da operação.

“Talvez o outro incentivo seja mais convincente” alerta ele com o fôlego praticamente ordenado.

Um outro holofote incide sobre outros dois vultos. Sarah não necessita de olhar para o painel para reconhecer o pai. Quem mais poderia ser? Contudo não resiste a desviar o olhar para atentar a sua condição. Aparentemente está como quando o deixou na carrinha à porta do Astoria. Dorido do ferimento que lhe vazou a parte lateral do tronco e o deixa incapacitado, mas nada mais a acrescentar, à excepção do cano frio da arma encostada à sua têmpora direita.

É o fim. Pensa para si. Os trunfos que tinha na mão esvaíram-se, restando apenas algumas cartas sem valor para se digladiar.

Farejando a sua preocupação, o servo aproxima-se cada vez mais. Três pequenos passos os separam.

“Agora quero todos os papéis na minha mão” ordena o velho, vitorioso. “Pensavam que me venciam? Nem os grandes deste mundo, quanto mais vocês.”

Sarah sabe que nada mais pode fazer. Rafael terá de contar a localização dos documentos. Não que isso tenha influência no desfecho final, as armas encostadas às cabeças de Marius Ferris e do pai dispararão impiedosamente, assim como as que ainda não estão à mostra sobre Rafael e Sarah, mas não aguenta ver mais pessoas a sofrerem por aquilo. O Valdemar Firenzi, o padre Felipe, o padre Pablo, sem contar com os danos colaterais. Eles serão mais alguns a acrescentar ao rol de vítimas e não tirarão um segundo de sono àqueles homens hediondos. Está nesta catadupa pensante quando sente umas mãos agarrarem-lhe a cintura pelos dois lados. São as mãos de Rafael que a puxam de encontro ao corpo dele. Não percebe a ideia de Rafael, mas é uma sensação boa, naquele mar de medo e desespero é um gesto que lhe dá, apesar de tudo, uma ínfima sensação de protecção. Costas com costas, nádegas com nádegas, alguma coisa estará a preparar, ou será apenas uma despedida? Dizer adeus com um

toque, já que não é o momento ou não se tem a coragem de pronunciar em voz alta.

“Sabe perfeitamente que morreremos todos antes de contarmos a localização dos papéis.”

“Pode até ser,” concorda o velho. “Mas se todos morrerem não terei com o que me preocupar, pois não? Se ninguém souber deles não terei o que temer” acrescenta ele.

“Não creio que goste de confiar na sorte” ataca Rafael.

Sarah sente uma mão apalpar-lhe as nádegas. Sobe um pouco até encontrar uma das armas que guarda entre as calças e a pele. Por momentos pensou que ele ia dar-se a algumas liberdades. Apesar de breve soube-lhe bem. Em seguida, sente um objecto frio entrepôr-se entre o seu braço e o tronco. É a arma que deu a Rafael quando anularam os outros três. Não é uma despedida. É um plano.

“Não me conheces, Jack.”

“Nem você a mim.”

“Acabemos com esta palhaçada” é o assistente quem fala. “Assume a tua derrota e salva os teus companheiros de luta.”

“Vou salvá-los. Não te preocupes. Mas não da maneira que pensas.”

São dois tiros. Três, quatro, cinco, seis, até que se torna num tiroteio breve e cessa tão rapidamente como começou.

Passa-se a explicar em câmara lenta para que se compreenda o fundamental da cena. Rafael deu dois tiros ao mesmo tempo, um através da arma escondida entre o braço e o tronco de Sarah, que se alojou no peito do servo que caiu desamparado com uma expressão de espanto no rosto. O segundo tiro com a arma que tirou a Sarah furou as vestes do Bispo Cossega e alojou-se na perna do assistente. Os restantes tiros foram da autoria de Sarah, empunhando a arma que ainda lhe restava, em direcção aos homens que mantêm reféns o pai e Marius Ferris. Esses dois ripostaram, mas não houve quaisquer vítimas.

O resultado final salda-se em um morto e um ferido e a troca de papéis entre controladores e controlados.

“Você é maluca? Podia ter atingido o seu pai ou o padre” protesta Rafael com a arma ainda apontada ao assistente.

“Foi só para espantar.” Desculpa-se ela a tremer.

Os homens do outro lado da bancada retomam as suas posições encostando as

armas às têmporas dos respectivos reféns.

O velho segura o assistente e grita. “Nunca presenciei tanto amadorismo. Ninguém sabia que eles estavam armados?”

“Eu sabia” informa prontamente o Bispo Cossega.

Um tiro fulminante atinge-o no peito. A surpresa no seu rosto é total e absoluta. “Porquê? Eu entreguei-te o Firenzi.” E cai pelas cadeiras das bancadas abaixo com grande estrondo.

“Odeio incompetentes” protesta o velho, apontando agora a arma para Rafael e equilibrando moderadamente o jogo, já que o emissário de Roma tem duas apontada a ele. “Pensas que tens hipóteses de sobrevivência, rapaz?” pergunta numa voz que não passa de um sussurro maldoso.

“Tenho os meus trunfos.”

“Tu não tens nada.” riposta o velho. “Agora já não tens nada. Com ou sem os papéis, falando ou permanecendo calados, vais morrer...”

A tosse seca de Geoffrey Barnes inunda todos os recantos do complexo. “Há uma chamada para si” informa.

“Para quem?” pergunta o velho sem desviar os olhos dos de Rafael.

“Para si” responde Barnes.

“Quem é?”

“Uma mulher.”

“Uma mulher?” O velho parece horrorizado. “Seu idiota, isso não pode esperar?”

“Ela diz que é do seu interesse. Acho melhor ouvi-la.”

“Coloque-a em alta-voz e aponte para aqui os microfones.”

Alguns instantes depois ouve-se uma voz feminina. A ligação é intercontinental.

“Está?” profere a voz.

“Quem fala? Despache-se que não tenho muito tempo nem paciência” dispara o velho sem meias medidas.

“Tu cala-te, grande filho da mãe. Vais esperar o tempo que for preciso” responde a voz.

Rafael parece tão surpreso como o velho. Só Sarah abre um sorriso tímido.

“Sarah, estás bem?” É a voz quem pergunta.

“Sim, estou.”

“Quem é que está a falar?” pergunta Rafael em voz baixa.

“Uma amiga” afirma em tom triunfante. “A mesma que lançou o ultimato do Vaticano.”

Esta informação foi recolhida imediatamente pelo velho. “Ah, então é a menina responsável pelo falso ultimato do Vaticano.”

“Já lhe disse para ficar calado. Sarah... Sarah, estás mesmo bem?”

“Estou, Natalie, podes ficar descansada.”

“Natalie?” pergunta Rafael. “Quem é a Natalie?”

A pergunta fica sem resposta.

“Vamos então ao que interessa. Como é que se chama o grande filho da puta que te aprontou isto tudo?” continua Natalie.

“Chama-se JC.” responde Sarah olhando-o nos olhos.

“JC? Jesus Cristo. Que grande cabrão de merda. Bom, então é assim, JC, tenho uma lista em mãos com vários nomes de personalidades públicas, pertencentes à organização P2. Até o cabrão de um Primeiro-Ministro está aqui.”

“O que pretende?” pergunta o velho olhando para o vazio. A arma que tem na mão foi descaindo até apontar agora para o chão.

“Ora, pretendo que liberte a minha amiga e todos os que estão com ela.”

“E o que ganho com isso?”

“Calma, querido. Está com pressa?”

Sarah não consegue disfarçar o riso. Aquela Natalie é impagável.

“Deixe cá ver, a reportagem não passa no bloco informativo da BBC e mando parar a prensa onde está a ser impresso o jornal com as cópias da lista. Que lhe parece?”

Um rubor de irritação tomou conta de todo o rosto do velho. As coisas estão a descambar. Ou já descambaram “E se eu concordar, que garantias tenho que isso não sai cá para fora?”

“Pense, meu caro” prossegue Natalie. “Se a lista for divulgada estamos a assinar a nossa sentença de morte. Portanto, você vai portar-se como deve ser e

libertá-los, e nós cumprimos a nossa parte. Se um dia se portar mal, já sabe o que acontece.”

O velho deixa o assistente entregue a si mesmo e afasta-se alguns passos em tom pensativo. O ferimento do assistente não é mortal e mesmo que fosse, agora pouco importa. Há assuntos mais importantes a tratar. Uma mão trémula coça o queixo enquanto pondera as opções.

“É um bom acordo para todos” continua Natalie, a sua típica pronúncia inglesa a fazer-se ouvir em todo o estádio, como um espírito do além. “E então, temos negócio?”



CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

A NOITE

Os anos de Cristo serão os meus dias. Hoje é o vigésimo quinto dia do meu Pontificado, os anos de Cristo foram trinta e três.
João Paulo I no seu diário, 20 de Setembro de 1978

29 de Setembro, de 1978

Villot providenciara uma entrada serena, sem sobressaltos. Nenhum Guarda Suíço lhe apareceu ao caminho a interpelar das suas intenções. Tão-pouco teria como explicá-las. Villot sabia que para o plano resultar era crucial que nada nem ninguém se intrometesse na sua caminhada até ao terceiro andar do Palácio Apostólico.

O homem conhecia os cantos à casa, o mesmo que dizer que não era novidade para ele o local que pisava. Tivera o privilégio de visitar, por várias vezes, as entranhas da cidade, pelo que, movimentava-se bem e sabia como evitar ser visto, o que ajudou, e muito, ao sucesso da operação. Era do seu conhecimento as rondas e os locais onde costumavam estar os guardas e, à hora que entrou, meia hora depois da meia-noite, já ninguém exterior à Guarda vagueava naquela parte da cidade. Só ele. Villot apenas tinha de se certificar que as rotinas não eram alteradas e, claro, deixar as portas abertas.

Tudo se conjugou para que chegasse, facilmente, ao terceiro piso, mesmo ao lado da porta do quarto do Papa.

O corredor estava iluminado por fracas luzes pontuais, o que conferia uma atmosfera sinistra e medonha ao local. Um fino fio de luz provinha debaixo da porta, o que indicava que o santo Padre ainda estava acordado. Provavelmente, a

trabalhar nas mudanças que tantas pessoas aterrorizavam. O facto dele estar desperto modificava um pouco a execução do plano. O efeito surpresa seria completo se estivesse a dormir, uma vez que levaria o seu tempo a conseguir reagir, assim não. Ponderou esperar que adormecesse, mas ao fim de dez minutos fartou-se. Tinha de ser mesmo com ele acordado. Entraria e anularia qualquer reacção, rapidamente. Depois do sujeito estar dominado seria fácil concretizar o resto.

Aproximou-se da porta, colocou a mão enluvada na maçaneta e aguardou uns instantes. Desarmou possíveis impulsos e deixou a adrenalina fluir. Não era a primeira vez que fazia aquilo, matar, e não seria a última, mas era o primeiro Papa e, com certeza, o último. Sim, porque se não fosse era sinal de que as coisas não se iriam compor. O reinado de João Paulo I iria terminar dentro de momentos.

Abriu a porta de rompante e entrou. A surpresa foi imediata, a do intruso. Albino Luciani estava encostado à cabeceira da cama a escrevinhar um papel, e não levantou os olhos para ver quem entrou àquela hora da noite, sem bater ou pedir autorização para tal.

“Feche a porta.” Limitou-se a dizer, continuando concentrado na escrita.

O intruso, que conhecemos na sua idade avançada, suportado por uma bengala com cabeça de leão a ornar o cabo, cujo cansaço tornava a respiração roufenha a lembrar o asmático e ostentava o nome JC, não necessitava de nenhum suporte, naquela madrugada de 1978. Respirava jovialidade e profissionalismo, se assim se pode dizer de um homem que tinha como objectivo tirar a vida a outro. Seja como for, surpreendeu-o aquela postura de Albino Luciani, empenhado no seu trabalho, completamente indiferente à sua entrada.

Obedeceu ao pedido do Santo Padre e fechou a porta devagar. Seguiu-se um silêncio constrangedor para ele, enquanto o Papa continuava a ignorá-lo. Não era de facto aquela a ideia que tinha aquando do planeamento da noite, alguns dias antes. Viu-se sempre no papel de controlador. Entrar, matar e sair. Aquilo suplantava todas as expectativas. Dava a sensação que costumavam entrar pessoas nos aposentos do Papa durante a noite. Mas as palavras que trocaram a seguir convenceram-no de que não estava diante de um homem qualquer.

“Sabe quais deviam ser as maiores qualidades do homem?” perguntou sempre embrenhado nos papéis.

“Dignidade e honra?” respondeu o intruso em jeito de pergunta, como um aluno a um professor, na esperança de ter acertado.

“A dignidade e a honra vêm por acréscimo” explicou o Papa.” As maiores qualidades deviam ser a capacidade imensa de amar e de perdoar.”

“O senhor cultiva essas duas qualidades?”

“Constantemente. Porém sou Papa e não Deus. A minha infalibilidade é institucional e não pessoal. O que quer dizer que nem sempre me lembro dessas qualidades importantes.” Levantou os olhos pela primeira vez para fitar o seu carrasco e ajeitou os óculos.

“Porque me diz isso?”

“Para que saiba que não o condeno. Amo-o como meu semelhante e como tal perdoo-o.”

Só então o intruso percebeu que Sua Santidade, o Papa João Paulo I estava à sua espera para que ele executasse a missão a que vinha. Aquela revelação complicou um pouco as coisas na sua mente, mas não o suficiente para o fazer recuar. Colocou uma almofada sobre o rosto de Albino Luciani e pressionou. Aqueles segundos foram os mais longos da sua vida. Matar um homem que a morte não conseguiu enganar. Saber que debaixo da almofada estava alguém que não pediu clemência, que antecipou todos os passos e não fugiu. Não que tivesse para onde o fazer, uma vez Papa, Papa até à morte, mas sabia que aquela noite podia ser evitada, bastava recuar na sua ousadia, fechar um pouco os olhos a certas coisas, contudo, não o fez. Manteve-se fiel até ao fim e isso mereceu algum crédito por parte do intruso. Assim que a última réstia de vida largou o corpo do Santo Padre, o intruso endireitou-se. Não se apercebera, mas as lágrimas tinham escorrido pelo seu próprio rosto. Agarrou em Albino e colocou-o na mesma posição em que o encontrara. Encostado na cabeceira da cama. Até os olhos permaneceram abertos. Só a cabeça não ficou erecta e pendeu para o lado direito.

Mais tarde viria a saber que no meio dos papéis que o Papa segurava estava uma cópia de um segredo, previsto pelos videntes de Fátima, em 1917. Anunciava a morte de um homem vestido de branco, às mãos dos seus pares. Nada podia ser mais correcto.

Certificou-se que deixava tudo como encontrou quando entrara no quarto, nem a luz apagou. Depois saiu pelo mesmo sítio. Era a vez de Villot limpar o local do crime.



CAPÍTULO SESSENTA

Este quarto no sétimo andar do Waldorf-Astoria vem mesmo a calhar para descansar o corpo das agruras sofridas nos últimos dias. Nele estão Sarah, acabada de tomar um duche, com uma tolha em redor do corpo. Rafael está deitado com os olhos fechados no merecido repouso do guerreiro.

Antes de ali chegarem deixaram o capitão numa clínica. Era imperativo que ele não esperasse mais, o ferimento exigia-o. Só depois de o terem deixado entregue aos cuidados da equipa médica é que se dirigiram ao **GCT (DI) – NY**. Na verdade, os números entre parêntesis não eram passíveis de substituição. A sua correcta decifração era **GCT (15) – NY**, Grand Central Terminal (15), New York, uma das principais estações da cidade, sita na Rua 42. O número 15 correspondia ao cacifo onde se encontravam os papéis.

Quando abriu a porta do cacifo ali estavam. Amarelecidos pelo tempo, uma preciosidade. As ideias de um homem moderno que interesses mesquinhos detiveram. Uma letra bonita mas firme, empenhada em fazer a diferença, em marcar o seu tempo.

Entregou-os ao emissário de Roma, na pessoa de Rafael.

“Tem a certeza que ninguém nos seguiu?” pergunta a ele.

“Não. Mas de momento é o que menos importa. Temos um trunfo forte sobre eles e não vão fazer nada a céu aberto. Pelo menos, para já.”

“Pelo menos, para já?”

“Sim. Esta gente não esquece. Quando menos esperarmos eles atacam novamente. De preferência a um de cada vez para ser mais fácil e levantar menos ondas.”

“Não é uma perspectiva nada reconfortante.”

“É o preço. Por agora estamos a salvo. O futuro a Deus pertence.”

Já instalados neste quarto do sétimo andar do Astoria, Sarah ligou para a clínica para saber das melhoras do pai e as notícias foram satisfatórias. A perfuração não atingiu qualquer órgão importante. Um mês mais a fisioterapia e recuperará totalmente.

“Se soubesse que era tão fácil dominá-los tinha enviado aquilo para o jornal há mais tempo.”

“E perdia esta diversão toda?” graceja Rafael. “Porque é que disse que falou com o Vaticano?”

“Não é só você que guarda segredos.”

Rafael fita-a como a pedir uma resposta.

“Porque não sabia até que ponto o Vaticano estava envolvido. E também sabia que seria difícil levarem-me a sério. Por isso, arquitectei este plano. Telefonei à Natalie e enviei-lhe os papéis por correio expresso.”

“Arquitectou toda a cena do Madison Square Garden?”

“Não cheguei a tanto. Também não sabia que iríamos lá passar. Apenas pedi à Natalie que encontrasse alguém que se fingisse passar por representante do Vaticano e fizesse esse ultimato. Se tudo corresse bem telefonar-lhe-ia a dizer do sucesso. Como esse telefonema não ocorreu ela inventou o seu próprio esquema” diz Sarah a rir ao lembrar-se da conversa de Natalie com o Mestre.

“Pareceu-me fulcral. Tenho de conhecer essa Natalie.”

“Quando for a Londres, terei o maior prazer em apresentá-los.” oferece-se Sarah pensativa. “Acha que a CIA não vai agir independentemente do velho?”

“Não sei. Mas não me parece. Não têm qualquer interesse nisso e já têm demasiados escândalos para terem de lidar com mais este. Estamos safos.”

“É tão bom ouvir isso.”

Rafael levanta-se da cama. “Importa-se que tome um banho?”

Com certeza que não. “Importa-se que dê uma vista de olhos nos papéis?” pergunta curiosa.

“Fez por merecer, não acha?”

Sarah liga a televisão para saber das notícias do momento, enquanto pega nos documentos amarelecidos que Rafael pousou na mesinha de cabeceira. O Bombardeamento de Londres saldou-se em dezasseis mortos. Já foram detidos

alguns dos suspeitos envolvidos na planificação do atentado. Dezasseis mortos. Mas serão estes números verdadeiros? Talvez devido ao cansaço, aquilo parece-lhe mais longínquo. Como algo que realmente foi perpetrado por forças terroristas muçulmanas e não pelo homem que toma duche no quarto de banho deste mesmo quarto luxuoso. Dezasseis mortos que lhe doem no coração, mas não tanto como quando ainda eram treze no hotel em Lisboa. Neste momento sente a reprovação moral que cada indivíduo civilizado e com plena capacidade mental deve sentir pelo acontecido.

Os primeiros documentos são informações de funcionários do Vaticano e as mencionadas substituições. O mais interessante começa na sexta página e prolonga-se pelas seguintes. Uma longa reflexão sobre o estado da Igreja que leu avidamente e do qual se salientam algumas passagens.

Para espalhar os ensinamentos de Jesus Cristo, Nosso Senhor, é incoerente mantermo-nos sob uma fachada obscura que nos nubla o espírito perante os outros. É incoerente espalharmos a nossa palavra como se fosse a Sua, enegrecendo uma doutrina que se quer aberta aos outros, para que, através da fé, Jesus Cristo comungue connosco, verdadeiramente.

Não se compreende que a Santa Madre Igreja tenha lançado sobre si mesma um manto negro de segredo que destoa da alegria inerente aos ensinamentos do Senhor. Pois a fé é também alegria e confraternização e não a sisudez complacente nos nossos rostos, assim que somos consagrados a Ele no compromisso de espalharmos a sua doutrina, empenhados no sacrifício e sofrimento que nutriu em nosso nome. E que seminarista não é arduamente ensinado a carregar nos ombros o peso da Humanidade pecadora, transformando-se em mais um operário que, não por sua culpa, exulta a importância do amor pesarosamente, do mesmo modo que lê um texto enfadonho só porque a tal é obrigado.

A solução depende de nós que no seio da Igreja vimos reverenciando dogmas antigos que nem mesmo serei capaz de atribuir ao Criador. Ao longo dos séculos, muitos homens se sentaram na cadeira de Pedro como. O império e o tesouro amealhados ao longo de todo esse tempo é incalculável. Atrevo-me a dizer que seremos o Estado mais rico do mundo. Como pode isso ser se a nossa obrigação é para com todos os fiéis? O nosso dever de ajudar o próximo tornou-

se selectivo e estratégico? Todo este legado vem sendo gerido como uma grande empresa? Estamos a falar do legado de Jesus Cristo a Pedro, o Pescador, e que, posteriormente, atravessou a história até chegar a mim?

Reflicta-se sobre um conjunto de questões fundamentais, mas aponte-se primeiro um caminho. O único que existe, o de Nosso Senhor, Jesus Cristo, Nosso Pai. Quantas destas questões podem ser respondidas recorrendo ao Pai? Simplesmente ouvindo os seus ensinamentos e recomendações, pois a todas as perguntas ele respondeu há muito tempo e vem respondendo continuamente? Atrevo-me a dizer que todas as perguntas já obtiveram resposta, mesmo as novas perguntas. Mas na dificuldade dos tempos modernos há uma fórmula que nos guia sempre de encontro ao caminho do bem e do amor, ao caminho Dele, que é nosso desejo trilhar ininterruptamente e não o temos feito, alegando fazê-lo: O que faria Jesus Cristo? Esta questão tão simples responde a todas as nossas perguntas. O que faria Jesus Cristo?

Controlo artificial da natalidade? A vida é alegria e um filho é alegria quando desejado. Para quê transformar num fardo aquilo que é uma dádiva divina?

Interrupção voluntária da gravidez? De que serve parir um indesejado se vem para sofrer?

Relações homossexuais? Não julgarás.

Celibato sacerdotal? Não casou Jesus Cristo com uma prostituta?

Sacerdócio feminino? Todos somos iguais aos olhos do Senhor.

É dever da Igreja dedicar-se aos seus fiéis e partilhar com eles a Palavra do Senhor, ajudando os mais necessitados sem olhar ao credo ou raça. Realizar uma aproximação às outras religiões não julgando os seus valores ou crenças, mas confraternizando e partilhando a sua sabedoria e amor. Não será um sonho dos céus quando um cristão puder rezar ao seu Deus numa Mesquita e o

Muçulmano ao seu numa Igreja? Sem censuras ou reprovações? Porque o céu pode e deve começar na terra.

Como seria o mundo se este Papa não tivesse morrido? Pergunta-se Sarah depois da leitura que a deixa simultaneamente emocionada e exultante. Ia, sem a menor sombra de dúvida, revolucionar a Igreja. Por fim, um papel escrito na língua pátria de Sarah Monteiro. A mesma letra do Papa aponta para uma transcrição sem título mas que Sarah reconhece como o terceiro segredo de Fátima, anunciado pela Irmã Lúcia.

Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fôgo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam encendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: <u>Penitência</u>, <u>Penitência</u>, <u>Penitência</u>! E vimos n'uma luz emensa que é Deus: "algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante" um Bispo vestido de Branco "tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre". Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de juelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados e alguns Bispos e Sacerdotes que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'eles recolhiam o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus.

Tuy-3-1-1944

...foi morto por um grupo de soldados e alguns Bispos e Sacerdotes que lhe dispararam vários tiros e setas...

“Isto explica muita coisa” murmura Sarah. Que outros segredos guardará a Igreja para depois os substituir por mentiras que anuncia como verdades absolutas?

“Fica bem?”

A pergunta de Rafael puxa-a para fora dos seus pensamentos. Nem deu por ele a regressar ao quarto e a começar a vestir-se.

“Fico. Vai a algum lado?”

“Vou-me embora. A minha missão está terminada.”

Aquilo soa a um choque para ela.

“Vai-se embora?”

“Lamento tudo o que a fiz passar. Saiba que foi sempre no seu melhor interesse.”

“Vai... vai para onde?” pergunta Sarah, mal disfarçando a surpresa.

“Salvar mais almas em apuros.” Aparentemente está a falar a sério.

Sarah levanta-se da cama onde estava sentada e aproxima-se dele. “E nós?”

“Nós?” Rafael sente-se confuso com a pergunta. O rosto dela está cada vez mais próximo. Consegue sentir o seu cheiro adocicado, misturado com os odores sudoríferos de toda a tensão sentida nos últimos dias e que o banho não colmatou. “Nós... nós o quê?”

“Quando é que nos voltamos a ver?” quer saber Sarah olhando-o nos olhos. “Porque é que não fica mais algum tempo?”

Nota-se a dúvida nervosa na expressão de Rafael, algo que não combina nada com o seu porte. Algo que não combina com ele

“Disse-lhe que isto nunca aconteceu, Sarah. E... e é assim que se vai manter.” responde Rafael, inseguro. Alguma coisa nela provoca esse efeito na sua mente.

Sarah avança mais, sem medo, sem vergonha em usar as armas que tem. “Não vai ficar comigo?” a voz em surdina, junto ao ouvido. “Podia descansar. Eu fazia-lhe companhia.”

Os lábios quase se juntam uns aos outros, mas Rafael recua à última hora e

continua a vestir-se.

“Não. Não posso. Tenho mesmo de me ir embora.”

Para Sarah parece que ele acelerou o processo de se vestir para sair do quarto o mais depressa possível, como se estivesse a fugir de algum demónio personificado por ela.

“Se é por causa do meu pai...”

“Não” interrompe Rafael, não querendo deixar dúvidas. “Não tem nada a ver com o seu pai.”

“Então?”

Rafael termina de se vestir, pega nos papéis e dirige-se para porta do quarto. “São opções de vida.”

Abre a porta para sair.

“Espere.” Chama Sarah. “Pelo menos diga-me o seu nome verdadeiro.”

Ele olha para ela uma última vez. “Ora, Sarah. O que é que eu lhe disse quando nos conhecemos? O meu nome é Rafael.”

Foram as últimas palavras que trocaram.



CAPÍTULO SESSENTA E UM

Três meses se passaram desde que Sarah se encontrou diante de JC, o assistente, o servo, Geoffrey Barnes e os restantes agentes. Era cativa da P2 e da CIA, associados no crime, juntamente com o pai, Rafael e o simpático padre Marius Ferris. Se lhe perguntassem, na altura, qual a sua expectativa de sobrevivência, a resposta seria óbvia, nenhuma.

Desde aquele fatídico dia em que recebeu, em Londres, o envelope endereçado a si, em nome do defunto Valdemar Firenzi, encontrado morto com um tiro na cabeça, nas águas do Tibre, em Roma, que nunca mais pensou recuperar a normalidade, o controlo ainda que ilusório da sua vida. Porém, estava enganada. E a prova é a sua presença, hoje, na Praça de São Pedro, a assistir à missa dominical celebrada por Sua Santidade, o Papa Bento XVI. Está acompanhada dos pais, Raul e Elizabeth e gozam umas merecidas férias familiares na capital italiana.

O capitão está praticamente recuperado do ferimento da faca que o trespassou em Nova Iorque, mais difícil foi recuperar a relação matrimonial, pois Elizabeth considerou uma falha gravíssima aquilo porque as fez passar, especialmente, à filha. O divórcio foi considerado muito seriamente, mas uma conversa com a filha esclareceu muitos pontos, nomeadamente, que a dose de culpa imputada ao capitão era indirecta e não directa o que serviu de atenuante. O perdão acabou por acontecer naturalmente e concretiza-se, vincadamente, nestas férias romanas, verdadeira terapia conjugal e filial.

Para se chegar a esta calma manhã de Domingo, na Praça de São Pedro, em que se escuta a celebração eucarística da principal sumidade na matéria, na pessoa de Joseph Ratzinger, foram necessários diferentes pesos que equilibraram a balança entre as partes discordantes e atenuaram os intrincados enredos.

Se bem lembrados, o Monsenhor Valdemar Firenzi, ex-membro da loja *Propaganda Due*, assim como muitos outros, onde se incluem o Capitão Raul

Brandão Monteiro e os padres Felipe Aragón e Pablo Rincón, encontrou os papéis que Sua Santidade, o Papa João Paulo I, segurava na noite da sua morte e que, posteriormente, haviam sido sonegados pelo Cardeal Villot e entregues ao homem que conhecemos apenas pela alcunha JC. Apesar das instruções de Villot terem sido passar os ditos papéis para fora das imediações do Vaticano, JC não cumpriu as cumpriu. Após o Conclave que elegeu João Paulo II, usou um outro membro clérigo da P2 para introduzir os documentos nos Arquivos Secretos do Vaticano, onde repousaram até serem encontrados pelo Monsenhor Firenzi, padrinho de Sarah Monteiro.

Após a descoberta, o homem da Igreja confidenciou ao seu amigo íntimo, o bispo Francesco Cossega, o teor da sua descoberta, ignorando que ele era um membro da organização. Veio a sabê-lo numa noite em que examinava a dita lista e na segunda coluna da primeira folha, encontrou o nome dele. Aflito, encetou um conjunto de acções que poderão parecer confusas, mas que visaram somente proteger os documentos e atrair para outras paragens possíveis ameaças. Nessa perspectiva, a primeira coisa que fez foi enviá-los, à excepção da lista, ao seu amigo e padre, Marius Ferris, que se encarregou de os guardar num local seguro.

As ordens eram precisas. Guardar e aguardar. Já foi dito que após alguns telefonemas acordaram entre si o envio da chave que destrancava o local onde os documentos pousavam. Assim que Firenzi recebeu a chave tratou de metê-la junto com a lista e um código, criado no momento, nada de muito complicado, para que o pai de Sarah decifrasse. Os papéis estão ali guardados, fala com Marius Ferris em Nova Iorque. Enviou-a a quem nós sabemos, à afilhada, residência fixa em Londres no número de dois algarismos da Belgrave Road. Certamente que ela ligaria de imediato ao pai ao ver o nome dele na lista, ele próprio colocara um círculo a caneta para se certificar que não passava despercebido.

Para ajudar à festa mandou fazer dois retratos duais. A imagem estática e casta de Bento XVI e, por baixo, após aquecimento prévio e constante, um oculto Marius Ferris revelava-se. Enviou-os aos outros dois homens, moderados conhecedores do caso, Felipe Aragón, de Madrid e Pablo Rincón, de Buenos Aires.

Para a pessoa comum seria a fotografia de um velho, mas para esses dois homens era o retrato impresso de Marius Ferris. Um bilhete acompanhava a dita imagem. Explicava como usá-la e exibia um número de contacto em Nova Iorque. Para os dois homens era, obviamente, o número de telefone de Marius

Ferris. Firenzi sabia que não precisava de lhes dizer mais nada. Contactariam o padre Marius Ferris que estava autorizado a revelar-lhes o segredo da localização. Três homens sabiam o segredo, três cavaleiros da Távola Redonda. Estava assim concluído o processo de protecção dos papéis. É pertinente perguntar sobre a razão de tanto trabalho. A verdade é que o plano de Firenzi revelou-se importante, pois atraiu os homens da P2 na direcção dos clérigos, dando alguma margem de manobra a Sarah Monteiro.

O que ele não podia de maneira nenhuma adivinhar é que Sarah estava de férias em Portugal e só ia abrir o envelope e soar o alarme na última hora. Nessa altura, Firenzi já estava morto. E essa morte lançou o pânico sobre os outros. O resto dessa história é o que se sabe. E mesmo Sarah só se safou em Londres por uma unha negra.

A dúvida de Sarah incidia sobre o interesse de Firenzi em proteger os papéis. No fundo, estava a fazer o mesmo que o JC, apenas mudando o local e o dono. Mas Marius Ferris explicou-lhe nesse dia sofrido, em Nova Iorque, em que se salvaram por pouco.

“No momento imediato, o seu padrinho não queria fazer nada. Apenas colocá-los num local onde não os perdesse de vista. Senti-los em seu poder, ou nas mãos de alguém de confiança.”

“Só isso?”

“No imediato era só isso. Mais tarde se decidiria o que fazer. Provavelmente acabariam por voltar ao Vaticano, mas legalmente e não pela porta do cavalo. Sua Santidade decidiria o que fazer com eles. O mais certo era optarem pela típica reacção prudente do Vaticano.”

“Qual?”

“Nenhuma reacção. O silêncio. Mas o simples facto de reconhecerem a sua existência, de saberem que alguém no seu seio não se comportou com a honestidade exigida a homens com nós, seria suficiente para o irmão Firenzi. E, devo confessar, para mim também. Por isso, a Sarah fez o que devia ser feito e agradeço-lhe.”

Hoje, três meses depois, tudo correu pelo melhor. Estão todos bem, e a única coisa que ainda embaraça Sarah é o facto de nunca mais ter visto ou ouvido falar de Rafael, ou Jack Payne ou lá qual era o nome dele. Por muito que a tentação e o desejo inspirassem a vontade de o procurar, nunca saberia como. Ainda pensou em perguntar ao pai, mas optou por não fazê-lo.

A missa dominical terminou e a família Monteiro aproveita para vaguear pela Basílica de São Pedro, assim como muitos outros fiéis e turistas. Mais tarde irão almoçar a algum restaurante jeitoso e explorar Roma, uma ínfima parte do que a capital italiana tem para oferecer.

Enquanto a mãe e a filha contemplam a cúpula magistral, Raul localiza um amigo e aproxima-se dele para o cumprimentar. Conversam durante alguns minutos, Sarah e a mãe mantêm-se a observar os tesouros arquitectónicos e artísticos capazes de deixar os visitantes boquiabertos. Admiram o corpo embalsamado do Papa João XXIII, exposto para homenagem dos fiéis. Ali está um grande homem do seu tempo.

"Meninas, quero que conheçam um amigo muito querido" anuncia Raul aproximando-se.

Sarah não olha logo, interessada numa passagem escrita num panfleto sobre a basílica.

"Minhas queridas, apresento-vos o padre Rafael Santini."

O panfleto perde importância assim que o nome Rafael é proferido pelo pai. Rafael Santini. Ela olha, debaixo para cima, a batina preta que o pároco enverga. Acima do colarinho branco que adorna o pescoço, visualiza o rosto de Rafael, o seu salvador. Um rosto saudável, radiante.

"É um prazer conhecê-las" diz ele.

Sarah mal consegue conter a estupefacção. Rafael é padre.

"O padre Rafael tem uma paróquia a norte de Roma, não é?" pergunta o pai a fazer conversa.

"Exactamente. Numa aldeia não muito longe daqui."

Cumprimenta ambas as mulheres com um aperto de mão e um sorriso delicado e genuíno. Demora-se um pouco mais no cumprimento a Sarah.

Tentei seduzir um padre. É o que não sai da cabeça de Sarah. Como é possível um homem como ele ser padre, estar casado com Cristo? Pelo menos, a recusa dele no quarto em Nova Iorque já é compreensível. Escolhera a Igreja, é um homem de Deus, acima de tudo, cuja função é proteger os interesses desta. Nada é aquilo que parece.

"Quer vir almoçar connosco?" convida Raul.

"Gostava muito, mas não posso. Trouxe algumas crianças da paróquia comigo. Viemos visitar o Vaticano. Talvez noutra altura."

“Combinado” diz o pai.

“Os papéis estão em segurança.” Informa Rafael em surdina a Sarah. “Guardados onde sempre estiveram, mas com o conhecimento de Sua Santidade.”

Despediram-se do padre Rafael Santini que tinha de voltar para junto das suas crianças e foram deambular pela cidade, primeiro em direcção ao Castel Sant’ Ângelo e ao seu Museu, que é na realidade aquilo em que o castelo se tornou, e depois ao Pantheon, o edifício mais antigo do mundo, ainda com o tecto original, que data do século VII e nunca perdeu a sua importância ao longo da história.

“Às vezes penso que tudo se perdeu com a morte daquele Papa.” Desabafa Sarah, sorumbática.

“Quem? O João Paulo I?” inquire o pai.

“Sim. Sinto que depois de tudo o que lhe fizeram, mais ninguém merecia ocupar aquele lugar.”

O pai coloca uma mão no ombro dela, num abraço concordante. “Compreendo-te perfeitamente. Mas tens de perceber que a vida continua para os que cá ficam. O mundo persiste na sua órbita. Um dia as pessoas saberão a verdade. Não por nós, mas por outra pessoa qualquer. Um dia mais tarde, quando a maior parte de nós já tiver morrido, virá ao de cima e será feita justiça a Albino Luciani.”

“Espero que sim.”

“Tranquiliza-te.” Aquieta a mãe entrando na conversa. “Deus não dorme.”

Sarah quer acreditar nisso. Ou então que estava tudo previamente combinado entre Luciani, Gelli, Villot, Marcinkus, Calvi e JC no além. Assim teriam que se comportar e assim fizeram. Não havia nada a fazer. Os compromissos haviam sido conseguidos, muito graças a Sarah. O segredo permanecerá guardado, agora por homens de bem, no mesmo local onde perpetraram o mal. A ironia divina a comprovar que, onde outrora habitavam interesses maléficos exteriores à fé, regressou a bondade.

“O plano do Firenzi não me pareceu adequado.”

“Foi o possível.” Argumenta o pai. “Se tu não estivesses de férias, ou se ele tem arranjado uma maneira alternativa de comunicar comigo as coisas teriam corrido melhor.”

“Mesmo assim. Eles já tinham o Marius Ferris na mão.”

“O facto de terem o Marius Ferris não quer dizer que viessem a conseguir arrancar dele a localização dos papéis. E nós sabíamos.”

“Achas que ele morria sem revelar?”

“Respondo-te com outra pergunta. Achas que o Rafael revelaria?”

“Claro que não. O que é que um tem a ver com o outro?”

“E o que é que não tem? Se o teu padrinho enviou os papéis para ele é porque tinha plena confiança que os guardaria com a vida.

“Sim, mas ele também confiou no Cossega.”

“À segunda só cai quem quer. Assim como eu. Quando te enviei o Rafael sabia perfeitamente que podia contar com ele.”

Aquele nome ainda lhe provoca calafrios na espinha. Sobretudo agora que sabe muito mais do que sabia. O seu salvador, um homem capaz de fazer parar o trânsito, de todas a maneiras possíveis, provou-o em Londres, um padre italiano. Não lembra ao diabo.

“Mesmo assim não me convence.” Afirma mudando de tópico. O melhor é afastá-lo do seu pensamento. Pelo menos assim irritar-se-á menos consigo própria e com as iniquidades da vida. “Para que serviram os tais retratos duais? Não percebi.”

“Para que os padres reconhecessem o Marius Ferris. Sabiam que só ele era de confiança. Infelizmente o padre Pablo não foi precavido o suficiente para o guardar num lugar seguro.”

“E como é que o pai se apercebeu de que o retrato era dual? O Felipe não explicita isso na carta que deixou.”

O pai sorri. “Tens a certeza? Penso que ele foi até demasiado explícito. Se te lembrares, na carta dizia a seguinte frase, *Antes de me despedir quero que entreguem esta carta e o retrato do meu amado Papa ao meu grande amigo Raul Brandão Monteiro, que saberá usar nele o lume brando da oração.*”

“Isso podia ser uma metáfora.”

“Sarah, alguma vez me viste a rezar a um retrato? Sempre rezei para dentro, não exteriorizo as minhas orações, nem me ajoelho na missa...”

“Pois, bem visto.” De facto é verdade. O pai, qual orgulho militar, nunca foi de mostrar as suas crenças religiosas, apesar de não ser contra ninguém que extravase as suas. “Porque é que JC não arriscou? Podia ter ido até às últimas consequências.”

“Por medo.”

“Medo?”

“Medo. Essas pessoas estão acostumadas a agir com a faca e o queijo na mão. Quando falta uma dessas coisas, preferem ficar quietos, na sombra, à espera de melhores dias.”

“Quer dizer que vão tentar reaver os papéis?”

“Talvez, mas não creio. JC também não viverá eternamente. E este acordo serve perfeitamente os seus interesses.”

“E acha que poderá tentar alguma coisa contra nós, mais tarde?”

“Não me parece. Remexer no assunto só pode prejudicá-lo. Podemos ficar descansados.”

Perto das seis da tarde os pais decidem regressar ao hotel para repousarem um pouco antes do jantar. O passeio foi, de facto, maravilhoso, pena que Sarah ainda não tenha conseguido tirar da cabeça o encontro com o padre Rafael que, no fundo, nunca tinha ocultado dela o seu verdadeiro nome. O óbvio é sempre mais difícil de encontrar.

Sarah ainda vagueia pelas ruas e becos de Roma até um pouco depois das sete. É uma cidade acolhedora, quente, que exala uma beleza única, pictórica, que cativa e prende o visitante não o deixando indiferente. O berço de um império, de deuses, de sonhos e a casa de Cristo há séculos imemoriais.

Refaz o caminho do Grand Hotel Palatino, na Via Cavour, perto do Coliseu com calma. Anseia por um banho e um jantar reforçado. Cansada, muito cansada do longo dia, que começara de manhãzinha cedo, com um outro Rafael na cabeça. Agora traz um nunca imaginado. A vida nunca é como nós a pintamos, simplesmente é, sem falsidades nem aprumos, e quem a vive bem pode tentar levá-la para outros caminhos, se tal não for do seu interesse ela própria trilhará o regresso à rota original. Tudo isto para dizer que nunca esteve destinado que Rafael e Sarah partilhassem a unidade corporal ou amorosa. Talvez, fraternalmente, isso seja possível, mas nada mais. Rafael é fiel aos seus valores e fé e mais não pode oferecer, o que já não é pouco.

E com isto no pensamento, entra no átrio do hotel, alheia ao vulto vestido de negro que a segue há várias horas.

“Menina Sarah Monteiro.” Chama o recepcionista.

Sarah está tão compenetrada nos seus pensamentos que não o ouve. É necessário chamá-la novamente.

“Sim?” responde acordando da letargia.

“Tem uma mensagem para si” informa o empregado entregando-lhe um pequeno envelope.

“Quem enviou?”

“Não lhe sei dizer. Não foi no meu turno e não tenho qualquer anotação do remetente. Peço desculpa.”

“Tudo bem. Não faz mal. Obrigada.”

Sarah dirige-se ao elevador e abre o envelope que não está colado. Retira um pequeno objecto do seu interior. É negro e assemelha-se a um botão. Entra no elevador cheia de curiosidade e tira o pequeno bilhete que acompanha a coisa, enquanto o ascensor inicia a subida até ao sétimo andar. Segundos depois, levanta os olhos, estupefacta e inquieta. “Não. Outra vez, não.”

No bilhete, um texto simples.

Isso não é um botão, é um auricular.
Coloque-o no ouvido.

Então aquele botão é um auricular. Sarah hesita por uns instantes, mas sabe que não pode fugir ao destino. Coloca o aparelho no ouvido e aguarda. Mutismo... Mudez... Silêncio... Se assim se pode apelidar a estática. Talvez não passe de uma brincadeira de mau gosto. Porém, não está a ver o pai ou a mãe a embarcar numa coisa dessas. Não há espírito nem é o momento para esse género de empreendimento.

“Boa noite, menina Sarah Monteiro.” Saúda uma voz no seu ouvido direito.

“Quem é que está a falar?” a voz dela, apesar de firme, denota ansiedade.

“Ora, minha cara, decerto que não se esqueceu de mim assim tão depressa.” Uma nota de escárnio percorre as cordas vocais do orador. “Tomarei isso como uma ofensa à minha pessoa.”

“O que deseja?” o tom mais firme de Sarah encobre o medo que sente por reconhecer a voz que lhe sopra na mente como se fosse a sua consciência.

“Recuperar o que me foi tirado e me pertence por direito.” O escárnio deu lugar à frialdade que tipifica o velho que conheceu há três meses em Nova Iorque, o assassino de João Paulo I.

“Não tenho nada a ver com isso” responde Sarah no mesmo tom. “Entenda-se com o Vaticano.”

Uma gargalhada gutural enche o ouvido de Sarah, irritando-a. O *tlim* do elevador indica que chegou ao destino. Hesitante, Sarah dirige-se ao quarto. Nenhum lugar é seguro, por isso, qualquer um serve.

“Repare, Sarah, eu vejo o caso por outro prisma. Uma vez que foi a responsável pelo destino final dos papéis, parece-me óbvio que tenha de os recuperar para mim.”

É a vez de Sarah rir. “Acha mesmo?”

“Tenho a certeza.”

Sarah entra no quarto com a estranha sensação de que o velho não está a falar de cor.

“Diga o que quer de uma vez. Tenho mais o que fazer.”

“Está a ver o embrulho em cima da sua cama?”

Aquela pergunta, mais a presença real de um pacote em cima da cama, fá-la entrar em pânico. O redemoinho das provações por que passou há três meses regressa para atormentá-la. “Sim...” retorque numa voz abafada.

“Abra-o.” É uma ordem e não um pedido, não hajam dúvidas.

Sarah obedece trazendo à visão aquilo que parece um dossier.

“O que significa isto?”

“Leia com atenção esses documentos. Mais tarde falaremos.”

“E em que medida isto vai influenciar o Vaticano a entregar-lhe os papéis?”

“Em todas as medidas que pode imaginar. Cada um de nós tem os seus próprios telhados de vidro. Aguarde instruções minhas.”

Sarah sente o apagar completo do aparelho, nem o som desagradável da estática existe mais. Foi como se o tivessem desligado da tomada eléctrica. Tira o pequeno botão negro do ouvido a atira-o para cima da cama. Senta-se na beira

desta, ainda com o dossier na mão e olha para a etiqueta que o rotula. Inserto em letras capitais, um nome...

MEHMET ALI AĞCA

Quando contactei o autor para abordar a elaboração do livro, a primeira "exigência" que fiz foi a de que queria a ficção misturada com a realidade. Porquê? A resposta é simples, porque sei por experiência própria que na vida real isso acontece. Muitas das verdades históricas que temos como garantidas não passam de pura ficção. A morte de João Paulo I é uma delas e, acreditem, não é caso único.

Devo confessar que o resultado me surpreendeu positivamente. A ficção mistura-se com a realidade. Não é minha intenção dar trabalho aos leitores com esse artifício para que descubram o que é certo e errado pelos vossos próprios meios. Apenas que pensem que nem tudo o que parece ou é dito por trás de um sorriso franco ou de um olhar de profundo pesar, corresponde à verdade.

O autor brindou-me nestas páginas com uma personagem que, aparentemente, me representa. Fiquei agradado pela astúcia com que desenvencilhou a trama usando-me para o meu propósito e para o seu.

Depois de todas as teorias da conspiração lançadas nos últimos vinte e oito anos, esta encerra o caso da morte de João Paulo I. Mas devo realçar o quanto me deliciei na sombra, com tantos peritos a comentarem o tema como se fossem os donos da verdade.

As culpas não se imputam aos locais ou às instituições, mas às pessoas que os frequentam ou nelas trabalham.

Fui membro da Loja P2 e, como homem, não sou nem pretendo ser imune ao erro ou ao pecado.

Porém, não se iludam, Deus, e só Ele, julgar-me-á.

JC, 29 de Setembro de 2005

Lista de Personagens

Carmine Mino Pecorelli – Nascido em Sessano del Molise, na Província da Isérnia a 14 de Setembro de 1928. Fundador do semanário *Osservatorio Politico,* especialista em escândalos políticos. Torna-se um homem influente não só pelo seu conhecimento dos meandros da política italiana, mas também pela sua capacidade de previsão. Ingressou na P2 de Licio Gelli. Depois do homicídio de Aldo Moro começou a publicar documentos inéditos, incluindo três cartas que o antigo Primeiro-ministro escrevera à família. Os artigos editados no *Osservatorio Politico* são incomodativos para muita gente, membros do governo, deputados, ministros, e também para Licio Gelli, pois Pecorelli elaborou uma lista de membros da P2 e enviou-a para o Vaticano. Tencionava publicá-la no seu semanário. O "incómodo" foi assassinado no dia 20 de Março de 1979 com o conhecimento e aprovação de Gelli. O mandante foi um reputado político italiano.

Aldo Moro – Estadista italiano, nascido a 23 de Setembro de 1916 em Maglie, na Província de Lecce. Foi Primeiro-ministro da Itália por cinco vezes e também um dos líderes mais destacados da Democracia Cristã. Foi raptado no dia 16 de Março de 1978, em pleno coração de Roma pelas Brigadas Vermelhas e mantido cativo até ao dia da sua morte, a 9 de Maio desse mesmo ano. Ignorando os pedidos de ajuda patente nas cartas que Aldo Moro escreveu ao partido e à família, o Governo adoptou uma posição dura de não negociação com terroristas. Moro apelou inclusivé ao Papa Paulo VI, seu amigo pessoal. Porém, nada surtiu efeito. Oficialmente, Aldo Moro foi assassinado a tiro pelas Brigadas Vermelhas e colocado na mala de um carro, devido à posição implacável do governo de Giulio Andreotti, apenas oficialmente...

Licio Gelli – *Mestre Venerável* da Loja Maçónica P2. Nasceu em Pistoia a 21 de Abril de 1919. Esteve envolvido em quase todos os grandes escândalos italianos dos últimos 35 anos. Combateu ao lado de Franco, enviado por Mussolini e foi informador da Gestapo durante a 2ª Guerra Mundial, mantendo mesmo contactos com Herman Goering. Depois da guerra aliou-se à CIA e, juntamente com a NATO, deu cobertura à Operação Gládio, uma espécie de

exército secreto de intervenção rápida instalado em Itália e noutros países europeus, incluindo Portugal, com o objectivo de eliminar ameaças comunistas e responsável por inúmeros actos terroristas. O homicídio de João Paulo I foi apenas um dos milhares de pessoas a quem tirou ou mandou tirar a vida. É conhecido o seu envolvimento nas mortes de Aldo Moro, Carmine Mino Pecorelli, Roberto Calvi, do Primeiro-ministro português Francisco Sá Carneiro... A sua associação criminosa com o Arcebispo Marcinkus, Roberto Calvi e Michele Sindona produziu um buraco de 1.4 biliões de dólares no *Istituti per le Opere di Religione.* Actualmente vive em prisão domiciliária na sua *villa* na Toscana.

Paul Marcinkus - Arcebispo Norte-americano. Nasceu nos arredores de Chicago a 15 de Janeiro de 1922. Director do *Istituto per le Opere di Religione*, mais conhecido por Banco do Vaticano, entre 1971 e 1990. Encabeçou um sem número de escândalos financeiros com Licio Gelli da P2, Roberto Calvi do Banco Ambrosiano, do qual o Banco do Vaticano era o principal accionista e Michele Sindona, um banqueiro e mafioso italiano, nomeado por Paulo VI como conselheiro financeiro papal. Juntos lavaram dinheiro ilícito e esconderam os lucros do Banco controlado por Marcinkus, que, supostamente deveriam ser imediatamente canalizados para a caridade, através de empresas de fachada, quase todas “instaladas” na América do Sul. O seu nome está relacionado com muitas histórias mal contadas, nomeadamente, o do desaparecimento da jovem de quinze anos Emanuela Orlandi, em 1983, numa tentativa de servir de moeda de troca com Mehmet Ali Agka. Marcinkus teve sempre a confiança total de Paulo VI e, posteriormente, João Paulo II não teve outro remédio senão mantê-lo em funções, chegando mesmo a elevá-lo a terceiro homem mais forte do Vaticano a seguir a ele próprio e ao Secretário de Estado. Sabemos o que João Paulo I pretendia fazer com ele antes disso. Foi um dos principais interessados na morte de Albino Luciani. Em 1990 regressou a Chicago, depois de ter deixado a direcção do *Istituto per le Opere di Religione* e mais tarde retirou-se para uma paróquia no Arizona. Foi encontrado morto na sua casa no dia 20 de Fevereiro de 2006.

Roberto Calvi – Banqueiro milanês, nascido a 13 de Abril de 1920.

Apelidado pela imprensa como o “Banqueiro de Deus” devido às suas relações com o Vaticano e com o Arcebispo Paul Marcinkus. Presidente do Banco Ambrosiano, foi manipulado e ameaçado por Gelli e Marcinkus até à exaustão, resultando disso um buraco financeiro de biliões de dólares. Pouco beneficiou com a morte de João Paulo I, tendo sido mesmo contra a sua eliminação. Fugiu para Londres com um passaporte falso e foi encontrado dias depois, enforcado debaixo da Ponte de Blackfriars, a 17 de Junho de 1982. A Bristish Police tratou o caso como um suicídio, mesmo com os indícios a indicarem o contrário. Tinha pedras nas calças e 15 mil dólares no bolso. O caso foi reaberto recentemente em Itália e no Reino Unido, mas é mais do que certo que o verdadeiro culpado nunca será apanhado.

Jean-Marie Villot – Cardeal Francês da Igreja Católica Romana. Nasceu em 11 de Outubro de 1905. Nomeado Secretário de Estado do Vaticano durante o papado de Paulo VI, em 1969, manteve-se até à morte dele e permaneceu no início da curtíssima era João Paulo I, apesar da sua substituição se efectivar no dia 29 de Setembro de 1978. A morte perene deste último permitiu que se mantivesse em funções durante os primeiros meses do papado de João Paulo II até à sua morte em 9 de Março de 1979. Membro da P2, de Licio Gelli, foi um dos principais intervenientes na morte de João Paulo I, abrindo o Vaticano ao executor.

Lúcia de Jesus dos Santos – Nascida a 22 de Março de 1907, em Aljustrel, foi um dos três videntes de Fátima. Aquela que enunciou os três segredos que Nossa Senhora transmitiu ao mundo e que a igreja controla ferreamente, divulgando falsidades em sua substituição. Encontrou-se com Albino Luciani no dia 11 de Julho de 1977, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra e conversaram durante mais de duas horas tendo entrado em transe e alertado o homem da igreja para o que o esperava nos tempos subsequentes. Faleceu no dia 13 de Fevereiro de 2005. Foi sempre fiel à igreja.

Mario Moretti – Fundador das Segundas Brigadas Vermelhas. Raptou Aldo Moro, tendo sido o único a manter contacto com ele durante o cativeiro. Foi também ele o único a disparar sobre o estadista. As circunstâncias do caso nunca foram claras, contudo a P2 esteve muito activa no caso, assim como outros

interessados transcontinentais. Foi condenado a seis prisões perpétuas, mas misteriosamente libertado em 1994.

JC – Nascido a... em ... foi responsável por inúmeros actos macabros como executor e como mandante. Ingressou na P2 em... Hoje está retirado das lides políticas e financeiras, mantendo, no entanto, grande influência no submundo secreto. Vive em... Matou João Paulo I na noite de 29 de Setembro de 1978.

NOTA 1: As reticências serão substituidas por informação factual numa edição futura.

NOTA 2: A P2 ainda existe e continua mais secreta do que nunca.

Todas as restantes personagens existentes neste livro pertencem ao inabalável mundo da ficção.

Não perca o segundo livro da série



BALA SANTA